



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

LUCIANA PEREIRA TABOSA

ORAÇÕES COMPLEXAS DA LÍNGUA KAINGANG

Londrina
2014

LUCIANA PEREIRA TABOSA

ORAÇÕES COMPLEXAS DA LÍNGUA KAINGANG

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Ludoviko dos Santos

Londrina
2014

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

T114o	<p>Tabosa, Luciana Pereira. Orações complexas da língua kaingang / Luciana Pereira Tabosa. – Londrina, 2014. 225 f. : il.</p> <p>Orientador: Ludoviko dos Santos. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2014. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Língua kaingang – Teses. 2. Língua kaingang – Orações complexas – Teses. 3. Linguística descritiva – Teses. I. Santos, Ludoviko dos. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título. CDU 809.812-561.7</p>
-------	---

LUCIANA PEREIRA TABOSA

ORAÇÕES COMPLEXAS DA LÍNGUA KAINGANG

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Ludoviko dos Santos
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Dircel Aparecida Kailer
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dra. Fabiane Cristina Altino
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dra. Lucy Seki
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Prof. Dra. Rosane de Sá Amado
Universidade de São Paulo – USP

Londrina, 18 de Junho de 2014.

Aos kaingang

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as bênçãos derramadas sobre minha vida.

Aos meus pais, José (*in memoriam*) e Nair, pelo amor e pela educação, princípios e valores transmitidos. Obrigada por serem meu apoio nas alegrias e dificuldades.

Ao meu amado esposo, Márcio, obrigada pelo incentivo, pela paciência, pelo amor, pelo carinho e por ser meu grande companheiro de todas as horas, compartilhando minhas conquistas e apoiando-me nas dificuldades. Obrigada por tudo o que você representa na minha vida.

Ao meu querido orientador, professor Ludoviko, meu mestre desde que ingressei na graduação e que despertou em mim a paixão pela Linguística e o interesse pela língua kaingang. Agradeço imensamente por todo apoio que recebi, pela dedicação, amizade e por acreditar em minha capacidade.

Aos meus irmãos, Edemilcio, Nice, Cida, Lúcia, Ivone e Fátima e a todos meus familiares por todo apoio e motivação.

Às professoras Dircel, Fabiane, Lucy e Rosane pelas contribuições dadas na banca de qualificação e por terem aceitado compor a banca de defesa deste trabalho.

Ao meu informante, professor bilingue Pedro Krage Kág Cândido de Almeida, pela disponibilidade e por sempre contribuir no meu estudo da língua kaingang.

À amiga Gislaine, pela troca de experiências sobre a língua kaingang e por todo o apoio e incentivo.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem pelo incentivo e por tudo que aprendi em suas disciplinas.

Enfim, meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esta pesquisa fosse desenvolvida.

Que Deus abençoe a todos vocês!

Tudo posso naquele que me fortalece.
(Fil. 4:13)

TABOSA, Luciana Pereira. **Orações complexas da língua kaingang**. 2014. 225 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

RESUMO

Esta tese descreve as orações complexas da língua kaingang com base nos pressupostos teóricos da Linguística Descritiva e Funcional. Tem como objetivos: abordar, de um ponto de vista descritivo, as orações complexas do kaingang, com vistas a contribuir na elaboração de uma gramática pedagógica da língua; possibilitar material de fácil acesso a professores bilíngues das escolas indígenas do Norte do Paraná; contribuir com os estudos comparativos das línguas da família linguística Jê e; descrever a estrutura das orações subordinadas – completivas, relativas e adverbiais – e das orações coordenadas, partindo da escala de integração gramatical proposta por Payne (1997). Além de Payne (1997), a análise embasou-se nos pressupostos teóricos de Andrews (2007), Haspelmath (2007), Givón (1979, 2001), Keenan (1985), Keenan e Comrie (1997) Noonan (1985, 2007), Santana (2010), Thompson, Longacre e Hwang (2007). Apresenta dados coletados com um informante professor bilíngue da Terra Indígena Apucarantina (Tamarana – PR). Para coleta de dados utilizou-se questionários constituídos de orações, em português, com a estrutura do objeto de análise. Aponta como principais resultados que: a) a língua diferencia a marcação de caso dos argumentos S, A e O nas orações principais e subordinadas, exibindo o sistema nominativo-acusativo nas orações principais e o sistema ergativo-absolutivo nas orações subordinadas. As orações coordenadas, assim como as orações simples da língua, exibem o sistema nominativo-acusativo; b) há semelhanças na estrutura das orações subordinadas completivas e relativas: em ambas as construções, a oração subordinada ocorre como uma oração encaixada na posição de um argumento da oração principal; c) as orações completivas e relativas não apresentam uma marca morfológica na oração subordinada, de maneira que a subordinação dessas orações à oração principal se dá em termos semânticos; d) constatou-se cinco tipos de orações subordinadas adverbiais: temporais, locativas, condicionais, finais e causais; e) nas orações adverbiais, há o emprego de conjunções e advérbios; f) constatou-se quatro tipos de coordenação: conjuntiva, disjuntiva, adversativa e conclusiva; g) a língua permite a coordenação de sintagmas e orações por meio de conjunções, advérbios e indicadores de opinião que funcionam como coordenadores, segundo Haspelmath (2007).

Palavras-chave: Kaingang. Descrição. Orações complexas

TABOSA, Luciana Pereira. **Orações complexas da língua kaingang**. 2014. 225 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

ABSTRACT

This thesis describes the complex clauses of kaingang language based on the conceptual framework of Descriptive and Functional Linguistics. It aims to: address, from a descriptive point of view, kaingang complex clauses in order to contribute in developing a pedagogical grammar of the language; allow easy materials access to bilingual teachers of Indian schools in northern Paraná; contribute to comparative studies of languages and Ge linguistic family; describe subordinate clauses structure – complementation, relative and adverbial - and coordinate clauses, based on the grammatical scale integration proposed by Payne (1997). In addition to Payne (1997), the analysis is based on Andrews theoretical assumptions (2007), Haspelmath (2007), Givón (1979, 2001), Keenan (1985), Keenan and Comrie (1997) Noonan (1985, 2007) Santana (2010), Thompson, Longacre and Hwang (2007). This study presents data collected with a bilingual teacher of Indigenous as an informant from Apucarantina (Tamarana - PR). For data collection, we used questionnaires consisting of clauses in Portuguese, with the object's structure of analysis. As main results the study pointed out: a) the language differentiates the case marking of arguments S, A and O in the main and subordinate clauses, showing nominative-accusative system in main clauses and ergative - absolutive system in subordinate clauses. The coordinates clauses, as well as the simple clauses of language, show nominative-accusative system; b) there are similarities between the structure of sentential complementation and relative clauses: in both constructions, the subordinate clause occurs as a sentence embedded in an argument position in the main clause; c) the sentential complementation and relative clauses do not present a morphological mark on the subordinate clause, so that the subordination of these clauses to the main clause occurs in semantic terms; d) it was found five types of adverbial subordinate clauses: temporal, locative, conditional, causal and final; e) on the adverbial clauses, there is the use of conjunctions and adverbs; f) it found four types of coordination: conjunctive, disjunctive, adversative and conclusive; g) the language allows coordination of phrases and clauses using conjunctions, adverbs and opinion indicators that act as coordinators, according to Haspelmath (2007).

Keywords: Kaingang. Description. Complex clauses.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Localização das Terras Indígenas Kaingang.....	24
Figura 2 –	Classificação das Línguas do Tronco Macro - Jê	29
Figura 3 –	Mapa da Distribuição das Línguas do Tronco Macro - Jê.....	30

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dissertações e Teses sobre a Língua Kaingang a partir da Década de 80.....	35
Quadro 2 – Tripartição das Orações Complexas com base em Hopper & Traugott (2003).....	40
Quadro 3 – Propriedades da Parataxe, Hipotaxe e Subordinação com base em Hopper & Traugott (2003).....	40
Quadro 4 – Escala de Integração Gramatical das Orações Complexas	41
Quadro 5 – Vogais	103
Quadro 6 – Consoantes e semivogais	103
Quadro 7 – Pronomes Pessoais do Kaingang	105
Quadro 8 – Marcadores de Sujeito da Língua Kaingang.....	108
Quadro 9 – Regra Geral de Flexão Verbal e Marcadores nos Modos <i>Realis</i> e <i>Irrealis</i>	117
Quadro 10 – Categorias TAM na Língua Kaingang.....	118
Quadro 11 – Posposições	118
Quadro 12 – Advérbios	120
Quadro 13 – Marcadores de Opinião	121
Quadro 14 – Conjunções.....	121
Quadro 15 – Classificação de <i>Kỹ</i>	183

LISTA DE ABREVIATURAS

ABS	Absolutivo
AC	Acusativo
ADV	Advérbio
ASP	Marcador de aspecto
CIRC	Marcador de circunstância
CONJ	Conjunção
Coord	Coordenador
ERG	Ergativo
EXIST	Marcador de existência
FEM	Feminino
H.A.	Hierarquia de Acessibilidade
NOM	Nominativo
MO	Marcador de modo
MS	Marcador de sujeito
O	Objeto
OD	Objeto direto
OI	Objeto indireto
OP	Marcador de opinião
OR	Oração relativa
PL	Plural
POSP	Posposição
PP1P	Pronome possessivo de primeira pessoa
PP3P	Pronome possessivo de terceira pessoa
P.DEM.	Pronome demonstrativo
P.IND.	Pronome indefinido
P.REL.	Pronome relativo
P.REF.	Pronome reflexivo
P1P	Pronome de primeira pessoa
P2P	Pronome de segunda pessoa
P3P	Pronome de terceira pessoa
TAM	Tempo, aspecto e modo
TI	Terra Indígena
V	Verbo
S	Sujeito
SN	Sintagma nominal
?	Não se tem certeza quanto à tradução

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	OBJETIVO GERAL	17
1.1.2	Objetivos Específicos.....	17
1.2	METODOLOGIA.....	18
2	KAINGANG: CONSIDERAÇÕES SOBRE O POVO E LÍNGUA	21
2.1	A DENOMINAÇÃO KAINGANG	21
2.2	BREVE PANORAMA HISTÓRICO DOS KAINGANG NO PARANÁ.....	21
2.3	POPULAÇÃO E TERRAS INDÍGENAS KAINGANG	24
2.3.1	Terra Indígena Apucarantina.....	25
2.4	ORGANIZAÇÃO SOCIAL E COSMOLOGIA KAINGANG.....	26
2.5	TRONCO E FAMÍLIA LINGUÍSTICA.....	28
2.6	ESTUDOS SOBRE A LÍNGUA KAINGANG.....	31
3	REFERENCIAL TEÓRICO	38
3.1	COORDENAÇÃO <i>VERSUS</i> SUBORDINAÇÃO	38
3.2	ESCALA DE INTEGRAÇÃO GRAMATICAL DAS ORAÇÕES COMPLEXAS	40
3.2.1	Orações Completivas	41
3.2.1.1	Tipos Semânticos de predicado da oração matriz – santana (2010)	50
3.2.1.2	Tipos Semânticos de predicado da oração matriz – noonan (1985, 2007)	54
3.2.2	Orações Adverbiais	57
3.2.2.1	Tipos de orações subordinadas adverbiais	60
3.2.2.1.1	<i>Orações que podem ser substituídas por uma única palavra</i>	60
3.2.2.1.2	<i>Orações que não podem ser substituídas por uma única palavra</i>	63
3.2.3	Orações Relativas.....	69
3.2.3.1	Parâmetros de distinção das orações relativas	70
3.2.3.1.1	<i>Posição da oração relativa em relação ao núcleo nominal a ser relativizado</i>	70
3.2.3.1.1.1	<i>Orações relativas externas</i>	72

3.2.3.1.1.2	<i>Orações relativas internas</i>	73
3.2.3.1.1.3	<i>Orações relativas livres</i>	74
3.2.3.1.2	<i>Posições sintáticas que podem ser relativizadas</i>	74
3.2.3.1.3	<i>Tipos de marcador relativo</i>	76
3.2.3.1.4	<i>Modo de expressão do SN relativizado</i>	77
3.2.3.1.4.1	<i>Retenção pronominal</i>	78
3.2.3.1.4.2	<i>Lacuna</i>	79
3.2.3.1.4.3	<i>Pronome relativo</i>	79
3.2.3.1.4.4	<i>Não-redução</i>	82
3.2.3.1.4.5	<i>Nominalização e redução</i>	82
3.2.4	<i>Coordenação</i>	84
3.2.4.1	<i>Tipos e posições de unidades coordenadas</i>	85
3.2.4.1.1	<i>Coordenação assindética</i>	86
3.2.4.1.2	<i>Coordenação monossindética</i>	86
3.2.4.1.3	<i>Coordenação bissindética</i>	87
3.2.4.1.4	<i>Múltiplas unidades coordenadas</i>	88
3.2.4.1.5	<i>Escopo dos coordenadores</i>	89
3.2.4.2	<i>Coordenação enfática</i>	89
3.2.4.2.1	<i>Conjunção e disjunção</i>	89
3.2.4.2.2	<i>Coordenação enfática negativa</i>	90
3.2.4.3	<i>Tipos de unidades coordenadas</i>	91
3.2.4.4	<i>Subtipos semânticos de coordenação</i>	92
3.2.4.4.1	<i>Subtipos semânticos de conjunção</i>	92
3.2.4.4.2	<i>Subtipos semânticos de disjunção</i>	95
3.2.4.4.3	<i>Subtipos semânticos da coordenação adversativa</i>	97
3.2.4.5	<i>Elipse na coordenação</i>	98
3.2.4.6	<i>Delimitação da coordenação</i>	100
3.2.4.6.1	<i>Coordenação versus dependência/subordinação</i>	100
3.2.4.6.2	<i>Graus de gramaticalização</i>	101
4	INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A LÍNGUA KAINGANG	102
4.1	ORTOGRAFIA E FONOLOGIA KAINGANG – PANORAMA GERAL	102
4.2	ORDEM ORACIONAL	104

4.3	MARCADORES DE SUJEITO E SISTEMAS DE CASO	107
4.3.1	Marcadores de Sujeito	107
4.3.2	Sistemas de Marcação de Caso	108
4.3.2.1	Marcação de caso dos SNs da Língua Kaingang	110
4.4	CONSIDERAÇÕES SOBRE TEMPO, ASPECTO E MODO.....	114
4.5	POSPOSIÇÕES.....	119
4.6	ADVÉRBIOS	120
4.7	MARCADORES DE OPINIÃO.....	121
4.8	CONJUNÇÕES.....	122
5	ORAÇÕES COMPLETIVAS	123
5.1	TIPOS SEMÂNTICOS DE PREDICADOS DA ORAÇÃO MATRIZ	123
5.1.1	Predicados Encaixadores de Enunciação	123
5.1.2	Predicados Encaixadores de Atitude Proposicional.....	127
5.1.3	Predicados Encaixadores de Conhecimento.....	129
5.1.4	Predicados Encaixadores de Volição	131
5.1.5	Predicados Encaixadores de Manipulação	132
5.1.5.1	Predicados encaixadores de manipulação formados por orações causativas	135
5.1.6	Predicados Encaixadores de Percepção Física	136
5.1.7	Predicados Encaixadores Fasais.....	138
5.1.8	Predicados Encaixadores de Experiência Psicológica	143
5.1.9	Predicados Encaixadores de Tentativa.....	144
5.1.10	Predicados Encaixadores de Temor	145
5.1.11	Predicados Encaixadores Modais.....	146
5.2	ANÁLISE E RESULTADOS	147
6	ORAÇÕES RELATIVAS.....	151
6.1	POSIÇÃO DA ORAÇÃO RELATIVA EM RELAÇÃO AO NÚCLEO NOMINAL A SER RELATIVIZADO.....	151
6.2	POSIÇÕES SINTÁTICAS RELATIVIZÁVEIS E ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO.....	153
6.2.1	Posições Relativizáveis quando o SN é S da Oração Principal	155

6.2.2	Posições Relativizáveis quando o SN é A da Oração Principal.....	168
6.2.3	Posições Relativizáveis quando o SN é OD da Oração Principal.....	171
6.2.4	Posições Relativizáveis quando o SN é OI da Oração Principal	177
6.3	ANÁLISE DAS ORAÇÕES RELATIVAS SEGUNDO JOLKESKY E SANTOS (2008).....	178
6.4	ANÁLISE E RESULTADOS	179
7	ORAÇÕES ADVERBIAIS	182
7.1	TIPOS DE ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS.....	183
7.1.1	Orações Adverbiais Temporais	183
7.1.2	Orações Adverbiais Locativas.....	187
7.1.3	Orações Adverbiais Finais	188
7.1.4	Orações Adverbiais Causais.....	189
7.1.5	Orações Adverbiais Condicionais	190
7.2	ANÁLISE E RESULTADOS	192
8	COORDENAÇÃO	195
8.1	TIPOS E POSIÇÕES DE UNIDADES COORDENADAS.....	196
8.2	SUBTIPOS SEMÂNTICOS DE COORDENAÇÃO	199
8.2.1	Coordenação Conjuntiva	200
8.2.2	Coordenação Disjuntiva	205
8.2.3	Coordenação Adversativa	210
8.2.4	Coordenação Conclusiva.....	214
8.3	ANÁLISE E RESULTADOS	215
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	217
	REFERÊNCIAS	220

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho volta-se à descrição das orações complexas da língua kaingang, que pertence à família linguística Jê, do tronco Macro-Jê.

O interesse pelo estudo dessa língua surgiu quando ingressei no curso de Letras. Por meio das aulas de linguística teórica, ministradas pelo professor Ludoviko dos Santos, reconheci a importância e a necessidade de estudar as línguas indígenas, tendo em vista que, no Brasil, existem cerca de 180 línguas indígenas e um número reduzido de pesquisadores voltados à sua documentação e descrição.

Meu primeiro contato com a língua deu-se quando ingressei no projeto “Abordagem do Nível Morfossintático da Língua Kaingang sob o Ponto de Vista do Funcionalismo Givoniano” (SANTOS e PONTES, 1997), do qual fui bolsista de iniciação científica nos anos de 1998 e 1999. Dentre as atividades desenvolvidas pelo projeto, estavam as viagens à Terra Indígena Apucarantina (Tamarana – PR) por meio das quais tive a oportunidade de entrar em contato com os professores bilíngues e conhecer a realidade escolar. Esse contato permitiu constatar a importância e a necessidade de pesquisar a língua kaingang de maneira que favorecesse a elaboração de material pedagógico para consulta dos professores.

Ao trabalhar com os dados coletados durante o projeto, senti dificuldade em lidar com a categoria dos determinantes. Isso serviu de motivação para elaborar minha monografia denominada “Descrição Preliminar dos Pronomes Possessivos da Língua Kaingang” (TABOSA, 2002) para o curso de Especialização em Língua Portuguesa da UEL. A princípio, meu objetivo era descrever todos os pronomes da língua kaingang, mas, devido ao curto período do curso, tive que me restringir apenas à descrição dos pronomes possessivos.

Ao analisar os dados para a monografia algo me chamou a atenção: a mudança da forma verbal em orações transitivas e intransitivas. Este fato não foi analisado durante o referido trabalho porque não era objeto de pesquisa, mas permaneceu como interesse e serviu de motivação para continuar minha pesquisa sobre a língua. Assim, ingressei no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UEL para dar seguimento à pesquisa. Nesse curso, analisei a variação do verbo e descrevi como se manifesta o fenômeno da causatividade na língua, resultando na dissertação “Construções Causativas da Língua Kaingang” (TABOSA, 2006).

Ao fazer a descrição e análise das orações causativas, trabalhei com alguns dados que apresentam período composto, surgiu então o interesse em estudar as orações complexas da língua kaingang, tendo em vista que ainda não há nenhuma descrição desenvolvida por um linguista sobre essas orações. Por isso, ingressei no curso de Doutorado do mesmo programa já citado no ano de 2010 para dar continuidade aos meus estudos sobre a língua.

Desde o início de minha pesquisa sobre a língua, pude perceber que os professores bilíngues que atuam na escola da TI Apucarantina contam com um material didático escasso sobre a língua: algumas cartilhas produzidas em cursos de capacitação e o dicionário “Kaingang-Português: dicionário bilíngue”, de Ursula Wiesemann (2002). Além disso, os trabalhos voltados à língua restringem-se ao meio acadêmico, não servindo como material que possa ser utilizado pelos professores bilíngues no ensino da língua. Destaca-se, então, a importância de se elaborar uma gramática pedagógica da língua que possa subsidiar o ensino tanto dos professores da TI Apucarantina como de outras TIs onde habitam kaingang, já que a escola desempenha um papel fundamental na identidade linguística dos kaingang. Portanto, um dos meus objetivos com a realização desta pesquisa é contribuir na elaboração da gramática do kaingang.

Conforme apresentarei no referencial teórico deste trabalho, as orações complexas constituem-se de construções que envolvem dois ou mais verbos. Com base nessa definição, minha pesquisa volta-se à investigação de como se manifestam as orações coordenadas e as subordinadas, que se dividem em três tipos: (i) orações completivas – funcionam como argumento (sujeito ou objeto) da oração principal; (ii) relativas – funcionam como modificadoras de um SN e; (iii) adverbiais – funcionam como modificadoras de verbos ou da oração. Para descrever essas orações, adotei os pressupostos teóricos da Linguística Descritiva e Funcional.

A estrutura desta tese constitui-se de 8 capítulos. No primeiro, consta a introdução, o objetivo geral e os específicos e a metodologia utilizada na pesquisa. A fim de situar o leitor quanto ao povo cuja língua é objeto de estudo deste trabalho, o capítulo 2 apresenta informações sobre a história, aspectos socioculturais, população kaingang, sua distribuição no Brasil, além de tecer considerações sobre a Terra Indígena Apucarantina onde reside o informante desta pesquisa. No referido capítulo, também discorro sobre a família linguística a qual a língua kaingang pertence e apresento uma breve retrospectiva do seu estudo. O capítulo 3 traz o referencial teórico que subsidiou a análise dos dados, abordando os tipos de orações complexas de acordo com os pressupostos da Linguística Descritiva e

Funcional. No capítulo 4, apresento algumas informações preliminares da língua que auxiliarão na compreensão dos capítulos de análise. Os capítulos 5, 6, 7 e 8 são voltados à análise das orações complexas da língua kaingang: completivas, relativas, adverbiais e coordenadas, respectivamente. Cada um desses capítulos dedicados à análise encerra com considerações que sintetizam como a língua manifesta o tipo de oração abordado. Por fim, nas considerações finais, apresento uma síntese geral da estrutura das orações complexas da língua kaingang.

1.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral desta pesquisa é abordar, de um ponto de vista descritivo, as orações complexas da língua kaingang com vistas a contribuir na elaboração de uma gramática pedagógica da língua. A elaboração dessa gramática é objeto do projeto desenvolvido pelo professor Ludoviko dos Santos que já conta com pesquisas sobre pronomes possessivos (TABOSA, 2002), orações causativas (TABOSA, 2006), aspecto e modo (ALMEIDA, 2008), sistema pronominal (ABREU, 2009), orações simples da língua (ANDRADE, 2012) e descrição morfossintática do nome e do verbo (DOMINGUES, 2013). Tendo em vista que todas essas pesquisas tratam da estrutura gramatical da língua kaingang, uma vez adaptado seus conteúdos, haverá necessidade de um grupo de trabalho para adequar o discurso técnico ao discurso pedagógico.

1.1.1 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos desta pesquisa são:

- a) Possibilitar material de fácil acesso a professores bilíngues das escolas indígenas do Norte do Paraná;
- b) Contribuir com os professores bilíngues, instrumentalizando-os no que diz respeito à relação entre o português e o kaingang, favorecendo, assim, o ensino nas escolas da TI Apucarantina;
- c) Contribuir com os estudos comparativos das línguas da família linguística Jê;
- d) Com relação às orações completivas, os objetivos consistem em verificar: (i) como se manifestam as dimensões morfológica, sintática e semântica da complementação; (ii) se há ou não uso de complementizador; (iii) como a língua manifesta a oração completiva; (iv) quais tipos semânticos de predicados encaixadores ocorrem na língua kaingang;

- d) Na descrição e análise das orações relativas tenho como objetivo constatar como se manifestam essas orações com relação aos quatro parâmetros que permitem distinguir as orações relativas nas línguas: (i) a posição da oração relativa em relação ao núcleo nominal a ser relativizado; (ii) quais posições sintáticas podem ser relativizadas; (iii) o tipo de marcador relativo; (iv) o modo de expressão do SN relativizado – estratégias de recuperação de caso;
- e) No tocante às orações adverbiais pretendo descrever quais tipos ocorrem na língua e como se manifestam: (i) por meio do uso de morfemas subordinadores (gramaticais sem significado lexical ou com significado lexical), (ii) pelo uso de formas verbais especiais ou (iv) de acordo com a ordem de palavras;
- f) Por fim, com relação às coordenadas, objetivo investigar: (i) como a língua coordena palavras, sintagmas e orações; (ii) quais tipos semânticos de coordenação ocorrem e; (iii) se há uso de partículas ou afixos.

1.2 METODOLOGIA

Desde o início da minha pesquisa sobre a língua kaingang, realizei a coleta de dados com os informantes professores bilíngues da Escola Cacique Luís Pénky Pereira situada à TI Apucarantina. Essa escola passou por uma reforma e mudança de nome para João Kavagtãn Vergílio. Outra escola cujo nome é Benedito Rokag Marcolino foi construída recentemente para atender o segundo ciclo do ensino fundamental e o ensino médio¹. Para o Doutorado, as coletas foram realizadas com apenas um informante indígena, Pedro Kagre Kág Cândido de Almeida, que é professor bilíngue. A dificuldade de acesso aos outros informantes fez com que meu orientador e eu optássemos por esse informante, já que colabora conosco desde o início do projeto, sempre mostrando disponibilidade em contribuir com nossa pesquisa. Tendo em vista que este trabalho não tem como foco a variação linguística, a escolha de apenas um informante é suficiente para identificar a estrutura da língua, já que é um falante competente por ser falante nativo. Além disso, é pessoa habituada a trabalhos de tradução tanto do kaingang para o português quanto do português para o kaingang para fins diversos: cartilhas de saúde, manuais sobre a represa nas imediações da TI Apucarantina etc.

Segundo Santos (1997), a coleta de dados deve ser realizada de maneira que proporcione uma interação entre o trabalho do linguista e o trabalho do informante. Assim como o linguista aprende coletando dados, o informante também deve aprender a respeito de

¹ No capítulo 2, apresentarei mais informações sobre essas escolas.

sua língua ponte (no caso, o português). Como na realização de minha pesquisa tive o privilégio de trabalhar com um informante professor bilíngue, que fala e escreve tanto o kaingang como o português, na medida do possível, procurei explicar qual o fenômeno linguístico buscava na língua e qual seu correspondente em português, pois, conforme pontua Santos (1997, p. 21):

O papel do informante não se limita, necessariamente, a ser um fornecedor de dados habilmente elicitados pelo pesquisador, o que caracterizaria uma interação passiva por parte do informante. Entendemos essa interação como algo mais abrangente, isto é, o informante deve ser um interlocutor ativo no sentido de haver uma troca de informações úteis não só para o pesquisador, mas também para o informante, levando-o a não apenas falar sua língua, mas também a falar sobre ela. (SANTOS, 1997, p.21).

O fato de já trabalhar com o referido informante desde que iniciei minha pesquisa sobre a língua kaingang contribuiu para que nosso relacionamento ocorresse sempre de maneira muito agradável e, durante a realização das coletas, pude perceber seu empenho em colaborar com considerações importantes a respeito dos fenômenos investigados.

Para coletar os dados foram realizados 10 encontros, sendo 9 nas dependências da UEL e 1 na Terra Indígena Apucarantina com duração média de duas horas e meia cada. Como o informante já tinha compromissos em Londrina nas sextas-feiras, combinamos de fazer as coletas neste dia para aproveitar sua vinda, evitando assim que ele precisasse se ausentar mais dias de suas atividades na escola. Grande parte dos encontros também contou com a participação da colega Gislaíne Domingues que tratou das classes de palavras em seu trabalho de Mestrado defendido no ano de 2013.

A coleta dos dados seguiu os passos a seguir.

1) Elaboração de questionários, em português, constando orações complexas. Essas orações foram elaboradas de maneira que representassem o contexto da vida cotidiana dos índios da Terra Indígena.

Como ainda não há um trabalho especificamente voltado à descrição e análise das orações complexas do kaingang, eu e meu orientador, com base em Givón (2001), consideramos necessário trabalharmos com sentenças isoladas. Segundo o autor, não se pode começar a analisar o discurso natural de um língua sem antes adquirir algum conhecimento preliminar da estrutura da palavra (morfologia) e da estrutura da oração, ressaltando que a ausência desses passos dificultaria saber por onde começar e como segmentar o fluxo do discurso natural. Assim, por meio da análise descritiva da sentença, é possível constatar quais estruturas são possíveis na língua. Com a realização desta etapa preliminar, espero contribuir

para que estudos futuros possam abordar as orações complexas em textos e em contextos discursivos maiores.

2) Elicitação dos dados.

Para coletar os dados, primeiramente eu escrevia as orações em português e, em seguida, o informante escrevia as orações correspondentes em kaingang. Antes, porém, ao interagir com ele, eu sempre procurava criar uma situação discursiva contextualizada para então chegar à frase que eu queria coletar. Muitas vezes, eu modificava ou elaborava novas frases a fim de contemplar o máximo possível o contexto do cotidiano indígena. Todas as orações coletadas foram registradas por escrito no momento da coleta e alguns encontros também foram gravados em arquivo de áudio (celular). O áudio foi usado como um recurso adicional e não para fins específicos de análise fonética ou fonológica dos dados coletados, mas sim para consultar as discussões desenvolvidas com o informante bem como suas explicações.

Ao analisar os dados, às vezes percebia que era necessário confirmar e testar algumas orações. Para isso, em coletas posteriores, eu escrevia diretamente as orações em kaingang e perguntava para o informante se as mesmas estavam corretas ou não.

Depois de coletados, os dados foram organizados em três linhas: na primeira, consta a descrição ortográfica da oração em kaingang; na segunda, apresentam-se as glosas das palavras e categorias gramaticais e; na terceira, a tradução livre do exemplo. Em alguns dados, uma quarta linha foi acrescida com a tradução literal.

Para a tradução das palavras e outras informações sobre suas categorias gramaticais usei, principalmente, o dicionário da língua elaborado por Wiesemann (2002). No entanto, devido ao fato de essa autora demonstrar certa dificuldade em nomear algumas categorias gramaticais, apoiei-me também em outros pesquisadores da língua como Almeida (2008) e Gonçalves (2007 e 2011). Nas glosas, as categorias gramaticais estão indicadas por meio de abreviaturas em letra maiúscula e o léxico em letra minúscula.

A análise dos dados foi feita com base nos pressupostos tóricos da Linguística Descritiva e Funcional.

2 KAINGANG: CONSIDERAÇÕES SOBRE POVO E LÍNGUA

A língua é uma das principais formas de identidade de um povo, tendo em vista que reflete seu universo sociocultural. Para que o leitor se familiarize um pouco com o povo cuja língua é objeto de estudo deste trabalho, apresento, neste capítulo, algumas informações sobre sua história e aspectos socioculturais. Também dedicarei espaço para tratar da família linguística a qual a língua kaingang pertence e apresentarei uma breve retrospectiva do seu estudo.

2.1 A DENOMINAÇÃO KAINGANG

Ao longo da história de contato com os kaingang, os índios que hoje conhecemos por essa denominação receberam muitas outras. De acordo com informações presentes no site do Instituto Sócio Ambiental (ISA)², a denominação kaingang foi introduzida no final do século XIX por Telêmaco Borba. Já o site Portal Kaingang³, além de Borba, cita também como introdutor dessa denominação Frei Luiz de Cimitile.

Mota (2004) por meio de uma revisão bibliográfica sobre os kaingang elaborou a trajetória histórica de sua denominação na literatura antropológica, histórica e linguística. Segundo o autor, Telêmaco Borba, em 1882, foi quem afirmou ser o primeiro a usar a denominação kaingang e, no mesmo ano, frei Cimitile também a usava em seus escritos. No entanto, Mota (2004) constatou que essa denominação fora anteriormente usada por outros viajantes que percorreram os territórios kaingang no século XIX: (i) em 1865, os engenheiros Joseph e Franz Keller, ao descreverem as populações indígenas presentes nos vales dos rios Ivaí, Paranapanema, Tibagi e Iguaçu, referiam-se aos índios kaingang como Coroados, devido ao fato de cortarem os cabelos em forma de coroa. Franz Keller, em manuscrito datado de 24/07/1987, faz a seguinte observação: “A si mesmo dão hoje o nome de Caên-gagn”.⁴ (ii) em 1849, o militar Camilo Lellis da Silva, em viagem para demarcação da estrada que deveria ligar Guarapuava ao rio Paraná, denominava os acidentes geográficos homenageando personagens tradicionais da política imperial, no entanto, também manteve

² O Instituto Sociambiental (ISA) é uma organização da sociedade civil brasileira, sem fins lucrativos, com foco na defesa de bens e direitos sociais, coletivos e difusos relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, aos direitos humanos e dos povos.

³ O Portal Kaingang é um espaço criado, em 2005, e mantido pela antropóloga Juracilada Veiga e pelo linguista Wilmar da Rocha D'Angelis. O conteúdo do portal consiste de informações diversas sobre o kaingang tais como povo, aldeias, história, cultura e língua, além de disponibilizar a leitura de textos indígenas e acadêmicos.

⁴ A reprodução da página deste manuscrito de Keller encontra-se em Mota (2004, p. 9).

nomes tradicionais dados pelos Kaingang. Ao explicar o significado de um nome de um rio kaingang, está registrado o nome Caegang. Como se pode constatar, tanto nas observações de Fraz Keller quanto nas de Camillo Lellis da Silva kaingang, mesmo com suas diferenças de grafia, é uma autodenominação do seu povo.

Antes, porém, da denominação kaingang ser empregada, de acordo com informações do site do ISA, os nomes Guayaná, Goyaná, Goainaze, Wayanaze, Coroadó (como já referido no parágrafo anterior), Coronado, Shokleng, Xokren, Guanana, Gualachos, Gualachí, Chiqui, Cabelludo, Taind, Taven, Tayen, Ingain, Ivoticaray, Nyacfateitei, Votoron, Kamé, Kayurikré, Dorin e Tupi também foram denominações dadas aos kaingang. Ainda segundo informações do site, alguns desses grupos podem não estar relacionados aos kaingang, mas aos xokleng, guarani ou xetá, grupos que também apresentaram resistência contra a presença de europeus nas terras do Sul.

2.2 BREVE PANORAMA HISTÓRICO DOS KAINGANG NO PARANÁ

Segundo Veiga (1994), em texto disponível no Portal Kaingang (“O avanço luso-brasileiro sobre as terras kaingang no Paraná”), os primeiros contatos com grupos considerados Jê Meridionais foram feitos por padres jesuítas nas reduções do Guairá, entre 1624 e 1630, e pela expedição de Fernão Dias Paes Leme até a Serra do Apucarana, por volta de 1660. A brevidade das reduções do Guairá, segundo a autora, se deve aos ataques dos bandeirantes paulistas, em 1631, que puseram fim à missão jesuíta no interior do Paraná.

A autora segue informando que, no final do século XVII, os portugueses, movidos por interesses políticos e econômicos, adentraram o território kaingang, conquistando-o em 1810 por meio de uma Real Expedição militar. Logo mais, em 1812, iniciou-se a “catequese” e o “aldeamento” dos primeiros grupos kaingang da região. Veiga (1994) enfatiza que a conquista dos campos de Guarapuava deu-se por meio de guerra “justa” contra os “índios bárbaros”, sendo a escravização destes amparada em uma Carta Régia, de 1809.

Após a conquista de Guarapuava, a ocupação seguiu para os Campos de Palmas, em 1838, e para os Campos de Nonai, noroeste do Rio Grande do Sul, em 1845. Na década de 1850, a ocupação seguiu rumo ao norte, fundando, na região centro-oeste, a Colônia Militar do Jataí e os Aldeamentos de São Pedro de Alcântara e São Jerônimo da Serra nas margens do médio e baixo Rio Tibagi.

Veiga (1994) ressalta que, a partir da segunda década do século XIX, a sociedade luso-brasileira conquistou as terras ocupadas pelos kaingang à custa de muita violência. Essa violência, inclusive, foi praticada também por grupos indígenas já submetidos e aliados aos brancos. A penetração na região oeste deu-se a partir de 1880 com a expansão da extração da erva mate. No mesmo período, avançou também a ocupação no norte do Paraná, com as primeiras plantações de café, na área de Jacarezinho.

Por volta de 1920, alguns grupos kaingang mantinham-se resistentes à penetração na região dos rios Laranjinha e Cinzas. Isso fez com que sofressem ação criminosa de expedições punitivas, chegando haver registros de massacres ocorridos na região do Rio Cinzas. Após essas ações, o SPI⁵ estabeleceu um “Posto de Atração.”

Enfim, o destino dos kaingang a partir do contato com a sociedade luso-brasileira foi, como pontua Veiga (1994), o confinamento em reservas, liberando as áreas de caça, de coleta e de perambulação para a ocupação pastoril e agrícola. Segundo relata a autora, as reservas indígenas decretadas no início do século XX foram invadidas e reduzidas drasticamente no final da década de 40. Inevitavelmente, o contato com o branco alterou o modo de vida dos índios gerando uma série de consequências tais como: mudança na alimentação com a adoção de produtos trazidos pelo branco; suas habitações tornaram-se aglomerados que pioraram as condições sanitárias da população; a dependência econômica obrigou os homens a saírem das reservas para trabalhar como diaristas e; o alcoolismo tornou-se presente na vida dos índios, constituindo-se um dos mais graves problemas.

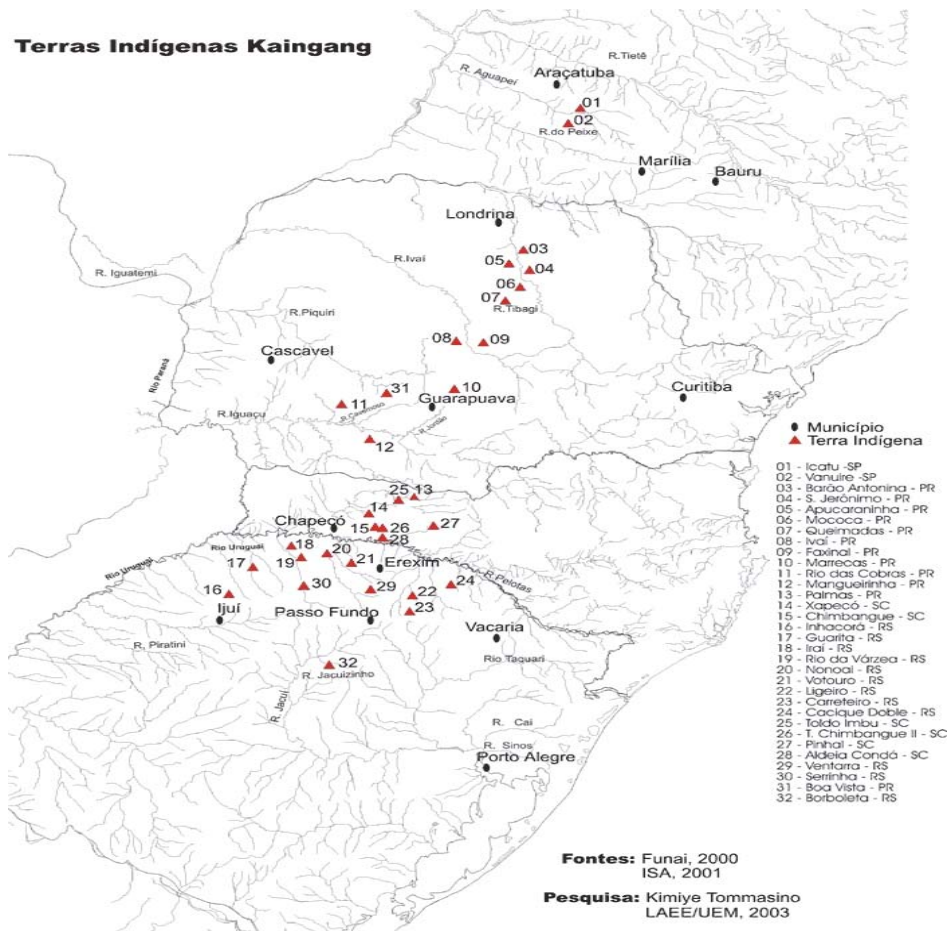
Embora o processo de ocupação do território indígena no Paraná tenha sido marcado por uma trágica história de depopulação de etnias, a versão que aparece na História oficial é bem diferente. Segundo Mota (1994) e Tommasino (2001), com relação à situação deste povo no que se refere à História da colonização do Paraná, por muito tempo pensou-se que os colonizadores brancos quando chegaram ao Norte não encontraram ninguém ocupando o território. Essa versão que aparece na História oficial e nos livros didáticos contribuiu para a ideia de que havia um imenso “vazio demográfico”. Assim, os pioneiros foram consagrados como heróis, por sua coragem na conquista de uma região ainda selvagem, enquanto que ignoravam a existência dos índios, chamados de “selvagens”. Desta forma o índio passou a viver um processo de silenciamento e ocultamento que teve início desde a chegada dos europeus ao Brasil.

⁵ O Serviço de Proteção aos Índios (SPI) foi criado em 1910 e operou até 1967, quando foi substituído pela Fundação Nacional do Índio (Funai), que vigora até os dias de hoje.

2.3 POPULAÇÃO E TERRAS INDÍGENAS KAINGANG

Dados do IBGE (2010) apontam uma população kaingang estimada em 37.400 pessoas, ocupando a terceira posição entre os povos indígenas mais numerosos do país e constituindo o maior grupo indígena pertencente à família Jê. Os kaingang habitam 32 Terras Indígenas nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No Paraná, segundo dados da FUNASA (2010), os kaingang totalizam quase 10.000 pessoas distribuídas em 11 Terras Indígenas. O site do Instituto Socioambiental ressalta, entretanto, a presença de famílias vivendo nas zonas urbanas e rurais próximas às TIs. Isto se deve à impossibilidade econômica ou política de viverem nas TIs, passando a viver como trabalhadores não qualificados em fazendas e sítios das regiões próximas às aldeias.

Figura 1 - Localização das Terras Indígenas Kaingang



Disponível em: <http://img.socioambiental.org/v/publico/kaingang/>

2.3.1 Terra Indígena Apucarantina

Como já mencionei nesta tese, minha pesquisa sobre a língua foi realizada com informantes da Terra Indígena Apucarantina. Esta TI situa-se no município de Tamarana, no norte do Paraná⁶, entre os rios Apucarantina ao Norte, rio Apucarana ao Sul, rio Tibagi a Leste e, a Oeste, entre trechos de pequenos rios, estradas, represas e propriedades particulares.

No ano de sua criação (1900), sua área compreendia 80.000 ha; em 1949, devido a um acordo celebrado entre o Governo do Estado (Moysés Lupion) e SPI, a área foi reduzida para 6.300 ha e, em 1953, a Fundação Paranaense de Colonização e Imigração (FPCI) realizou a redermação dessa área que passou a compreender 5.574 ha. Sua população é de aproximadamente 1750 índios que residem em casas de alvenaria, pré-fabricadas, de madeira e ranchos tradicionais. Nesta TI há duas escolas, um posto de saúde, uma igreja católica e quatro evangélicas, galpão para maquinários e implementos agrícolas, salão de festa e cadeia.

A primeira escola atende a primeira fase do Ensino Fundamental. Foi instalada por volta de 1970 com o nome Xavier da Silva; em 1982, recebeu autorização da SEED para funcionar passando a ser denominada Cacique Luís Pénke Pereira; após reforma, houve uma mudança de nome para João Kavagtãn. Inicialmente, o aprendizado da língua materna era restrito à pré-escola, sendo que, no primeiro ano, a criança aprendia a ler e a escrever com uma professora não-indígena. Em 1988, um trabalho conjunto entre UEL-FUNAI e Grupo Míg⁷ propôs uma reformulação do ensino que passou a ser organizado da seguinte forma: na pré-escola e na primeira série, o ensino ocorria somente em kaingang, depois havia um período de convívio das duas línguas: kaingang e português. Na terceira e quarta séries, o ensino ocorria na língua portuguesa com horário dedicado ao estudo da língua kaingang. Atualmente, a primeira fase do ensino fundamental é bilíngue, de maneira que até o quarto ano o ensino é feito em kaingang e a partir do quinto ano em português.

Em 2012, foi inaugurada a Escola Estadual Benedito Rokag Marcolino para atender o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio. Nessas etapas de ensino, os alunos continuam a ter aulas em kaingang com professores bilíngues, porém é maior o número de professores não índios os quais ministram aulas das demais disciplinas da grade curricular. A maioria dos professores tem contrato temporário e vem de cidades vizinhas, no entanto,

⁶ Ponto 5 da figura 1.

⁷ Grupo que prestava assessoria pedagógica às Terras Indígenas do Norte do Paraná.

muitas vezes, acabam desistindo das aulas devido ao difícil acesso à TI, pois a estrada que a liga à cidade não é pavimentada (22 quilômetros) e em dias chuvosos torna-se intransponível.

Com relação à economia, os kaingang vivem do artesanato, da agricultura de subsistência, do trabalho assalariado e da criação de animais. A prática agrícola se faz por meio de roças comunitárias ou familiares nas quais cultivam arroz, feijão, milho, abóbora, batata doce, mandioca, entre outros. Com relação ao trabalho assalariado, há índios que são funcionários da FUNAI e das prefeituras os quais exercem funções de enfermeiros, técnicos e professores; outros prestam serviços às fazendas da região nas épocas de roçado. A criação de gado beneficia a comunidade com a distribuição de leite e de carne, algumas famílias criam porcos, galinhas ou patos para o consumo de carne e de ovos. O artesanato é uma importante forma de obtenção de renda, principalmente os balaios que são vendidos nas margens das rodovias ou nos centros urbanos.

Nesta TI também se encontra uma usina hidrelétrica da Companhia de Energia Elétrica do Paraná (COPEL), inaugurada em 1949. Durante décadas, os kaingang lutaram pelo ressarcimento do território ocupado e dos danos ambientais causados pela instalação e funcionamento da usina. Depois de muitos conflitos entre os índios e os representantes da COPEL, no ano de 2006, foi assinado um Termo de Ajuste de Conduta entre a companhia e a comunidade do Apucarantina, estabelecendo o pagamento de 14 milhões de reais como indenização pelo uso dos recursos naturais da TI. Esse valor, pago em parcelas entre os anos de 2006 e 2011, foi depositado em conta aberta em nome da Associação dos Moradores da Comunidade Indígena Apucarantina.

2.4 ORGANIZAÇÃO SOCIAL E COSMOLOGIA KAINGANG

Segundo Veiga (1994), a organização social dos kaingang tem como base a divisão nas metades exogâmicas⁸ e patrilineares Kamé e Kairu. Essas metades que se opõem e se complementam são homônimas dos heróis míticos:

A tradição dos kaingang conta que os primeiros desta nação saíram do chão (...). Saíram em dois grupos, chefiados por dois irmãos por nome **Kañerú** e **Kamé**, sendo que aquele saiu primeiro. Cada um já trouxe um número de gente de ambos os sexos. Dizem que **Kañerú** e sua gente toda eram de corpo fino, peludo, pés pequenos, ligeiros tanto nos seus movimentos como nas suas resoluções, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. **Kamé** e os seus companheiros, ao contrário, eram de corpo grosso, pés grandes, e vagarosos nos seus movimentos e resoluções. (NIMUENDAJU, 1913 apud VEIGA, 1994, p. 59-60) (**grifos do autor**)

⁸ Indivíduos que pertencem a grupos distintos.

Veiga (1994) explica que a metade Kamé está relacionada ao Oeste e utiliza pintura facial com motivos compridos, enquanto a metade Kairu está relacionada ao Leste e suas pinturas faciais caracterizam-se por motivos redondos. Cada metade comporta duas seções: a metade Kamé comporta as seções Kamé e Wonhétky e a metade Kairu comporta as seções Kairu e Votor. Os seres e objetos do mundo natural, com exceção da terra, do céu, da água e do fogo, relacionam-se a essas metades de acordo com a aparência que tenham para os kaingang: se são considerados redondos, são classificados como Kairu (*ror*) e, se são considerados compridos, como Kamé (*téi*), conforme expõe Nimuendajú (1993):

Todos ainda manifestam sua descendência ou pelo seu temperamento ou pelos traços físicos ou pela pinta [pintura]. O que pertence ao clã **Kañerú** é malhado, o que pertence ao clã **Kamé** é riscado. O kaingang reconhece essas pintas tanto no couro dos animais como nas penas dos passarinhos, como também na casca, nas folhas, ou na madeira das plantas. Das duas qualidades da onça pintada, o acanguçu é **Kañerú**, o fagnareté é **Kamé**. A piava é **Kañerú**, e por isso ela vai também adiante na piracema. O dourado é **Kamé**. O pinheiro é **Kañerú**, o cedro é **Kamé**, etc. (apud VEIGA, 1994, p. 60-61)
(grifos do autor)

A relação de oposição e de complementaridade das metades define as regras do casamento: as metades trocam mulheres entre si e o casamento funda uma aliança entre os homens que pertencem às metades opostas, de forma que a reciprocidade se dá entre cunhados e não entre irmãos. Além de estabelecer as regras do casamento, a relação de oposição e complementaridade também é a base para os serviços cerimoniais (em enterros, danças e outros atos religiosos), classificação dos animais e plantas e para a atribuição de nomes próprios. É possível verificar também a influência dessas metades na língua como, por exemplo, o emprego de verbos diferentes usados para coisas curtas e compridas⁹.

Fernandes (2004) destaca que, embora a descendência kaingang siga o padrão patrilinear, os kaingang seguem o padrão de residência jê que se constitui pela matrilocidade, ou seja, a residência na casa do pai da esposa. Assim, o grupo doméstico é constituído por duas famílias nucleares, uma encabeçada pelo sogro e outra pelo genro, sendo que cada uma possui direitos e deveres próprios. O autor destaca que a combinação de patrilinearidade e matrilocidade estabelece uma relação de ‘sangue’ e ‘solo’:

⁹ Como, por exemplo, os verbos *ma* (carregar coisa curta, redonda) e *va* (carregar coisa comprida).

Com a combinação da patrilinearidade e da matrilocalidade entre os Kaingang, ‘sangue’ e ‘solo’ estão fundidos no domínio dos grupos domésticos: entre as mulheres há uma relação de ‘sangue’ entre os homens uma relação de afinidade ‘solo’. A relação entre sogro e genro está no centro da afinidade constitutiva dos grupos domésticos. Em tal relação, há uma assimetria na distribuição de *status* entre sogro e genro, que participam de forma desigual dos direitos e deveres próprios de cada grupo doméstico. (FERNANDES, 2004, p. 113)

Enfim, é possível observar que a cultura do povo kaingang bem como sua organização social é condicionada pelo seu mito de origem. Tomasino (2004) ressalta que a ligação com a “Terra-mãe” originária do mito de criação permanece em suas atividades cotidianas, de maneira que os kaingang estão, metaforicamente, ligados à terra o tempo todo.

2.5 TRONCO E FAMÍLIA LINGUÍSTICA

As línguas são agrupadas, conforme suas semelhanças e diferenças, em troncos e famílias linguísticas. Os troncos compreendem línguas cuja origem comum é muito remota, de maneira que suas semelhanças são muito sutis. Por outro lado, a separação das línguas em famílias linguísticas deu-se num espaço menor de tempo, possibilitando agrupá-las de acordo com um número maior de semelhanças. Conforme explica Rodrigues (1994, p. 29), a classificação das línguas do mundo segue o critério genético: “De acordo com esse critério, uma família linguística é um grupo de línguas para as quais se formula a hipótese de que têm uma origem comum, no sentido de que todas as línguas da família são manifestações diversas, alteradas no correr do tempo, de uma só língua anterior.”

No Brasil, há dois grandes troncos linguísticos - Tupi e Macro-Jê – e cerca de 180 línguas indígenas. No entanto, nem todas as famílias linguísticas são agrupadas nestes troncos. Conforme informações disponibilizadas no site do Instituto Socioambiental, há 19 famílias linguísticas que, por não apresentarem graus de semelhanças suficientes, não puderam ser agrupadas em troncos. Além dessas, há também famílias que se constituem por apenas uma língua, denominadas isoladas, por não apresentarem semelhanças com nenhuma outra língua.

Como já mencionado nesta tese, a língua kaingang pertence à família linguística Jê, do tronco Macro-Jê.

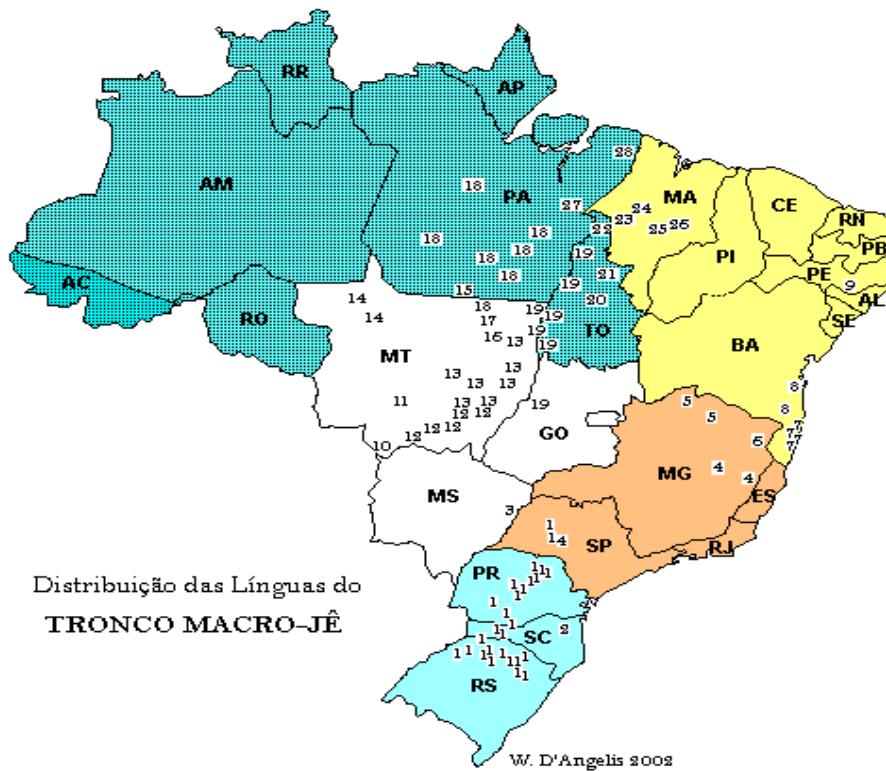
Figura 2 - Classificação das Línguas do Tronco Macro-Jê

TRONCO MACRO-JÊ		
Famílias	Línguas	Dialetos
FAMÍLIA BORÓRO	Boróro Umutina	
FAMÍLIA KRENÁK	Krenák	
FAMÍLIA GUATÓ	Guató	
FAMÍLIA JÊ	Akwén	Xakriabá Xavánte Xerénte
	Apinayé	
	Kaingáng	Kaingáng do Paraná Kaingáng Central Kaingáng do Sudoeste Kaingáng do Sudeste
Famílias	Línguas	Dialetos
FAMÍLIA JÊ	Kayapó	Gorotíre Kararaô Kokraimoro Kubenkrankegn Menkrangnoti Mentuktíre (Txukahamãe) Xikrín
	Panará	
	Suyá	Tapayúna
	Timbira	Canela Apaniekra Canela Ramkokamekra Gavião do Pará (Parkateyé) Gavião do Maranhão (Pukobiyé) Krahô Krenjê (Kren-yé) Krikatí (Krinkati)
	Xoklêng (Aweikóma)	
FAMÍLIA KARAJÁ	Javaé	
	Karajá	
	Xambioá	
FAMÍLIA MAXAKALÍ	Maxakalí	
	Pataxó e Pataxó Hã-Hã-Hãe	
FAMÍLIA OFAYÉ	Ofayé (Opayé, Ofayé-Xavante)	
FAMÍLIA RIKBAKTSÁ	Rikibaktsá (Erikpksá)	
FAMÍLIA YATÊ	Yatê (Iatê, Fulniô, Carnijó)	

Fonte: RODRIGUES, 1994, p. 134.

Como mostra a figura 2, o tronco Macro-Jê compreende nove famílias linguísticas: Bororó, Krenak, Guató, Jê, Karajá, Maxakali, Ofayé, Rikbaktsá e Yaké. A família Jê, a qual pertence a língua kaingang, é a maior família desse tronco e, segundo Rodrigues (1994), se subdivide em quatro grupos: Timbira, Kayapó, Akwén e Kaingang, sendo este último o grupo mais diferenciado da família. A figura 3 ilustra a distribuição das línguas que constituem as famílias linguísticas do tronco Macro-Jê.

Figura 3 - Mapa da Distribuição das Línguas do Tronco Macro-Jê



- | | |
|------------------------------|----------------------------------|
| 1. Kaingang (RS, SC, PR, SP) | 15. Panará (PA) |
| 2. Xokleng (SC) | 16. Suyá (MT) |
| 3. Ofaié (MS) | 17. Tapayuna (MT) |
| 4. Krenak (MG, SP) | 18. Kayapó - Mebengokre (PA, MT) |
| 5. Xakriabá (MG) | 19. Karajá (GO, MT, TO) |
| 6. Maxakali (MG) | 20. Xerente (TO) |
| 7. Pataxó (BA) | 21. Krahô (TO) |
| 8. Pataxó Hã-hã-hãe (BA) | 22. Apinayé (TO) |
| 9. Yatê / Fulniô (PE) | 23. Krikati (MA) |
| 10. Guató (MT) | 24. Pukobyé (MA) |
| 11. Umutina / Bororo (MT) | 25. Apaniekra (MA) |
| 12. Bororo (MT) | 26. Rankokamekra (MA) |
| 13. Xavante (MT) | 27. Kreyê (PA) |
| 14. Rikbaktsa (MT) | 28. Parakateyê (PA) |

Disponível em: <http://macroje.aokatu.com.br/linguas.html>

2.6 ESTUDOS SOBRE A LÍNGUA KAINGANG

O interesse pelo estudo e aprendizado da língua kaingang foi, a princípio, motivado por fins catequéticos. D’Angelis (2003), em texto disponível no site Portal Kaingang, faz uma revisão do primeiro século (1842 – 1950) de registro da língua. Neste período, é possível constatar que os trabalhos, em sua maioria, constituem-se de vocabulários produzidos por missionários e pesquisadores. Apresentarei, primeiramente, nesta seção, uma breve exposição desses trabalhos e, em seguida, as pesquisas desenvolvidas a partir da segunda metade do século XX até o momento.

Conforme apresenta D’Angelis (2003), padre Francisco Chagas Lima (1842) foi quem primeiro escreveu a respeito da língua em seu manuscrito “Memória sobre o descobrimento e colônia de Guarapuava”. Nesse manuscrito, há transcrição de palavras e de uma frase em kaingang, além de apresentar a conjugação do verbo “comer” (*có*). Em 1851, foram publicados na França dois vocabulários kaingang coligidos por Auguste de Saint-Hilaire no ano de 1820, em viagem ao Sul do Brasil. Em 1852, foi publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o “Vocabulário da Língua Bugre” que, conforme destaca D’Angelis (2003, p.5), “É, sem dúvida, o melhor documento para o conhecimento da língua Kaingang produzido no Brasil no século XIX”. Embora seja um trabalho anônimo, D’Angelis atribui sua autoria ao Padre Francisco das Chagas Lima devido ao fato de apresentar coincidências com o seu manuscrito publicado em 1842. O vocabulário apresenta quinze páginas e contém mais de 650 entradas. Em 1869, o zoólogo Reinhold F. Hensel registrou um pequeno vocabulário com 33 itens lexicais recolhidos em viagem de pesquisa à região da Colônia Militar de Caseros, localizada no nordeste do Rio Grande do Sul.

Telêmaco M. Borba atuou como diretor de aldeamentos indígenas kaingang por mais de uma década. Publicou no ano de 1883 o artigo “Breve Notícia sobre os Índios Caingans” no qual constam pouco mais de 260 itens lexicais. Posteriormente, reuniu vários artigos na obra “Actualidade Indígena”, publicada em 1908. O militar, romancista e político Alfredo d’Escagnolle Taunay, ao governar a província do Paraná (1885-1886), teve contato com os índios kaingang de Guarapuava e com um não-índio da região falante da língua. Esse contato permitiu reunir um vocabulário com cerca de 600 itens lexicais e mais de 60 frases que publicou como parte de sua monografia “Os índios Caingangs (Coroados de Guarapuava)”, em 1888. Nesse trabalho, também constam seis páginas com considerações impressionistas sobre a língua, sendo três delas ocupadas com conjugações de verbos. Juan Bautista Ambrosetti foi um pesquisador argentino do Instituto Geográfico Argentino que

publicou, no ano de 1894, a obra “Los índios Kaingangues de San Pedro (Misiones)” na qual consta um vocabulário extenso com 853 itens lexicais e 71 frases. No apêndice dessa obra, Ambrosetti publicou um vocabulário denominado “Vocabulário Kaingángue (Coroado) del Pikiry (ao Norte Del Guayra), reunindo 100 itens lexicais coletados pelo Tenente Edmundo Barros. No ano de 1897, a obra “O Paraná indígena. Vocabulário” traz uma pequena lista de topônimos kaingang e sua etimologia.

D’Angelis (2003) destaca mais alguns vocabulários do século XIX: (i) “Relatório do engenheiro Hégréville sobre a estrada de Palmas a Missões”, publicado no jornal “O Dezenove de Dezembro”, de Curitiba, no ano de 1857. O relatório inclui dois nomes próprios pessoais, dois nomes indígenas e três termos kaingang; (ii) “Wörtersammlung Brasilia nischer Sprachen. Glossaria Linguarum Brasiliensium”, de Carl Fredrich Philipp, em 1867; (iii) “Noções sobre os indígenas da Província do Paraná” – relatório produzido por Franz Keller, em 1867, no qual consta um vocabulário kaingang de cerca de 90 palavras e 16 frases; (iv) “Pequeno Vocabulário da Língua dos Bugres Coroados” (s/d) assinado pelo sacerdote francês João Pedro Gay. O vocabulário é composto de 268 palavras mais ou menos agrupadas por tópicos semânticos.

Com relação à primeira metade do século XX, D’Angelis (2003) destaca vários trabalhos. O primeiro é de Lucien Adam – “Le parler des Caingangs” (1902) - que reúne e analisa vocabulários kaingang então conhecidos. Em 1903, Borba publica no “Almanach Paranaense” o “Pequeno vocabulário das línguas portuguesa e Caingans ou Coroados”. No mesmo ano, Charles J. Dulley publica na “Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes, de Campinas, uma lista vocabular com 201 itens lexicais e duas orações simples. No ano de 1904, dois trabalhos foram publicados: (i) as notas sobre “Os Índios Guayanãs” enviadas por Benigno Martinez ao Museu Paulista que incluem dois vocabulários; (ii) o trabalho intitulado “Die Indianer des Obern Paraná (Os índios do Alto Paraná)”, do padre Friedrich Vogt que inclui um vocabulário constituído por cerca de 270 itens lexicais e uma dúzia de pequenas orações. No ano de 1905, o jesuíta Carlos Teschauer em trabalho publicado no “Anuário do Estado do Rio Grande do Sul” inclui um vocabulário colhido nas aldeias Caseros e Nonai. No ano de 1907, o diretor do Museu Paulista Hermann von Ihering publicou na revista do Museu um artigo intitulado “A Anthropologia no Estado de São Paulo” no qual insere um pequeno vocabulário colhido por seu assistente Rodolpho von Ihering – “Vocabulário dos Notobotocudos¹⁰ e Caingangs da região do Tibagy (Paraná).”

¹⁰ No original, consta esta nomenclatura ao invés de Botocudos.

Conforme destaca D'Angelis (2003), na mais conhecida publicação de Telêmaco Borba – “Actualidade Indígena” (1908) - constam: pequenos comentários sobre fonética, palavras indígenas que incluem narrativas históricas e míticas, transcrição de cantos fúnebres, orações, conjugação de verbos, ensaio de etimologia para alguns topônimos e quatro vocabulários intitulados “Princípio de pequeno vocabulário da lingua Caingangue ou Coroado”, “Nomes e palavras”, “Vocabulario. Idioma.” e “Vocabulario dos idiomas Guaianá e Kaingangue”.

No livro “As Missões Orientais e seus antigos domínios”, de Hemetério José Veloso (1909) há um capítulo com um “Vocabulário dos Índios Bugres de Nonai” com 240 palavras colhidas pelo francês Frederico Chevalier. Em 1910, o diretor do Museu Paranaense Ermelino Agostinho de Leão no trabalho intitulado “Subsidios para o estudo dos Kainganges do Paraná” faz conjecturas sobre as origens da língua e, ao final do trabalho, agrega um vocabulário que diz ter organizado com o subsídio de outros autores. No ano de 1914, o missionário do Verbo Divino padre Humberto Ostlender deixou datilografado o documento “Dicionário da Língua dos Índios Coroados” que não foi publicado e está sob a guarda do Instituto Anthropos do Brasil.

Dois trabalhos importantes foram publicados por Frei Mansueto Barcatta de Val Floriania: (i) “Ensaio de Grammatica Kainjgang” (1918) com observações de sobre fonologia, morfologia e sintaxe da língua baseadas nos conhecimentos gramaticais da época; (ii) “Diccionários Kainjgang-Portuguez e Portuguez-Kainjgang” (1920) contendo aproximadamente 3.500 entradas em kaingang e mais de 1.500 entradas em português, sendo considerado o principal documento da língua kaingang na primeira metade do século XX.

Em 1930, foi publicado, postumamente, o trabalho do pesquisador russo Henry Henrikowitch Maniser intitulado “Les Kaingangs de Sao Paulo”. Embora seja um trabalho etnográfico, traz algumas informações sobre a língua ao destacar diferenças do kaingang em relação ao Botocudo. O pesquisador Herbert Baldus publicou, em 1935, o trabalho “Sprachproben des Kaingang von Palmas” o qual reúne 250 termos colhidos por ele durante pesquisa na região de Palmas. Posteriormente, em 1947, publicou “Vocabulário Zoológico Kaingang” com 186 itens colhidos em pesquisa na área do Ivaí. Em 1936, foi publicado na revista do Arquivo Municipal (São Paulo) o “Vocabulário dos Índios Coroados” produzido por José Joaquim Machado de Oliveira. O Major Frederico Rondon publicou, em 1938, o livro “Pelo Brasil Central” no qual consta um pequeno vocabulário com 41 palavras.

D'Angelis (2003) ressalta que, a partir dos anos 40, surgem trabalhos mais acurados sobre a língua na linha da linguística histórico-comparativa, dentre eles destacam-se

as publicações do linguista Rosário Farani Mansur Guérios que, em 1942, publicou nos “Arquivos do Museu Paranaense” o artigo “Estudos sobre a língua Caingangue. Notas Histórico-Comparativas (Dialeto de Palmas – Dialeto de Tibagi)”. No ano de 1945, o linguista publicou o artigo “O Xokrén é idioma Caingangue” no qual faz uso da comparação para demonstrar a relação linguística entre o kaingang e o xokleng. Além desses trabalhos, Guérios manteve correspondência com o etnógrafo Curt Nimuendaju e publicou, no ano de 1948, as cartas sob o título “Cartas Etno-Linguísticas”. Nessa publicação, a principal contribuição à documentação do kaingang é o vocabulário intitulado “Kaingang – Yakwä(n) Dagtéye” com 232 itens lexicais e 34 pequenas orações. Finalizando os trabalhos publicados no primeiro século de registro da língua, D’Angelis (2003) cita a gramática intitulada “Ensayo de una gramática del idioma Caingangue de los Cainganges de la ‘Serra de Apucarana’, Paraná, Brasil” produzida e publicada por Wanda Hanke, em 1948.

No fim dos anos 50, o *Summer Institute of Linguistics* (SIL) iniciou atividades no Brasil, por meio de um convênio com o Museu Nacional, cujo intuito seria descrever as línguas indígenas e formar linguistas brasileiros. No entanto, sendo uma instituição missionária, associou o seu trabalho linguístico ao desenvolvimento de catequese. Vinculada a essa organização, a missionária e linguista Ursula Wieseemann iniciou a pesquisa da língua kaingang na área indígena de Rio das Cobras. Apesar de uma história de mais de 100 anos (SANTOS e ALENCAR, 2011), a ortografia utilizada atualmente data da década de 1960 e foi elaborada por Wieseemann. Além disso, ela preparou material de ensino de kaingang para missionários – “Introdução na língua Kaingáng” (1967) - e publicou diversos trabalhos voltados à fonologia e morfossintaxe dentre os quais se destacam sua tese de doutoramento “Phonogische und Grammatische der Kaingáng – Sprache” (1972) e o dicionário “Dicionário Kaingáng – Português e Português – Kaingáng” (1971).

Os estudos da língua amparados em instituições universitárias começaram a surgir apenas em meados da década de 80. A exemplo de Silva (2011) e Domingues (2013), apresento no quadro 1 as dissertações e teses desenvolvidas sobre a língua kaingang a partir dos anos 80.

Quadro 1 - Dissertações e Teses sobre a Língua Kaingang a partir da Década de 80

Autor	Título e natureza do trabalho	Instituição e ano de publicação
Silvia Lúcia Bigonjal BRAGGIO	“The sociolinguistics of literacy: a case study of the Kaingáng a Brazilian Indian Tribe” (Tese de Doutorado)	University of New México - 1986
Marita Porto CAVALCANTE	“Fonologia e morfologia da língua Kaingang: o dialeto de São Paulo comparado com o dialeto do Paraná” (Tese de Doutorado)	UNICAMP - 1987
José Baltazar TEIXEIRA	“Contribuição para a fonologia do dialeto Kaingang de Nonai” (Dissertação de Mestrado)	UNICAMP - 1988
Silvia Helena Lovato NASCIMENTO	“Aspectos morfológicos e sintáticos e marcação de caso da língua Kaingang” (Dissertação de Mestrado)	UFSC - 1995
Célia Ribeiro SILVA	“História crítica da construção da escrita do Kaingang” (Dissertação de Mestrado)	UEL - 1996
Wilmar da Rocha D’ANGELIS	“Traços de Modo e Modos de Traçar Geometrias: Línguas Macro-Jê e Teoria Fonológica” (Tese de Doutorado)	UNICAMP – 1998
Marco Antonio BOMFOCO	“Ergatividade em Kaingáng: um estudo descritivo funcional” (Tese de Doutorado)	PUCRS – 2004
Luciana Pereira TABOSA	“Construções Causativas da Língua Kaingang” (Dissertação de Mestrado)	UEL – 2006
Solange Aparecida GONÇALVES	“Aspecto no Kaingáng” (Dissertação de Mestrado)	UNICAMP - 2007
Leriana de ALMEIDA	“A marcação de (tempo), modo e aspecto na língua Kaingáng: uma proposta de análise” (Dissertação de Mestrado)	UEL – 2008
Valéria Cristina Leite BACCILI	“Reflexões sobre a influência da língua materna Kaingang no aprendizado do português como segunda língua”	UEL – 2008

	(Dissertação de Mestrado)	
Emília Rezende Rodrigues de ABREU	“Descrição do sistema pronominal na estrutura frasal em Kaingang” (Dissertação de Mestrado)	UEL – 2009
Marcelo Pinho de Valhery JOLKESKY	“Reconstrução Fonológica e Lexical do Proto Jê-Meridional” (Dissertação de Mestrado)	UNICAMP - 2010
Solange Aparecida GONÇALVES	“Tempo, Aspecto e Modo em contextos discursivos no Kaingang Sul (Jê)” (Tese de Doutorado)	UNICAMP – 2011
Moana de LIMA e SILVA	“Português Indígena Kaingang: uma questão de concordância” (Dissertação de Mestrado)	UNICAMP – 2011
Maria Sueli Ribeiro da SILVA	“A língua Kaingáng da aldeia paulista Icatu: uma descrição funcional” (Tese de Doutorado)	UNESP – 2011
Tiago Souza Monteiro de ANDRADE	“As orações verbais simples em Kaingang: uma proposta de análise” (Dissertação de Mestrado)	UEL – 2012
Michel P. Assis NAVARRO	“Restrição de domínio, distributividade e a expressão <i>kar</i> em um dialeto da língua Kaingang” (Dissertação de Mestrado)	USP – 2012
Márcia NASCIMENTO	“Tempo, Modo, Aspecto e Evidencialidade em Kaingang” (Dissertação de Mestrado)	UFRJ – 2013
Gislaine DOMINGUES	“Descrição Morfossintática do Nome e do Verbo no Kaingang” (Dissertação de Mestrado)	UEL - 2013

Como mostra o quadro 1, num período de aproximadamente 30 anos, 14 dissertações e 6 teses foram produzidas por pesquisadores voltados ao estudo da língua. Também é possível destacar que mais da metade desses trabalhos está vinculada à UEL e UNICAMP com sete trabalhos cada. Nessas universidades, dois importantes linguistas atuam

como professores do programa de pós-graduação - Ludoviko dos Santos (UEL-PPGEL¹¹) e Wilmar da Rocha D'Angelis (UNICAMP – IEL¹²) – os quais vêm despertando o interesse pela língua e formando linguistas que têm contribuído, consideravelmente, com a descrição da língua kaingang.

Além das dissertações e teses citadas, destacam-se também diversos artigos de autoria dos pesquisadores mencionados no quadro 1 publicados em periódicos brasileiros.

¹¹ Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.

¹² Instituto de Estudos da Linguagem.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A descrição e análise das orações complexas, nesta tese, apóiam-se nos pressupostos da Linguística Descritiva cuja preocupação volta-se à descrição do funcionamento e dos usos da língua e também nos pressupostos da Linguística Funcional a qual busca documentar a língua e seu funcionamento no momento de sua descrição.

Este capítulo, com base em autores ligados a essas correntes, apresentará os tipos de construções que envolvem a combinação de dois ou mais verbos, formando, assim, uma oração ou período complexo, segundo a escala de integração gramatical proposta por Payne (1997). O mesmo serve como subsídio teórico para os capítulos de análise das orações complexas da língua kaingang.

O capítulo está assim organizado: 3.1. coordenação *versus* subordinação; 3.2. escala de integração gramatical das orações complexas; 3.2.1 orações completivas; 3.2.2 orações adverbiais; 3.2.3 orações relativas e; 3.2.4 coordenação.

3.1 COORDENAÇÃO *VERSUS* SUBORDINAÇÃO

Considero conveniente apresentar, neste capítulo, algumas definições que abrangem a coordenação e a subordinação, já que ambas constituem-se por períodos complexos. Conforme pontua Payne (1997), a maioria das construções que envolvem mais de um verbo apresenta uma oração independente e uma dependente: (i) oração independente – aquela que é completamente flexionada e é capaz de ser integrada sozinha no discurso e (ii) oração dependente – aquela que depende de outra oração, pelo menos em parte de suas informações flexionais. Esses conceitos são usados para delimitar a coordenação e a subordinação.

Payne (1997) define como coordenação a união de duas orações independentes de igual *status* gramatical. Longacre (2007) define como orações subordinadas aquelas que funcionam como sintagmas nominais – orações completivas -, que modificam nomes – orações relativas -, que modificam sintagmas verbais ou proposições inteiras – orações adverbiais.

No entanto, abordar a coordenação e a subordinação sob um enfoque dicotômico é insuficiente quando se trata da relação entre orações, tendo em vista que essa relação pode ter um maior ou menor grau de coordenação, subordinação e de encaixamento. Autores funcionalistas como Halliday (2004) bem como Hopper & Traugott (2003) abordam

as definições de parataxe, hipotaxe e encaixamento para tratar da gradação que existe entre a coordenação e a subordinação.

Ao tratar de períodos complexos, Halliday (2004) distingue dois sistemas que determinam como uma oração se relaciona com a outra: (i) o grau de interdependência entre as orações, o qual o autor chama de *taxis* e; (ii) a relação lógico-semântica estabelecida entre as orações.

Quanto ao grau de interdependência, o autor esclarece que todas as orações vinculadas por uma relação lógico-semântica são interdependentes, mas é variável o grau de interdependência entre elas. Assim distingue a parataxe e a hipotaxe: a parataxe refere-se a duas orações interdependentes de igual *status* gramatical, enquanto a hipotaxe diz respeito à relação estabelecida entre uma oração dominante e outra dependente.

Com relação ao segundo sistema, Halliday (2004) esclarece que há diferentes relações lógico-semânticas que podem ser estabelecidas entre as orações. Essas diferentes relações, segundo o autor, podem ser agrupadas em um pequeno número de tipos gerais com base em duas relações fundamentais: (i) de expansão e (ii) de projeção. Na relação de expansão, a oração secundária expande a oração principal, por meio do acréscimo de exemplos, de novos elementos, de alternativas ou imprimindo circunstâncias de tempo, lugar, causa ou condição. Na relação de projeção, uma oração é projetada na outra apresentado uma locução ou ideia.

Halliday (2004) enfatiza que é importante fazer distinção entre as relações de parataxe e hipotaxe do encaixamento. Conforme explica o autor, a parataxe e a hipotaxe são relações entre orações, enquanto o encaixamento é um mecanismo pelo qual uma oração funciona como constituinte de outra oração. Dessa forma, no encaixamento, a relação entre a oração encaixada e a oração na qual ela está inserida constitui-se como uma relação intermediária.

Hopper & Traugott (2003) apresentam uma tripartição das orações complexas caracterizando a parataxe, a hipotaxe e a subordinação de acordo com critérios de dependência, integração e tipo de ligação entre as orações:

Quadro 2 – ‘Tripartição das Orações Complexas com base em Hopper & Traugott (2003)

Parataxe (independência)	—————	Hipotaxe (interdependência)	—————	Subordinação (dependência)
núcleo	—————		—————	margem
integração mínima	—————		—————	integração máxima
ligação explícita máxima	—————		—————	ligação explícita mínima

Fonte: Hopper & Traugott (2003, p. 179)¹³ (tradução nossa)

Essa tripartição, segundo os autores, apresenta as seguintes propriedades:

Quadro 3 – Propriedades da Parataxe, Hipotaxe e Subordinação com base em Hopper & Traugott (2003)

parataxe	>	hipotaxe	>	subordinação
- dependência		+ dependência		+ dependência
- encaixamento		- encaixamento		+ encaixamento

Fonte: Hopper & Traugott (2003, p. 178)¹⁴ (tradução nossa)

As considerações apontadas nesta seção, com base em Halliday (2004) e em Hopper & Traugott (2003) permitem constatar uma classificação gradual das orações em um *continuum* que envolve a parataxe, a hipotaxe e a subordinação.

3.2 ESCALA DE INTEGRAÇÃO GRAMATICAL DAS ORAÇÕES COMPLEXAS

Payne (1997) trata as orações complexas com base no maior ou menor grau de integração gramatical, apresentando, assim, seis tipos de construções com mais de um verbo: (1) verbos seriais, (2) orações completivas, (3) orações adverbiais, (4) orações encadeadas, (5) orações relativas e (6) coordenação. Segundo ele, as primeiras representam um maior grau de integração entre os dois verbos e as últimas um menor grau de integração gramatical, conforme mostra a escala a seguir:

¹³ No original: Parataxis _____ hypotaxis _____ subordination
(relative independence) (interdependence) (dependence)
nucleus _____ margin
minimal integration _____ maximal integration
maximal overt linking _____ minimal overt linking

¹⁴ No original: parataxis _____ hypotaxis _____ subordination _____
- dependent + dependent + dependent
- embedded - ebedded + embedded

Quadro 4 - Escala de Integração Gramatical das Orações Complexas

Uma oração	verbos seriais	orações completivas	orações adverbiais	orações encadeadas	orações relativas	coordenação	duas orações separadas
alto grau de integração gramatical						sem integração gramatical	

Fonte: Payne (1997, p. 307)¹⁵ (tradução nossa)

Neste capítulo, farei a descrição de quatro tipos de construção apresentados no quadro 4: orações completivas, orações adverbiais, orações relativas e orações coordenadas, por se tratarem dos tipos de construção analisados no kaingang. Optei por descrever como se manifestam essas construções, tendo em vista que são os tipos mais investigados por linguistas. Para a descrição, seguirei o referencial teórico de Payne (1997) e de outros autores que tratam mais especificamente de cada tipo.

3.2.1 Orações Completivas

O segundo tipo de construção da escala de integração gramatical de Payne (1997) é a construção completiva. Para discorrer sobre as orações completivas, apoiar-me-ei em Givón (2001), Noonan (1985, 2007), Payne (1997) e Santana (2010). Dedicarei maior espaço às considerações de Santana (2010) por ter analisado as relações de complementação no português brasileiro, sendo, assim, os exemplos de mais fácil acesso e entendimento. A autora, além utilizar em sua análise os pressupostos de Noonan (1985) e Givón (1990), também buscou apoio em Langacker (1991) e Dick (1997b) para descrever as orações completivas do português.

Os autores citados definem uma oração completiva como aquela que funciona como um argumento (sujeito ou objeto) da oração principal.

Ao tratar das orações completivas, Noonan (1985, 2007) trabalha com as dimensões morfológica, sintática e semântica da complementação, Givón (2001) aborda o isomorfismo obtido entre as dimensões semântica e sintática. Esse isomorfismo, segundo o autor, fornece um dos melhores exemplos de iconicidade em sintaxe, pois envolve a dimensão semântica que se refere à integração de evento e a sintática que diz respeito à união de

¹⁵ No original: One Serial Complement Adverbial Clause Relative Coordination
Two separate clause verbs clauses clauses chains clauses
clauses
High degree of grammatical integration No grammatical integration

orações. Com base nisso, formula o seguinte princípio de iconicidade: “Quanto mais forte é o laço semântico entre dois eventos, maior será a integração sintática das duas orações em uma só oração complexa.”¹⁶ (GIVÓN, 2001, p. 40) **(tradução nossa)**

Com relação à morfologia dos complementos, os autores citados afirmam que diferentes línguas codificam diferentemente as relações de complementação, assim os complementos podem se apresentar de formas distintas. Noonan (2007) destaca que o inglês, por exemplo, emprega quatro formas: orações com *that*, com infinitivo, com gerúndio ou com participio. As formas pelas quais são identificados os tipos de complemento são, segundo o autor, baseadas em:

- (i) a morfologia do predicado, (ii) os tipos de relação sintática que o predicado tem com seus argumentos (sintaxe de complementação interna), e (iii) a relação sintática do complemento com todo o restante da sentença (sintaxe de complementação externa).¹⁷ (NOONAN, 2007, p. 54 – 55) **(tradução nossa)**

Givón (2001), Noonan (2007), Payne (1997) e Santana (2010) abordam a possibilidade de que as línguas apresentem orações completivas finitas ou não- finitas (nominalizadas). As finitas assemelham-se à principal no que diz respeito à presença de sujeito e flexões do verbo, as não-finitas têm a estrutura interna de sintagmas nominais.

Apresento a seguir os tipos de completivas elencados por Santana (2010) para ilustrar a forma da oração completiva no português falado brasileiro. Os tipos de orações completivas tratados pela autora são, basicamente, os mesmos dos quais Noonan (2007) e Givón (2001) tratam, como, por exemplo, oração finita, uso do indicativo ou subjuntivo, oração com infinitivo e nominalização. Como mencionei na página 43, optei pelos exemplos da autora por serem da nossa língua, sendo, assim, mais fácil a compreensão.

A autora apresenta uma escala de variação entre construções verbais e nominais:

- a) Construções completamente verbais – correspondem às orações que têm propriedades de uma oração principal.

¹⁶ No original: “The stronger is the *semantic bond* between the two events, the more extensive will be the *syntactic integration* of the two clauses into a single though complex clause.”

¹⁷ No original: “A complement type is identified basically by (i) the morphology of the predicate, (ii) the sorts of syntactic relations the predicate has with its arguments (complement-internal syntax), and (iii) the syntactic relation of the complement construction as a whole with the rest of the sentence (complement-external syntax).”

- oração finita com indicativo: “Pedro viu **que João entregou os documentos para Renata.**” (SANTANA, 2010, p. 138) (**grifos da autora**)

b) Construções intermediárias – correspondem às construções mais dependentes, como:

- oração finita com subjuntivo: “Pedro pediu **que João entregasse os documentos para Renata.**” (SANTANA, 2010, p. 139) (**grifos da autora**)

- oração não finita com infinitivo pessoal: “Pedro viu **os meninos entregarem os documentos para Renata.**” (SANTANA, 2010, p. 139) (**grifos da autora**)

- oração não finita com infinitivo impessoal: “Pedro quer **entregar os documentos para Renata.**” (SANTANA, 2010, p. 139) (**grifos da autora**)

c) Orações não finitas com uma nominalização como núcleo – orações que têm a estrutura de um SN.

- oração não finita com nominalização: “Pedro viu **a entrega dos documentos para Renata [por Pedro].**” (SANTANA, 2010, p. 139) (**grifos da autora**)

Algumas línguas fazem uso de complementizadores que, segundo Noonan (2007), podem ser constituídos por uma palavra, partícula ou afixo com função de identificar a entidade como complemento. Existem complementos que não têm nenhum complementizador associado a eles e, conforme destaca o autor, o uso de um complementizador pode ser opcional ou determinado pelo contexto pragmático.

Com relação à dimensão sintática da complementação, o argumento sujeito do verbo da oração principal pode ser correferente com o da oração completiva ou não; sendo correferente, a tendência é a de que o sujeito da completiva seja apagado. A essa estratégia Noonan (2007) dá o nome de *equi-deletion*, como mostra o exemplo: “*Zeke wants to plant the corn*”.¹⁸ (NOONAN, 2007, p. 75)

Outra estratégia apontada pelo autor é chamada de “*raised arguments*” que diz respeito ao movimento de um argumento de uma sentença menor para uma maior. O argumento movido é, semanticamente, um argumento da oração completiva e, sintaticamente,

¹⁸ “Zeke quer plantar milho.” (**tradução nossa**)

parte da sentença matriz. A sentença (1a) difere de (1b) no fato de que o movimento foi aplicado a (1b), sendo que *Harriet* passou de argumento sujeito do verbo *is* na sentença (1a) para objeto do verbo *believe* da oração principal na sentença (1b):

Inglês (NOONAN, 2007, p. 79)

1¹⁹. a. Irv believes Harriet is a secret agent.

“*Irv acredita Harriet é um agente secreto.*”

b. Irv believes *Harriet* to be a secret agent.

“*Irv acredita Harriet ser um agente secreto.*”

Ainda com relação à dimensão sintática da complementação, Noonan (2007) distingue a parataxe da serialização. Embora a escala de integração gramatical de Payne (1997) apresentada na seção 3.2 apresente a serialização como uma construção distinta da complementação, Noonan (2007) insere este tipo de construção ao tratar da complementação. O autor postula que a parataxe e a serialização apresentam semelhanças sintáticas e semânticas e podem ser usadas em construções causativas e de percepção imediata. Porém, diferem-se no que diz respeito: (i) à concordância verbal - nas construções seriais, os verbos concordam, obrigatoriamente, em tempo e aspecto e nas construções paratáticas não; (ii) nas construções seriais há apenas um sujeito gramatical, independente de qual seja o sujeito semântico; (iii) enquanto as construções paratáticas apresentam duas afirmações separadas, as seriais contêm apenas uma que abrange a construção inteira. Exemplos:

Lango (NOONAN, 2007, p. 88)

2. construção paratática

Ìcò	òdiá	àcégò	dógólá
man	pressed(3SG SUBJ 1SG OBJ)	closed (1SG SUBJ)	door

‘The man pressed me. I closed the door.’

(The man forced me to close the door)

“*O homem me obrigou a fechar a porta.*”

Akan (NOONAN, 2007, p. 88)

¹⁹ Devido ao grande número de exemplos apresentados neste trabalho. Optei por recomeçar a numeração em cada capítulo.

3. construção serial

Mede aburow migu msum
 Take (1SG) corn flow (3SG) in water
 ‘I caused the corn to flow into the water’ or
 ‘I poured the corn into the water’
 “*Eu derramei o milho na água.*”

Assim, com base nestas distinções, o autor afirma que as construções seriais assemelham-se a períodos com orações subordinadas.

Sobre a distribuição da oração completiva dentro do período, Noonan (2007) aponta que, normalmente, ela ocupa a posição que o sujeito e o objeto ocupam; no entanto, há línguas que não seguem esse padrão distributivo. Algumas línguas movem a oração completiva para o fim do período, fato esse que o autor chama de “extraposição”. Quando isso ocorre, a oração é privada de suas regras gramaticas. Exemplo: “Is it a significant that Floyd left town?”²⁰ (NOONAN, 2007, p. 93)

Outro aspecto levantado pelo autor com relação à dimensão sintática da complementação diz respeito às restrições de tempo e modo sofridas pela oração completiva se comparada à oração principal.

A dimensão semântica é de extrema importância no estudo da complementação. Tanto Noonan (2007) quanto Santana (2010) apóiam-se no princípio givoniano que prega que quanto maior for a ligação semântica entre os eventos da oração principal e da completiva, maior será a integração sintática entre as duas orações. Noonan (2007) ressalta que, se a oração completiva for finita e também acompanhada de um complementizador, menor será a ligação sintática com a principal; já quando a completiva é formada por uma oração reduzida e sem um complementizador, maior será a integração sintática com a principal. Dessa forma, a complexidade sintática é resultado da complexidade cognitivo-semântica.

Os autores mencionados discorrem sobre as diferentes maneiras que as línguas utilizam para formar as orações completivas. Considero esclarecedor reproduzir aqui o posicionamento de Santana (2010, p. 111):

²⁰ “É significativo que Floyd tenha deixado a cidade?” (**tradução nossa**)

Diferentes línguas podem codificar diferentemente os tipos de encaixamento. A relação semântica é a mesma, mas é variável o tipo de construção sintática. A universalidade das línguas está no domínio funcional em que as motivações semânticas aparecem. Já os tipos morfossintáticos de encaixamento constituem um aspecto particular de cada língua e é apenas nesse nível que surgem as diferenças entre os sistemas linguísticos.

Com relação à estrutura da oração principal e da completiva, Santana (2010, p. 118) reconhece que há línguas que apresentam a mesma estrutura nas duas orações, mas outras demonstram diferenças: “Essas diferenças dizem respeito à ausência ou presença de (i) de complementizadores, (ii) de formas verbais especiais e (iii) de marcas especiais de argumentos”. A autora ressalta ainda que o tipo de oração completiva está ligado ao tipo semântico do predicado encaixador. A respeito disso, Givón (2001) elenca três classes de verbos que constituem um predicado encaixador: (i) verbos de modalidade, como “querer”, “implorar”, etc; (ii) verbos de manipulação, como “fazer”, “dizer”, “ordenar”, etc; (iii) verbos de cognição-percepção-expressão vocal, como “saber”, “pensar”, “dizer”, etc. Segundo o autor, o elo semântico entre o verbo da oração principal e da completiva é escalar, de forma que os verbos de modalidade e de manipulação apresentam uma ligação mais forte com o verbo da oração principal e os verbos de cognição-percepção-expressão vocal demonstram uma ligação mais fraca.

Givón (2001) aponta as características semânticas e sintáticas que distinguem essas três classes de verbos:

a) verbos de manipulação

- características semânticas:

- O agente do verbo principal manipula o comportamento do *manipulee*, um agente potencial.
- O *manipulee* do verbo principal é *co-referente* com o agente do verbo complemento.
- A oração complemento codifica o *evento alvo* a ser realizado pelo *manipulee*.²¹ (GIVÓN, 2001, p. 41) **(tradução nossa)**

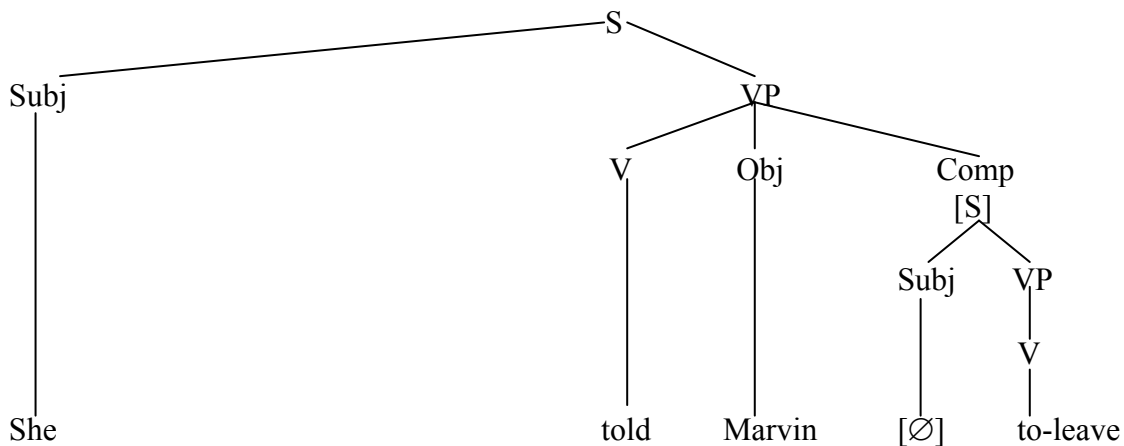
- características sintáticas:

- O agente manipulador do verbo principal é o sujeito da oração principal.
- O *manipulee* do verbo principal é ou o objeto direto ou o objeto indireto da oração principal.
- O *manipulee* do verbo principal é também o sujeito da oração complemento.

²¹ No original “•The agent of the main verb manipulates the behavior of the *manipulee*, a potential agent.
•The *manipulee* of the main verb is *coreferent* with the agent of the complement verb.
•The complement clause codes the *target event* to be performed by the *manipulee*.”

- O sujeito *manipulee* da oração complemento é codificado como zero na oração complemento.
- O verbo da oração complemento exibe uma morfologia menos finita ou nominalizada.
- A oração complemento tende a ocupar a posição típica de objeto na oração principal (OV ou VO).
- A oração complemento tende a ter uma entonação unificada com a oração principal.²² (GIVÓN, 2001, p. 41) (**tradução nossa**)

Para exemplificar essas características, o autor utiliza o exemplo: “She told Marvin to leave”²³ (GIVÓN, 2001p. 42) com seu diagrama arbóreo correspondente:



b) verbos de cognição-percepção-expressão vocal

- características semânticas:

- O verbo na oração principal codifica ou um estado mental ou um evento de percepção ou cognição, ou um ato verbal de expressão vocal.
- O sujeito do verbo principal é ou um dativo ou agente.
- A declaração ou evento codificado na oração complemento é análogo ao paciente do verbo da oração principal.²⁴ (GIVÓN, 2001, p. 42) (**tradução nossa**)

- características sintáticas:

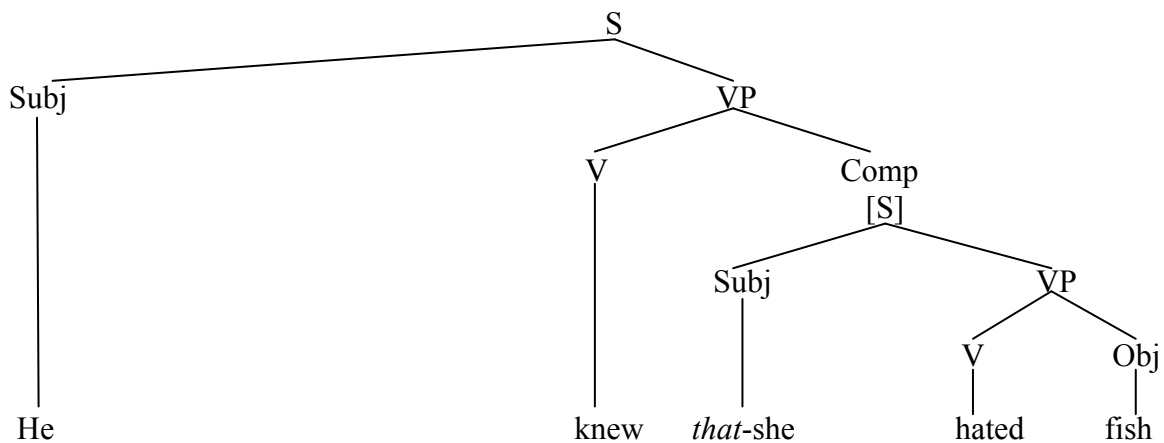
²² No original: “•The agent-manipulator of the main verb is the *subject* of the main-clause.
 •The manipulee of the main verb is either the *direct object* or *indirect object* of the main clause.
 •The manipulee of the main verb is also the subject of the complement clause.
 •The manipulee-subject of the complement clause is coded as *zero* in the complement clause.
 •The complement-clause verb most commonly displays *less-finite* or *nominalized* morphology.
 •The complement clause tends to occupy a typical object position in the main clause (OV or VO).
 •The complement clause tends to fall under a *unified intonation contour* with the main clause.”

²³ “Ela disse para Marvin sair” (**tradução nossa**)

²⁴ No original: “•The verb in the main clause codes either a mental state or event of *perception* or *cognition*, or verbal act of *utterance*.
 •The *subject* of the verb is either a *dative* or *agent*.
 •The state or event coded in the complement is analogous to the *patient* of the main-clause verb.”

- Não há restrições co-referência (correferentes) entre a oração principal e a oração complemento.
- A oração complemento provavelmente tem a estrutura normal finita da oração principal, com sujeito completamente expresso e morfologia verbal finita.
- As duas orações podem ser separadas por um morfema subordinador.
- As duas orações podem ter entonações separadas.²⁵ (GIVÓN, 2001, p. 42) **(tradução nossa)**

O exemplo utilizado pelo autor é “He knew that she hated fish.”²⁶ (GIVÓN, 2001, p. 42)



c) Verbos de modalidade

- características semânticas:

- O verbo da oração principal codifica o *aspectual* (início, término, continuação, fracasso, sucesso) ou *modal* (tentativa, a intenção, a obrigação, a capacidade, possibilidade) ação, estado ou atitude de seu sujeito *vis-a-vis* o evento/estado codificado na oração complemento.
- O sujeito da oração principal é correferente com o sujeito da oração complemento.²⁷ (GIVÓN, 2001, p. 55) **(tradução nossa)**

- características sintáticas:

- O sujeito do verbo principal é também sujeito da oração complemento.

²⁵ No original: “•No coreference restrictions hold between the main and complement clause.

•The complement clause is more likely to have the normal main-clause *finite* structure, with a fully expressed subject and finite verb morphology.

•The two clauses may be separated by a *subordinator* morpheme.

•The two clauses may fall undersepar ate intonation contours.”

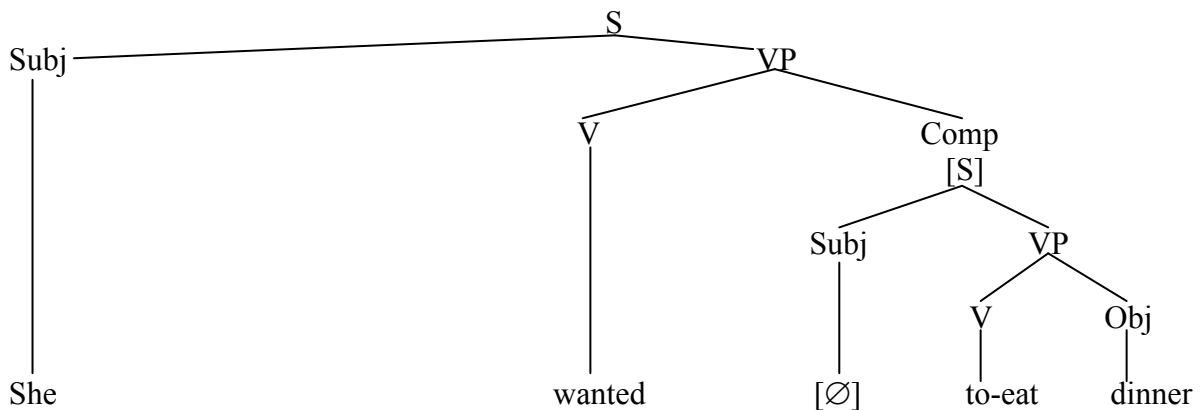
²⁶ “Ele soube que ela odiou o peixe.” **(tradução nossa)**

²⁷ No original: “•The main-clause verb codes the *aspectual* (inception, termination, continuation, success, failure) or *modal* (attempt, intent, obligation, ability, possibility) action, state or attitude of its subject *vis-a-vis* the event/state coded in the complement clause.”

•The subject of the main clause is *co-referent* to the subject of the complement clause.”

- O sujeito da oração complemento é codificado como zero.
- O verbo da oração complemento é geralmente não-finito ou nominalizado.
- A oração complemento é análoga ao objeto da oração principal (OV ou VO).
- A oração complemento tende a ter entonação unificada com a oração principal.²⁸ (GIVÓN, 2001, p. 55) (**tradução nossa**)

O exemplo empregado por Givón (2001, p. 55) é “She wanted to eat dinner.”²⁹



Givón (2001) apresenta uma lista com exemplos de períodos formados por verbos que pertencem às três classes apresentadas acima, de acordo com o grau de integração semântica entre os eventos e a os agrupa conforme o tipo de manifestação sintática que ocorre na oração completiva.

Ainda com relação à dimensão semântica da complementação, considero esclarecedor apresentar os tipos de predicados encaixadores elencados por Santana (2010). A autora lista nove tipos de predicado da oração matriz que classificam os predicados encaixadores, argumentando que: “o conjunto de expressões possíveis em posição de argumento é diferente para cada predicado selecionador de complemento, devendo-se considerar, portanto, o tipo de predicado e a categoria semântica que o complemento designa.” (SANTANA, 2010, p. 140-141). É o tipo de predicado que influenciará na escolha do tipo de complemento, ou seja, se será finito ou não finito, com indicativo ou subjuntivo, nominalizado ou não, com verbo no infinitivo ou não.

²⁸ No original: “•The subject of the main verb is also the subject of the complement clause.

•The subject the complement clause is *zero-coded*.

•The complement-clause verb is commonly *non-finite* or *nominalized*.

•The complement clause is analogous to the object of the main clause (OV or V O).

•The complement clause tends to fall under a *unified intonation contour* with the main clause.”

²⁹ “Ela queria comer o jantar.” (**tradução nossa**)

Santana embasou-se em Cristofaro (2003), Dik (1997b), Dixon (2006) e Noonan (1985) para classificar o conjunto de predicados encaixadores de complemento. Apresentarei a classificação proposta pela autora e acrescentarei outros tipos elencados por Noonan (1985, 2007) que não são mencionados por ela.

3.2.1.1 Tipos semânticos de predicado da oração matriz – Santana (2010)

a) predicados encaixadores de enunciação

Correspondem a verbos como “falar”, “dizer”, “contar”, “perguntar”. “O complemento de predicados de enunciação representa a informação transferida, o conteúdo comunicado.” (SANTANA, 2010, p. 162) Esses predicados têm a função pragmática de transmitir um conteúdo. Ex.: “Pedro disse **que Carlos virá** para o casamento.” (SANTANA, 2010, p. 141)

O complemento do verbo “dizer” é um conteúdo comunicado, pois diz respeito ao discurso e não à sentença, já que a verdade do que está sendo dito depende dos participantes envolvidos na interação verbal. De acordo com o *corpus* da autora, os predicados de enunciação requerem, preferencialmente, complementos finitos no indicativo.

b) Predicados encaixadores de atitude proposicional

São introduzidos por verbos como “achar”, “acreditar”, “pensar”. Segundo Santana (2010, p. 169), “descrevem uma atitude avaliativa do falante em relação à verdade/falsidade da proposição inserida no complemento.” Ex.: “Inf.: eu não sei sabe eu acho **que o ::... o espiritismo ele me preencheu...** (Iboruna – AC 100: 386).” (SANTANA, 2010, p. 141) (**grifos da autora**)

Também ocorrem, preferencialmente, com complementos finitos, sendo o indicativo a forma preferencial para expressão do complemento. A autora compara os predicados de atitude proposicional com os de enunciação:

o estatuto semântico de predicado encaixador é suficiente para determinar o tipo de completiva, adicionalmente, na seleção de outro tipo de complemento além da forma no indicativo (preferencial), outros aspectos semânticos são relevantes. (SANTANA, 2010, p. 173)

c) Predicados encaixadores de conhecimento

Verbos como “saber”, “descobrir”, “esquecer”, “lembrar”, “ver”, “perceber” pertencem a esses tipos de predicados. São, conforme define a autora, “identificados por descreverem um estado de conhecimento ou um processo de aquisição (ou perda) de um conhecimento em relação ao fato expresso no complemento oracional.” (SANTANA, 2010, p. 173) Ex.: “João soube **que Maria viajou** na semana passada.” (SANTANA, 2010, p. 141) **(grifos da autora)**

O *corpus* da autora revela que os predicados encaixadores de conhecimento requerem, em sua maioria, complementos finitos no indicativo.

d) Predicados encaixadores de volição

Pertencem a esses tipos de predicados verbos como “querer” e “pretender”. Conforme define Santana (2010, p. 178), “descrevem o desejo ou a vontade do participante da oração matriz de que o evento no complemento oracional se realize ou deixe realizar.” (p. 178) Ex.: “Eu quero **preparar uma prova difícil.**” (SANTANA, 2010, p. 141) **(grifos da autora)**

A autora ressalta que, devido ao fato de um predicado como “querer” indicar, semanticamente, que o evento descrito na completiva é posterior ao da matriz, é comum o uso do subjuntivo e do infinitivo.

e) Predicados encaixadores de manipulação

Constituem esses predicados verbos como “mandar”, “pedir”, “obrigar”, “permitir” e “deixar”. De acordo com Santana (2010, p. 183), “indicam que a atitude de um indivíduo pode compelir, autorizar ou impedir outro indivíduo de realizar a ação expressa no complemento oracional.” Um exemplo utilizado pela autora é: “João fez **Valdomiro entregar a relação de cargos de confiança do terceiro escalão.**” (SANTANA, 2010, p. 141) **(grifos da autora)**

A autora remete a Givón (1993) ao dizer que quanto maior o contato direto entre o manipulador e o manipulado, maior a possibilidade de que os eventos descritos na oração matriz e completiva sejam construídos como um único evento, devido à contiguidade espacial e temporal dos dois eventos. O participante da oração matriz exhibe sempre o traço [+controle], no entanto, a ocorrência do evento pode não depender, exclusivamente, de sua

manipulação, tendo em vista que também é possível uma manipulação do participante da encaixada.

A forma preferencial usada no predicado de manipulação é o infinitivo, evidenciando o fato de o evento da oração matriz e da completiva constituir um único evento complexo.

f) Predicados encaixadores de percepção física

Pertencem a esses predicados verbos como “ouvir” e “ver”. Ao definir esses predicados, Santana (2010, p. 189) os diferencia dos predicados encaixadores de conhecimento:

Predicados encaixadores de percepção física indicam que o evento da completiva é o objeto da percepção visual (percepção imediata do estado de coisas) do sujeito indicado na oração matriz, o que difere de um predicado de conhecimento, que denota (o processo de) aquisição do conteúdo expresso no complemento (percepção mental do conteúdo proposicional), tal como os predicados *ver* e *perceber*. (**grifos da autora**)

Um exemplo dado pela autora é: “Leo viu Ana **passar** em frente à sua casa.” (SANTANA, 2010, p. 141) (**grifos da autora**)

g) Predicados encaixadores fasais

São introduzidos pelos verbos “começar”, “iniciar”, “parar” e “continuar”. “Se referem à fase de desenvolvimento (início, continuação, fim) do estado de coisas por eles designados.” (SANTANA, 2010, p. 193) Ex.: Renata parou de **chorar** porque viu que não adiantava.” (SANTANA, 2010, p. 141) (**grifos da autora**)

Santana (2010) menciona Cristofaro (2003) que postula uma interconexão entre o predicado fasal e a oração dependente: “começar, continuar ou parar uma ação é, na verdade, parte da ação. Por isso, predicados fasais agem como se fossem operadores aspectuais do estado de coisas dependente, mas têm um comportamento diferente do deles.” (SANTANA, 2010, p. 194) Para ilustrar essa diferença, a autora compara os exemplos (4a) e (4b):

4. a. “O pedreiro começou a trabalhar.”

b. “O pedreiro está trabalhando agora.”

O exemplo (4b) denota que a ação do pedreiro está em curso, mas não há referência à fase em que se encontra; já em (4a), o emprego de “começar” especifica o início do evento de “trabalhar”.

A autora segue dizendo que se “começar”, “parar” e “continuar” fossem operadores aspectuais, deveriam ser classificados, em português, como classes de palavras (no caso, verbos auxiliares) e não como classes lexicais. Dessa forma, o português é uma língua que dispõe de predicados fasais; no entanto, existem línguas que marcam de outras maneiras as noções fasais como, por exemplo, usando afixos verbais.

h) Predicados encaixadores de experiência psicológica

Verbos como “gostar” e “preferir” formam esses tipos de predicados. Conforme aponta Santana (2010), os predicados de experiência psicológica representam juntamente com os predicados fasais e os de tentativa o polo mais nominal na classificação de predicados encaixadores e tipos de complementos. O infinitivo é a forma predominante que ocorre na completiva. Ex.: “Ana adora **pintar telas ao ar livre.**” (SANTANA, 2010, p. 141) **(grifos da autora)**

i) Predicados encaixadores de tentativa

Empregam verbos como “tentar” e “procurar”. Esses predicados “indicam que o participante do estado de coisas principal emprega meios para realizar/conseguir que o estado de coisas descrito no complemento oracional ocorra.” (SANTANA, 2010, p. 202) Ex.: “João tentou **encontrar os documentos perdidos.**” (SANTANA, 2010, p. 141) **(grifos da autora)**

O evento do predicado encaixador e o da completiva estão codificados num único evento, resultando, assim, em um complemento não finito com infinitivo impessoal. Conforme Santana (2010, p. 203): “O comportamento desse tipo de predicado manifesta o princípio givoniano de que quanto mais integrados os eventos, tanto em relação à correferencialidade entre os participantes quanto em relação à TAM, mais nominal o complemento.”

Os exemplos apresentados por Santana (2010) para os tipos semânticos de predicados encaixadores evidenciam o princípio givoniano de que quanto maior o grau de integração semântica entre os eventos da oração matriz e da subordinada, maior é o grau de

integração sintática. A maior ou menor integração morfossintática é caracterizada pelo tipo do predicado encaixador, correferencialidade entre os participantes e referências ao tempo, aspecto e modo. Por meio dos exemplos da autora, é possível perceber que os predicados de enunciação, de atitude proposicional e de conhecimento que apresentam, em sua maioria, sujeitos diferentes na oração matriz e na encaixada geram orações completivas verbais, enquanto que predicados de experiência psicológica, factuais e de tentativa que dispõem de sujeitos correferenciais requerem orações completivas nominais. Percebe-se assim que “a semântica do predicado encaixador de completivas é altamente relevante para determinar a categoria morfossintática das predicacões dependentes.” (SANTANA, 2010, p. 231)

Apresentarei a seguir outros tipos de predicados apontados por Noonan (1985, 2007) que não são mencionados por Santana.

3.2.1.2 Tipos semânticos de predicado da oração matriz – Noonan (1985, 2007)

a) simulação

Segundo Noonan (1985), esses predicados se caracterizam por expressar um mundo que não é real na proposição da oração completiva, já que utiliza verbos como “fazer de conta” e “fingir”, de forma que a proposição restringe-se ao mundo da imaginação dos sujeitos envolvidos. O autor enfatiza que, já que os eventos desse tipo de predicado normalmente são interpretados como não eventos (irrealis), seria de se esperar que as línguas utilizassem o modo subjuntivo, no entanto, ele constatou o emprego do indicativo. Ele explica que o uso do indicativo deve-se ao fato de que esse tipo de predicado estabelece uma realidade alternativa e o seu complemento constitui uma asserção dentro dessa realidade alternativa; sendo uma asserção, justifica-se o uso do indicativo. O seguinte exemplo do espanhol é dado pelo autor:

Espanhol (NOONAN, 1985, p. 116)

5. Aparentaron que vino

Pretended(3PL) COMP came(3SG INDIC)

‘They pretended that he came.’

“*Eles fingiram que ele veio.*”

b) *commentative*

Conforme argumenta o autor, esses predicados são semelhantes aos de atitude proposicional no sentido de que o predicado fornece informações sobre atitudes mentais de um sujeito experimentador. No entanto, a diferença entre esses dois tipos de predicados está no fato de que o predicado *commentative* fornece um comentário de cunho emocional ou avaliativo sobre a proposição expressa no complemento. Nos exemplos do inglês dados pelo autor, o tipo de complemento resultante pode ser finito ou nominalizado:

Inglês (NOONAN, 1985, p. 117)

6. a. Nelson regrets that Perry got the nod.

“*Nelson lamenta que Perry recebeu a homenagem.*”

b. Nelson regrets Perry’s getting the nod.

“*Nelson lamenta que Perry esteja recebendo a homenagem.*”

c) Predicados de temor

“São caracterizados por ter semanticamente sujeitos experimentadores expressando uma atitude de medo ou preocupação de que a proposição complemento seja realizada.³⁰” (NOONAN, 1985, p. 119) (**tradução nossa**).

O autor destaca o uso do infinitivo nas sentenças completivas. Ex.: “I was afraid to fall a sleep.”³¹ (NOONAN, 1985, p. 121)

d) Predicados modais

Podem expressar modalidade epistêmica, ou seja, relacionada ao grau de certeza do conhecimento ou deôntica, relacionada à obrigação moral ou permissão. Em inglês, os predicados modais incluem formas como *can* (poder), *be able* (ser capaz), *ought* (dever), *should* (dever), *may* (poder) e *be obliged* (estar obrigado) cuja maioria tem interpretação epistêmica. Ex.: “Vladimir can eat a whole pizza.”³² (NOONAN, 1985, p. 127)

³⁰ No original: “They are characterized semantically by having experiencer subjects and expressing a attitude of fear or concern that the complement proposition will be or has been realized.”

³¹ “Eu estava com medo de cair no sono.” (**tradução nossa**)

³² “Vladimir pode comer uma pizza inteira.” (**tradução nossa**)

Noonan (1985) destaca o fato de ser comum a união lexical nesses predicados e usa exemplos do turco para ilustrar que o verbo *-meli* (referente a *ought* em inglês) pode ser sufixado a alguma raiz verbal:

Turco (NOONAN, 2007, p. 139)

7. a. Geldim

‘I came’

“*Eu vim*”

b. Geleceğim

‘I come’

“*Eu venho*”

c. Gelmeliyim

‘I ought to come’

“*Eu devia vir*”

e) *Achievement predicates* (realização/conquista)

Podem ser divididos em duas classes: (i) positivas – predicados como *manage* (administrar), *change* (mudar), *dare* (desafiar), *remember to* (lembrar-se de), *happen to* (acontecer) e *get to* (chegar) que dizem respeito ao modo ou à realização do predicado complemento; (ii) negativas – predicados como *try* (tentar), *forget to* (esquecer de), *fail* (falhar) e *avoid* (evitar) que se referem ao modo ou a razão para a não realização do predicado complemento. Exemplos:

Inglês (NOONAN, 1985, p. 129)

8. a. Zeke tried eating spinach.

“*Zeke tentou comer espinafre.*”

b. Nelson avoids taking baths.

“*Nelson evita tomar banhos.*”

f) Predicados negativos

Segundo Noonan (2007), a maioria das línguas utiliza uma partícula negativa para expressar a negação; no entanto, algumas línguas, ao invés disso, utilizam uma oração completiva. Para ilustrar, o autor apresenta exemplos da língua Fijian:

Fijian (NOONAN, 2007, p. 144)

9. a. Ena lako ko koya

FUT go ART he

‘He will go’

“*Ele irá*”

b. Ena sega ni lako ko koya

FUT NEG COMP go ART he

‘He won’t go’

“*Ele não irá*”

g) Predicados conjuntivos

Algumas línguas fazem uso de verbos para expressar as noções dadas por “e” e “e depois”. Noonan apresenta exemplos da língua Lango, na qual o predicado *té* significa “e depois”. O exemplo 10 é um dos utilizados pelo autor:

Lango (NOONAN, 2007, p. 145)

10. Àcámò rìjò àté màttò pì

ate(1SG) meat and then (1SG) drink(INF) water

‘I ate meat and then I drank water’

“*Eu comi carne e então eu bebi água.*”

Por meio dos exemplos apresentados nesta seção, é possível constatar que é variável o tipo morfossintático de encaixamento, sendo este um aspecto particular de cada língua, porém a relação semântica é universal. No capítulo 5 apresentarei como se manifestam os tipos de predicados encaixadores da língua kaingang.

3.2.2 Orações Adverbiais

O terceiro tipo de construção com mais de um verbo apresentado por Payne (1997) inserido na escala de integração gramatical são as orações adverbiais. Payne (1997) e os autores Thompson, Longacre e Hwang (2007) apresentam exatamente a mesma classificação para as orações adverbiais, porém optei por me embasar nesses últimos, devido ao fato de sua abordagem ser mais detalhada e completa.

Os autores citados definem uma oração adverbial como aquela que funciona como um advérbio, podendo modificar um sintagma verbal ou uma oração inteira. Da mesma forma que os advérbios, as orações adverbiais são classificadas conforme os papéis semânticos que desempenham. As orações adverbiais não são argumentos da oração, pois simplesmente adicionam uma informação a uma proposição completa. Os mesmos tipos de informações adicionadas pelas orações adverbiais são também expressos por advérbios, como os de tempo, lugar, modo, etc.

Antes de apresentar os tipos de orações adverbiais encontrados em diversas línguas, Thompson, Longacre e Hwang (2007) fazem algumas considerações quanto as suas características. Primeiramente, com base no princípio de que uma oração subordinada depende de outra oração ou de um elemento de uma oração, os autores distinguem três tipos de orações subordinadas: (i) as que funcionam como um sintagma nominal – orações completivas; (ii) as que funcionam como modificadoras de nomes – orações relativas e (iii) as que funcionam como modificadores de verbo ou um uma proposição inteira – orações adverbiais.

Enquanto as orações completivas dizem respeito a uma oração dentro de outra e as relativas a uma oração dentro de um sintagma nominal, as orações adverbiais não se encaixam nestes padrões, pois se relacionam com a oração principal como um todo. Isso faz, segundo os autores, com que sejam consideradas “menos” subordinadas se comparadas às completivas e relativas.

Thompson, Longacre e Hwang (2007) ao pesquisarem como se manifestam as orações adverbiais nas diferentes línguas, encontraram três formas distintas:

a) Uso de morfemas subordinadores

Os autores distinguem dois tipos de morfemas: (i) gramaticais sem significado lexical, como, por exemplo, “to” do inglês, e (ii) gramaticais com significado lexical, como “before” e “when”. Os morfemas subordinadores usados nas orações adverbiais

tendem a ocorrer antes da oração subordinada nas línguas de ordem SVO e depois nas línguas SOV.

b) Uso de formas verbais especiais

São formas verbais que não são usadas em orações independentes. Esses verbos, geralmente, têm forma não finita e podem carecer de categorias de concordância. Em línguas com concordância sujeito-verbo, a forma verbal usada na oração subordinada adverbial pode não manifestar sinais de concordância com o sujeito. O exemplo 11 dado pelos autores é da língua latina:

Latim (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 239)

11. Ter-it temp-us scrib-endo epistol-as
 spend-PRES. 3SG time-ACC. SG write-gerund letter-ACC. PL
 ‘He spends time writing letters’
 “*Ele gasta tempo escrevendo cartas.*”

c) Ordem de palavras

Algumas línguas apresentam uma ordem de palavras na oração subordinada adverbial que difere da ordem na oração principal. No alemão, por exemplo, o verbo finito *habe* (ter) ocorre no fim da oração subordinada, enquanto que, na oração simples, ocupa a segunda posição:

Alemão (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 239)

12. a. Wir wohn-ten auf dem lande, wie ich dir schon gesagt habe
 we live-PAST on ART(DAT) land as I you(DAT) already told have (SG)
 ‘We lived in the country, as I have already told you.’
 “*Nós vivemos no país, como já lhe dissemos.*”

b. Ich habe dir schon gesagt
 I have(SG) you(DAT) already told
 ‘I have already told you.’
 “*Eu já disse a você.*”

Um fator importante destacado por Thompson, Longacre e Hwang (2007) é o fato de que nem todas as línguas expressam algumas noções dadas por advérbios por meio de orações subordinadas, sendo, às vezes, usada a justaposição ou a coordenação. Os autores também mencionam que, em algumas línguas, um mesmo morfema pode ser usado tanto para a coordenação quanto para a subordinação.

3.2.2.1 Tipos de orações subordinadas adverbiais

Thompson, Longacre e Hwang (2007) dividem as orações adverbiais em dois tipos: (i) orações que podem ser substituídas por uma única palavra – tempo, lugar e modo; (ii) orações que não podem ser substituídas por uma única palavra – finalidade (*purpose*), causa (*reason*), circunstância, simultaneidade, condição, concessão, substitutiva, aditiva, absoluta.

3.2.2.1.1 *Orações que podem ser substituídas por uma única palavra*

Como visto acima, são as orações que indicam tempo, lugar e modo. Thompson, Longacre e Hwang (2007, p. 244) esclarecem que “a relação semântica entre a oração adverbial e a oração principal é exatamente a mesma que entre o advérbio e a oração principal.”³³ (**tradução nossa**). Assim, para as relações semânticas de tempo, lugar ou modo uma palavra ou uma oração inteira pode ser usada.

As orações que expressam tempo, lugar e modo são, normalmente, introduzidas por morfemas subordinadores ou podem aparecer na forma de oração relativa.

a) Orações de sequência temporal

Thompson, Longacre e Hwang (2007) esclarecem que os morfemas que indicam sequência temporal podem ser independentes, como os exemplos *when* (quando) e *before* (antes) do inglês, ou afixos verbais como ocorre na língua Barai com o uso de *-mo*, um dos afixos usados para sequência temporal:

Barai (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 246)

³³ No original: “the *semantic relationship* between the adverbial clause and the main clause is the same as that between the adverbial word and the main clause.” (**grifos dos autores**)

13. Bae-*mo*-gana e ije bu-ne ke
 Ripe-PAST SEQ-DS people these 3PL-FOCUS take
 ‘When it was ripe, these people took it’
 “*Quando ele estava maduro, essas pessoas o pegaram.*”

Os autores ressaltam que, embora o inglês seja uma língua que contém diversos morfemas que indicam sequência temporal, também permite que a relação de tempo seja dada por meio de uma oração relativa cujo núcleo seja um substantivo como *time* (tempo), *day* (dia), *week* (semana), etc.:

Inglês (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 246)

14. By *the time we got back*, the steaks were all gone.
 “*No momento em que voltamos, os bifes tinham acabado.*”

Outras línguas, segundo os autores, que expressam a relação de tempo por meio de orações relativas são o húngaro, turco e o coreano.

b) Tempo/causa

Segundo Thompson, Longacre e Hwang (2007), há línguas cujo determinado morfema usado em oração de tempo também pode expressar causa. Isto acontece nos casos em que dois eventos são simultâneos no tempo e estão causalmente relacionados, como por exemplo:

Inglês (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 247)

15. When he told me how much Money he lost, I had a fit”
 “*Quando ele me disse quanto dinheiro ele perdeu, eu tive um ataque.*”

c) ‘Before’ clauses

Diferem-se de orações que expressam noções de “quando” e “depois” por apresentarem um evento que ainda não ocorreu em relação ao evento da oração principal. Thompson, Longacre e Hwang (2007) consideram essas orações como “negativas” do ponto de vista do evento da oração principal. As línguas lidam com esse fato semântico de diversas

formas: algumas não têm uma oração equivalente à anterioridade; em outras, a oração apresenta uma marca negativa. O mandarim, por exemplo, utiliza um marcador negativo opcional para indicar a anterioridade:

Mandarim (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 248)

16. Ta (*mei*) lai *yiqian*, women yijing hui jia le
 be NEG come before we already return home ASP
 ‘Before he arrived we had already gone home’
 “*Antes de ele chegar, já tínhamos ido para casa.*”

Os autores explicam o uso da negação, em muitas línguas, devido ao fato semântico de que o evento expresso na oração que indica anterioridade é sempre incompleto em relação ao evento da oração principal.

d) Orações locativas

São introduzidas pelo subordinador “onde”. O exemplo 17, do inglês, é dado pelos autores:

Inglês (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 249)

17. I’ll meet you *where the statue used to be*
 “*Eu encontrarei você onde a estátua costumava estar.*”

Assim como nas orações que indicam tempo, em algumas línguas, as orações que indicam lugar têm a forma de orações relativas, como, por exemplo, no turco no qual as orações indicando lugar têm que apresentar o núcleo nominal “lugar” e uma oração relativa:

Turco (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 249)

18. Sen Erol-un otur-duğ-u yer-e otur
 you Erol-GEN sit-ONJ-POSS place-DAT sit
 ‘You sit where Erol was sitting’
 “*Você senta-se onde estava sentado Erol.*”

e) Orações de modo

Conforme Thompson, Longacre e Hwang (2007) as orações que indicam modo podem ser sinalizadas por um marcador de oração subordinada (19a) e também podem ser expressas por uma oração relativa (19b).

Inglês (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 249)

19. a. Carry this *as* I told you to

“Leve isso como eu disse para você.”

b. Carry this *the way (that)* I told you to

“Leve isso da maneira (que) eu disse para você.”

3.2.2.1.2 Oorações que não podem ser substituídas por uma única palavra

a) Orações de finalidade e razão

Há línguas que usam o mesmo morfema tanto para as orações que indicam finalidade quanto para as que indicam razão, pois ambas têm em comum o fato de apresentarem um motivo para a realização de um determinado estado ou razão. A diferença entre finalidade e razão, segundo Thompson, Longacre e Hwang (2007), é que as orações que indicam finalidade expressam um evento que não deve ser realizado no momento do evento principal, já nas orações que indicam razão o evento motivador pode ser realizado no momento do evento expresso na oração principal. Algumas línguas como, por exemplo, o kanuri, marcam essa diferença:

Kanuri (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 251)

20. a. finalidade:

Biska Mongano-ro lete-ro tawange ciwoko
 yesterday Monguno-to go(VN)-ro early(1SG) get up(1 SG PAST)
 ‘Yesterday I got up early to go to Monguno’
 “Ontem eu acordei cedo para ir para Monguno.”

b. razão:

Biska Monguno-ro lengin-də-ro tawange
 yesterday Monguno-to go(1 SG IMPERF) – DEF- ro early(1 SG)

‘Yesterday I got up early because I was going to Monguno’

“*Ontem eu acordei cedo, porque eu estava indo para Monguno.*”

O kanuri tem duas distinções morfológicas para realizado/não realizado: 1ª - na oração que indica finalidade, o verbo é não-finito e não há qualquer marcação de pessoa e de tempo, enquanto na oração principal o verbo é totalmente flexionado; 2ª - a presença do marcador definido *-de-* precedendo *-ro* na oração que expressa razão indica que o motivo para que aconteça o evento na oração principal é afirmado como um fato. A oração de finalidade, que representa uma proposição a se realizar, não tem marcador definido.

Existem línguas nas quais o marcador de caso usado para dativo, benefactivo e alativo é também usado para orações com sentido de finalidade. A língua tamil, por exemplo, utiliza o mesmo marcador de objeto indireto e alativo como sufixo na oração de finalidade:

Tamil (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 251)

21. Avan poo-R-atu-*kku* kutu-tt-en
 he go-NONPAST-NOM-‘to’ give-PAST-1SG
 ‘I gave (something) in order that he can go’
 “*Eu dei (algo) a fim de que ele possa ir.*”

Thompson, Longacre e Hwang (2007) abordam o fato de que muitas línguas exibem diferenças na sintaxe das orações de finalidade motivadas pelo fato de o sujeito ser ou não o mesmo da oração principal. Quando o sujeito é o mesmo para as duas orações é comum o uso do infinitivo como, por exemplo, em kinyarwanda:

Kinyarwanda (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 252)

22. Tuagiiya muli parika *ku-reeba* uiyamasure
 we went in zoo INF-see animals
 ‘We went to the zoo to see the animals’
 “*Nós fomos ao zoológico para ver os animais.*”

Nas línguas sem infinitivo, marcadores de modo ou aspecto são usados, como na língua godié:

Godié (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 252)

23. -A yel o 'kA Godié wali ki
 we want he VOLITIVE Godié word talk
 'We want him to speak Godié'
 "Nós queremos que ele fale Godié."

Certas línguas apresentam um subordinador negativo especial para as orações de finalidade. A língua daga, por exemplo, faz uso do morfema *tawa*:

Daga (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 253)

24. Enu-nege-pi tawa tarep war-an
 spear-me-3SG MEDIAL lest dance get-1SG PAST
 'Lest he spear me, I danced about'
 "Para que ele me lança, eu dançava sobre"

b) Orações circunstanciais

Segundo Thompson, Longacre e Hwang (2007), as orações que expressam circunstâncias podem ser introduzidas por morfemas positivos ou negativos. O inglês, por exemplo, emprega *by* ("por") ou *without* ("sem"):

Inglês (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 253)

25. a He got into the army *by* lying about his age
 "Ele entrou no exército por mentir sobre sua idade."
 b. She carried the punch into the living room *without* spilling a drop
 "Ela levou o soco na sala de estar sem derramar uma gota."

c) Orações simultâneas

Quando dois eventos ocorrem simultaneamente, as línguas costumam escolher um deles para fornecer o contexto para o outro, ou seja, uma oração funciona como pano de fundo para outra. Conforme Thompson, Longacre e Hwang (2007), a oração pode vir marcada por um marcador explícito que indica simultaneidade ou por um marcador de aspecto

continuativo, durativo ou perfectivo. O inglês, por exemplo, utiliza as duas estratégias ao empregar *while* e *-ing*:

Inglês (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 254)

26. *While (we were) eating, we heard a noise outside the window*

“Enquanto nós estávamos comendo, ouvimos um barulho do lado de fora da janela.”

d) Orações condicionais

Thompson, Longacre e Hwang (2007) apontam uma distinção básica existente na semântica das orações condicionais: realidade e irrealidade. Condicionais reais referem-se ao presente real, a situações habituais (ou genéricas) ou ao passado. Exemplo:

Inglês (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 255)

27. a. presente:

If it's raining out there, my car is getting wet

“Se está chovendo lá fora, o meu carro está ficando molhado.”

b. situações habituais/genéricas

If you step on the brake, the car slows down

“Se você pisar no freio, o carro fica mais lento.”

c. passado

If you were at the party, then you know about Sue and Fred

“Se você estivesse na festa, então você saberia sobre Sue e Fred.”

Já as condicionais irrealis referem-se à situação em que se imagina que algo pode ser ou poderia ter acontecido (irrealidade imaginativa) ou à situação em que se pode prever o acontecerá (irrealidade preditiva). Os exemplos 28a e 28b, do inglês, são dados pelos autores:

Inglês (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 256)

28. a. imaginativa

If I saw David, I'd speak Barai with him

“Se eu visse David, eu falaria barai com ele.”

b. preditiva

If he gets the job, we'll all celebrate

“*Se ele conseguir o trabalho, vamos todos comemorar.*”

Os autores distinguem dois tipos de condicionais imaginativas: (i) hipotéticas - aquelas que podem acontecer, e (ii) contrafactuais – aquelas que não podem acontecer.

Com relação à sintaxe das orações condicionais, Thompson, Longacre e Hwang (2007) afirmam que a maioria das línguas emprega um morfema subordinador com sentido de “se”. Nas condicionais imaginativas é comum o uso de um marcador especial como, por exemplo, o *would* do inglês. Há línguas que marcam as orações condicionais com o uso de nominalizações ou orações relativas.

Algumas línguas não fazem distinção entre orações com “se” e com “quando”, ou seja, entre condicionais e temporais. A língua Vai é um exemplo:

Vai (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 258)

29. Á à ná 'éè é-i à fé' é' - 'a
he come you-FUT him see-FUT

‘If he comes, you will see him’ or

‘When he comes, you will see him’

“*Se ele vier, você vai vê-lo.*” ou

“*Quando ele vier, você vai vê-lo.*”

Há línguas que empregam um morfema para indicar uma oração condicional negativa. O inglês, por exemplo, faz uso de *unless*:

Inglês (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 260)

30. *Unless* you get there by 6.00, we're leaving without you

“*A menos que você chegue em torno das 6:00, vamos embora sem você.*”

e) Orações concessivas

As orações concessivas exprimem uma concessão com relação à proposição da oração principal. Thompson, Longacre e Hwang (2007) classificam as orações concessivas

em dois tipos: indefinidas e definidas. As orações definidas, segundo os autores, são marcadas por um subordinador concessivo como, por exemplo, *although* (embora) do inglês:

Inglês (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 262)

31. *Although she hates Bart'ok, she agreed to go to the concert*

“Embora ela odeie Bart'ok, ela concordou em ir ao concerto.”

As orações indefinidas têm sentido de “não importa o que” e apresentam algum elemento indeterminado como um pronome indefinido ou uma palavra usada em perguntas. Exemplo:

Inglês (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 263)

32. *No matter what he said, she still refused to go out with him*

“Não importa o que ele disse, ela ainda se recusou a sair com ele.”

f) Orações substitutivas

Segundo Thompson, Longacre e Hwang (2007), algumas línguas apresentam morfemas subordinadores para marcar a substituição de um evento esperado por um inesperado. O inglês usa formas como *instead of* (“em vez de”) e *rather than* (“em vez de”):

Inglês (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 263)

33. *We barbecued chicken instead of going out to eat*

“Nós assamos um frango em vez de sair para comer.”

g) Orações aditivas

Há línguas que empregam morfemas que servem para adicionar um assunto a outro. O inglês usa *beside* (“ao lado de”) e *in addition* (“além”) com verbos no particípio para essa função.

Inglês (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 264)

34. a. *In addition to having your hand stamped, you must show your ticket stub*

“*Além de ter sua mão carimbada, você deve mostrar o seu ticket.*”

b. *Besides* missing my bus, I got my feet all wet

“*Além de perder meu ônibus, eu tenho os meus pés todos molhados.*”

h) Orações absolutivas

Thompson, Longacre e Hwang (2007) usam o termo absoluto para o tipo de oração subordinada na qual não há um marcador explícito que indique a relação entre a oração principal e a subordinada, de forma que a interpretação dessa relação é inferida pela pragmática e pelo contexto linguístico.

As línguas têm, basicamente, duas maneiras de sinalizar essas orações: (i) o verbo assume uma forma específica, geralmente nominalizada, ou (ii) há o uso de um morfema subordinador geral. O inglês utiliza a primeira estratégia, empregando o verbo na forma não finita:

Inglês (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 265)

35. *Having* told a few bad jokes, Harvey proceeded to introduce the speaker

“*Tendo dito algumas piadas ruins, Harvey começou a apresentar o falante.*”

A língua Luiseño utiliza a segunda estratégia, empregando o subordinador *qala* que é usado quando o sujeito da oração principal e da subordinada são diferentes:

Luiseño (THOMPSON; LONGACRE; HWANG, 2007, p. 266)

36. ʔó:nu-pil ney wultúʔ-ya ʔi:k nu-ht'íʔa-*qala*
he-REMOTE me(ACC) angry-REMOTE there(DAT) my-go-SUBORD

‘He got angry at me when/because I went there’

(literally ‘He got angry at me, my having gone there’)

“*Ele ficou com raiva de mim por eu ter ido lá.*”

3.2.3 Orações Relativas

As orações relativas ocupam a quinta posição na escala de integração gramatical proposta por Payne (1997). Para tratar dessas orações, adotarei a orientação teórica

de Andrews (2007), Keenan (1985), Keenan e Comrie (1997), Givón (1979, 2001) e Payne (1997).

As orações relativas têm a função de modificar o núcleo de um sintagma nominal presente na oração principal. Dessa forma, conforme aponta Payne (1997), um período composto que apresenta uma oração relativa constitui-se por: (i) o núcleo do SN que é modificado pela oração relativa; (ii) a oração relativa (doravante OR) que restringe esse núcleo e; (iii) um SN relativo que é correferente com o núcleo do SN da oração principal.

3.2.3.1 Parâmetros de distinção das orações relativas

Os autores citados no início desta seção postulam que as línguas podem empregar estratégias diferentes na formação de orações relativas. Assim, há quatro características que permitem distinguir as orações relativas nas línguas: (i) a posição da oração relativa em relação ao núcleo nominal a ser relativizado; (ii) quais posições sintáticas podem ser relativizadas; (iii) o tipo de marcador relativo; (iv) o modo de expressão do SN relativizado – estratégias de recuperação de caso.

3.2.3.1.1 *Posição da oração relativa em relação ao núcleo nominal a ser relativizado*

Com relação à primeira característica, Keenan (1985) distingue dois tipos de orações relativas: (i) externas - cujo núcleo nominal ocorre fora da oração relativa e; (ii) internas - nas quais o núcleo nominal ocorre dentro da oração relativa. Além dessas, Payne (1997) e Andrews (2007) também tratam das orações relativas sem núcleo. As orações relativas externas são divididas em dois tipos: (i) pré-nominais – ocorrem antes do núcleo nominal e; (ii) pós-nominais – ocorrem após o núcleo nominal.

Tanto Payne (1997) quanto Keenan (1985) apontam uma tendência geral das línguas a utilizar orações relativas pós-nominais. Partindo do princípio de que as orações relativas são modificadoras de nome, Payne (1997) discorre que se poderia esperar que elas ocupassem a mesma posição que os modificadores de nome como adjetivos, numerais, etc ocupam; no entanto, há uma tendência de que as orações relativas ocupem a posição pós-nominal mesmo nas línguas em que os modificadores de nome ocupam a posição pré-nominal. Assim, segundo o autor, essa tendência, provavelmente, ocorre devido ao princípio pragmático universal que desloca informações fonologicamente muito complexas para o final da oração.

Antes de tratar mais especificamente dos tipos de orações relativas conforme sua posição, considero conveniente apresentar algumas considerações de Andrews (2007) a respeito da posição ocupada pela oração relativa comparando-a à posição que o adjetivo ocupa no período simples. Há línguas nas quais os adjetivos e as orações relativas ocupam a mesma posição: no tagalog, por exemplo, os adjetivos podem preceder ou seguir os núcleos nominais, assim como as orações relativas e ambos apresentam o mesmo marcador, como mostra o exemplo 37:

Tagalog (ANDREWS, 2007, p. 209)

37. a. mayama-ng tao

rich-LINK man

b. tao-ng mayaman

man-LINK rich

Com relação ao tagalog, o autor diz que as orações relativas funcionam como os adjetivos tanto em relação à posição quanto ao significado. Outras línguas demonstram diferenças significativas entre orações adjetivas e adjetivos comuns. O autor menciona como exemplos o inglês cujo adjetivo vem antes do núcleo nominal e a OR depois e o japonês no qual tanto o adjetivo quanto a oração relativa precedem o núcleo nominal. No entanto, adjetivos e orações relativas apresentam uma diferença no japonês: os adjetivos são seguidos por um pronome demonstrativo, enquanto as orações relativas o precedem.

Japonês (ANDREWS, 2007, p. 210)

38. a. ano yasui konpyuutaa

that cheap computer

b. *yasui ano konpyuutaa

cheap that computer

‘that cheap computer’

“*que computador barato*”

39. a. [boku ga sonkeisite iru] kono hito

I NOM respecting be this person

- b. kono [boku ga sonkeisite iru] hito
 this I NOM respecting be person
 ‘this person who I respect’
 “*Esta é a pessoa que respeito*”

O autor observou uma tendência geral nas línguas de as orações relativas ocorrerem mais distante dos núcleos nominais do que os adjetivos como, por exemplo, na língua lango na qual tanto os adjetivos como as orações relativas ocorrem depois do núcleo nominal; no entanto, as orações relativas aparecem mais no final.

Lango (ANDREWS, 2007, p. 211)

40. a. gwók-kì

dog-this

‘this dog’

“*este cachorro*”

b. gwôkk à dwón-ŋì

dog ATT big.SG-this

‘this big dog’

“*este cachorro grande*”

c. gwóggî à dɔ`ŋò àyɔ'-nì [ámê lócə ònèkò]-nì

dogs ATT big two-this REL man 3s.kill.PERF-this

‘these two big dogs that the man killed’

“*esses dois cães enormes que o homem matou*”

3.2.3.1.1.1 Orações relativas externas

a) Orações relativas pré-nominais

Como já mencionado, ocorrem antes do núcleo nominal. Payne (1997), Andrews (2007) e Keenan (1985) constataram que as orações relativas pré-nominais ocorrem, preferencialmente, em línguas de verbo final como, por exemplo, no japonês.

Japonês (ANDREWS, 2007, p. 208)

41. a. Yamada-san ga saru o kat-te i-ru
 Yamada-Mr SUBJ monkey DO keep-PTCPL be-PRES
 ‘Mr Yamada keeps a monkey’
 “*Sr. Yamada mantém um mcaco*”

b. [Yamada-san ga kat-te i-ru] saru
 Yamada-Mr SUBJ keep-PTCPL be- PRES monkey
 ‘The monkey which Mr Yamada keeps’
 “*O macaco que o Sr. Yamada mantém*”

Andrews (2007) ressalta que as orações relativas que precedem o núcleo nominal são mais propensas a serem nominalizadas e não apresentam um pronome relativo para expressar a função do SN da relativa.

a) Orações relativas pós-nominais

Ocorrem depois do núcleo nominal e ocorrem com maior frequência nas línguas de ordem VO.

Luganda (PAYNE, 1997, p. 326)

42. a. omukazi ya-kuba omusajja
 woman she-hit man
 “The woman hit the man.”
 “*A mulher bateu no homem.*”

b. omusajja [omukazi gwe-ya-kuba]
 man woman REL-she-hit
 “the man that the woman hit”
 “*o homem que a mulher bateu*”

3.2.3.1.1.2 Orações relativas internas

O núcleo nominal ocorre dentro da oração relativa.

Navajo (Andrews, 2007, p. 212)

43. [(Tl'éeđaa) ashkii alha'- aa]

yádoołtih

last. night boy 3SG.IMPERF.snore-REL.PAST FUT.3SG.speak

'The boy who was snoring last night will speak'

"O rapaz que estava roncando na noite passada falará."

3.2.3.1.1.3 Orações relativas livres

Existem orações relativas que não apresentam núcleo. Essas orações são chamadas por Andrews (2007) de orações relativas livres e por Payne (1997) de *headless*. Payne (1997) ressalta que o inglês e outras línguas usam esse tipo de oração quando o núcleo nominal não é especificado.

Inglês (PAYNE, 1997, p. 328)

44. [Whoever goes to the store] should get some water ballons.

"Quem quer que vá à loja deve ter alguns balões de água."

(cf. "Any person who goes to the store...")

"Qualquer pessoa que vá à loja..."

Inglês (ANDREWS, 2007, p. 213)

45. The dog ate [what the cat left in its bowl]

"O cachorro comeu o que o gato deixou em sua tigela."

3.2.3.1.2 Posições sintáticas que podem ser relativizadas

A segunda característica que diferencia as orações relativas diz respeito a quais posições sintáticas podem ser relativizadas. Esse parâmetro remete à Hierarquia de Acessibilidade de Keenan & Comrie (1977) com a qual é possível prever as possibilidades de funções gramaticais que podem ser relativizadas. A hierarquia segue a seguinte ordem:

sujeito > objeto direto > objeto indireto > oblíquo > genitivo > comparativo
--

Segundo Keenan e Comrie (1977), se em uma língua uma posição sobre esta hierarquia é relativizável, todas as posições à esquerda também serão, embora não necessariamente com a mesma estratégia de relativização. Algumas línguas permitem a

PAST-ESG ABS-3SG ERG-hit the woman the man

‘The man hit the woman’

“*O homem bateu na mulher.*”

- b. *li kwi:nq li s-∅-s-sak’ li isq
 the man that PAST-ESG ABS-3SG ERG-hit the woman
 ‘the man who hit the woman’
 “*o homem que bateu na mulher*”

- c. Li kwi:nq s-∅-s-sak’ –ok re li isq
 the man PAST-3SG ABS-hit-ANTIPASS PREP the woman
 ‘The man hit to the woman’
 “*O homem bateu na mulher*”

- d. li kwi:nq li s-∅-s-sak’ –ok re li isq
 the man that PAST-3SG ABS-hit-ANTIPASS PREP the woman
 ‘the man who hit the woman’
 “*o homem que bateu na mulher*”

Em (a) há uma oração transitiva ativa na ordem mais comum da língua – VOS -; (b) apresenta uma oração agramatical na tentativa de relativizar o sujeito da transitiva em (a); (c) apresenta (a) na forma antipassiva na qual o verbo principal tornou-se intransitivo, concordando apenas com o sujeito, mas não com o objeto como na forma ativa transitiva; (d) apresenta a OR gramatical formada pela relativização do sujeito *li kwi:nq* de (c).

3.2.3.1.3 Tipos de marcador relativo

A terceira característica que distingue as orações relativas nas línguas diz respeito à natureza do marcador de relativas. Segundo Andrews (2007), é comum que as orações relativas comecem com algum tipo de marcador de uso exclusivo de orações relativas ou que pode ocorrer também em outros tipos de orações subordinadas. O marcador de oração relativa é chamado por Payne (1997) de relativizador o qual pode ter a mesma forma de um complementizador como, por exemplo, *that* do inglês.

Inglês (PAYNE, 1997, p. 332)

48. The man *that* I saw.

“*O homem que eu vi.*”

Andrews (2007) destaca que o marcador de oração relativa pode aparecer como parte da morfologia verbal.

Basco (ANDREWS, 2007, p. 230)

49. emakume-a-ri liburu-a eman dio-n gizon-a
 woman-DEF-DAT book-DEF give has-REL man-DEF
 ‘the man who gave the book to the woman’

“*o homem que deu o livro para a mulher*”

3.2.3.1.4 *Modo de expressão do SN relativizado*

A quarta característica que diferencia os tipos de orações relativas diz respeito ao modo de expressão do SN relativizado, ou seja, qual é a maneira empregada por determinada língua para lexicalizar a função do núcleo nominal relativizado na OR. As diferentes maneiras de expressar o núcleo na OR são referidas como estratégias de relativização. Keenan (1985) aponta 4 estratégias distintas: (i) retenção pronominal, (ii) lacuna, (iii) pronome relativo e (iv) não-redução, e Andrews (2007), além destas, apresenta mais duas estratégias: nominalização e redução. Givón (2001), assim como Andrews (2007), também considera a nominalização como uma estratégia.

Payne (1997) salienta que o SN relativizado tem uma função na oração principal e na relativa pode ter uma função diferente. O autor ilustra isso com os seguintes exemplos do inglês:

Inglês (PAYNE, 1997, p. 330)

50. a. The alligator [that saw me] ate Alice.

“*O jacaré que me viu comeu Alice.*”

b. The alligator [that I saw] ate Alice.

“*O jacaré que eu vi comeu Alice.*”

De acordo com o autor, por meio destes dois exemplos, é possível chegar a duas estruturas abstratas:

51. a. The alligator that [the alligator saw me] ate Alice.

núcleo nominal(suj.) SN relativo (suj.)

b. The alligator that [I saw the alligator] ate Alice.

núcleo nominal (suj.) SN relativo (obj.) (PAYNE, 1997, p. 330) (**grifos do autor**)

A seção 3.2.3.1.4.1, a seguir, apresenta as estratégias de relativização, ou seja, quais são as maneiras possíveis de expressar o núcleo nominal relativizado dentro da oração relativa.

3.2.3.1.4.1 Retenção pronominal

A primeira estratégia – retenção pronominal -, segundo Keenan (1985), envolve o emprego de um pronome pessoal na OR que é correferente com o núcleo nominal da oração principal.

Hebraico Moderno (Keenan – 1985, p. 146)

52. ha-sarim she-ha-nasi shalax otam la-mitsraim

the-ministers that-the-President sent them to-Egypt

‘the ministers that the President sent to Egypt’

“os ministros que o Presidente enviou ao Egito”

Inglês (Payne, 1997, p. 331)

53. That’s the guy who [I can never remember *his* name]

“Esse é o cara que eu nunca lembro o nome dele.”

3.2.3.1.4.2 *Lacuna*

Na segunda estratégia de relativização – lacuna -, o núcleo nominal não é expresso na OR. Keenan (1985) e Payne (1997) utilizam os termos *gap* e *gapping* para essa estratégia. De acordo com Payne (1997), a estratégia *gap* funciona bem em línguas com ordem fixa de constituintes, em especial nas línguas com verbo medial. Keenan (1985) ressalta que, nessa estratégia, a OR pode ser introduzida por um complementizador que não é nem um elemento nominal, nem pronominal.

Inglês (KEENAN, 1985, p. 153)

54. The man I gave the Money.

“O homem a quem eu dei o dinheiro.”

Hebraico (KEENAN, 1985, p. 153)

55. ha-nashim she-ani maker

the-woman that-I know

‘the woman that I know’

“a mulher que eu conheço”

No exemplo 55, *she-* é, conforme aponta Keenan (1985), um complementizador geral que serve para introduzir vários tipos de orações subordinadas, de forma que nunca funciona sozinho, como um nome ou pronome, pois não marca gênero e número e não codifica o caso do SN.

3.2.3.1.4.3 *Pronome relativo*

A estratégia de pronome relativo diz respeito ao emprego de elementos pronominais que ocorrem nas orações relativas e que se diferem dos pronomes pessoais usados em orações simples. Keenan (1985) ressalta que são nominais por marcarem propriedades como gênero, número e caso e são pronominais na medida em que são extraídos de uma pequena classe. São, geralmente, os pronomes demonstrativos ou interrogativos ou são relacionados morfologicamente a esses tipos de pronomes. O autor elenca as propriedades dos pronomes relativos: (i) marcam o caso do SN relativo e concordam em gênero, número e caso com o núcleo nominal da oração principal; (ii) podem vir acompanhados de preposições

ou posposições; (iii) são, geralmente, relacionados a demonstrativos, interrogativos ou ambos; (iv) quase sempre ocorrem mais à esquerda na OR.

A primeira propriedade é exemplificada pelo alemão que apresenta três pronomes relativos – *den*, *die* e *das*: o primeiro é usado para o gênero masculino, o segundo para o feminino e o terceiro para o neutro. No exemplo 56 ocorre o pronome *den*:

Alemão (KEENAN, 1985, p. 149)

56. der Mann, den Marie liebt
 the man who(MASC SG ACC) Mary loves
 ‘the man who Mary loves’
 “o homem que Maria ama”

O francês ilustra a segunda propriedade:

Francês (KEENAN, 1985, p. 150)

57. la femme avec qui j’ai parlé
 the woman with whom I have spoken
 ‘the woman with whom I spoke’
 “a mulher com quem eu falei”

Quanto à terceira característica dos pronomes relativos, Kennan (1985) destaca o emprego de pronomes interrogativos:

Indonésia (KEENAN, 1985, p. 150)

58. a. Kapada siapa yang Ali memberi ubi kentang itu?
 to who that Ali give potato this
 ‘To whom did Ali give the potato?’
 “Para quem Ali dá batata?”

b. perempuan kapada siapa Ali beri ubi kentang itu
 woman to who Ali gave potato this
 ‘the woman to whom Ali gave potato’
 “A mulher a quem Ali deu batata.”

Também é possível a combinação de um pronome demonstrativo com um interrogativo:

Tzeltal (KEENAN, 1985, p. 150)

59. a. Mač'a la smah te anze?
 Who PAST hit DEM woman
 'Who hit the woman?' (Or, 'Who did the woman hit?')
 "Quem bateu na mulher?"

b. te winike te mač'a la smah te Ziake
 DEM man DEM who PAST hit DEM Ziak
 'The man who Ziak hit' (Or, 'the man who hit Ziak')
 "O homem que bateu em Ziak"

Com relação à última propriedade dos pronomes relativos, Keenan (1985) enfatiza que tanto o emprego de pronomes relativos quanto o uso de pronomes pessoais (estratégia de retenção pronominal) ocorre somente nas orações relativas pós-nominais. Há línguas que empregam os dois pronomes:

Czech (KEENAN, 1985, p. 151)

60. a. Jan viděl toho muže, co ho to děvče uhodilo
 John saw that man REL him that girl hit
 'John saw the man that the girl hit (him)'
 "João viu o homem que a menina bateu."

b. Ja viděl toho muže, ktereho to děvče uhodilo
 John saw that man, whom that girl hit
 'John saw the man whom the girl hit'
 "João viu o homem que a menina bateu."

3.2.3.1.4.4 Não-redução

A estratégia de não-redução diz respeito à expressão completa do núcleo nominal dentro da OR, sendo restrita às orações de núcleo interno.

Tibetano (KEENAN, 1985, p. 152)

61. Peeme khii-pa thep the nee yin
 Peem(ERG) carry-PSRT GEN book the(ABS) I(GEN) be
 ‘The book Peem carried is mine’
 “O livro que Peem carrega é meu.”

Segundo Givón (1979), quando o núcleo nominal ocorre na oração relativa, esta aparece como tópico ou preposta à oração principal. Dentro da oração principal, o nome correferente ao núcleo nominal expresso na oração relativa é pronominalizado ou eliminado.

Quando o núcleo nominal é eliminado da oração principal, a lacuna que ocorre nessa oração é preenchida pela construção relativa.

3.2.3.1.4.5 Nominalização e redução

Além das estratégias elencadas por Keenan (1985), Andrews (2007) trata a nominalização e a redução como estratégias de relativização.

Na nominalização, segundo o autor, a estrutura da oração passa por uma conversão do tipo nominal. Uma das maneiras de nominalizar uma oração é marcar o sujeito com um marcador de genitivo, como ocorre no japonês.

Japonês (ANDREWS, 2007, p. 232)

62. kore wa [ano hito ga/no kai-ta] hon desu
 this THEME that person NOM/GEN write-PAST book is
 ‘This the book which that person wrote’
 “Este livro que a pessoa escreveu.”

O autor ressalta que a nominalização é comum nas orações relativas internas. A presença de determinantes seguindo a oração relativa é uma indicação de *status* nominal.

Lakhota (ANDREWS, 2007, p. 219)

63. a. [Mary owįža wą kađe] ki/cha he opehewathų

Mary quilt a make the/a DEM I.buy

‘I bought the/a quilt that Mary made’.

“*Eu comprei o/um quilt que Mary fez.*”

b. *Mary owįža ki kađe ki he opehewathų

‘Mary quilt the make the DEM I.buy’

Segundo Andrews (2007), a redução é outra característica frequente na oração relativa. As orações reduzidas: (i) apresentam restrição na marcação de tempo, modo e aspecto; (ii) têm formas verbais com características de adjetivos ou morfologia nominal; (iii) carecem de certos componentes sintáticos como marcadores de tempo e constituintes auxiliares encontrados em orações não reduzidas; (iv) ocorrem na posição de adjetivos; (v) apresentam restrições quanto à posição que pode ser relativizada (geralmente permitem apenas as funções de sujeito e de objeto); (vi) são comuns na posição pré-nominal. As orações não reduzidas, por outro lado, ocorrem em posições mais externas. O finlandês, que pode apresentar tanto oração relativa pré-nominal como pós-nominal, serve como exemplo para ilustrar a oração reduzida e não reduzida:

Finlandês (ANDREWS, 2007, p. 211)

64. a. [Pöydällä tanssinut] poika oli sairas

on.table having.danced boy was sick

‘The boy who danced on the table was sick’

“*O menino que dançou em cima da mesa estava doente.*”

b. John näki veitsen [jolla mies tappoi kanan]

John saw knife with.which man killed chicken

‘John saw the knife with which the man killed the chicken’

“*João viu a faca com a qual o homem matou a galinha.*”

O inglês, por exemplo, emprega orações reduzidas usando o *-ing* e a forma passiva com *-ed*.

Inglês (ANDREWS, 2007, p. 232)

65. a. People eating peanuts Will be prosecuted

“Pessoas comendo amendoim serão processadas.”

b. People reported to be absent Will be fined

“Pessoas ausentes serão multadas.”

Andrews (2007) destaca que as orações reduzidas carecem de certos componentes sintáticos, como marcadores de tempo e constituintes auxiliares encontrados em orações não reduzidas.

3.2.4 Coordenação

As orações coordenadas ocupam o último lugar na escala de integração gramatical proposta por Payne (1997). Adotarei o referencial teórico de Haspelmath (2007) para discorrer sobre essas orações.

Haspelmath (2007) define coordenação como uma construção sintática que combina unidades do mesmo tipo em uma unidade maior. Essas unidades podem ser palavras, sintagmas, orações subordinadas ou orações completas como demonstram os exemplos a seguir.

Inglês (HASPELMATH, 2007, p. 01)

66. a. My husband supports **and** adores Juventus Turin

“Meu marido adora e apoia Juventus de Turim.”

b. My uncle **or** your in-laws **or** the neighbours will come to visit us

“Meu tio ou seus sogros ou os vizinhos virão nos visitar.”

c. I realize that you were right **and** that I was mistaken

“Eu percebo que você estava certo e que eu estava enganado.”

d. The Pope dissolved the Jesuit order, **and** all the Indian missions were abandoned

“O Papa dissolveu a ordem jesuíta, e todas as missões indígenas foram abandonadas.”

O autor define como coordenador a partícula ou afixo que serve para unir as unidades de uma construção coordenada. O coordenador corresponde ao que chamamos de conjunção em português. O autor apresenta quatro tipos de semânticos de coordenação conforme o coordenador empregado: coordenação conjuntiva, coordenação disjuntiva, coordenação adversativa e coordenação causal.

Inglês (HASPELMATH, 2007, p. 02)

67. a. (conjunction) Snow White ate **and** drank

“Branca de Neve comeu e bebeu.”

b. (disjunction) She was a countess **or** a princess

“Ela era uma condessa ou uma princesa.”

c. (adversative coordination) The dwarfs were ugly **but** kind

“Os anões eram feios, mas gentis.”

d. (causal coordination) She died, **for** the apple was poisoned

“Ela morreu, pois a maçã estava envenada.”

O autor chama de coordenadas as unidades que compõem a coordenação. A seção 3.2.4.1 apresenta, segundo a definição do autor, os tipos de unidades coordenadas e as posições ocupadas por elas na coordenação.

3.2.4.1 Tipos e posições de unidades coordenadas

Primeiramente, Haspelmath (2007) distingue a coordenação assindética da sindética: a primeira não apresenta coordenador e a segunda apresenta. A coordenação sindética pode apresentar um único coordenador – monossindética - ou dois coordenadores – bissindética. Os coordenadores podem ser prepositivos – quando precedem o termo coordenado - ou pospositivos – quando o seguem.

O autor representa as possibilidades de posição do coordenador com relação à coordenação de duas unidades no seguinte esquema³⁵:

³⁵ **A** e **B** representam as unidades coordenadas e **co** o coordenador.

a. (assindética)	A B	
b. (monossindética)	A co-B	(prepositiva, no segundo coordenado)
	A-co B	(pospositiva, no primeiro coordenado)
	A B-co	(pospositiva, no segundo coordenado)
	co-A B	(prepositiva, no primeiro coordenado)
c. (bissindética)	co-A co-B	(prepositiva)
	A-co B-co	(pospositiva)
	A-co co-B	(mista)
	co-A B-co	(mista) ³⁶ (Haspelmath, 2007, p. 6)

(tradução nossa)

3.2.4.1.1 Coordenação assindética

Também chamada de justaposição, não apresenta coordenador, como mostra o exemplo 68:

Inglês (HASPELMATH, 2007, p. 07)

68. Slowly, stealthily, she crept towards her victim

“Lentamente, furtivamente, ela rastejou para sua vítima.”

3.2.4.1.2 Coordenação monossindética

Apresenta um coordenador que pode estar em uma das seguintes posições entre as unidades: **A co-B**, **A- B**, **A B-co**, **co- A B**. O exemplo 69 ilustra o tipo **A co-B**:

Lango (HASPELMATH, 2007, p. 08)

69. Òkélò òmàtò cây kèdè càk

Okelo 3SG.drink.PFV tea and milk

‘Okelo drank tea and milk’

“Okelo bebeu chá e leite.”

O autor destaca que a posição do coordenador é influenciada pela ordem de palavras da língua. Assim, as línguas de verbo final tendem a apresentar coordenadores

³⁶ No original: “a. (asyndetic)

b. (monosyndetic)	A B	
c. (bisyndetic)	A co-B	(prepositive, on second coordinand)
	A-co B	(postpositive, on first coordinand)
	A B-co	(postpositive, on second coordinand)
	co-A B	(prepositive, on first coordinand)
	co-A co-B	(prepositive)
	A-co B-co	(postpositive)
	A-co co-B	(mixed)
	co-A B-co	(mixed)” (grifos do autor)

pospositivos, enquanto as línguas de verbo inicial tendem a apresentar coordenadores prepositivos. No entanto, essa tendência é mais produtiva com coordenadores conjuntivos, pois os coordenadores disjuntivos podem aparecer em posições diferentes. A língua Lazgian, de ordem verbo final, é um exemplo dessa assimetria:

Lazgian (HASPELMATH, 2007, p. 10)

70. a. kâm áðə-a kámú túdú-a
 man this-and woman that-and
 ‘this man and that woman’
 “*esse homem e aquela mulher*”

b. kitáwu áðə râ túdu raâm
 book this or that yoy-like
 ‘Do you like this or that one?’
 “*Você gosta deste ou daquele?*”

3.2.4.1.3 Coordenação bissindética

A existência de dois coordenadores em uma coordenação binária possibilita quatro tipos de posições: (i) **co-A co-B**, (ii) **A-co B-co**, (iii) **A-co co-B**, (iv) **co-A B-co**. Segundo Haspelmath (2007), nas posições (i) e (ii) os coordenadores são, geralmente, do mesmo tipo, já nas posições (iii) e (iv), são de tipos diferentes. Os exemplos 71 e 72 ilustram as posições (i) e (iii) respectivamente.

Yoruba (HASPELMATH, 2007, p. 10)

71. àti èmi àti Kéhìndé
 and I and Kehinde
 ‘both I and Kehinde’
 “*tanto eu como Kehinde*”

Grego homérico (HASPELMATH, 2007, p. 11)

72. Atreídēs te kai Akhilléus
 Atreu’s.son and and Achilles
 ‘Atreu’s son and Achilles’

“Filho de Atreu e Aquiles”

3.2.4.1.4 Múltiplas unidades coordenadas

De acordo com Haspelmath (2007), todas as línguas parecem permitir um número indefinido de unidades coordenadas por conjunção e disjunção, de forma que a ordem usada na coordenação binária aplica-se à coordenação múltipla (ex.: o tipo **A-co B-co** torna-se **A-co B-co C-co...**), sendo que cada unidade coordenada é associada a um único coordenador, como mostra o seguinte exemplo do francês:

Francês (HASPELMATH, 2007, p. 12)

73. Le congrès sera tenu **ou** à Paris **ou** à Rome **ou** à Varsovie

‘The congress will be held either in Paris or in Rome or in Warsaw’

“O congresso será realizado *ou em Paris ou em Roma ou em Varsóvia.*”

Quando a coordenação do tipo monossindética ocorre com múltiplas unidades coordenadas, há duas possibilidades, conforme explica o autor: um padrão completo e um padrão com omissão do coordenador. No primeiro caso, apenas um elemento coordenado (o primeiro ou o último) não apresenta coordenador, sendo possível **A co-B co-C**, **A-co B-co...N**, **A B-co C-co**. O exemplo 74 apresenta a ordem **A co-B co-C**:

Polish (HASPELMATH, 2007, p. 12)

74. Tomek **i** Jurek **i** Maciek przyjechali do Londynu

‘Tomek and Jurek and Maciek went to London’

“*Tomek e Jurek e Maciek foram pra Londres.*”

A omissão do coordenador também é possível nas línguas, em especial nas línguas europeias e no inglês. Assim **A e B e C** pode reduzir-se a **A, B e C**. Quando o coordenador mantém-se em todos os termos coordenados, têm um valor enfático. O exemplo 75, apresenta o tipo **A B...N-co**.

Oeste da Gronelândia (HASPELMATH, 2007, 12)

75. tulu-it qallunaa-t kalaall-il=**lu**

Englishman-PL Dane-PL Greenlander-PL-and

‘Englishmen, Danes and Greenlanders’
 “*Inglese, dinamarqueses e groenlandeses*”

3.2.4.1.5 *Escopo dos coordenadores*

Haspelmath (2007) diz que no inglês os coordenadores podem estar no âmbito das preposições ou não. A diferença entre (a) e (b) no exemplo 76 sugere o seguinte: (a) parece ser o caso de um presente para um casal e (b) parece ser o caso de dois presentes para pessoas independentes.

Inglês (HASPELMATH, 2007, P. 14)

76. a. I bought a present for [Joan **and** Marvin]

“*Eu comprei um presente para Joan e Marvin.*”

b. I bought a present [for Joan] **and** [for Marvin]

“*Eu comprei um presente para Joan e um para Marvin.*”

3.2.4.2 Coordenação enfática

3.2.4.2.1 *Conjunção e disjunção*

Haspelmath (2007) diz que há línguas que diferenciam a coordenação comum como “A e B” da coordenação enfática como “Ambos A e B”. De acordo com o autor, a diferença semântica está no fato de que na coordenação enfática cada unidade coordenada é considerada separadamente.

Inglês (HASPELMATH, 2007, p. 15)

77. a. Both Guatemala and Belize are in Central America

“*Ambos Guatemala e Belize ficam na América Central.*”

b. (*Both) Spanish and Portuguese are similar

“*(*Ambos) espanhol e português são semelhantes.*”

De acordo com o autor, essa distinção é mais comum nas línguas europeias. Quando ocorre a coordenação enfática, os dois coordenadores são chamados de coordenadores correlativos devido ao fato de um não ocorrer sem o outro como, por exemplo, *both* (ambos) e *and* (e) do inglês; porém, sempre um dos dois, em outros contextos, é apenas coordenador, como *and* que pode ocorrer sozinho, já *both* é um coordenador correlativo, pois não ocorre sem *and*.

3.2.4.2.2 Coordenação enfática negativa

Segundo Haspelmath (2007), há línguas que empregam coordenadores correlativos que são restritos à negação. Isso também é comum nas línguas europeias, bem como no inglês. O autor traz o seguinte exemplo do inglês “*We met neither Marvin nor Joan*”³⁷ (p. 17) que pode ter o significado de conjunção ou disjunção. Como conjunção, uma paráfrase possível é “*We didn’t meet Marvin, and we didn’t meet Joan either*”³⁸, já como disjunção a paráfrase é “*We didn’t meet either Marvin or Joan*”³⁹. Assim, como destaca o autor, algumas línguas apresentam coordenadores enfáticos negativos relacionados à conjunção e outras à disjunção.

Algumas línguas não apresentam coordenadores negativos especiais, portanto usam ou um coordenador conjuntivo enfático (ex.: 78) ou um disjuntivo (ex.: 79) para expressar o mesmo conteúdo.

Indonésia (HASPELMATH, 2007, p. 18)

78. **Baik** kepandaian **maupun** kecantikan tidak berguna untuk mencapai kebahagiaan
 both ability and beauty not useful for achieve happiness
 ‘Neither ability nor beauty is useful for achieving happiness’
 “*Nem habilidade nem beleza são úteis para alcançar a felicidade.*”

Lezgian (HASPELMATH, 2007, p. 18)

79. I k’walaxda-l **ja** aburu-n ruš, **ja** gada razi tuš-ir
 this job-OBL either they-GEN girl or boy satisfied be.NEG-PAST
 ‘Neither their girl nor the boy was satisfied with this job’
 “*Nem menina deles e nem o menino estavam satisfeitos com este trabalho.*”

³⁷ Nós não encontramos nem Marvin nem Joan. (tradução nossa)

³⁸ Nós não encontramos Marvin e nós não encontramos Joan. (tradução nossa)

³⁹ Nós não encontramos Marvin ou Joan. (tradução nossa)

3.2.4.3 Tipos de unidades coordenadas

Como já mencionado, uma construção coordenada pode ser constituída de diferentes tipos de unidades: palavras, sintagmas, orações ou sentenças, desde que cada unidade coordenada seja do mesmo tipo. No entanto, Haspelmath (2007) pontua que diferentes categorias podem ser coordenadas quando têm a mesma função semântica, como no exemplo 80:

Inglês (HASPELMATH, 2007, p. 19)

80. Mr Hasegawa is [a legal wizard]NP **but** [expensive to hire]AP

“Sr. Hasegawa é [um assistente legal], mas [caro para contratar].”

Já, se duas categorias do mesmo tipo, porém com diferentes funções semânticas são combinadas, a coordenação é agramatical.

Inglês (HASPELMATH, 2007, p. 19)

81. *I still smoked [last year]NP **and** [cigarettes]NP

*“*Eu ainda fumava no ano passado e cigarros.”*

Há línguas em que o tipo semântico e sintático das unidades coordenadas é relevante na escolha do coordenador, de forma que empregam coordenadores distintos para sintagmas nominais e sentenças como, por exemplo, a língua yapese que emprega o coordenador *ngea* para a conjunção de sintagmas nominais e *ma* para a conjunção de sentenças.

Yapese (HASPELMATH, 2007, p. 03)

82. a. Tamag **ngea** Tinag ea nga raanow

Tamag and Tinag CONN INCEP go.DU

‘Tamag and Tinag will go’

“Tamag e Tinag irão.”

b. Gu raa yaen nga Donguch, **ma** Tamag ea raa yaen nga Nimgil

I FUT go to Donguch and Tamag CONN FUT go to Nimgil

‘I will go to Donguch, and Tamag will go to Nimgil’

“Eu irei para Donguch e Tamag irá para Nimgil.”

Haspelmath (2007) ressalta que essa escolha de coordenadores, conforme o tipo semântico e sintático das unidades coordenadas, é mais produtiva na conjunção, pois a disjunção, geralmente, emprega o mesmo coordenador. O autor acrescenta que algumas línguas são seletivas quanto ao tipo de unidades que podem ser coordenadas, citando como exemplo a língua Koromfê que permite apenas a disjunção de eventos, mas não de sintagmas nominais, de forma que uma sentença como “Você deseja café ou chá” deve ser reformulada como “Você deseja café ou você deseja chá?”.

3.2.4.4 Subtipos semânticos de coordenação

Haspelmath (2007) aponta três principais tipos semânticos de coordenação: conjunção, disjunção e coordenação adversativa; porém ressalta que as línguas podem distinguir mais tipos.

3.2.4.4.1 *Subtipos semânticos de conjunção*

O autor distingue dois tipos de conjunção: natural e acidental. A primeira une termos que são considerados como uma unidade conceitual, como “mãe e pai” e “marido e mulher”. A distinção entre conjunção natural e acidental numa língua envolve a falta de um coordenador ou uma interrupção da entoação na conjunção natural.

Erzya Mordvin (HASPELMATH, 2007, p. 23)

83. a. t'et'at-avat

father.PL-mother.PL

‘father and mother’ = ‘parents’

“pai e mãe = pais”

b. t'ikšén **di** sivel'én

grass and meat

‘grass and meat’

“grama e carne”

De acordo com o autor, na conjunção natural, os termos podem estar tão fortemente ligados que a construção pode ser considerada como uma única palavra composta,

chamada pelo autor de *coordinative compound*. Assim, ele pontua que a ausência de marcação se explica pelo princípio da economia, já que a relação dos termos na conjunção natural é tão previsível e evidente que a marcação torna-se redundante.

Haspelmath (2007) apresenta o conceito de conjunção representativa que diz respeito a um tipo especial de conjunção que marca unidades pertencentes a uma classe maior. No exemplo 84, da língua Koasati, o sufixo **-o:t** é usado para conectar nomes similares de uma determinada categoria.

Koasati (HASPELMATH, 2007, p. 24)

84. akkámmi-t ow-i:sá-hci hahci-f-**ó:t** oktaspi-f-**ó:t** kámmi-fa
 be.so-CONN LOC-dwell.PI-PROG river-in-REP swamp-in-REP be.so-in
 ‘So they live in rivers and in swamps and in suchlike places’
 “*Então, eles vivem em rios e pântanos e em lugares afins.*”

Um outro tipo de conjunção apresentada pelo autor é a conjunção aumentativa que diz respeito à combinação de vários elementos idênticos para indicar a intensidade da ação ou um elevado grau de uma propriedade.

Arábico (HASPELMATH, 2007, p. 25)

85. L-əmnnaqaše stamarret saaʕ-aat **u**-saaʕ-aat
 the-argument constinued hour-PL and-hour-PL
 ‘The argument went on for hours and hours’
 “*O argumento continuou por horas e horas.*”

Haspelmath (2007) apresenta algumas estratégias de conjunção que, de certa forma, se afastam do padrão normal. A primeira estratégia é chamada pelo autor de conjunção comitativa a qual se refere ao emprego do marcador de companhia como coordenador conjuntivo para ligar sintagmas nominais. No exemplo 86a, da língua samoan, *ma* é usado como marcador de companhia e em 86b como conjunção comitativa:

Samoan (HASPELMATH, 2007, p. 29)

86. a. Ia, alu atu Sina **ma** le ili-tea
 well go.SG DIR Sina with ART fan-white
 ‘Well, Sina went there with the white fan’
 “*Bem, Sina foi lá com o leque branco.*”

- b. ‘Ua ō atu Sina **ma** Tigilau
 PERF go.PL DIR Sina and Tigilau
 ‘Sina and Tigilau left’
 “*Sina e Tigilau partiram.*”

Outra estratégia apresentada pelo autor é chamada de conjunção inclusória que se refere à unificação de conjuntos, ou seja, se alguns membros de um conjunto já estão inclusos no primeiro conjunto, então não são adicionados ao conjunto resultante. O autor esquematiza isso da seguinte forma: “podemos dizer que $\{A, B, C\}$ e $\{B\}$ produz o conjunto $\{A, B, C\}$ ”⁴⁰ (Haspelmath, 2007, p. 33).

O conjunto inclusório é, segundo o autor, um pronome pessoal.

Russo (HASPELMATH, 2007, p. 33)

87. my s tojoj
 we with you.SG
 ‘you and I’
 “*você e eu*”

Chamorro (HASPELMATH, 2007, p. 33)

88. ham **yan** si Pedro
 we with ART Pedro
 ‘I and Pedro’
 “*Eu e Pedro*”

O conjunto incluído pode ser ligado por um marcador comitativo como os exemplos 87 e 88, por um marcador diferente ou as orações podem ser simplesmente justapostas.

Haspelmath (2007, p. 36) acrescenta mais um tipo de construção usada como estratégia de conjunção: conjunção sumária.

Conjunção sumária é o termo adotado para a construção em que uma conjunção não é sinalizada por um elemento que liga conjuntos de alguma forma, mas por um numeral final ou quantificador que resume os conjuntos e assim, indica que eles pertencem um ao outro e que a lista está completa.”⁴¹
(tradução nossa)

⁴⁰ No original: “we can say that ‘ $\{A, B, C\}$ and $\{B\}$ ’ yields the set $\{A, B, C\}$ ”.

⁴¹ No original: “**Summary conjunction** is the term adopted here for a construction in which conjunction is signalled not by an element that links the conjuncts together in some way, but by a final numeral or quantifier that sums up the set of conjuncts and thereby indicates that they belong together and that the list is complete.”

Tibetano clássico (HASPELMATH, 2007, p. 36)

89. lus ṅag yid **gsum**

body speech mind three

‘body, speech and mind’

“*corpo, fala e mente*”

Cantonese (HASPELMATH, 2007, p. 36)

90. Yanfa seui, leuhtsī fai, gīnggēi yúng **dōu** yiu béi ge

stamp duty lawyer fee agent commission all need pay PRT

‘You have to pay stamp duty, legal fees and commission’

“*Você tem que pagar imposto de selo, taxas legais e comissão.*”

3.2.4.4.2 *Subtipos semânticos de disjunção*

Segundo Haspelmath (2007), a principal distinção feita na disjunção é com relação à diferença entre disjunção interrogativa e disjunção padrão. Algumas línguas fazem uso de coordenadores diferentes para os dois tipos de disjunção.

Finlandês (HASPELMATH, 2007, p. 25)

91. a. Anna-n sinu-lle kirja-n **tai** albumi-n

give-1SG you-ALL book-ACC or album-ACC

‘I’ll give you a book or an album’

“*Vou dar-lhe um livro ou um álbum.*”

b. Mene-t-kö teatteri-in **vai** lepo-puisto-on

go-2SG-Q theatre-ILL or rest-garden-ILL

‘Are you going to a theatre or to a park?’

“*Você vai a um teatro ou a um parque?*”

Conforme ressalta o autor, essa distinção não deve ser reduzida simplesmente à ocorrência de frases declarativas ou interrogativas, pois o coordenador padrão pode ocorrer em uma frase interrogativa. A disjunção interrogativa ocorre em perguntas nas

quais o destinatário deve escolher uma alternativa como resposta como, por exemplo, “Você deseja café ou chá?”; já a disjunção padrão ocorre em perguntas cujas respostas são do tipo “sim” ou “não”.

O autor também distingue a conjunção exclusiva da inclusiva e as define em termos de valores de verdade: “uma disjunção exclusiva é verdadeira se apenas uma e não ambas as proposições são verdadeiras, enquanto que uma disjunção inclusiva é verdadeira se uma ou ambas as proposições forem verdadeiras.”⁴² (Haspelmath, 2007, p. 26) **(tradução nossa)**

Um outro tipo de disjunção apresentada pelo autor é a metalinguística que se refere a dois nomes do mesmo tipo. O italiano emprega um coordenador especial - *ovvero* - neste tipo de disjunção, mas também pode utilizar o coordenador padrão – *o* – e não aceita o coordenador *oppure*.

Italiano (HASPELMATH, 2007, p. 27)

92. l'Irlanda **o/ovvero/*oppure** l' isola verde
 the Ireland or the island green
 'Ireland, or the green island'
 “*Irlanda, ou a ilha verde.*”

O último tipo de disjunção apresentada por Haspelmath (2007) corresponde à alternância temporal que se refere a vários eventos que ocorrem alternadamente em momentos diferentes. Assim, são usados coordenadores alternativos para expressar essa relação.

Russo (HASPELMATH, 2007, p. 27)

93. Xolodnyj doždik **to** usilivalsja, **to** oslabeval
 cold rain now strengthened now weakened
 'The cold rain became now stronger, now weaker'
 “*A chuva fria tornou-se ora mais forte, ora mais fraca.*”

⁴² No original: “an exclusive disjunction is true if only one but not both of the disjoined propositions are true, while an inclusive disjunction is true if either one or both disjoined propositions are true.”

3.2.4.4.3 *Subtipos semânticos da coordenação adversativa*

Segundo Haspelmath (2007), é comum que as línguas tenham um coordenador adversativo como *but* (mas) do inglês, no entanto, há línguas que expressam a mesma ideia com o uso de uma oração subordinada concessiva. Mesmo as línguas que apresentam um coordenador adversativo também podem fazer uso de uma oração concessiva de mesmo sentido.

Inglês (Haspelmath, 2007, p. 28)

94. a. It is raining, **but** we are going for a walk

“Está chovendo, mas estamos indo para uma caminhada.”

b. Although it is raining, we are going for a walk

“Embora esteja chovendo, nós estamos indo para uma caminhada.”

No exemplo (a), o emprego de *but* indica a negação de uma expectativa. A coordenação adversativa também pode expressar o contraste entre uma expressão positiva e uma negativa. Esse tipo de coordenação é chamado por Haspelmath (2007) de coordenação adversativa substitutiva. Algumas línguas empregam um coordenador específico para esse sentido, como o alemão (96) que utiliza o coordenador *sondern* em contraste com o coordenador adversativo padrão *aber*.

Inglês (HASPELMATH, 2007, p. 28)

95. I did not go to Mindanao, **but (rather)** to Cebu

“Eu não fui para Mindanao, mas (sim) para Cebu.”

Alemão (HASPELMATH, 2007, p. 28)

96. Ich bin nicht nach Mindanao gereist, **sondern** nach Cebu/***aber** nach Cebu

“Eu não viajei para Mindanao, mas para Cebu.”

Haspelmath (2007) acrescenta que algumas línguas empregam um coordenador opositivo especial para duas unidades que não são contrastivas. É como se esse coordenador tivesse o sentido de conjunção. A língua ponapean apresenta um contraste entre o coordenador conjuntivo *oh* (e) e o coordenador opositivo *ah* (mas).

Ponapean (HASPELMATH, 2007, p. 28)

97. a. Soulik pahn mwenge **oh** e pahn meir
 Soulik FUT eat and he FUT sleep
 ‘Soulik will eat and he will sleep’
 “*Soulik comerá e dormirá.*”

- b. I laid, **ah** e meir
 I fish but he sleep
 “*Eu pesco, mas ele dorme*”
 ‘I fished, and/but he slept’
 “*Eu pesquei, e/mas ele dormiu.*”

3.2.4.5 Elipse na coordenação

Haspelmath (2007) pontua que a elipse pode ocorrer tanto na coordenação quanto na subordinação, no entanto há construções com elipse que somente podem ocorrer na coordenação.

Inglês (HASPELMATH, 2007, p. 37)

98. a. V ellipsis (<cooked>)

- (i) Robert cooked the first course, **and** Marie [] the dessert
 “*Robert cozinhou o primeiro ciclo, e Marie [] a sobremesa.*”
- (ii) *Robert cooked the first course, while Marie [] the dessert
 “*Robert cozinhou o primeiro ciclo, enquanto Marie [] a sobremesa.*”

b. NP ellipsis (<Hollywood movies>)

- (i) Martin adores [], **but** Tom hates, Hollywood movies
 “*Martin adora [], mas Tom odeia os filmes de Hollywood.*”
- (ii) *Martin adores [], because Tom hates, Hollywood movies
 “** Martin adora [], porque Tom odeia os filmes de Hollywood.*”

A motivação funcional da elipse é, segundo o autor, por motivos de economia, de modo que um material idêntico não precisa ser repetido. Assim, o autor introduz o conceito de redução de coordenação (*coordination reduction*). A redução de coordenação elimina elementos idênticos e transforma uma estrutura subjacente biclausal (99a) em uma estrutura de superfície monoclausal (99b).

Inglês (HASPELMATH, 2007, p. 38)

99. a. Joan got a pay rise **and** Marvin got a pay rise

“Joan conseguiu um aumento de salário e Marvin conseguiu um aumento de salário.”

b. Joan **and** Marvin got a pay raise

“Joan e Marvin conseguiram um aumento de salário.”

A elipse pode ocorrer no segundo termo coordenado (*analipsis*) ou no primeiro (*catalipsis*).

Inglês (HASPELMATH, 2007, p. 39-40)

Analipsis (= forward ellipsis)

100. a. Hanif [loves] Khadija **and** Khadija [] Hanif

“Hanif [ama] Khadija e Khadija [] Hanif.”

Catalipsis (= backward ellipsis)

b. I think that Joan [], **and** you think that Marvin, [will finish first]

“Eu acho que Joan [], e você acha que Marvin, [vai terminar primeiro].”

3.2.4.6 Delimitação da coordenação

3.2.4.6.1 Coordenação versus dependência/subordinação

Segundo Haspelmath (2007, p. 46): “A simetria formal dos termos coordenação e subordinação não corresponde a uma simetria conceitual semelhante. Em

primeiro lugar, enquanto a coordenação é aplicada à combinação de sintagmas e orações, a subordinação é geralmente restrita a orações.”⁴³ (**tradução nossa**)

O autor diz que uma importante diferença entre coordenação e dependência é que dois elementos coordenados são simétricos, enquanto dois elementos numa relação de dependência não são, de forma que um será o núcleo e o outro o dependente.

Essa assimetria encontrada na relação de dependência tem ligação com a diferença nas relações sintáticas/estruturais dos elementos, como concordância verbal, concordância nominal e marcação de caso. Essas diferenças, geralmente, não existem em estruturas coordenadas, pois os termos coordenados, muitas vezes, têm estruturas idênticas, assim como seus papéis semânticos. No entanto, em estruturas comitativas, as orações coordenadas também podem apresentar assimetria estrutural.

Haspelmath (2007) pontua que é difícil aplicar o critério semântico quando há dúvida se uma sequência de duas orações é formada por coordenação ou subordinação. O autor utiliza um exemplo coreano no qual duas interpretações são possíveis:

Coreano (HASPELMATH, 2007, p. 47)

101. Achim mek-ko hakkyo ka-ss-eyyo

breakfast eat-and school GO-PAST-IND

‘I ate breakfast and went to school / After eating breakfast, I went to school’

“*Eu tomei café da manhã e fui para a escola. / Depois de tomar café da manhã, eu fui para escola.*”

3.2.4.6.2 *Graus de gramaticalização*

Conforme pontua Haspelmath (2007), os coordenadores e as regras apresentadas anteriormente são os que mostram maior grau de integração estrutural ou gramaticalização. O autor não trata de outros tipos semânticos de coordenação como causal, consecutiva e explicativa, pois os considera marginais, já que os *linkers* (conectivos) usados nestes tipos nem sempre são casos claros de coordenadores.

⁴³ No original: “The formal symmetry of the terms **coordination** and **subordination** does not correspond to a similar conceptual symmetry. First of all, while *coordination* is applied to the combination of both phrases and clauses, *subordination* is generally restricted to clauses.” (**grifos do autor**)

Enfim, esta seção encerra os tipos de orações complexas, de acordo com a escala de integração gramatical proposta por Payne (1997). Esse referencial teórico constituiu-se como base para a análise das orações complexas do kaingang tratadas nos capítulos 5, 6, 7 e 8. O capítulo a seguir apresenta algumas informações gerais da língua que facilitarão a leitura dos capítulos citados.

4 INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A LÍNGUA KAINGANG

O presente capítulo objetiva apresentar, de forma sucinta, algumas informações da língua tais como ordem oracional, sistemas de caso, tempo, aspecto, modo e algumas classes de palavras que oferecem uma maior complexidade que poderia acarretar dificuldade no entendimento da análise das orações nos capítulos 5, 6, 7 e 8 tais como posposições, advérbios e conjunções⁴⁴. Essa descrição tem como base os trabalhos de Dixon (1994), Payne (1997), Tabosa (2006), Wiesemann (2002, 2007), Gonçalves (2007, 2011), Almeida (2008) e Abreu (2009).

Antes, porém, farei uma breve apresentação do sistema ortográfico da língua, já que os dados, nesta tese, são transcritos ortograficamente. O emprego do sistema ortográfico nos dados justifica-se pelo fato dele ser utilizado pelos professores bilíngues nas escolas das Terras Indígenas e também pelo fato de que o uso de um único sistema ortográfico para os cinco dialetos espalhados nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul constitui-se em um instrumento político de unidade social.

4.1 ORTOGRAFIA E FONOLOGIA KAINGANG – PANORAMA GERAL

Wiesemann estabeleceu o sistema ortográfico da língua kaingang entre os anos de 1958 e 1966 com base em pesquisa desenvolvida na TI Rio das Cobras (PR). Segundo a autora, a ortografia estabelecida buscou uma harmonização dos cinco dialetos identificados no dicionário de 1971:

- o dialeto **São Paulo**, falado ao norte do rio Paranapanema, no Estado de São Paulo;
- o dialeto **Paraná**, falado na área compreendida entre os rios Paranapanema e Iguaçu;
- o dialeto **Central**, falado na área entre os rios Iguaçu e Uruguai;
- o dialeto **Sudoeste**, falado ao sul do rio Uruguai e ao oeste do rio Passo Fundo;
- o dialeto **Sudeste**, falado ao sul do rio Uruguai e ao leste do rio Passo Fundo. (WIESEMANN, 2002. p. 8) (**grifos da autora**)

O alfabeto kaingang constitui-se de 27 letras. Os quadros 5 e 6 apresentam a correspondência fonema-(alofones)-letras das vogais e consoantes e semivogais.

⁴⁴ Tendo em vista que a análise dos dados desta tese não recai sobre a morfologia da língua, optei por apresentar apenas as classes de palavras que constam nos dados. Para maiores informações sobre as demais classes de palavras sugiro a leitura da Domingues (2013).

Quadro 5 - Vogais

Letras	a	á	ã	e	é	ẽ	i	ĩ	o	ó	u	ũ	y	ÿ
Fonemas	/a/	/ə/	/ã/	/e/	/ɛ/	/ɛ/	/i/	/ĩ/	/o/	/ɔ/	/u/	/ũ/	/i/	/ə/

Fonte: Almeida (2008, p. 37)

Quadro 6 – Consoantes e semivogais

Letras	f	g	h	j	k	m	n	nh	p	r	s	t	v	'	
Fonemas	/f/	/ŋ/	/h/	/j/	/k/	/m/	/n/	/ɲ/	/p/	/r/	/ʃ/	/t/	/w/	/ʔ/	
Alofones		[ŋ] [ŋg] [gn] [gŋg] [k]				[m] [mb] [bm] [bmb] [p]	[n] [nd] [dn] [dnd] [t]	[ɲ] [nhdi] [idnh] [idnhdi] [it] [itx] [inhx]							

Fonte: Almeida (2008, p. 38)

Como mostra o quadro 6, alguns fonemas possuem diferentes alofones. Esses alofones são condicionados pelo ambiente: (i) o fonema /ŋ/ representado pela letra <g> apresenta os alofones [ŋ], [m], [n] e [ɲ] junto de vogais nasalizadas e [k] quando seguido por consoante surda; (ii) o fonema /m/ representado pela letra <m> possui os alofones [ŋg], [mb], [nd] e [nhdi] seguidos de vogal oral e [p] quando seguido por consoante surda; (iii) o fonema /n/ representado pela letra <n> possui os alofones [gn], [bm], [dn], [idnh] antecidos de vogal oral e [t] seguido por consoante surda; (iv) o fonema /ɲ/ representado pela letra <nh> possui os alofones [gŋg], [bmb], [dnd], [idnhdi] intervocálicos, [it] seguido de consoante surda que não seja <f>, [itx] seguido de <f> e [inhx] entre vogal nasalizada e <f>.

Os padrões silábicos são os seguintes:

(V) – é – “cachorro do mato”

(VC) – ã – “alguém”

(CV) – pó – “pedra”

(CCV) – prã – “morder”

(CVC) – gĩr – “criança”

(CCVC) – prêr – “gritar”

4.2 ORDEM ORACIONAL

A ordem oracional canônica da língua kaingang é SOV. Essa ordem ocorre, preferencialmente, quando o sujeito é nominal. Nessa estrutura, o sujeito é, geralmente, marcado morfológicamente, como demonstra o exemplo 1:

S	O	V
1. [gĩr vỹ]	[ẽmĩ]	[kó]
menino MS	bolo	comer

“O menino comeu bolo.”

O kaingang constitui-se como uma língua posposicional, portanto o marcador de sujeito, assim como os determinantes do nome, segue o núcleo do sintagma nominal. No exemplo 1, ocorre o marcador *vỹ* que, segundo Wiesemann (2002), indica sujeito tópico. Na seção 4.3, apresentarei os demais marcadores de sujeito elencados pela autora.

O objeto direto antecede o verbo e não é seguido por posposição. Quando a oração é transitiva, o objeto direto sempre antecede o verbo, sendo, portanto, uma posição fixa na língua. O objeto indireto, quando ocorre, é seguido pela posposição *mỹ*, como mostra o exemplo 2.

S	OI	OD	V
2. [Jandira fi vỹ]	[gĩr mỹ]	[vějẽn]	[nĩm]
n. próprio FEM MS	menino POSP	comida	dar(não comprado)

“Jandira deu comida para o menino.”

Na oração intransitiva, a ordem básica é SV, como mostram os exemplos 3 e 4:

S	V
3. [Gĩr vỹ]	[nũr]
menino MS	dormir

“O menino dormiu.”

- S V
 4. [Gĩr vỹ] [fỹ]
 menino MS chorar
 “O menino chorou.”

A seguir, apresento alguns dados cujo sujeito é pronominal, portanto, primeiramente, considero conveniente apresentar os pronomes pessoais da língua.

Quadro 7 – Pronomes Pessoais do kaingang

Pessoa	Singular	Plural
1 ^a	inh	ẽg
2 ^a	ã	ãjag
3 ^a – não-fem.	ti	ag
3 ^a – fem.	fi	fag

Os pronomes pessoais também funcionam como pronomes possessivos quando antecedem nomes tanto no sintagma nominal quanto no sintagma verbal, como mostram os exemplos 5 e 6:

5. **inh** pratu vỹ góv
 PP1P prato MS quebrar
 “Meu prato quebrou.” (TABOSA, 2006, p. 69)

6. gĩr vỹ **inh** pratu gãm
 menino MS PP1P prato quebrar
 “O menino quebrou meu prato.” (TABOSA, 2006, p. 69)

Além de funcionar como pronome pessoal e possessivo, a partícula *fi*⁴⁵ é usada para marcar feminino⁴⁶, como ocorre no exemplo 2.

⁴⁵ Empregarei neste trabalho o termo “partícula”, com base em Zwicky (1985), para itens de função.

⁴⁶ Para maiores informações sobre essa marcação sugiro a leitura de “Gênero em Kaingang?”, de Wilmar da Rocha D’Angelis, disponível em www.portalkaingang.org

De acordo com Abreu (2009), quando o sujeito é pronominal, a ordem básica é OVS. Quando ocorre nessa ordem, o sujeito não recebe marca morfológica como acontece com o sujeito nominal.

O V S
7. [gã̃r] [tu] [ti]
milho carregar P3P

“Ele carregou milho.” (ABREU, 2009, p. 39)

Ainda com relação ao sujeito pronominal, segundo Abreu (2009), quando a oração apresenta objeto indireto, a ordem básica passa a ser OI S OD V.

OI S OD V
8. [inh mĩ] [ti] [manĩnĩ] [vã]
PIP POSP P3P banana carregar

“Ele carregou banana para mim.” (ABREU, 2009, p. 36)

Abreu (2009, p. 37) ressalta que, quando ocorre um advérbio na oração, este “parece atrair o pronome para junto de si”. Assim, se o advérbio posiciona-se no início da oração, a língua mantém a ordem padrão (ADV) SOV (ex.: 9) e, se o advérbio posiciona-se no fim da oração, a ordem passa a OVS(ADV) (ex.: 10).

ADV S O V
9. [rãké tá] [inh] [mĩg] [ten]
ontem P1P onça matar

“Eu matei a onça ontem.” (ABREU, 2009, p. 37)

O V S ADV
10. [mĩg] [ten] [inh,] [rake tá]
onça matar P1P ontem

“Ontem, eu matei a onça.” (ABREU, 2009, p. 37)

Embora a posição de sujeito e de objeto indireto seja flexível, o objeto direto sempre antecede o verbo.

É possível também que, mesmo sendo pronominal, o sujeito receba um marcador de sujeito, desde que a ordem seja S(O)V. Quando o sujeito é constituído por um pronome de primeira pessoa, este pode ser aglutinado ao marcador.

11. **isỹ** goj mǎn há tĩ

P1P-MS água pegar querer ASP

“Estou querendo pegar água.” (ALMEIDA, 2008, p. 43)

12. Apucaraninha ki escola tá **isóg** ag kanhrǎn tĩ

n. próprio POSP escola POSP P1P-MS PL ensinar ASP

“Ensino na escola do Apucaraninha.” (ALMEIDA, 2008, p. 43)

Em 11, o pronome de primeira pessoa *inh* está aglutinado ao marcador de sujeito *vỹ*, enquanto, em 12, o mesmo pronome está aglutinado ao marcador de sujeito *tóg*. Além das duas formas aglutinadas mostradas nos exemplos de Almeida (2008), Wiesemann (2007) também destaca o emprego de *ijé* = *inh* + *jé*:

13. Kỹ **ijé** nỹ tag ki nũr ha!

Então MS aqui dormir agora

“Então eu vou decidir de dormir aqui.” (Wiesemann, 2007, p. 84)

4.3 MARCADORES DE SUJEITO E SISTEMAS DE CASO

4.3.1 Marcadores de Sujeito

Como mencionei na seção 4.2, o sujeito é, geralmente, marcado morfologicamente na língua kaingang. O quadro 8 apresenta os marcadores de sujeito elencados por Wiesemann (2002). Segundo a autora: “Os indicadores de sujeito seguem os substantivos, pronomes ou frases substantivadas em função de sujeito. São posposições. Quando ocorrem, o sujeito é enfatizado e precede o verbo, em muitos casos começa a oração.” (WIESEMANN, 2002, p. 159)

Quadro 8 – Marcadores de Sujeito da Língua Kaingang

jé	‘sujeito antecipa a ação, ação desejada pelo falante’
mỹ	‘sujeito na pergunta que pede resposta ‘sim’ ou ‘não’
ne	‘sujeito é originador da ação’
né	‘agente tem sentimento (somente na terceira pessoa)
nỹ	‘sujeito é tópico e contrastado com vỹ, mudança de sujeito
pijé	‘sujeito não faz a ação’
tóg	‘sujeito é agente’
tỹ	‘agente é ergativo; indicador de tópico’
vé	‘este sujeito faz coisas ruins’
vỹ	‘sujeito é tópico’

Fonte: Wiesemann (2002, p. 160)

Dos dez marcadores de sujeito apresentados no quadro 8, nos dados coletados para esta tese, ocorrem: *vỹ*, *tóg*, *mỹ*, *nỹ*, *pijé* e *tỹ*. A ocorrência desses marcadores é motivada pelo sistema de marcação de caso: *vỹ*, *tóg*, *mỹ*, *nỹ* e *pijé* marcam sujeito nominativo, enquanto *tỹ* marca sujeito ergativo. Comparando os dados coletados para esta tese (que se constituem de orações complexas) com demais dados da língua que se constituem apenas de orações simples, pude perceber que a marcação nominal exhibe o sistema nominativo-acusativo nas orações principais ou independentes e o sistema ergativo-absolutivo nas orações subordinadas (relativas, completivas e adverbiais). Devido ao fato de ocorrer essa distinção na língua kaingang, farei uma breve exposição desses dois sistemas de marcação de caso na seção a 4.3.2.

4.3.2 Sistemas de Marcação de Caso

A principal característica que compreende os sistemas de marcação de caso nas línguas é a maneira como elas distinguem as seguintes funções sintático-semânticas: A – sujeito de verbo transitivo; S – sujeito de verbo intransitivo (único argumento de verbo intransitivo) e; O – objeto de verbo transitivo (semanticamente paciente de verbo transitivo).

Com base nessa diferenciação, há dois principais sistemas constatados nas línguas: nominativo-acusativo e ergativo-absolutivo. De acordo com Dixon (1994), as línguas que tratam S e A da mesma forma, diferenciando o argumento O exibem o sistema nominativo-acusativo (S = A ≠ O); enquanto as línguas que tratam S e O da mesma forma,

diferenciando o argumento A exibem o sistema ergativo-absolutivo ($S = O \neq A$). A marcação de caso pode se manifestar de três formas: (i) no SN por meio da presença ou da ausência de uma marca morfológica; (ii) na concordância verbal; (iii) na ordem de constituintes.

Os exemplos 14 e 15 ilustram a marcação morfológica do SN.

Huánuco Quechua (PAYNE, 1997, p. 134)

14. a. Juan- \emptyset aywan

Juan-NOM goes

“Juan goes.”

“*Juan vai.*”

b. Juan- \emptyset Pedro-ta maqan

Juan-NOM Pedro-ACC hits

“Juan hits Pedro.”

“*Juan bateu em Pedro.*”

O exemplo 14 exhibe o sistema nominativo-acusativo, tratando S e A da mesma forma – sem marcação –, diferenciando-os de O que é marcado com *ta*.

Huánuco Quechua (PAYNE, 1997, p. 135)

15. a. Doris-aq ayallruuq

Doris-ABS traveles

“*Doris traveled*”

“*Doris viajou.*”

b. Tom-am Doris-aq cingallrua

Tom-ERG Doris-ABS greeted

“Tom greeted Doris.”

“*Tom cumprimentou Doris.*”

O exemplo 15 exhibe o sistema ergativo-absolutivo. Nele, os argumentos S e O recebem a mesma marca – *aq* – enquanto o argumento A é tratado diferentemente, sendo marcado por *am*.

Em muitas línguas, os dois sistemas existem lado a lado, resultando num sistema misto.

4.3.2.1 Marcação de caso dos SNs da língua kaingang

Como mencionado na seção anterior, muitas línguas exibem dois sistemas de caso. Segundo Wieseemann (2007, p. 86), a língua kaingang, que pertence à família Jê, é uma delas:

O sistema Jê tem dois tipos de orações coexistentes: um do sistema nominativo e outro do sistema ergativo. Todos os verbos e todas as pessoas de sujeito podem ocorrer em estruturas nominativas. Nestes o sujeito é marcado com qualquer indicador de sujeito e pode ocorrer no início da frase ou depois de uma ou duas circunstâncias, mas normalmente precedendo o verbo. O objeto ocorre diretamente precedendo o verbo e não pode ser desligado dele por nenhuma circunstância. Nas construções ergativas intransitivas o agente (que seria o sujeito) ocorre diretamente precedendo o verbo, o lugar ocupado pelo objeto nas orações transitivas. Ele não é indicado por nenhum indicador especial.

Embora os trabalhos de Wieseemann sejam pioneiros e referência nos estudos da língua kaingang, a autora demonstra certa dificuldade com a metalinguagem para descrever os fenômenos linguísticos. Na citação acima, quando a autora diz “Nas construções ergativas intransitivas”, entende-se que ela está se referindo às construções que exibem o sistema ergativo-absolutivo. A autora, portanto, emprega equivocadamente a expressão “construções ergativas intransitivas” tendo em vista que construção ergativa diz respeito às orações transitivas.

Nos exemplos a seguir, apresentados por Wieseemann (2007), há duas orações que exibem o sistema nominativo-acusativo e duas que exibem o sistema ergativo-absolutivo. A autora trata, nesses exemplos, do caso atribuído ao SN sujeito, cometendo, portanto, um equívoco ao empregar o termo “ergativo intransitivo” que, na verdade, deve ser entendido como absolutivo.

Kaingang (Jê) (as abreviações são: N – nominativo, A absolutivo, E ergativo)

nominativo intransitivo: João vỹ tĩ mũ . 'João N ir mũ – João vai'

ergativo intransitivo: João # tĩ vẽ. 'João A ir é – João vai'

nominativo transitivo: João vỹ fi venh tĩ mũ. 'João N ela ver ir mũ – João vai vê-la.'

ergativo transitivo: João tỹ fi venh tĩ vẽ. 'João E ela ver ir é – João vai vê-la.'

(WIESEMANN, 2007, p. 87) (grifos da autora)

Os exemplos mencionados se constituem todos de orações simples. Segundo a autora (p. 87), “as construções nominativas são usadas em textos narrativos, as ergativas são usadas em explicações ou exposições. Todos os imperativos são nominativos.” Subtende-se pelos exemplos da autora que a distinção entre sentença narrativa e expositiva é condicionada pela marcação aspectual, de forma que *mũ* ocorre em frases consideradas pela autora como narrativas enquanto *vẽ* ocorre em frases consideradas expositivas. É essa distinção, segundo os exemplos da autora, que condiciona o emprego da marcação nominativa ou ergativa, no entanto pude constatar construções nominativas com o emprego de *vẽ*.

Nos dados coletados para esta tese, pude constatar que a língua diferencia a marcação de caso dos argumentos A, S e O nas orações principais e subordinadas, exibindo um sistema para as orações principais e outro para as orações subordinadas. Comparando esses dados com de outros trabalhos meus e de demais pesquisadores da língua, percebi que a marcação dos argumentos nominais de algumas orações complexas distingue-se das orações simples.

Nas orações simples, a língua trata A e S da mesma forma, diferenciando-os de O, ou seja, nessas orações, a marcação nominal exhibe o sistema nominativo-acusativo.

16. Gĩr vỹ prêr
 menino MS-NOM gritar
 “O menino gritou.”

17. Mĩg vỹ gĩr-Ø prã
 onça MS-NOM menino-ACUS morder
 “A onça mordeu o menino.”

Nesses exemplos, tanto S (ex.: 16) quanto A (ex.: 17) exibem o mesmo marcador – *vỹ*. Esse marcador é muito comum nos dados do kaingang quando o sujeito é nominal (cf. os dados de 1 a 6 deste capítulo). O objeto direto no exemplo 17 exhibe marcação zero, pois este argumento não é marcado na língua. As duas orações simples em 16 e 17 atribuem, portanto, marcação de caso aos argumentos S, A e O de acordo com o sistema nominativo-acusativo. Assim S e A exibem o marcador nominativo *vỹ*, enquanto O apresenta marcação zero.

Os dados 18, 19, 20 e 21 são alguns exemplos de orações complexas que demonstram um sistema misto de marcação nominal de caso.

18. [[*Gĩr-Ø* *věnhvãg mũ*] *vỹ* *prěr*]
 menino-ABS correr ASP MS-NOM gritar
 “O menino que correu gritou.”
19. [[*pỹn tỹ* *mĩg-Ø prãg mũ*] *vỹ* *pěngre-Ø tãnh*]
 cobra MS-ERG onça-ABS morder ASP MS-NOM galinha-AC matar
 “A cobra que mordeu a onça matou a galinha.”
20. [*Gĩr* *vỹ* [*mĩg tỹ* *ti-Ø pranh ke*] *kaměg*]
 menino MS-NOM onça MS-ERG P3P-ABS morder MO ter medo
 “O menino ficou com medo de a onça mordê-lo.”
21. [*gĩr* *vỹ* [*ti-Ø* *ter ke*] *kaměg tĩ*]
 menino MS-NOM P3P-ABS morrer MO ter medo ASP
 “O menino tem medo de morrer”

Nesses exemplos, as orações principais e as subordinadas estão separadas por colchetes e, além disso, as subordinadas estão destacadas em itálico para melhor identificação. Os dados 18 e 19 apresentam orações relativas enquanto os dados 20 e 21 apresentam orações completivas. Neste capítulo, abordarei apenas a marcação de caso atribuída aos argumentos nominais desses exemplos, pois a análise mais detalhada das orações será feita nos capítulos 5, 6, 7 e 8.

Nos exemplos 18 e 19, é a oração relativa que ocupa a posição de sujeito da oração principal⁴⁷, funcionando, portanto, como S, em 18, e A, em 19. Em ambos os exemplos, o sujeito da oração principal, seja S ou A, exibe a marca de nominativo *vỹ* enquanto o objeto direto da oração principal, em 19 – *pěngre* –, não é marcado. Portanto, a marcação dos argumentos da oração principal, nesses exemplos, exibe o sistema nominativo-acusativo tratando S = A ≠ O. Nesses mesmos exemplos, a marcação dos argumentos da oração subordinada (relativa) exibe o sistema ergativo-absolutivo: em 19, o argumento A recebe a marca de sujeito ergativo – *tỹ* - enquanto o argumento S de 18 não recebe marcação, sendo tratado da mesma forma que o argumento O, ou seja, ambos exibem o caso absoluto. Assim, pude observar que a oração subordinada desses exemplos exibe um sistema diferente

⁴⁷ Explicarei isso no capítulo 6.

da oração principal, pois trata $S = O \neq A$. Segundo Givón (2001), a marcação ergativa ocorre somente no sujeito da oração transitiva, enquanto o objeto da oração transitiva e o sujeito da intransitiva recebem a marcação absolutiva que, geralmente, é zero. Nos exemplos do kaingang, a marcação de caso absolutivo sempre será zero.

Nos exemplos 20 e 21 as orações subordinadas e as principais também estão separadas por colchetes. Nesses exemplos, as orações subordinadas (em itálico) funcionam como objeto direto da oração principal, por isso, são denominadas completivas. Assim como os exemplos 19 e 20, ocorre um sistema misto de marcação de caso. Tanto em 20 quanto em 21, o sujeito da oração principal é de verbo transitivo e recebe o marcador de nominativo $v\tilde{y}$ ⁴⁸. No entanto, o sujeito do verbo transitivo da oração subordinada de 20 recebe a marca de sujeito ergativo $t\tilde{y}$ enquanto o sujeito do verbo intransitivo da oração subordinada de 21 recebe a marcação absolutiva que é zero, sendo tratado, portanto, como o argumento objeto. Assim como ocorre em 18 e 19, os exemplos 20 e 21 também exibem o sistema nominativo-acusativo para marcar os argumentos na oração principal e o sistema ergativo-absolutivo para marcar os argumentos na oração subordinada.

Enfim, os exemplos de Wiesemann (2007) e os exemplos 18, 19, 20 e 21 mostram que a língua kaingang exibe dois sistemas de marcação de caso. De acordo com Dixon (1994), o emprego de mais de um sistema pode ser condicionado por quatro características: (i) natureza semântica do verbo principal; (ii) natureza semântica do núcleo do SN; (iii) tempo, aspecto ou modo da oração e; (iv) *status* gramatical da oração (se é principal ou subordinada). Os exemplos de Wiesemann (2007) demonstram que o sistema é condicionado pelo aspecto da oração, enquanto nos exemplos 18, 19, 20 e 21 o sistema misto é condicionado pelo *status* gramatical da oração, de forma que a oração principal exibe um sistema e a subordinada outro.

Dixon (1994) afirma que as orações principais, sejam acusativas ou ergativas, exibem uma marcação oposta àquela da oração subordinada, quando a língua emprega um sistema cindido. Uma das línguas citadas como exemplo pelo autor é o xokleng⁴⁹: segundo Dixon (1994), as orações principais podem ser ergativas ou absolutivas – cisão condicionada pelo aspecto – no entanto, as orações subordinadas são sempre ergativas.

⁴⁸ Como os períodos constituídos por orações subordinadas completivas só podem ser formados por predicados transitivos, não há exemplos de verbos intransitivos na oração principal para que seja possível contrastar A e S.

⁴⁹ A língua xokleng, falada no Estado de Santa Catarina, juntamente com a língua kaingang constituem o ramo meridional da família Jê.

4.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE TEMPO, ASPECTO E MODO

Nesta seção farei uma breve apresentação das categorias de tempo, aspecto e modo a fim de subsidiar a compreensão dos dados nos capítulos de análise. Quero ressaltar que não é meu objeto de estudo tratar dessas categorias, tendo em vista que sua análise exigiria um trabalho exclusivamente voltado a elas. Para um conhecimento mais aprofundado dessas categorias sugiro a leitura de Gonçalves (2007, 2011) e Almeida (2008).

Conforme apontam os trabalhos de Almeida (2008), Gonçalves (2007, 2011) e Wiesemann (2002), a língua kaingang marca tanto gramatical como lexicalmente as categorias de TAM (doravante tempo, aspecto e modo), de forma que o verbo pode ou não sofrer flexão e ser acompanhado de marcadores que indicam aspecto e modo. Tanto Almeida (2008) quanto Gonçalves (2007, 2011) apresentam em seus trabalhos a abordagem de Wiesemann quanto às categorias TAM e divergem dessa autora quanto a algumas definições. Na análise dos dados desta tese, não me aprofundarei na abordagem dessas categorias, mas procurarei identificá-las com base nos trabalhos citados nesta seção.

Almeida (2008) explica que, do ponto de vista morfológico/gramatical, o kaingang apresenta apenas dois tempos: (i) futuro – tempo marcado, e (ii) não-futuro – tempo não marcado. A autora postula que essa distinção demonstra um contraste mais modal do que temporal, de forma que o tempo futuro expressa o modo *irrealis* (algo que ainda não aconteceu) e o não-futuro o modo *realis* (algo que aconteceu, acontece normalmente ou está acontecendo).

22. gĩr vỹ fág kó Ø
 menino MS pinhão comer

“O menino comeu pinhão.” (ALMEIDA, 2008, p. 87)

23. gĩr vỹ fág ko mũ
 menino MS pinhão comer ASP

“O menino está comendo pinhão.” (ALMEIDA, 2008, p. 87)

24. gĩr vỹ fág konh ke mũ
 menino MS pinhão comer MO ASP

“O menino comerá pinhão.” (ALMEIDA, 2008, p. 87)

O exemplo 22 apresenta um evento que aconteceu e o exemplo 23 mostra um evento que está acontecendo. A diferença entre *kó* e *ko*, segundo Almeida (2008, p. 87), pode ser vista na marcação aspectual:

a primeira sentença não possui marcador de aspecto, refere-se a um evento acabado ou melhor, visto como um bloco, algo inteiro, sem especificações de suas fases; a segunda possui o marcador *mũ* e se refere a um evento não-acabado, ou pelo menos considerado em algumas de suas fases.

O exemplo 24 trata de um evento que ainda não aconteceu, sendo marcado pela flexão verbal (*ko – konh*) mais os marcadores *ke* e *mũ*. De acordo com Almeida (2008), o marcador *ke* indica o modo *irrealis*.

Almeida (2008) pontua que a categoria *realis* está ligada à categoria de aspecto (perfectivo e imperfectivo). Quanto ao modo *irrealis*, a autora tem o seguinte posicionamento:

embora podendo ser expressa por *ke mũ*, *ke nĩ*, *ke nỹtĩ* (estas duas últimas combinações sendo mais raras) ou (*ke*) *tu nĩ*, isto é, por combinações que possuem tanto marcadores modais (*ke* e *tũ*) como aspectuais (*mũ*, *nĩ*, *nỹtĩ*), não podemos relacionar o *irrealis* às subcategorias aspectuais perfectivo ou imperfectivo, pois estas duas expressam um tipo de evento que teve seu início, podendo ter sido completado ou não. Ora, se um evento teve pelo menos seu início, não podemos tratá-lo como *irrealis*, ou seja, como algo que não aconteceu ainda: se teve início, o evento se realizou pelo menos um pouquinho, devendo ser tratado como *realis*. Assim, a subcategoria modal *irrealis* pode estar relacionada à categoria de aspecto, mas não às subcategorias aspectuais perfectivo e imperfectivo. (ALMEIDA, 2008, p. 103-104)

Embora Almeida (2008) considere que apenas o tempo futuro é marcado gramaticalmente, Gonçalves (2011) aponta a existência de marcas morfológicas que indicam referência temporal passada em alguns verbos. Seguem as constatações da autora a respeito da expressão de tempo na língua kaingang:

- a) expressão temporal (lexical) a partir da utilização de adjuntos temporais apontando anterioridade, posterioridade ou simultaneidade ao MF⁵⁰;
 - b) verbos que possuem uma forma própria para expressar Tempo Passado;
 - c) referência temporal passada expressa morfologicamente por {-g} acrescido a alguns verbos e a alguns aspectuais;
 - d) referência temporal passada com a utilização de *ja* junto a Verbos e Nomes;
 - e) referência temporal futura expressa morfologicamente por {-j} acrescido a verbos terminados em vogais; ou a marcadores aspectuais, ou ainda acrescido a alguns nomes;
 - f) referência temporal futura e a utilização de Perfectivos;
 - g) outras formas verbais que assinalam ações ocorridas ou ‘por acontecer’.
- (GONÇALVES, 2011, p. 27) (**grifos da autora**)

Além do modo *realis e irrealis*, Almeida (2008) também distingue o modo imperativo. A autora constatou algumas características referentes a esse modo: (i) pode expressar ordem, pedido ou conselho; (ii) a segunda pessoa não é expressa, mas subentendida; (iii) não há marcadores de aspecto; (iv) pode ocorrer dois marcadores: *ra* e *rỹ* ambos com significado “faça isso agora”. Wiesemann (2002) os classifica como marcadores de aspecto, porém Almeida (2008) suspeita que esses marcadores indicam modo e não aspecto. Gonçalves (2011) também menciona o emprego do marcador *ra* em atos de fala que implicam obrigação ou permissão, caracterizando o imperativo, como mostra o quadro 11. Esse marcador, como se verá em diferentes dados, exerce várias funções. Almeida (2008) e Gonçalves (2007, 2011) também fazem menção ao seu emprego como conjunção. Nos contextos em que indicar obrigação ou permissão, classificá-lo-ei como modo, com base em Almeida (2008) e Gonçalves (2011). Em algumas orações adverbiais será considerado como conjunção. O exemplo 25 ilustra o modo imperativo expresso pelo emprego de *rỹ*.

25. gã̃r tu rỹ
 milho carregar MO

“Carregue milho.” (ALMEIDA, 2008, p. 103)

O exemplo 25 apresenta as características apontadas por Almeida (2008). A segunda pessoa não é expressa e o emprego do marcador *rỹ* denota ordem.

Almeida (2008, p. 90) aponta outra distinção bem marcada na língua – a aspectual:

⁵⁰ A abreviatura MF corresponde a Momento da Fala.

o aspecto é, de certa forma, um tempo, porém um tempo interno do evento, o que difere do tempo externo do evento. Neste podemos encontrar os contrastes entre passado, presente e futuro, naquele, os contrastes entre perfectivo e imperfectivo, entre outros.

Com base em Comrie (1976), a autora tece algumas considerações sobre perfectividade e imperfectividade:

Enquanto a perfectividade representa a ação pura e simples, configurando-se como uma visão do acontecimento como um todo único, sem se importar com as fases separadas da situação, a imperfectividade tem a atenção voltada à estrutura interna da situação, pondo-se ênfase em alguma parte da mesma: seu começo, meio ou fim; ou no próprio desenvolvimento/desenrolar da situação. (ALMEIDA, 2008, p. 106)

No modo *realis* que distingue entre perfectivo e imperfectivo, a autora constatou que o verbo pode ser flexionado em *-g* e ser acompanhado dos marcadores de aspecto que indicam imperfectivo (*mũ*, *tĩ*, *nĩ*) ou não ser flexionado em construções perfectivas, as quais não apresentam marcador. Já no modo *irrealis*, o verbo, normalmente, flexiona-se em *-nh* ou em *-g* e vem acompanhado dos marcadores *ke*, *mũ* e *tũ nĩ*, como demonstra o quadro 9.

Quadro 9 - Regra Geral de Flexão Verbal e Marcadores nos Modos *Realis* e *Irrealis*

Modo	Flexão verbal	Marcadores
<i>Realis</i>	<i>-g</i> ou \emptyset	<i>mũ</i> , <i>tĩ</i> , <i>nĩ</i> , \emptyset
<i>Irrealis</i>	<i>-nh</i> ou <i>-g/-j</i>	<i>ke</i> , <i>mũ</i> , <i>tũ nĩ</i>

Fonte: Almeida (2008, p. 91)

A autora considera que o marcador *mũ* indica imperfectividade marcando uma das fases do evento (começo, meio ou fim). Para Gonçalves (2007) esse mesmo marcador indica perfectividade, devido ao fato de poder indicar o fim da ação. Almeida (2008) contesta isso, argumentando que a perfectividade deve ser vista sobre a totalidade da ação e não apenas sobre o resultado. Em trabalho posterior, Gonçalves (2011, p. 104) reafirma o uso de *mũ* para indicar perfectividade:

A presença de *mũ* nos enunciados assinala a completude do evento. [...] ele pode também ocorrer em contextos futuros assinalando a completude do evento naquele momento posterior. Isso é possível porque o *telus* ou o ponto final do evento pode estar presumido ou não ser necessariamente expresso.

Com relação aos marcadores *tĩ* e *nĩ*, o primeiro indica habitualidade enquanto o segundo estatitividade. A respeito do marcador *nĩ*, Gonçalves (2007, p. 178) define:

Nĩ é utilizado para eventos durativos, estativos, não-permanentes e em eventos não-durativos transformativos. No caso de eventos durativos, chamamos a atenção para o fato da possibilidade indicada no marcador de Aspecto *nĩ*, desses estados poderem ser mudados de alguma forma, ainda que tenham certa duração.

Enfim, os quadros 10 e 11 sistematizam as categorias de TAM, conforme a análise de Almeida (2008) e Gonçalves (2011), respectivamente.

Quadro 10 - Sistematização de modo e aspecto do kaingang

MODO	Realis				Irrealis	Imperativo	
						pedido	ordem
ASPECTO	Perfectivo	Imperfectivo					
		continuativo/ incoativo	habitual	estativo			
MARCADORES	∅	mũ	tĩ	nĩ	ke(mũ) nĩ (tũ nĩ)	∅	ra, rỹ

Fonte: Almeida (2008, p. 112)

Quadro 11 - Categorias TAM na Língua Kaingang

	Fonte lexical (para as gramaticalizações)	Tempo	Aspecto	Modo	Modalidade
<i>ja</i>	??	Passado (Verbos e Nomes)	Perfectivo/Perfeito		Possibilidade de expressar modalidade em contextos futuros
{-j}	---	Futuro (Verbos, Nomes e Aspectos)			
{-g}	---	Passado (Verbos,			

		Nomes e Aspectos			
<i>mũ</i>	verbo 'ir.PL'		Perfectivo		Possibilidade de expressar modalidade em contextos futuros
<i>tĩ</i>	verbo 'ir. SG'		Imperfectivo Habitual		
<i>ra</i>	CONJ: se			COND	
<i>ra</i>				Imperativo	
<i>vẽ</i>	?				Modalidade epistêmica: - Assertivo; - Contrafactual

Fonte: Gonçalves (2011, p. 274)

4.5 POSPOSIÇÕES

Segundo Wiesemann (2002, p. 158): “Os indicadores de circunstância, preposições em Português, sempre seguem o substantivo ou a frase que eles modificam. Por isso são chamados de posposições.” A autora apresenta uma lista destes vocábulos com seus respectivos significados. Em seguida, comenta que “existem verbetes de circunstância (circ.) que são um tipo de advérbios.” (p. 158). Assim, pode notar que a autora classifica tanto as posposições quanto os advérbios como indicadores de circunstância. Na análise dos dados deste trabalho, optei por empregar os termos posposição e advérbio, conforme a função desempenhada pelos respectivos vocábulos. O quadro 12 apresenta as posposições que ocorrem nos dados coletados para este trabalho.

Quadro 12 - Posposições

kaingang	Português
kã	dentro de
ki	em, por dentro
kri	em cima
mĩ	dentro (se movendo)
mré	com
mỹ	para
ra	para, na direção de
to	em direção de
tỹ	com, por

4.6 ADVÉRBIOS

Como mencionei na seção anterior, Wiesemann (2002) denomina os advérbios como indicadores de circunstância. Além disso, pude perceber que alguns marcadores de modo e indicadores de opinião mencionados pela autora também funcionam como advérbios. Como justifiquei na seção anterior, emprego o termo advérbio para os vocábulos que desempenham essa função nos dados coletados. O quadro 13 apresenta os advérbios que ocorrem nos dados analisados nesta tese.

Quadro 13 - Advérbios

kaingang	português
gé	também
ha	agora
há	bem
huri	já
hën ri ke mûn	talvez
jo	antes
kamê	muito
kar kÿ	depois
kór há	bem longe
kumêr ha	devagar, lento
mág	muito, bastante
mã(n)	de novo, outra vez
mê	muito
tá	lá

4.7 MARCADORES DE OPINIÃO

De acordo com Wiesemann (2002, p. 159), os indicadores de opinião “exprimem a atitude do falante com a informação transmitida”. Nos dados coletados para esta tese, ocorrem os marcadores de opinião apresentados no quadro 14.

Quadro 14 - Marcadores de opinião

kaingang	português
ha	agora
hã	igual, parecido, semelhante. Indica foco assertivo
hÿnÿ	provavelmente
kur	depressa
sir	então, daí, assim (informação importante)
vó	será que não é

4.8 CONJUNÇÕES

Nos dados que apresentam orações subordinadas adverbiais e orações coordenadas, ocorrem as conjunções apresentadas no quadro 15.

Quadro 15 - Conjunções

kaingang	português
hã ra	mas
jãvo	mas
jé	para
kỹ	então, porque, quando
mũra	quando, se
ra	se

Enfim, este capítulo propôs-se apenas a apresentar uma sucinta exposição das informações gerais da língua kaingang, além das considerações feitas sobre os sistemas de caso a fim de auxiliar o leitor na compreensão dos dados apresentados nos capítulos de análise.

5 ORAÇÕES COMPLETIVAS

Este capítulo tem como objetivos descrever e analisar as orações completivas da língua kaingang com base nos pressupostos de Givón (2001), Noonan (1985, 2007), Payne (1997) e Santana (2010) apresentados na seção 3.2.1.

Como já mencionado, os autores citados definem a oração completiva como aquela que funciona como argumento (sujeito ou objeto) do verbo da oração principal, ou seja, é uma oração que funciona como sintagma nominal. De acordo com a escala de integração gramatical proposta por Payne (1997), na seção 3.2, as construções com orações completivas apresentam um alto grau de integração gramatical entre os verbos que constituem o período. As dimensões morfológica, sintática e semântica da complementação serão tratadas a partir dos exemplos que ilustram os tipos semânticos de predicados da oração matriz.

5.1 TIPOS SEMÂNTICOS DE PREDICADOS DA ORAÇÃO MATRIZ

Como mencionei na seção 3.2.1.1, seguirei a classificação proposta por Santana (2010) que tem como base Cristofaro (2003), Dik (1997b), Dixon (2006) e Noonan (1985), além de outros tipos semânticos de predicados encaixadores elencados por Noonan (1985). Assim, a análise apresenta nove tipos de predicados encaixadores tratados por Santana (2010) - enunciação, atitude proposicional, conhecimento, volição, manipulação, percepção física, fasal, experiência psicológica e tentativa – e dois tipos tratados por Noonan (1985) – temor e modais.

5.1.1 Predicados Encaixadores de Enunciação

Como já abordado no referencial teórico, esses predicados apresentam verbos cuja função pragmática é de transmitir um conteúdo, de forma que a oração completiva será o conteúdo comunicado. Segundo Santana (2010), esse conteúdo comunicado diz respeito ao discurso e não à sentença, de forma que a verdade do que é dito depende dos participantes envolvidos na interação verbal.

Noonan (2007) sugere que, para investigar o sistema de complementação de uma determinada língua, o pesquisador inicie com a elicitación de períodos que apresentem predicados de enunciação, os quais chama de expressão vocal, assim como Givón (2001). Os passos sugeridos por Noonan (2007) são: (i) escolher uma oração transitiva simples que

servirá como a proposição da oração complemento; (ii) criar orações da lista de predicados encaixadores usando essa oração transitiva simples como complemento, começando com os verbos de expressão vocal; (iii) verificar a diferença entre discurso direto e indireto; (iv) depois de verificar com essa oração básica, variar a oração complemento para constatar se outros predicados exibem o mesmo número de categorias morfológicas na complementação.

Dessa forma, optei por iniciar a elicitación das orações completivas da língua kaingang com a seguinte oração transitiva simples:

1. Gĩr vỹ pẽngre péju ja ti
 menino MS galinha roubar MO P3P
 “O menino roubou a galinha.”

Segundo o informante, a combinação de *ja* e *ti* indica passado. Com relação ao marcador *ja*, Wiesemann (2002) o classifica como marcador de modo (“terminado”), no entanto, Gonçalves (2011) constatou que ele pode ser usado para: (i) marcar tempo (verbal) passado; (ii) marcar tempo nominal (passado) e (iii) para nominalizar. Uma questão importante é levantada pela autora: quando esse marcador marca perfectividade e quando marca tempo passado? De acordo com a análise de seus dados, ela constatou que: quando ocorre junto a verbos que já se encontram em uma forma própria para indicar passado, esse marcador indica aspecto perfectivo; quando a forma verbal não indica passado, esse marcador indica passado. Tendo em vista que Gonçalves menciona várias possibilidades para este marcador e como o foco dessa tese não é a análise morfológica do verbo e, além do mais, o dicionário da língua não indica se a forma do verbo indica passado ou não, optei por glosá-lo conforme Wiesemann (2002) o classifica, ou seja, como marcador de modo. O emprego do pronome de terceira pessoa *ti* no final da oração indica ênfase.

Após a coleta do dado 1, passei a coletar orações com predicados encaixadores de enunciação, nas quais o predicado complemento fosse constituído pela oração presente no exemplo, seguindo, assim, a orientação de Noonan (2007).

2. Ûn tỹtá fi [gĩr vỹ pẽngre péju] hé
 mulher FEM menino MS galinha roubar dizer
 “A mulher disse que o menino roubou a galinha.”
3. [Ûn gré vỹ [gĩr vỹ pẽngre péju] hé]
 homem MS menino MS galinha roubar dizer

“O homem disse que o menino roubou a galinha.”

4. [Ũn týtá fi vỹ ãn gré mỹ [gĩr mỹ pẽgre péju ja] ké]
mulher FEM MS homem POSP menino MS galinha roubar MO dizer

“A mulher perguntou ao homem se o menino roubou a galinha.”

(lit.: “A mulher disse para o homem: O menino roubou a galinha?”)

5. [Ũn týtá fi vỹ ãn gré mỹ [gĩr vỹ pẽngre péju ja ti] ké]
mulher FEM MS homem POSP menino MS galinha roubar MO P3P dizer

“A mulher disse para o homem que o menino roubou a galinha.”

Os exemplos 2, 3, 4 e 5 mostram que: (i) a língua kaingang utiliza dois verbos de enunciação no predicado encaixador: *hé* e *ké*, ambos significam “dizer”, sendo que o último parece ser usado somente quando, além do objeto direto, ocorre também o objeto indireto; (ii) a oração completiva ocupa a posição do argumento objeto direto do verbo da oração principal; (iii) não há uso de um complementizador.

Com relação à estrutura da oração principal, esta se apresenta na ordem canônica – SOV – na qual o objeto direto é constituído pela oração completiva. O sujeito recebe a marca de nominativo *vỹ*⁵¹ e quando há objeto indireto (exemplos 4 e 5) o mesmo ocorre entre o sujeito e a oração completiva marcado pela posposição *mỹ* (para).

Com relação à oração completiva, é possível apontar semelhanças e diferenças com a oração transitiva simples em 1 (“Gĩr vỹ pẽngre péju ja ti”): (i) no que diz respeito ao marcador de sujeito, 2, 3 e 5 apresentam o mesmo marcador que 1 – *vỹ*. Em 4, ocorre o marcador *mỹ* usado para indicar qual é o sujeito sobre o qual se tem dúvida; (ii) o exemplo 5, assim como 1, apresenta o marcador *ja* mais o pronome pessoal *ti*; (iii) o exemplo 4 apresenta apenas o marcador *ja* e não apresenta o pronome pessoal *e*; (iv) o exemplo 3 não apresenta nem o marcador *ja*, nem o pronome pessoal.

No que diz respeito ao tipo de oração completiva, esta se constitui de uma oração finita, com propriedades de uma oração principal, pois apresenta sujeito, objeto e verbo. Conforme já mencionado neste trabalho, Santana (2010) ressalta que o tipo de oração

⁵¹ Em 2, é possível observar que o sujeito da oração principal não é marcado. Em outros dados cujo sujeito possui o traço semântico [+ feminino], percebi que ora ocorre marcado, ora não. Perguntei ao informante, em diversas ocasiões, se poderia acrescentar o marcador de sujeito *vỹ* e ele sempre respondeu que é opcional. Com base nessa resposta dele e devido à ausência de marcador em demais dados com sujeito feminino, acredito que este traço semântico torna a marcação opcional.

completiva está ligado ao tipo semântico do predicado encaixador. Os predicados encaixadores de enunciação pertencem à classe de verbos os quais Givón (2001) denomina como verbos de cognição-percepção-expressão vocal. As características semânticas e sintáticas apontadas pelo autor (seção 3.2.1) correspondem aos exemplos do kaingang: (i) características semânticas – o verbo na oração principal codifica um ato verbal de expressão vocal, o sujeito do verbo principal é agente, a declaração na oração completiva diz respeito ao paciente do verbo principal; (ii) características sintáticas: a oração completiva tem a estrutura finita como a oração principal e seu sujeito é completamente expresso.

Com base em Givón (2002), os exemplos do kaingang com verbos de enunciação demonstram uma ligação mais fraca com o verbo da oração principal.

Seguindo as orientações de Noonan (2007) para a elicitación, coletei os seguintes dados para verificar a diferença entre discurso direto e indireto:

6. [Ũn týtá fi vỹ [pëngre péju inh] hé]
mulher FEM MS galinha roubar P1P dizer
“A mulher disse: ‘Eu roubei a galinha.’”

7. [Ũn týtá [ũ fi pëngre péju ja fi] hé]
mulher P.IND. FEM galinha roubar MO P3P dizer
“A mulher disse: alguém roubou a galinha.”

Os dados 6 e 7 têm a mesma estrutura dos exemplos 2, 3, 4 e 5: a oração completiva é uma oração finita que ocorre na posição do argumento objeto direto da oração principal, não tem complementizador e possui uma ligação semântica fraca com o verbo da oração principal. Tanto o dado 6 como o 7 correspondem ao discurso direto: no exemplo 6, há o emprego do pronome de primeira pessoa *inh* na oração completiva⁵²; no exemplo 7, há o uso de um pronome indefinido *ũ* (alguém) na posição de sujeito seguido pelo marcador de feminino *fi*. Também ocorre, neste exemplo, o marcador *ja*, porém, agora, acompanhado de um pronome de terceira pessoa feminino para indicar ênfase. Ainda com relação ao exemplo 7, pude observar que o sujeito da oração principal não é marcado, assim como em 2.

Para verificar como se manifestam os predicados encaixadores de enunciação, coletei também mais dois dados cujas orações completivas apresentam um verbo

⁵² Conforme apresentado no capítulo 4, quando o sujeito é ocupado por um pronome pessoal, a ordem da oração é OVS, na qual o sujeito não vem marcado.

intransitivo. Nesses dados, 8 e 9 a seguir, de acordo com a tradução literal do exemplo, constatei que não ocorre o uso do discurso indireto.

8. [Ûn týtá fi [gĩr vỹ to hé] hé]
mulher FEM menino MS cair dizer
“A mulher disse que o menino caiu.”
(lit.: “A mulher disse: O menino caiu.”)

9. [Ûn týtá fi vỹ [gĩr mỹ pévé] hé tĩ]
mulher FEM MS menino MS cair dizer ASP
“A mulher perguntou se o menino caiu.”
(lit.: “A mulher disse: O menino caiu?”)

Assim como nos dados de 2 a 7, a oração principal apresenta um verbo de dizer, porém de todos os exemplos, apenas 9 apresenta o marcador de aspecto *tĩ* (habitual) acompanhando esse verbo. O sujeito da principal em 8 não é marcado assim como em 7. A oração completiva é uma oração finita que ocupa a posição do argumento objeto do verbo da oração principal. Em 8, o sujeito da completiva é marcado por *vỹ* e, em 9, por *mỹ* que indica qual é o sujeito sobre o qual se tem dúvida.

Enfim, em todos os exemplos do kaingang cujo predicado encaixador apresenta um verbo de enunciação, a oração completiva manifesta-se como uma oração finita que ocupa a posição do argumento objeto direto do verbo da oração principal. Os dados correspondem às características semânticas e sintáticas apontadas por Givón (2001), apresentadas anteriormente, sobre verbos de cognição-percepção-expressão vocal, indicando, assim, uma fraca ligação semântica entre o verbo da oração principal e o da completiva.

5.1.2 Predicados Encaixadores de Atitude Proposicional

Referem-se à atitude avaliativa do falante com relação à verdade/falsidade da proposição sobre a qual a oração completiva diz respeito.

10. [Maria fi vỹ [gĩr *hã hỹnỹ* pẽngre péju mũ] hé]
n. próprio FEM MS menino OP OP galinha roubar ASP dizer
“Maria acha que o menino roubou a galinha.”

(lit.: “Maria disse que o menino, provavelmente, roubou a galinha”)

11. [Maria fĩ vỹ [gĩr hã vỹ pẽngre péju mũ] hé]
 n. próprio FEM MS menino OP MS galinha roubar ASP dizer
 “Maria acredita que o menino roubou a galinha.”

(lit.: “Maria disse que é verdade que o menino roubou a galinha”)

Assim como nos exemplos dos predicados encaixadores de enunciação, os exemplos 10 e 11 apresentam a oração completiva no lugar do argumento objeto direto do verbo da oração principal. O predicado encaixador não apresenta um verbo de atitude proposicional, mas sim um verbo de dizer. A atitude avaliativa do falante com relação à informação transmitida não se dá por meio de verbos, mas pelo emprego de marcadores de opinião que acompanham o sujeito da oração encaixada. Esses marcadores de opinião acompanham o sujeito da completiva porque é sobre ele que o sujeito da principal expressa sua opinião.

A combinação dos marcadores *hã* e *hỹnỹ*, em 10, indica que o sujeito da oração principal não tem certeza quanto à proposição inserida na oração completiva, pois *hã* indica foco assertivo e *hỹnỹ* significa provavelmente. Já o uso de apenas *hã*, em 10, denota o grau de certeza do sujeito da oração principal com relação ao fato expresso na completiva.

Ambos os exemplos não apresentam complementizador e têm sujeitos distintos para a oração principal e para a completiva, sendo que esta se constitui por uma oração finita (embora a completiva de 10 não apresente marcador de sujeito). Devido ao fato de o predicado encaixador apresentar um verbo de dizer, pude constatar que os exemplos 10 e 11 também apresentam as mesmas características semânticas e sintáticas mencionadas por Givón (2001) para os verbos de cognição-percepção-expressão vocal, indicando, assim, uma ligação mais fraca entre o verbo da principal e o da completiva. No entanto, mesmo que a ligação semântica entre o verbo da principal e da completiva seja fraca, existe um elo entre os marcadores de opinião e o verbo da principal.

Diferente dos predicados de enunciação que apresentam o marcador *ja*, os predicados de atitude proposicional apresentam o marcador de aspecto contínuo *mũ*.

5.1.3 Predicados Encaixadores de Conhecimento

Descrevem um estado de conhecimento ou o processo de aquisição ou perda de um conhecimento sobre a proposição inserida na oração complemento.

12. [Maria fi [gĩr tỹ pẽngre peju ja] ki kanhrãn]
n. próprio FEM menino MS galinha roubar MO ensinar

“Maria descobriu que o menino roubou a galinha.

13. [Porisa vỹ [ũn tỹ kanhagág tén mũ] ki kanhrãn]
polícia MS P.REL MS índio matar ASP ensinar

“A polícia sabe quem matou o índio.”

14. [Porisa vỹ [ũn gré tỹ kanhagág tén mũ] ki kanhrãn]
polícia MS homem MS índio matar ASP ensinar

“A polícia sabe quem matou o índio.”

15. [Pedro vỹ [José tỹ kanhagág tén] ki kanhró ti]
n. próprio MS n. próprio MS índio matar saber P3P

“Pedro soube que José matou o índio.”

16. [Pedro vỹ [Ludoviko tĩg ja nĩ] mẽ]
n. próprio MS n. próprio andar MO ASP verbo de percepção

“Pedro soube que Ludoviko chegou.”

17. [Pedro vỹ [ti tỹ livro ma kãtĩg] mĩ ěkrén ja nĩ]
n. próprio MS P3P MS livro trazer lembrar MO ASP

“Pedro lembrou de trazer o livro.”

Nos exemplos 12, 13, 14, 15, 16 e 17, a oração completiva é uma oração finita que ocupa a posição do argumento objeto da oração principal, assim como nos predicados de enunciação e de atitude proposicional. Também não há complementizador e o sujeito da oração principal e o da completiva são diferentes.

Nesses exemplos, ocorrem dois sistemas de marcação de caso para os sujeitos das orações. Como apresentei no capítulo 4, a língua kaingang diferencia a marcação de caso dos argumentos A, S e O nas orações principais e subordinadas. Em 13, 14, 15, 16 e 17, a oração principal exhibe o sistema nominativo-acusativo. Nestes exemplos, o sujeito, que é um argumento A (sujeito de verbo transitivo) recebe a marca de nominativo *vỹ*. Acredito que o sujeito do exemplo 12 não é marcado, provavelmente, devido ao fato de possuir o traço semântico [+ feminino]. A oração completiva, que é uma oração subordinada, exhibe o sistema ergativo-absolutivo, o qual trata S e O da mesma forma diferenciando-os de A. Assim, o sujeito de 12, 13, 14, 15 e 17 recebe o marcador de ergativo *tỹ*, enquanto o sujeito em 16 não recebe marcação devido ao fato de o caso absoluto não ser marcado. Há, portanto, nestas orações complexas, a ocorrência de um sistema misto que, conforme mencionei o capítulo 4, com base em Dixon (1994), é condicionado pelo *status* gramatical da oração, de forma que a oração principal exhibe um sistema e a subordinada outro. No entanto, pude perceber que esse sistema misto não ocorre se a oração completiva for introduzida por um verbo de dizer, como nos exemplos dos predicados encaixadores de enunciação e de atitude proposicional. Existe uma diferença semântica entre os verbos de conhecimento e os verbos de enunciação: estes dizem respeito a um evento comunicado e aqueles a um evento cognitivo. Minha hipótese, portanto, é a de que os eventos comunicados, embora ocorram sob a forma de oração subordinada, não exibam o sistema ergativo-absolutivo.

Para os predicados encaixadores, ocorre o emprego de dois verbos semelhantes: *kanhrãn* e *ki kanhró*. De acordo com o dicionário da língua (WIESEMANN, 2002), *kahrãn* significa “ensinar” e *ki kanhró* – “saber”. Também existe no dicionário a forma *kanhró* – “saber” – sem *ki*. Como a raiz desses verbos é a mesma – *kanhr* -, acredito que uma forma é derivada da outra. Considero que, provavelmente, a forma *kanhró* é derivada de *kanhrãn*, pois a terminação *-n* é uma marca de verbos ativos. Assim, os dois verbos mencionados denotam o sentido de “saber”. Já no dado 16, ocorre o uso de um verbo de percepção totalmente distinto dos anteriores – *mẽ* - que, segundo o dicionário, significa “cheirar”, “escutar”, “sentir”, “tocar”. Acredito que o emprego desse verbo denota que o sujeito da oração principal soube do acontecimento de maneira indireta, ou seja, por alguma evidência, devido à combinação dos marcadores *ja nĩ* presentes na oração completiva. Segundo Gonçalves (2011), essa composição constitui-se numa estratégia de evidencialidade que pode denotar inferência. Essa mesma estratégia encontra-se na oração principal do exemplo 17.

Os exemplos do kaingang que representam os predicados encaixadores de conhecimento também se enquadram nas características semânticas e sintáticas dos verbos de cognição-percepção-expressão vocal. No que diz respeito às características semânticas, o verbo da oração principal codifica um evento de percepção ou cognição, o sujeito da oração principal é agente e a declaração contida na oração completiva diz respeito ao paciente do verbo da oração principal. Quanto às características sintáticas, a oração completiva é finita e tem sujeito completamente expresso. Uma observação a ser feita é que, em 17, o sujeito da principal e da completiva são correferentes, mas, mesmo assim, na completiva, o sujeito é retomado por meio de um pronome de terceira pessoa *ti* (ele).

Assim como nos exemplos dos predicados encaixadores de enunciação e de conhecimento, a integração verbal entre o verbo da principal e o da completiva é fraca, conforme constata Givón (2001).

5.1.4 Predicados Encaixadores de Volição

Dizem respeito ao desejo do participante da oração principal de que o evento da oração completiva se realize ou não. Esses predicados enquadram-se nas características atribuídas por Givón (2001) aos verbos de modalidade (seção 3.2.1). Segundo o autor, esses predicados têm como característica semântica sujeitos correferentes na oração principal e na completiva e; como características sintáticas o sujeito da oração completiva ser codificado como zero, o verbo da oração completiva ser, geralmente, finito ou nominalizado, além da oração completiva ter uma entonação unificada com a principal. Ainda conforme o autor, os verbos de modalidade apresentam uma ligação mais forte com o verbo da oração principal. Os exemplos do kaingang comprovam, em parte, essas características:

18. [Luciana vỹ fi livro **kajãm** **sór** mũ]

n. próprio MS FEM livro comprar MO ASP

“Luciana queria comprar um livro.”

19. [Pedro vỹ tóg pirã **sam** **sór** mũ]

n. próprio MS MS peixe pescar MO ASP

“Pedro queria pescar um peixe.”

20. [Luciana fi kanhgág vĩ to **ki kanhrãn sór** mũ]
 n. próprio FEM kaingang palavra/falar dizer ensinar MO ASP
 “Luciana quer aprender a falar kaingnag.”

21. [Pedro vỹ goj mág tỹ⁵³ Pucaraninh ki **vim kenh** tĩg sór mũ]
 n. próprio MS rio grande EXIST Apucaraninha POSP pescar andar MO ASP
 “Pedro quer pescar no rio Apucaraninha.”

Os exemplos mostram que o sujeito das duas proposições em cada período é o mesmo, sendo codificado como zero na segunda proposição. A diferença no que diz respeito às características sintáticas apontadas por Givón (2001) é que a língua não apresenta um verbo de volição, mas emprega o marcador de modo *sór* (querer) que segue o verbo do predicado. Assim, não há um predicado encaixador, mas um único predicado complexo constituído pelo núcleo verbal mais o marcador de modo, além do marcador de aspecto contínuo *mũ* denotando a completude do evento num momento posterior. Portanto, é grande o elo semântico que se dá entre o núcleo verbal e o marcador de modo, de maneira que os dois juntos denotam um único evento complexo. Isso demonstra o princípio de iconicidade givoniano apresentado na seção 3.2.1 aqui repetido: “Quanto mais forte é o laço semântico entre dois eventos, maior será a integração sintática das duas orações em uma só oração complexa.” Em 20, o emprego do verbo *ki kanhrãn* denota “aprender”. Comparando esse exemplo com 12, 13 e 14 pude perceber que esse verbo é usado para expressar eventos que denotam conhecimento.

Com relação à marcação de caso do sujeito, embora o período seja complexo, não apresenta uma oração subordinada encaixada. Dessa forma, o sujeito recebe a marca de nominativo *vỹ*, exceto quando apresenta o traço semântico [+ feminino], em 20. Em 19, há também mais um marcador de sujeito *tóg*.

5.1.5 Predicados Encaixadores de Manipulação

Conforme mencionado na seção 3.2.1.1, indicam que o sujeito da oração principal pode compelir, autorizar ou impedir que o sujeito da completiva realize determinada ação. Considero conveniente retomar algumas características semânticas e sintáticas (seção

⁵³ *Tỹ*, neste exemplo, funciona como marcador de existência, indicando que o rio citado na proposição é o Apucaraninha.

3.2.1) descritas por Givón (2001) a respeito dos verbos de manipulação: (i) características semânticas: o verbo principal tem um agente que manipula o comportamento de outro indivíduo – o *manipulee* -, esse *manipulee* é correferente com o agente do verbo da completiva, a oração completiva codifica o evento a ser realizado pelo *manipulee*; (ii) características sintáticas: o agente manipulador do verbo principal é o sujeito da oração principal, o *manipulee* do verbo principal é o seu objeto, esse *manipulee* do verbo principal é o sujeito da oração completiva que é codificado como zero nessa oração, o verbo da oração completiva exibe uma morfologia menos finita, a oração completiva ocupa a posição de objeto do verbo da oração principal e ambas tendem a ter uma entonação unificada. Segundo Givón (2001), os verbos de manipulação possuem uma ligação semântica forte com o verbo principal. Essas características podem ser constatadas nos seguintes exemplos do kaingang:

21. [Gĩr nỹ fi ti mỹ **kur yẽnh kypé hé]**

menino mãe FEM P3P POSP OP tomar banho dizer

“A mãe mandou o menino tomar banho.”

(lit.: “A mãe do menino disse para ele tomar banho, rápido!”)

22. [Gĩr nỹ fi ti mỹ **ha** goj mág ra **mronh tíg hé]**

menino mãe FEM P3P POSP OP rio grande POSP⁵⁴ tomar banho andar dizer

“A mãe deixou o menino nadar no rio.”

(lit.: “A mãe do menino disse para ele ir tomar banho no rio agora.”)

23. [Professora fi gĩr mỹ livro **tugtó rỹ hé]**

professora FEM menino POSP livro contar MO dizer

“A professora pediu para o menino ler o livro.”

(lit.: “A professora disse para o menino ler o livro já!”)

24. [Pedro vỹ gĩr mỹ livro **tugtó rỹ hé]**

n. próprio MS menino POSP livro contar MO dizer

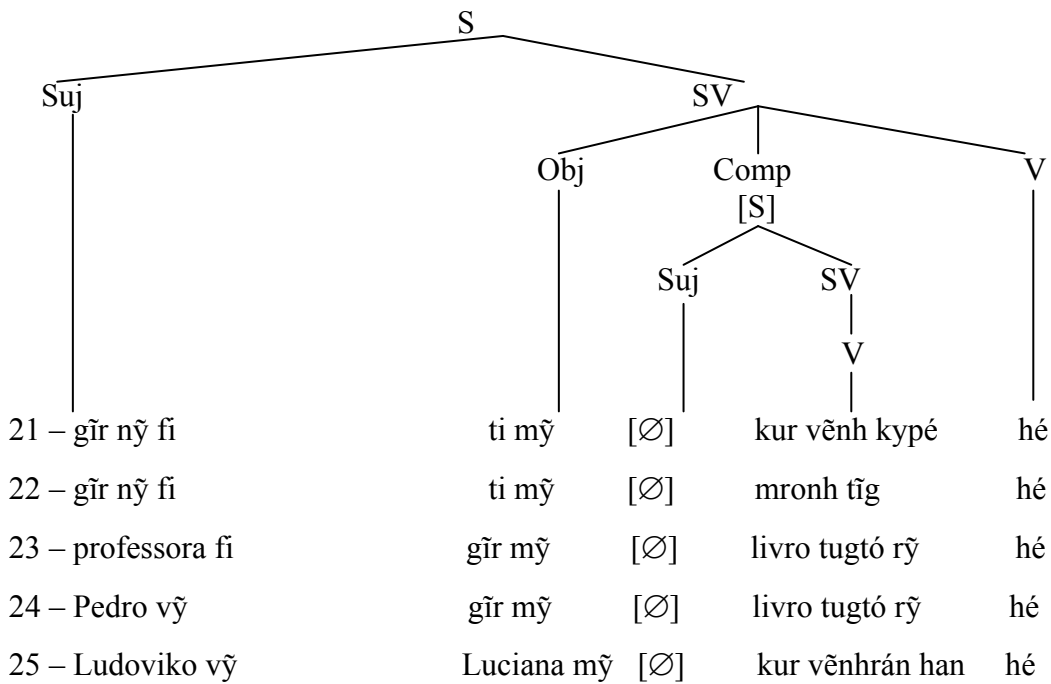
“Pedro pediu para o menino ler o livro.”

(lit.: “Pedro disse para o menino ler o livro já!”)

⁵⁴ Neste contexto, *ra* é uma posposição que significa “em direção de”.

25. [Ludoviko vỹ Luciana fi mỹ **kur vẽnhrán han hé**
 n. próprio MS n. próprio FEM POSP OP escrever fazer dizer
 “Ludoviko pediu para Luciana escrever a frase.”
 (lit.: “Ludoviko disse para a Luciana escrever a frase rápido/já!”)

Os exemplos 21, 22, 23, 24 e 25 podem ser representados no diagrama arbóreo a seguir adaptado de Givón (2001) (cf. seção 3.2.1).



Assim como nos exemplos dos predicados de volição, o período se constitui por um único predicado complexo, no entanto, ocorrem dois verbos, sendo que o principal é um verbo de dizer – *hé* -. Exceto nos exemplos 21, 22 e 23 nos quais o sujeito apresenta o traço [+ feminino], o sujeito recebe a marca de nominativo *vỹ*. Como aponta Givón (2001), há uma forte ligação semântica do verbo da principal com o da completiva, de forma que o período resulta num único predicado complexo. A noção de manipulação se faz por meio de duas formas: com indicador de opinião ou pelo modo imperativo. Nos exemplos 21 e 25, o emprego do indicador de opinião *kur* (ligeiro, rápido) expressa a exigência de que a ação deva ser feita com rapidez, assim como o emprego de *ha* (agora) em 22. Nos exemplos 23 e 24, o marcador *rỹ* seguindo o verbo expressa o modo imperativo, conforme já foi comentado no capítulo 4.

5.1.5.1 Predicados de manipulação formados por orações causativas

Segundo Givón (2011, p. 47), o verbo “fazer” pertence aos predicados de manipulação: “O verbo ‘fazer’ implica contato direto entre o manipulador e o *manipulee*. Ele é um verbo de manipulação direta.”⁵⁵ (**tradução nossa**) (**grifos do autor**)

Em minha dissertação de Mestrado intitulada “Construções causativas da língua kaingang” (TABOSA, 2006), esse verbo ocorre em construções causativas formadas de verbos intransitivos e transitivos. Diferente dos exemplos apresentados na seção anterior, quando há o emprego do verbo *han* (fazer), o período apresenta uma oração encaixada. No referido trabalho, eu destaco que as construções com o verbo *han* formam o que Comrie (1985) denomina como causativo analítico o qual se caracteriza por um predicado complexo. Neste tipo de construção, há o acréscimo de um argumento – *causer* – que não ocorre na oração não causativa correspondente. Esse argumento torna-se o sujeito da oração principal e o sujeito da oração não causativa torna-se o *causee* da oração encaixada. De acordo com a nomenclatura empregada por Givón (2001), esses dois termos correspondem, respectivamente, a manipulador e *manipulee*.

26. a. gĩr vỹ nũr
menino MS dormir
“O menino dormiu.”

b. [gĩr nỹ fi vỹ [ti nũr] han]
menino mãe FEM MS P3P dormir fazer
“A mãe fez o menino dormir.” (TABOSA, 2006, p. 88)

27. a. gĩr vỹ goj kron
menino MS água beber
“O menino bebeu água.”

b. [gĩr nỹ fi vỹ [ti tỹ goj kron] han]
menino mãe FEM MS P3P MS água beber fazer

⁵⁵ No original: The verb ‘make’ implies direct contact between the manipulator and the manipulee. It is a *direct manipulation* verb. (**grifos do autor**)

“A mãe fez o menino beber água.” (TABOSA, 2006, p. 90)

28. a. professor vỹ gĩr mỹ věnh rá tugtó
 professor MS menino POSP livro contar
 “O professor leu o livro para o menino.”

b. [Něko vỹ [professor tỹ gĩr mỹ věnh rá tugtó] han]
 n. próprio MS professor MS menino POSP livro contar fazer
 “Manoel fez o professor ler o livro para o menino.” (TABOSA, 2006, p. 93)

Em 26a, 27a e 28a estão as orações não causativas as quais vão derivar as causativas em (b). O acréscimo de um argumento – *causer/manipulador* – a essas orações resulta na estrutura apresentada em (b). Assim, o sujeito da oração simples torna-se o *causee/manipulee* da oração causativa. Nesta oração, ele ocupa a posição de sujeito enquanto o *causer/manipulador* ocupa a posição de sujeito da oração principal. Diferente dos exemplos apresentados em 5.1.5 nos quais o *manipulee* é codificado como zero, nas construções causativas, ele ocorre numa oração finita encaixada na posição de objeto do verbo da oração principal.

Quanto à marcação de caso do sujeito, nas orações simples em (a), tanto o argumento S (ex.: 26a) quanto o argumento A (ex.: 27a e 28a) são tratados da mesma forma recebendo a marca de nominativo vỹ. Nas orações complexas em (b), o sujeito da oração principal exibe a marca de nominativo vỹ, enquanto o da subordinada apresenta o marcador de ergativo tỹ, quando é ocupado por um argumento A (ex.: 27 e 28), e a marcação de absolutivo, que é zero, quando é ocupado por um argumento S (ex.: 27).

5.1.6 Predicados Encaixadores de Percepção Física

Indicam que o evento expresso na oração completiva é objeto da percepção visual do sujeito da oração principal.

29. [Pedro vỹ [mĩg tỹ gĩr pra] vé]
 n. próprio MS onça MS menino morder ver
 “Pedro viu a onça morder o menino.”

30. [Ũn gré vỹ [gĩr tỹ vyj vyn] vé]
 homem MS menino MS arco carregar ver
 “O homem viu o menino carregar o arco.”
31. [Ũn tỹtá fi [gĩr tỹ vyj vyn] vé]
 mulher FEM menino MS arco carregar ver
 “A mulher viu o menino carregar o arco.”
32. [Ũn gré vỹ [gĩr tỹ pẽngre péju] vé]
 homem MS menino MS galinha roubar ver
 “O homem viu o menino roubar a galinha.”
33. [Ũn tỹtá fi [gĩr tỹ pẽngre péju] vé]
 mulher FEM menino MS galinha roubar ver
 “A mulher viu o menino roubar a galinha.”
34. [Pedro vỹ [Ludoviko jun] vé]
 n. próprio MS n. próprio chegar ver
 “Pedro viu o Ludoviko chegar.”
35. [Gĩr vỹ [ti professora fi vĩ] mẽ]
 menino MS P3P professora FEM falar escutar
 “O menino ouviu a professora falar.”
 (lit.: “O menino ouviu sua professora falar.”)

Os dados 29, 30, 31, 32, 33, 34 e 35 exibem as mesmas características dos predicados encaixadores de conhecimento: não há complementizador; o sujeito da oração principal e o da completiva são diferentes; a oração completiva é uma oração finita que ocorre na posição do argumento objeto do verbo da oração principal. Quanto às características semânticas, os verbos da oração principal (*vé* e *mẽ*) codificam um evento de percepção; o sujeito da oração principal é agente e a oração completiva traz uma declaração sobre o paciente do verbo da oração principal. Como características sintáticas, pode constatar que a oração completiva é finita e tem sujeito completamente expresso.

Quanto à marcação de caso do sujeito, o sujeito da oração principal recebe a marca de nominativo $v\tilde{y}$ quando apresenta o traço [- feminino] (exemplos: 29, 30, 32, 34 e 35) e não é marcado quando apresenta o traço [+ feminino] (exemplos 31 e 33); na oração completiva, o sujeito A exibe o marcador de ergativo $t\tilde{y}$ (exemplos 29, 30, 31, 32 e 33) enquanto o sujeito S não é marcado por se tratar de caso absolutivo (exemplos 34 e 35).

Assim como nos exemplos dos predicados encaixadores de enunciação, de atitude proposicional, de conhecimento e de manipulação formados por orações causativas, a integração verbal entre o verbo da principal e o da completiva é fraca, conforme constata Givón (2001).

5.1.7 Predicados Encaixadores Fasais

Como já mencionado no capítulo teórico, os predicados encaixadores fasais se referem “à fase de desenvolvimento (início, continuação, fim) do estado de coisas por eles designados” (SANTANA, 2010, p. 193). De acordo com a classificação de Givón (2001), enquadram-se nas características dos verbos de modalidade: (i) semânticas – o verbo da oração principal codifica o aspecto (início, término, continuação) do evento codificado na oração completiva, o sujeito da principal e o da completiva são correferentes; (ii) sintáticas – o sujeito da principal é também o sujeito da completiva, o sujeito da completiva é codificado como zero, a oração completiva é o objeto da oração principal, o verbo da oração completiva é geralmente não-finito ou nominalizado, a oração completiva e a principal tendem a ter entonação unificada. São predicados que apresentam uma forte ligação semântica entre o verbo da principal e o da completiva.

Os dados coletados para testar os predicados fasais mostram que, de acordo com a semântica do verbo, a língua faz uso de uma oração complexa ou de uma oração simples cujo verbo é seguido por marcadores de modo, de aspecto e por advérbios que indicam tempo. Nessas orações, as noções fasais são dadas, portanto, por meio dos marcadores de aspecto e de modo e por advérbios. Mesmo que a maioria dos exemplos não se trate de orações completivas, tampouco de orações complexas, optei por apresentá-los neste capítulo para demonstrar como a língua manifesta a fase de desenvolvimento de um evento.

Os dados seguintes dizem respeito ao início de eventos:

36. [Gĩr vỹ fỹ mũ ha⁵⁶]

menino MS chorar ASP ADV

“O menino começou a chorar.”

(lit.: “O menino está chorando agora”)

37. [professora fi vĩ mũ ha]

professora MS falar ASP ADV

“A professora começou a falar.”

(lit.: “A professora está falando agora.”)

38. [Ta vỹ kutẽ mũ ha]

chuva MS cair ASP ADV

“Começou a chover.”

(lit.: “Está chovendo agora.”)

39. [Manoel vỹ ãn han pẽnjẽg huri]

n. próprio MS casa fazer começar ADV

“Manoel começou a construir sua casa.”

(lit.: “Manoel começou a fazer sua casa já.”)

Os dados 36, 37 e 38 se tratam de períodos simples cujos verbos são seguidos pelo marcador de aspecto contínuo *mũ* mais o advérbio *ha* (agora). Essa combinação junto ao verbo denota uma das fases de desenvolvimento do evento: seu início. Em 38, não há uso do verbo “chover”, mas sim do sujeito *ta* (chuva) e o verbo *kutẽ* (cair). Segundo o informante, o emprego de *ta* indica tanto chuva como chover e o uso de *kutẽ* sem *ta* também indica a ação de chover, como mostrarão os exemplos que indicam continuação e término desse evento. O dado 39 difere-se dos demais por apresentar o verbo *pẽnjẽg* (começar), de forma que esse exemplo apresenta um predicado complexo constituído pela integração semântica entre o verbo da principal - *pẽnjẽg* - e o da completiva - *han*, além do uso do advérbio *huri* (já). Dos quatro exemplos apresentados, esse é o único que corresponde às características sintáticas e semânticas dos verbos de modalidade apontadas por Givón (2001). Comparando esse exemplo com 36 e 37, pude notar que o verbo *pẽnjẽg* só foi usado junto a

⁵⁶ Diferente do emprego no exemplo 22, na seção 1.1.5, nesta seção, *ha* é considerado advérbio.

um verbo ativo factivo - *han* (fazer) - enquanto os verbos como *fĩ* (chorar) e *vĩ* (falar), que são verbos descritivos, são acompanhados apenas por marcadores de aspecto e de advérbios que indicam a fase de desenvolvimento do evento. Já o verbo *kutẽ* (cair), embora seja um verbo ativo, não é factivo, por isso, assim como em 36 e 37, é seguido apenas por marcador de aspecto e por advérbio.

Os exemplos seguintes ilustram a continuação de eventos:

40. [Professora fĩ vĩ jẽ nĩ]
 professora FEM falar ASP
 “A professora continua falando.”

41. [Kutẽ ti nỹ nĩ]
 cair P3P ASP
 “Continua chovendo”

42. [Manoel vỹ ãn han tĩ nĩ]
 n. próprio MS casa fazer ASP
 “Manoel continua construindo a casa.”

Os exemplos 40, 41 e 42 são constituídos por períodos simples nos quais ocorre a combinação de marcadores no final da oração. O marcador de aspecto *nĩ* ocorre no final dos três dados. Como apresentado na seção 4.4 do capítulo 4, Gonçalves (2007) discorre que esse marcador é usado em eventos durativos, estativos, não-permanentes e em eventos não-durativos transformativos.

Em 40, esse marcador segue *jẽ*, essa combinação, segundo Wiesemann (2002, p. 30) significa “fazendo em pé”, já que *jẽ*, segundo a autora, indica a posição em pé.⁵⁷ Gonçalves (2007) argumenta que o marcador *jẽ* também ocorre em situações passíveis de mudança. Assim, com base na definição de Wiesemann (2002) e Gonçalves (2007) *jẽ nĩ* denota um evento durativo, não permanente.

Em 41, há a combinação de *nỹ* e *nĩ* a qual Wiesemann (2002, p. 68) define como “na posição de ser deitado”. Assim como *jẽ*, Gonçalves (2007) diz que *nỹ* também ocorre em situações passíveis de mudança. Almeida (2008) analisa uma oração exatamente

⁵⁷ *Jẽ* (em pé) é um marcador de aspecto que contrasta com o marcador de aspecto *nĩ* (deitado). Ambos denotam estaticidade, porém os kaingang costumam marcar a distinção ‘em pé’ vs ‘deitado em muitas orações.

igual a essa, porém glosa *nĩ* como “deitar”. A respeito dessa oração, a autora diz que *nĩ* indica certo caráter permanente explicando que “em português, poderíamos dizer ‘permanece chovendo’ sem significar que nunca mais vai parar de chover.” (ALMEIDA, 2008, p. 111)

Em 42, ocorre a combinação de *tĩ* e *nĩ* que, segundo Wieseemann (2002, p. 86), significa “situação de fazer habitualmente”. Também Gonçalves (2007) e Almeida (2008) tratam o marcador *tĩ* como habitual. Dessa forma, esse marcador de aspecto habitual combinado com *nĩ* denota um evento durativo, porém passível de mudança.

O dado a seguir também indica continuidade de um evento, porém, ao invés de uma oração simples, o período é formado por coordenação.

43. [Gĩr vỹ fỹ] [kỹ krỹg he jãvãnh jẽ]
 menino MS chorar CONJ parar MO ASP
 “O menino continuou a chorar.”
 (lit.: “O menino chorou e não quis parar de chorar.”)

No período apresentado no exemplo 43, a oração que indica a continuidade da ação de chorar tem as seguintes características: (i) segue a oração principal; (ii) inicia-se por uma conjunção – *kỹ* (então) –; (iii) tem o marcador de modo *jãvãnh* (não querer ou poder fazer algo) que acompanha o verbo *krỹg he* (parar) mais o marcador de aspecto *jẽ*. Mesmo se tratando de uma oração coordenada, optei por apresentar esse dado aqui para contrastá-lo com os dados 40, 41 e 42.

Os exemplos a seguir indicam término de eventos:

44. [Gĩr vỹ fỹ mã tũ nĩ ha]
 menino MS chorar ADV MO ASP ADV
 “O menino parou de chorar.”
 (lit.: “O menino não está chorando de novo agora.”)
45. [Professora fi vĩ mãn tũ nĩ ha]
 Professora FEM falar ADV MO ASP ADV
 “A professora parou de falar.”
 (lit.: “A professora não está mais falando agora.”)
46. [Ludoviko vỹ vāju mãn tũ nĩ ha]

n. próprio MS fumar ADV MO ASP ADV

“Ludoviko parou de fumar”

(lit.: “Ludoviko não está fumando de novo agora.”)

47. [kutẽ kar ti huri]

cair terminar P3P ADV

“Parou de chover”

(lit.: “Já parou de chover.”)

48. [Manoel vỹ ãn han kãn huri]

n. próprio MS casa fazer acabar/terminar ADV

“Manoel terminou de construir a casa.”

(lit.: “Manoel já terminou de construir a casa.”)

Os exemplos 44, 45, 46, 47 e 48 apresentam duas estruturas distintas: (i) período simples e (ii) período constituído por uma oração complexa.

Os dados 44, 45 e 46 constituem-se de períodos simples. Neles há uma combinação de advérbios com marcadores de modo e aspecto acompanhando o verbo para indicar o término da ação: *mã(n)* (de novo, outra vez) + *tũ* (negação) + *nĩ* (estatividade) + *ha* (agora). Essa combinação denota que o término da ação, em cada exemplo, tem um certo caráter permanente. Esse caráter permanente não deve ser interpretado como ‘para sempre’, mas algo que dure por um determinado tempo, mesmo que esse tempo seja o ‘agora’.

Já os exemplos 47 e 48 são formados por um único predicado complexo. Neles ocorre o verbo *kar/kãn* “terminar” que segue o verbo principal. A terminação *-r* (47) indica a forma intransitiva (estativa) do verbo enquanto *-n* (48) indica a forma transitiva, ou seja, ativa. Em ambos os exemplos também ocorre o advérbio *huri* (já) que evidencia o fim da ação.

De todos os exemplos apresentados para demonstrar como a língua kaingang expressa as noções fasais, pude constatar que a língua, comumente, expressa essas noções por meio de períodos simples nos quais os marcadores de modo, aspecto e os advérbios acompanham o verbo para indicar início, continuidade ou término de um evento. Apenas três exemplos empregam um verbo específico que denota a fase de desenvolvimento do evento: o exemplo 39 que emprega o verbo *pẽnjẽg* (começar) e os exemplos 47 e 48 que empregam o verbo *kar/kãn* (terminar). Com exceção do exemplo 47 no qual o verbo *kar* acompanha um

verbo que indica fenômeno meteorológico, os verbos *pěnjěg* e *kān* seguem um verbo ativo factivo – *han* – fazer.

Assim, como já mencionei no início desta seção, o emprego de um período simples ou complexo é motivado pela semântica do verbo principal. Considero, portanto, que os exemplos 39, 47 e 48, que se constituem por um único predicado complexo no qual se constata uma forte ligação semântica entre o verbo da oração principal e o da completiva, correspondem ao princípio givoniano de integração semântica.

5.1.8 Predicados Encaixadores de Experiência Psicológica

Pertencem a esses predicados verbos como “gostar” e “preferir”. Os dados coletados para testar os predicados de experiência psicológica não apresentam um verbo específico com o sentido de “gostar”. No dicionário (WIESEMANN, 2002), encontrei os seguintes verbos cujo significado é “gostar de”: (i) *mỹ e* – “v.s. gostar de, não gostar de” (p. 63); (ii) “*mỹ sĩ* – v.s. gostar de, achar bonito” (p. 63); (iii) *věnh kã’e* – “v.i. achar bonito, gostar de” (p. 96).

Nos dados coletados, ocorre uma oração simples cujo verbo é seguido por um advérbio que denota intensidade. Mesmo não se tratando de orações completivas, tampouco de orações complexas, optei por apresentar os dados, neste capítulo, para mostrar como a língua manifesta a noção de “gostar”.

50. Luciana fi věnhgrén há mẽ
 n. próprio FEM dançar ADV ADV
 “Luciana gostou de dançar”
 (lit.: “Luciana dançou muito bem.”)

51. Luciana fi bolo ko mẽ nĩ
 n. próprio FEM bolo comer ADV ASP
 “Luciana gosta de comer bolo.”
 (lit.: “Luciana come muito bolo.”)

52. Kanhgág vỹ êkrén mẽ nĩ
 índio MS caçar ADV ASP
 “O índio gosta de caçar.”

(lit.: “O índio caça muito.”)

53. Gĩr vỹ goj mág ki mro kamẽ jẽ
 menino MS rio grande POSP banhar ADV ASP

“O menino gostou de nadar no rio.”

(lit.: “O menino banhou-se muito no rio.”)

Em 50, 51 e 52 ocorre o emprego de *mẽ* que, segundo Wiesemann (2002), é um marcador de modo⁵⁸ que indica “muito, ligeiro”, mas, devido a sua função, considero conveniente classificar como um advérbio. Em 43, ocorre o advérbio *kamẽ* (muito, sem parar) o qual a autora também classifica como indicador de modo. Esses advérbios intensificam a ação apresentada na proposição e é essa intensificação que denota o sentido de “gostar”. Além do marcador do advérbio *mẽ*, em 50, ocorre também o advérbio *há* (bem) o qual Wiesemann (2002) classifica como substantivo dependente. No contexto em que ocorre em tal exemplo, esse advérbio indica que a ação de “dançar” foi realizada de maneira bem feita, indicando que o sujeito “gostou” de realizá-la.

Os marcadores de aspecto *nĩ* (exemplos 51 e 52) e *jẽ* (ex.: 53), com base em Gonçalves (2007), indicam eventos estativos, durativos, não-permanentes.

5.1.9 Predicados Encaixadores de Tentativa

Conforme já exposto, esses predicados indicam quais meios são utilizados pelo participante da oração principal para que ocorra o evento descrito na oração completiva, correspondendo às características sintáticas e semânticas dos verbos de modalidade, com base na classificação de Givón (2001). Em kaingang, apresentam a mesma estrutura dos predicados encaixadores de volição e, assim como nesses predicados, mostram uma diferença com relação a uma das características sintática apontadas por Givón (2001): a língua kaingang não emprega um verbo de tentativa, mas sim o marcador de modo *sór* (querer) que segue o verbo do predicado.

⁵⁸ Muitos termos que a autora classifica como indicadores de modo funcionam como advérbios.

54. [Gĩr vỹ pó tỹ⁵⁹ mĩg to pẽg sór mũ]
 menino MS pedra POSP onça POSP atirar MO ASP

“O menino tentou jogar a pedra na onça.”

(lit.: “O menino queria atirar na onça com a pedra.”)

55. [Èkrén tĩ vỹ no tỹ mĩg pénũ sór mũ]
 caçador MS espingarda POSP onça atirar(?) MO ASP

“O caçador tentou atirar na onça com a espingarda.”

(lit.: “O caçador queria atirar na onça com a espingarda.”)

56. [Luciana fi kanhgág vĩ tó sór mũ]
 n. próprio FEM kaingang falar contar MO ASP

“Luciana tentou falar kaingang.”

(lit.: “Luciana queria falar kaingang.”)

Os exemplos 54, 55 e 56 apresentam um único predicado complexo constituído pela integração semântica entre o verbo e o marcador *sór* (querer), além do marcador de aspecto contínuo *mũ*. Essa integração denota o princípio de iconicidade givoniano, já mencionado, que diz respeito ao fato de que quanto maior for a integração semântica entre os dois eventos, maior será a integração sintática constituindo um único predicado complexo.

Devido ao emprego do mesmo marcador de modo (*sór*) empregado nos exemplos de volição e, conforme a tradução literal dos exemplos acima, considero os dados 54, 55 e 56 como exemplos de predicados de volição e não de tentativa.

5.1.10 Predicados Encaixadores de Temor

Apresentam verbos que indicam que o sujeito expressa uma atitude de medo de que o evento da oração completiva aconteça.

57. [Gĩr vỹ [mĩg tỹ ti pranh ke] kamẽg]
 menino MS onça MS P3P morder MOD ter medo

⁵⁹ Tỹ, em 54 e 55, funciona como posposição (com).

“O menino ficou com medo de a onça mordê-lo.”

58. [José vỹ [pỹn tỹ ti pranh ke] kamẽg]
 n. próprio MS cobra MS P3P morder MOD ter medo
 “José ficou com medo de a cobra picá-lo.”
 (lit.: “José ficou com medo de a cobra mordê⁶⁰-lo.”)

59. [gĩr vỹ [ti ter ke] kamẽg tĩ]
 menino MS P3P morrer MO ter medo ASP
 “O menino tem medo de morrer.”

Tanto o exemplo 57 como o 58 apresentam sujeitos diferentes para a oração completiva e para a oração principal, sendo que o desta recebe a marca de nominativo *vỹ* e o daquela recebe o marcador de ergativo *tỹ*. A oração completiva é uma oração finita que ocorre na posição do argumento objeto do verbo da oração principal. Com base em Almeida (2008), posso dizer que essa oração encontra-se no modo *irrealis* devido ao fato de o verbo estar flexionado em *nh* e ser seguido pelo marcador *ke*, tratando-se, portanto, de um evento que não aconteceu.

Em 59, o sujeito da oração principal e do completiva é o mesmo, sendo que nesta é representado por um pronome de terceira pessoa (ele). Na principal recebe o marcador de nominativo *vỹ* e na completiva não é marcado, devido ao fato de a marcação do caso absoluto ser zero.

Nos exemplos citados, ocorre uma ligação mais fraca entre o verbo da principal e o da completiva, assim como nos exemplos dos predicados encaixadores de enunciação, de conhecimento, de manipulação e de percepção física.

5.1.11 Predicados Encaixadores Modais

Conforme expõe Noonan (2007), podem expressar modalidade epistêmica, relacionada ao grau de certeza do conhecimento, ou deôntica, relacionada à obrigação moral ou permissão. Para testar se o kaingang apresenta verbos para essas duas categorias de modo, coletei os seguintes exemplos:

⁶⁰ Segundo o informante, os kaingang falam que a cobra “morde”.

60. [Gĩr vỹ ěmĩ konh ke mũ]
 menino MS pão de milho comer MOD ASP
 “O menino pode comer bolo.”
 (lit.: “O menino comerá milho.”)

61. [Gĩr tỹ vĕnh kanhrĕn ke vĕ]
 menino MS REF ensinar MOD MO
 “O menino deve estudar.”
 (lit.: “O menino ensinará a si mesmo.”)

A língua kaingang não expressa modalidade por meio de verbos, mas sim por meio de marcadores que acompanham o verbo. Ambos os exemplos se constituem, portanto, de períodos simples.

O marcador *ke*, em ambos os exemplos, indica o modo *irrealis*, ou seja, indica que o evento ainda acontecerá. Com base nas considerações de Almeida (2008), pude verificar que o verbo *kó* (comer), em 60, se flexiona em *konh* diante dos marcadores *ke* e *mũ* indicando o modo *irrealis*. Em 61, a noção de obrigatoriedade se faz por meio da combinação do pronome reflexivo *vĕnh* (de si mesmo), mais o verbo *kanhrĕn* (ensinar), indicando o sentido de “ensinar a si mesmo”, além do marcador de modo *irrealis ke* que indica que o evento ainda não aconteceu. Nesse exemplo, ocorre o emprego do marcador *vĕ* que, segundo Wiesemann (2002, p. 94), é um indicador de aspecto cujo significado é “é, era, aspecto ergativo”. No entanto, Gonçalves (2007, 2011) trata-o como marcador de modo que pode exprimir modalidade epistêmica, indicando assertividade, ou ser usado como marcador contrafactual o qual “mostra ao ouvinte que o evento/fato não se realizou ou não se estabelece mais; ou ainda se tem uma leitura em negativo da circunstância apresentada.” (GONÇALVES, 2011, p. 169). No contexto em que ocorre no exemplo, esse marcador indica modo, conforme a definição de Gonçalves (2011).

Ainda que os exemplos não se tratem de orações complexas, optei por apresentá-los, neste capítulo, para demonstrar que não há um verbo específico nem um período complexo para expressar a modalidade epistêmica e deôntica.

5.2 ANÁLISE E RESULTADOS

Com base nos exemplos apresentados na seção 5.1, pude chegar às seguintes constatações:

A língua kaingang não tem complementizador, ou seja, não apresenta nenhuma palavra, partícula ou afixo com função de identificar a entidade como complemento.

Os dados coletados para testar como se manifestam os predicados de volição e de tentativa demonstram que a língua não apresenta verbos para expressar essas noções, mas faz uso do marcador de modo *sór* (querer) que junto ao verbo forma um único predicado complexo. Ambos predicados correspondem às características semânticas e sintáticas dos verbos de modalidade, de acordo com Givón (2001). Quanto às características semânticas, pude notar que os sujeitos são correferentes e o marcador de modo *sór* codifica a intenção do sujeito de que o evento aconteça. Quanto às características sintáticas, constatei que o sujeito da completiva é codificado como zero e o período tem uma única entonação. Notei, portanto, que a integração semântica entre o verbo mais o marcador de modo constitui um único predicado complexo, evidenciando o princípio de integração givoniano de que quanto maior é o laço semântico entre dois eventos, maior será a integração sintática constituindo um único predicado complexo.

Os dados que dizem respeito aos predicados de manipulação (exceto os que são formados por orações causativas) também apresentam um único predicado complexo e evidenciam o princípio de integração givoniano já apresentado. Correspondem às características semânticas e sintáticas dos verbos de manipulação apresentadas por Givón (2001): (i) semânticas – o verbo principal tem um agente que manipula o comportamento de outro indivíduo (*manipulee*) o qual é o agente da oração completiva, a oração completiva codifica o evento a ser realizado pelo *manipulee*; (ii) sintáticas – o agente manipulador é o sujeito da oração principal; o *manipulee* é o objeto do verbo principal e o sujeito da oração completiva, sendo codificado como zero nessa oração; a oração completiva ocupa a posição de objeto do verbo da oração principal e ambas tendem a ter uma entonação unificada. Ao contrário dos predicados de volição e de tentativa cuja integração se faz pelo verbo e o marcador de modo *sór*, os predicados de manipulação apresenta, ao menos, dois verbos, sendo que o principal é um verbo de dizer (*hé*). O sentido de manipulação se intensifica com o uso do marcador de opinião *kur* indicando que o sujeito da principal exige que o sujeito da completiva execute a ação com rapidez. Os predicados de manipulação formados por orações

causativas, ao contrário, apresentam duas orações, sendo que a oração completiva é encaixada como argumento objeto do verbo da oração principal - *han* (fazer).

Os dados que correspondem aos predicados de enunciação, de atitude proposicional, de conhecimento, de percepção física e de temor apresentam duas orações sendo que a completiva é encaixada na posição do argumento objeto direto da oração principal. Todos se encaixam nas características semânticas e sintáticas apontadas por Givón (2001) para os verbos de cognição-percepção-expressão vocal: (i) semânticas: o verbo da oração principal pode codificar um estado mental, um evento de percepção, um evento de cognição ou um ato de expressão vocal; o sujeito do verbo principal é dativo ou agente; a declaração ou evento codificado na oração completiva diz respeito ao paciente do verbo da oração principal; (ii) sintáticas: a oração completiva é finita com sujeito completamente exposto. Como já mencionado no capítulo 3, Givón (2001) argumenta que o elo semântico entre o verbo da oração principal e o da completiva é escalar, de forma que os verbos de cognição-percepção-expressão vocal demonstram uma ligação mais fraca com o verbo da principal se comparados aos verbos de modalidade e manipulação que apresentam uma ligação mais forte.

Ainda a respeito dos predicados de enunciação, de atitude proposicional, de percepção física, de conhecimento e de temor, considero importante salientar o emprego dos marcadores de sujeito. Nos predicados de enunciação e de atitude proposicional, nos quais o verbo da oração principal é um verbo de dizer (*hé* ou *ké*), tanto o sujeito da oração principal como o da completiva (exceto se o sujeito possuir o traço semântico [+ feminino]) recebem o marcador de nominativo *vỹ*. Nessas orações, há exemplos nos quais o sujeito da completiva é marcado com *mỹ* (indicando uma dúvida do sujeito da principal em relação ao sujeito da completiva). Os predicados de percepção física, de conhecimento e de temor, cujos verbos principais dizem respeito a um evento cognitivo, marcam o sujeito da principal com o marcador de nominativo *vỹ* e o da completiva, quando é um argumento A, recebe o marcador de ergativo *tỹ* e, quando é um argumento S, não recebe marcação devido ao fato de, no kaingang, o caso absolutivo receber marcação zero. Esse sistema misto de marcação de caso do sujeito também ocorre nos predicados de manipulação formados por orações causativas.

Quanto aos dados coletados para verificar como se manifestam os predicados de experiência psicológica, pude constatar que não houve emprego de um verbo específico com o sentido de “gostar”. Também não existem verbos que expressem modalidade, já que essa categoria se dá por meio de marcadores que seguem o verbo. Diferente dos predicados de volição e de tentativa nos quais há a integração semântica entre o

verbo e o marcador de modo que resulta num único predicado complexo, pode constatar que os dados coletados para demonstrar experiência psicológica e modalidade constituem-se apenas de períodos simples.

Os dados coletados para verificar como ocorrem as noções fasais mostram que a língua, comumente, faz uso de períodos simples nos quais os marcadores de modo, de aspecto e os advérbios seguem o verbo para indicar início, continuidade ou término de um evento, porém, de acordo com a semântica do verbo principal, a língua emprega uma oração complexa.

A análise dos dados feita neste capítulo permite concluir que a língua kaingang manifesta de duas formas o período composto por uma oração completiva: (i) uma oração finita encaixada na posição do argumento objeto direto do verbo da oração e (ii) um único período complexo formado pela integração entre o verbo da principal e o da completiva ou entre o verbo mais o marcador de modo.

6 ORAÇÕES RELATIVAS

O presente capítulo objetiva descrever e analisar as orações relativas da língua kaingang, tendo como suporte o referencial teórico apresentado na seção 3.2.3, do capítulo 3.

Como citado no referido capítulo, as orações relativas têm a função de modificar o núcleo de um sintagma nominal. Segundo Payne (1997), elas ocupam a quinta posição na escala de integração gramatical, de forma que a integração entre seu verbo e o da oração principal é menor. No entanto, ao fazer a análise dos dados coletados para esta tese, pude constatar semelhanças na estrutura das orações completivas e relativas no que diz respeito ao fato de a oração subordinada ocorrer como uma oração encaixada na posição de um argumento da oração principal. No caso das completivas, quando há oração encaixada, esta ocorre na posição de objeto e, nas relativas, além da posição de objeto, a oração encaixada ocupa também a posição de sujeito, oblíquo e genitivo. Assim, devido a essa semelhança na estrutura das completivas e relativas, optei por apresentar as orações relativas antes das adverbiais, diferente da ordem proposta por Payne (1997).

Com base nos pressupostos teóricos de Andrews (2007), Keenan (1985), Keenan e Comrie (1997), Payne (1997) e Givón (1979), apresentei no capítulo mencionado os quatro parâmetros que permitem distinguir as orações relativas nas línguas: (i) a posição da oração relativa em relação ao núcleo nominal a ser relativizado; (ii) quais posições sintáticas podem ser relativizadas; (iii) o tipo de marcador relativo; (iv) o modo de expressão do SN relativizado – estratégias de recuperação de caso. É com base nesses parâmetros que organizei a descrição e análise das orações relativas da língua kaingang. A análise dos dados dialogará com o trabalho de Jolkesky e Santos (2008) que também versa sobre as orações relativas do kaingang.

6.1 POSIÇÃO DA ORAÇÃO RELATIVA EM RELAÇÃO AO NÚCLEO NOMINAL A SER RELATIVIZADO

Como exposto na seção 3.2.3.1.1, as orações relativas podem ser externas ou internas, conforme sua posição em relação ao núcleo nominal que modifica. Também existe a possibilidade de orações relativas sem núcleo.

Todos os dados coletados para esta tese mostram que no kaingang ocorre a oração relativa interna, que diz respeito à expressão completa do núcleo nominal dentro da oração relativa, como mostram os seguintes exemplos⁶¹:

1. [[***Gĩr*** *fỹ* *mũ*] vỹ nũr]
 menino chorar ASP MS dormir
 “O menino que chorou dormiu.”

2. [[***Gĩr*** *tỹ* *mora nig* *mũ*] vỹ pévé]
 menino MS bola dar pontapé ASP MS escorregar
 “O menino que chutou a bola caiu.”

3. [[***Gĩr*** *tỹ* *mora nig* *mũ*] vỹ gol han]
 menino MS bola dar pontapé ASP MS gol fazer
 “O menino que chutou a bola fez o gol.”

4. [Pedro vỹ [***mĩg*** *tỹ* *gĩr* *prãg* *mũ*] tãnh]
 n. próprio MS onça MS menino morder ASP matar
 “Pedro matou a onça que mordeu o menino.”

A oração relativa ocupa a posição que o núcleo nominal relativizado ocuparia na oração principal. Em 1, 2 e 3 ocupa a posição de sujeito e em 4 ocupa a posição de objeto. A oração relativa constitui-se de uma sentença completa e apresenta o marcador de aspecto contínuo *mũ*. No decorrer deste capítulo, repetirei os exemplos 1, 2, 3 e 4 juntamente a outros para explicar a marcação de caso, a estratégia de relativização empregada pela língua e a marcação do núcleo nominal na oração principal.

Embora os dados coletados para este trabalho apresentem somente orações relativas internas, Jolkesky e Santos (2008) apontam que, além das orações relativas internas, as quais chamam de circumnominais, o kaingang também apresenta orações externas pós-nominais. Segundo os autores, se o núcleo nominal for pronominalizado, a oração relativa

⁶¹ Nos exemplos que compõem este capítulo, o núcleo nominal relativizado aparece em negrito e a oração relativa em itálico. A divisão entre a oração principal e a relativa se dá por meio de colchetes.

será sempre pós-nominal (ex. 5), já se o núcleo nominal for um sintagma nominal, a oração relativa pode ser tanto pós-nominal (ex. 6), quanto circumnominal (ex. 7)⁶²:

5. [junjun **ag** huri, [**ũ** tỹ kór há tá kãmũ mũ] ag]

chegar P3P ADV alguém MS distante POSP chegar ASP PL

“Aqueles que viajaram de longe já chegaram.” (adaptado de JOLKESKY E SANTOS, 2008, p. 254)

6. [vãhã tóg, **mỹg** konh tĩ mũ, Nẽnkanh ti,
agora MS mel comer ir ASP n. próprio P3P

[ti tỹ nẽn kãtã vé ja] **ẽn** ti]

P3P MS mato dentro ver MO P.DEM. P3P

“Agora Nẽnkanh come aquele mel que viu no mato.” (adaptado de JOLKESKY E SANTOS, 2008, p. 254)

7. [[**ěkré** fej nỹ] **ẽn** vỹ, Neco tũ nỹ]

plantação florida ASP P.DEM MS n. próprio objeto ASP

“Aquela plantação é do Neco.” (adaptado de JOLKESKY E SANTOS, 2008, p. 254)

6.2 POSIÇÕES SINTÁTICAS RELATIVIZÁVEIS E ESTRATÉGIA DE RELATIVIZAÇÃO

O segundo parâmetro que permite distinguir as orações relativas nas línguas diz respeito a quais posições sintáticas podem ser relativizadas. Como exposto na seção 3.2.3.1.2, do capítulo 3, esse parâmetro tem como base a Hierarquia de Acessibilidade de Keenan e Comrie (1977) aqui repetida:

sujeito > objeto direto > objeto indireto > oblíquo > genitivo > comparativo
--

Keenan e Comrie (1977) destacam que, se uma posição sobre esta hierarquia é relativizável, todas as posições à esquerda também serão, embora a estratégia de relativização possa ser diferente. De acordo com os autores, há línguas que permitem somente

⁶² Inserir colchetes nos exemplos dos autores para separar as orações e fazer algumas adaptações nas glosas.

a relativização do sujeito e ressaltam que, se uma posição mais à direita da hierarquia for relativizável, todas as posições anteriores a ela também serão.

Conforme Keenan (1985), a posição de sujeito é a mais relativizável nas línguas, no entanto, pode haver diferença na relativização de diferentes tipos de sujeito, de forma que, segundo o autor, o sujeito de verbos intransitivos são mais relativizáveis que os de verbos transitivos.

Juntamente com as posições relativizáveis, tratarei como a língua se comporta com relação ao terceiro e quarto parâmetros. O terceiro parâmetro diz respeito à natureza do marcador de relativas. Conforme exposto na seção 3.2.3.1.3, do capítulo 3, Andrews (2007) diz ser comum o emprego de um marcador exclusivo de orações relativas ou o emprego de um marcador que também possa ocorrer em outras orações subordinadas. Payne (1997) denomina esse marcador como relativizador que pode também ter a forma de um complementizador, como o *that* (que) do inglês. No português, temos o marcador *que* considerado um relativizador na oração relativa e um completizador nas orações subordinadas completivas. Como apontarei nos dados, o kaingang não emprega um marcador específico de oração relativa, fato também observado por Jolkesky e Santos (2008) ao afirmarem que a língua não emprega pronome relativo.

O quarto parâmetro refere-se às estratégias de relativização as quais demonstram as diferentes maneiras de expressar o núcleo nominal relativizado na OR. De acordo com o aporte teórico exposto na seção 3.2.3.1.4, Keenan (1985) elenca quatro estratégias: (i) retenção pronominal, (ii) lacuna, (iii) pronome relativo e (iv) não-redução. Além dessas estratégias, Andrews (2007) considera também a redução e a nominalização, sendo esta última também tratada por Givón (2001). A estratégia empregada pela língua kaingang é a de não-redução, como mostrará a análise dos dados.

Para coletar os dados, primeiramente procurei contemplar as posições da Hierarquia de Acessibilidade (H.A.) de Keenan e Comrie (1977). Assim, com base nas posições relativizáveis, busquei verificar como a língua se comporta em relação aos demais parâmetros.

Como já mencionei na seção 6.1, todos os dados que coletei apresentam orações relativas internas, ou seja, com a expressão completa do núcleo nominal dentro da oração relativa. Assim, a estratégia de relativização da língua kaingang é a de não-redução, já que o núcleo nominal ocorre completamente expresso na oração relativa. Conforme exposto na seção 3.2.3.1.4.4, Givón (1979) diz que, nesse tipo de estratégia, o núcleo nominal correferente na oração principal é eliminado ou pronominalizado. Desse modo, já que o

núcleo nominal é eliminado da oração principal, a lacuna deixada por ele nesta oração é preenchida pela oração relativa. Os dados coletados mostram que a língua kaingang não apresenta uma relativização formal, ou seja, com o emprego de algum relativizador. Com base na leitura do trabalho de Oliveira (2011)⁶³, pude perceber que a maioria das línguas indígenas brasileiras emprega a estratégia da nominalização e apenas três empregam a estratégia de pronome relativo que é considerada a estratégia mais formal. No kaingang, a subordinação da oração relativa à oração principal se dá em termos semânticos. Embora não ocorram marcas gramaticais no sintagma nominal relativizado, a oração relativa cumpre seu papel de modificadora, atendendo aos propósitos comunicativos.

Quando se trata de posições relativizáveis, é preciso ter em mente que a função do núcleo nominal nem sempre é a mesma na oração principal e na oração relativa (cf. seção 3.2.3). Apresentarei as posições relativizáveis do kaingang com base na função que o SN relativizado tem na oração principal, já que a relativa é uma oração subordinada que preenche a lacuna deixada por esse sintagma na oração principal. Para facilitar a compreensão dessa lacuna, a primeira oração apresentada em cada exemplo, sinalizada pela letra (a), constitui-se de um período simples que demonstra a função ocupada pelo SN relativizado na oração principal. É essa função que será preenchida pela oração relativa no período composto sinalizado pela letra (b).

Com relação à relativização do sujeito, organizei os dados de forma a contemplar a função sintático-semântica desse argumento: (i) S – sujeito de verbo intransitivo e (ii) A – sujeito de verbo transitivo, pois, como já mencionado no capítulo 4, a língua kaingang diferencia a marcação de caso atribuída a esses argumentos na oração principal e na subordinada.

6.2.1 Posições Relativizáveis Quando o SN é S da Oração Principal

Quando a lacuna deixada pelo SN na oração principal ocorre na posição de S, é possível relativizar as seguintes posições referentes à H.A.: sujeito, objeto direto, objeto indireto, constituinte oblíquo e genitivo. A oração relativa preenche a lacuna deixada pelo sujeito na oração principal.

⁶³ A autora trata da relativização de 30 línguas brasileiras, com base em descrições feitas previamente como gramáticas, teses e outros tipos de manuais descritivos.

a) SN é S na relativa

8. a. **gĩr** vỹ nũr
 menino MS dormir
 “O menino dormiu.”

b. [[**Gĩr** fỹ mũ] vỹ nũr]
 menino chorar ASP MS dormir
 “O menino que chorou dormiu.”

9. a. **gĩr** vỹ prẽr
 menino MS gritar
 “O menino gritou”

b. [[**Gĩr** vẽnhvãg mũ] vỹ prẽr]
 menino correr ASP MS gritar
 “O menino que correu gritou.”

10. a. **Ũn** vỹ vẽnhavã
 alguém MS correr
 “Alguém correu.”

b. [[**Ũn** prẽr mũ] **ẽn** vỹ vẽnhavã]
 alguém gritar ASP PR.DEM. MS correr
 “Aquele que gritou correu.”

11. a. **Ũn gré** vỹ ter
 homem MS morrer
 “O homem morreu.”

b. [[**Ũn gré** pévé mũ] **ẽn** vỹ ter]
 homem cair ASP PR.DEM. MS morrer
 “Aquele que caiu morreu.”

Os dados 8b, 9b, 10b e 11b mostram que o SN relativizado tem a função de S tanto na oração principal como na relativa, de forma que a oração relativa ocupa a posição de sujeito. A estratégia de relativização é a de não-redução, de maneira que o SN ocorre totalmente expresso na oração relativa e, na oração principal, é eliminado (exemplos 8b e 9b) ou retomado por meio do pronome demonstrativo *ẽn* (aquele) (exemplos 10b e 11b). Este pronome ora ocorre, ora não, portanto não parece se tratar de algo obrigatório. Acredito que a motivação de sua ocorrência seja apenas uma questão de ênfase.

Quanto à marcação de caso atribuída ao sujeito, pude constatar que: (i) na oração principal, o sujeito, que corresponde à oração relativa, recebe o marcador de nominativo *vỹ*; (ii) na oração relativa, o sujeito, cuja função sintático-semântica é S, não é marcado, por exibir a marcação de caso absolutivo que é zero. Como mencionei no capítulo 4 e no capítulo de análise das orações completivas (5), a língua kaingang exibe o sistema nominativo-acusativo nas orações principais e o sistema ergativo-absolutivo nas orações subordinadas. Com base em Dixon (1994), constatei que o emprego de dois sistemas é condicionado pelo *status* gramatical da oração, de maneira que a oração principal exibe um sistema e a subordinada outro. Assim, nos exemplos apresentados neste capítulo, o sujeito da oração principal, independente de ser S ou A exibe a marca de nominatio *vỹ* enquanto na subordinada exibe o marcador ergativo, quando é um argumento A, e marcação zero, quando é um argumento S.

Com relação aos exemplos 10 e 11 gostaria de apresentar uma outra possibilidade de análise com base em Wiesemann (2007). Ao discorrer sobre os pronomes relativos, a autora cita os pronomes do português e diz que não existe uma estrutura correspondente no kaingang. Reproduzo a seguir a explicação da autora:

[...] o mais similar seria uma nominalização:

ũ tỹ ã ãn ra tĩ mũ ãn
alguém por tua casa para ir mũ aquele
'aquele que foi na sua casa.'

Toda essa expressão é uma nominalização que termina em *ãn* 'aquele' que funciona como artigo e mostra que toda esta estrutura é um tipo de pessoa." (p. 98-99)

Essa colocação da autora, a princípio, me deixou em dúvida se devo considerar que *ẽn* faça parte da oração relativa, já que o marcador de aspecto *mũ* sempre ocorre como último constituinte da oração. Também observei que o pronome *ẽn* não ocorre em todos os dados coletados, me levando a crer que seu emprego não é uma regra. Ao ler que

Givón (1979) explica que na estratégia de não-redução o SN relativizado ocorre na forma de pronome ou é eliminado na oração principal, considere mais conveniente deixar o *ên* na oração principal, como fiz na análise dos exemplos 10 e 11 e como farei nos demais exemplos deste capítulo nos quais ocorre este pronome.

b) SN é A na relativa

12. a. **Ũn gré** vỹ jun

homem MS chegar

“O homem chegou.”

b. [[**Ũn gré** tỹ *kākénh kajãm mũ*] vỹ jun]

homem MS barco comprar ASP MS chegar

“O homem que comprou o barco chegou.”

13. a. **Ũn tỹtá** fĩ jun

mulher FEM chegar

“A mulher chegou.”

b. [[**Ũn tỹtá** tỹ *vějěn han mũ*] fĩ jun]

mulher MS alimento fazer ASP FEM chegar

“A mulher que fez a comida chegou.”

14. a. **gĩr** vỹ pévé

menino MS escorregar

“O menino escorregou.”

b. [[**gĩr** tỹ *mora nig mũ*] vỹ pévé]

menino MS bola dar pontapé ASP MS escorregar

“O menino que chutou a bola caiu.”

15. a. **mĩg** vỹ ter

onça MS morrer

“A onça morreu.”

- b. [[*mĩg tỹ gĩr prãg mũ*] vỹ ter]
 onça MS menino morder ASP MS morrer
 “A onça que mordeu o menino morreu.”

16. a. **Gĩr** vỹ pév
 menino MS escorregar
 “O menino caiu.”

- b. [[**Gĩr** tỹ *pó fón mũ*] **ẽn** vỹ pév]
 menino MS pedra jogar ASP P.DEM. MS escorregar
 “O menino que jogou a pedra caiu”
 (lit.: “Aquele menino que jogou a pedra caiu.”)

17. a. **Ũn** vỹ jun
 alguém MS chegar
 “Alguém chegou.”

- b. [[**Ũn** tỹ *kãkénh kajãm mũ*] **ẽn** vỹ jun]
 alguém MS barco comprar ASP P.DEM. MS chegar
 “Aquele que comprou o barco chegou.”

Assim como nos exemplos nos quais o SN é S na oração principal, a oração relativa ocupa a lacuna deixada pelo argumento S da oração principal. A estratégia de relativização também é a de não-redução, pois o sintagma relativizado ocorre totalmente expresso na oração relativa e é eliminado (exemplos 12b, 13b, 14b e 15b) ou retomado por meio do pronome *ẽn* (exemplos 16b e 17b) na oração principal. O termo relativizado tem função de S na oração principal e de A na relativa, ocupando, portanto, a posição de sujeito nesta oração.

O fato de a oração relativa nos exemplos de 12 a 17 apresentar dois argumentos - A e O - e de não apresentar nenhum relativizador acompanhando o SN relativizado, pode levar a certa dificuldade em saber qual dos dois argumentos é o relativizado. Assim, quem não é falante da língua, ao se deparar com esses exemplos, poderia ficar em dúvida se quem morreu no dado 15b, por exemplo, foi a onça ou o menino. Perguntei ao informante como ficaria a frase se fosse o menino que tivesse morrido e ela ficaria

exatamente da mesma forma (cf. exemplo 20b). Perguntei, então, como ele e os demais falantes sabem sobre quem se trata a afirmação e ele disse que há uma diferença na maneira de “falar”. Assim, solicitei que ele lesse a frase para mim mostrando quando é o menino que morre e quando é a onça. Ao ler as frases, percebi uma entonação mais acentuada no SN relativizado.

Em virtude disso, fui buscar na pragmática um apoio teórico para lidar com esse fato, já que constatei que o SN relativizado não recebe marca gramatical, sendo a entonação uma característica importante para marcá-lo. Segundo Levinson (1983 apud PAYNE, 1997, p 261), “a pragmática é a prática de interpretação do enunciado”⁶⁴, de maneira que todo enunciado ocorre num determinado contexto e sua interpretação é afetada por ele. Embora os exemplos do kaingang sejam apresentados nesta tese de forma isolada, é claro que houve um contexto para sua elaboração. Durante a coleta, na minha interação com o informante, eu sempre procurava criar uma situação discursiva contextualizada para então chegar à frase com a oração relativa.

Givón (2001) aponta três maneiras que podem enfatizar um determinado sintagma numa oração: entonação, ordem de palavras e morfologia. Das três, o autor afirma que a entonação é, perceptivelmente, a mais destacável e está sempre presente independentemente do emprego simultâneo das outras duas. Com base em Bolinger (1985), Givón (2001, p. 249-250) salienta que:

a entonação é, provavelmente, o mais consistente e transparente dispositivo icônico de codificação da linguagem, um dispositivo cujas raízes remontam ao sistema gestual. Seu poder icônico reside na dimensão cognitiva da atenção e memória:

Quantidade de código, atenção e memória:

- A codificação mais distinta e mais proeminente atrai mais atenção.
- A informação que atrai mais atenção é memorizada, armazenada e recuperada de forma eficiente.⁶⁵ **(grifos do autor)**

Assim, como os constituintes na oração relativa se mantêm na ordem canônica da língua (SOV) e como não há relativizador, são o contexto e a entonação que permitem distinguir o SN relativizado, de maneira que a modificação exercida pela oração

⁶⁴ No original: “Pragmatic is the practice of utterance interpretation.”

⁶⁵ No original : “intonation is probably the most consistently and transparently iconic coding device in language, a device whose roots reach back to the gestural system. Its iconic power resides in the cognitive dimension of attention and memory:

Code-quantity, attention and memory

- More prominent and more distinct coding attracts more attention.
- Information that attracts more attention is memorized, stored and retrieved more efficiently.”

relativa é bem sucedida nos seus propósitos comunicativos, mesmo sem uma marca morfológica específica.

Com relação à marcação de caso, o sujeito da oração principal, que corresponde à oração relativa, recebe a marca de nominativo *vŷ* e o sujeito da relativa recebe o marcador de sujeito ergativo *tŷ*, já que é tratado diferentemente de S.

A mesma análise dos exemplos de 12 a 17 se aplica aos exemplos 18 e 19. A única diferença diz respeito ao verbo da oração principal que é descritivo:

18. a. **Ūn tŷtá** fi sŷnvĩ

mulher FEM bonita

“A mulher é bonita.”

b. [[**Ūn tŷtá** tŷ vĕjĕn han mũ] fi sŷnvĩ fi]

mulher MS alimento fazer ASP FEM bonito P3P

“A mulher que fez a comida é bonita.”

19. a. **Ēgkrénh tĩ** vŷ tar ja ti

caçador MS forte MO P3P

“O caçador era forte.”

b. [[**Ēgkrénh tĩ** tŷ mĭg tãnh mũ] **ĕn** vŷ tar ja ti]

caçador MS onça matar ASP P.DEM. MS forte MO P3P

“O caçador que matou a onça era forte.”

(lit.: “Aquele caçador que matou a onça era forte.”)

Assim como nos dados de 12 a 17, a oração relativa ocupa a posição deixada pelo argumento S na oração principal. Na oração relativa, o sintagma nominal relativizado tem a função de A, ocupa a posição de sujeito da oração e recebe o marcador de sujeito ergativo *tŷ*. Na oração principal, o SN é eliminado no exemplo 18b e retomado na forma do pronome demonstrativo *ĕn* em 19b. Os adjetivos *sŷnvĩ* (bonito), em 18, e *tar* (forte), em 19, ocupam a posição de verbo, portanto, neste contexto, funcionam como verbo descritivo. Para não falantes da língua pode ser difícil identificar qual é o SN relativizado em 19b (se é o caçador ou a onça), já que não há um relativizador. Novamente são a entonação e o contexto que permitem distinguir que o SN relativizado é o caçador.

c) SN é OD na relativa

Quando o SN relativizado é S na oração principal e OD na relativa, a oração relativa ocupa a posição de sujeito da oração principal, preenchendo a lacuna deixada por esse argumento, assim como nos exemplos anteriores.

20. a. **gĩr** vỹ ter
menino MS morrer
“O menino morreu.”

b. [[*mĩg tỹ* **gĩr** *prãg mũ*] vỹ ter]
onça MS menino morder ASP MS morrer
“O menino que a onça mordeu morreu.”

21. a. **gĩr** vỹ móra nig
menino MS bola dar pontapé
“O menino chutou a bola.”

b. [[*Pedro tỹ* **gĩr** *vég mũ*] vỹ móra nig]
Pedro MS menino ver ASP MS bola dar pontapé
“O menino que Pedro viu chutou a bola.”

22. a. **pẽngre** vỹ vãfor
galinha MS perdido
“A galinha fugiu.”

b. [[*Ûn tỹtá tỹ* **pẽngre** *kãgmĩg mũ*] vỹ vãfor]
mulher MS galinha pegar ASP MS perdido
“A galinha que a mulher pegou fugiu.”

23. a. **pó** vỹ kutẽ
pedra MS cair
“A pedra caiu.”

- b. [[*Gĩr tỹ pó fón mũ*] **ẽn** vỹ kutẽ]
 menino MS pedra jogar ASP P.DEM. MS cair
 “A pedra que o menino jogou caiu.”
 (lit.: “Aquela pedra que o menino jogou caiu.”)

A estratégia de relativização é a de não-redução, pois o SN relativizado ocorre totalmente expresso na oração relativa, sendo eliminado na oração principal (exemplos 20b, 21b e 22b) ou retomado pelo pronome demonstrativo *ẽn*. Como não há relativizador acompanhando o SN relativizado, a mesma dificuldade apontada nos exemplos nos quais o SN relativizado é A na oração relativa ocorre aqui. Comparando a oração relativa de 15b com a de 20b, pude perceber que elas são idênticas, da mesma forma que a de 16b e a de 23b. Mais uma vez são a entonação e o contexto que permitem distinguir qual é o SN relativizado, tornando a modificação exercida pela oração relativa bem sucedida nos seus propósitos comunicativos.

Da mesma forma que nos exemplos nos quais o sintagma relativizado é A na relativa, o sujeito da oração principal, que é ocupado pela oração relativa, exhibe a marca de nominativo *vỹ* e o sujeito da relativa exhibe o marcador de ergativo *tỹ*.

A análise dos exemplos de 20 a 23 também se aplica aos seguintes exemplos:

24. a. **pira** vỹ há ja ti
 peixe MS feito MO P3P
 “O peixe era bom.”

- b. [[*Jandira fi tỹ pirũ fritan mũ*] vỹ há ja ti]
 n. próprio FEM MS peixe fritar ASP MS feito MO P3P
 “O peixe que Jandira fritou era bom.”

25. a. **livro** vỹ éhé nĩ
 livro MS grande ASP
 “O livro é grande.”

- b. [[*Pedro tỹ livro kajãm mũ*] **ẽn** vỹ éhé nĩ]
 n. próprio MS livro comprar ASP P.DEM MS grande ASP

“O livro que Pedro comprou é grande.”

(lit.: “Aquele livro que Pedro comprou é grande.”)

26. a. **mĩg** vỹ éhé ja ti
onça MS grande MO P3P

“A onça era grande.”

b. [[*Ēgkrénh tĩ tỹ mĩg jũ tãnh mũ*] **ẽn** vỹ éhé ja ti]
caçador MS onça braba matar ASP P.DEM. MS grande MO P3P

“A onça braba que o caçador matou era grande.”

(lit.: “Aquele onça braba que o caçador matou era grande.”)

27. a. **ẽmĩ** vỹ gãr tỹ há nĩ
bolo MS milho EXIST feito ASP

“O bolo é de milho.”

b. [[*Maria fi tỹ ẽmĩ han mũ*] **ẽn** vỹ gãr tỹ há nĩ]
n. próprio FEM MS bolo fazer ASP PR.DEM. MS milho EXIST feito ASP

“O bolo que Maria fez é de milho.”

(lit.: “Aquele bolo que Maria fez é de milho.”)

Assim como nos exemplos de 20 a 23, nos exemplos de 24 a 27 o adjetivo ocupa na oração principal a posição de verbo, funcionando como verbo descritivo. A oração relativa ocupa a lacuna deixada pelo argumento S na oração principal. A estratégia de relativização é a de não-redução de forma que o SN é eliminado na oração principal, em 24b, e retomado pelo pronome demonstrativo *ẽn* em 25b, 26b e 27b. O sintagma relativizado tem função de objeto direto na oração relativa ocupando a posição deste argumento. A distinção do SN relativizado, em 26, se dá por meio da entonação e do contexto, já que não há emprego de um relativizador. Quanto à marcação de caso atribuída ao sujeito, o sujeito da relativa recebe o marcador de ergativo *tỹ* e o sujeito da principal, que é preenchido pela oração relativa, recebe a marca de nominativo *vỹ*.

d) SN é OI na relativa

A oração relativa, assim como nos exemplos apresentados anteriormente ocupa a lacuna deixada pelo argumento S da oração principal. Dentro da oração relativa, o SN relativizado tem função de objeto indireto e ocorre na sua posição canônica⁶⁶.

28. a. **gĩr** vỹ fỹ

menino MS chorar

“O menino chorou.”

b. [[*Jandira fi tỹ **gĩr** mỹ vějěn nĩm mũ*] vỹ fỹ]

n. próprio FEM MS menino POSP comida dar ASP MS chorar

“O menino para quem Jandira deu comida chorou.”

29. a. **kanhagág** vỹ jun

índio MS chegar

“O índio chegou.”

b. [[*Pedro tỹ **kanhgág** mỹ livro nĩm mũ*] vỹ jun]

n. próprio MS índio POSP livro dar ASP MS chegar

“O índio para quem Pedro deu o livro chegou.”

Os exemplos 28b e 29b mostram que a oração relativa ocupa a posição deixada pelo argumento S na oração principal. A estratégia de relativização é a de não redução e o núcleo nominal relativizado é eliminado da oração principal. Na oração relativa, o SN relativizado ocorre na sua posição canônica. Como não há um marcador formal para indicar a relativização, novamente o contexto de enunciação aliado à entonação serve para distinguir que o SN relativizado é o objeto indireto.

Com relação à marcação de caso atribuída ao sujeito, o sujeito da oração principal, que corresponde à oração relativa, recebe a marca de nominativo vỹ e o sujeito da oração relativa recebe o marcador de ergativo tỹ.

⁶⁶ No capítulo 4, o exemplo 2 ilustra a posição ocupada pelo OI. Este argumento é marcado pela posposição *mỹ*.

e) SN é oblíquo na relativa

Da mesma maneira que nos exemplos anteriores, a oração relativa preenche a lacuna deixada pelo sujeito na oração principal, já que nesta oração o SN relativizado tem função de sujeito. Na oração relativa, o SN relativizado tem função de constituinte oblíquo e ocorre na sua posição canônica, que é a mesma do objeto indireto, ou seja, entre o sujeito e o objeto direto. Assim como o objeto indireto, o constituinte oblíquo é seguido por uma posposição.

30. a. **ka** vỹ mráj

pau MS quebrado

“O pau quebrou.”

b. [[*Ēkréh*h tĩ tỹ **ka** tỹ mĩg tãnh mũ] vỹ mráj]

caçador MS pau POSP onça matar ASP MS quebrado

“O pau com que o caçador matou a onça quebrou.”

A estratégia de relativização é a de não-redução, sendo o SN relativizado totalmente expresso na oração relativa e eliminado da oração principal. No exemplo 30b, *tỹ* ocorre como marcador de sujeito e como posposição. Segundo Wiesemann (2002, p. 89), *tỹ* pode funcionar como marcador de sujeito ergativo, como indicador de existência, como indicador de circunstância (“com”) e como indicador de tópico. Como posposição *tỹ*, corresponde ao que Wiesemann (2002) classifica como indicador de circunstância (“com”). Como discorri anteriormente, o fato da língua não empregar um relativizador e de o SN relativizado ocorrer na sua posição canônica, só é possível distinguir que o SN relativizado é o constituinte oblíquo, nesse exemplo, por meio do contexto de enunciação e da entonação.

A marcação de caso atribuída ao sujeito também se comporta como nos exemplos anteriores, ou seja, o sujeito da oração principal, que corresponde à oração relativa, exibe a marca de nominativo vỹ enquanto o sujeito da oração relativa, que é uma oração subordinada, exibe marcador de ergativo tỹ, por se tratar de um argumento A.

f) SN é genitivo na relativa

31. a. **kanhgág** vỹ fỹ

índio MS chorar

“O índio chorou.”

b. [[*mĩg tỹ kanhgág kósin mǎg mũ*] vỹ fỹ]

onça MS kaingang filho carregar ASP MS chorar

“O índio cujo filho a onça matou chorou.”

32. a. **gĩr** vỹ fỹ

menino MS chorar

“O menino chorou.”

b. [[*gĩr jóg ter mũ*] vỹ fỹ]

menino pai morrer ASP MS chorar

“O menino cujo pai morreu chorou.”

O caso genitivo, em kaingang, não é expresso por meio de uma marca morfológica. A relação de posse ocorre apenas pela justaposição dos dois nomes: *kanhgá kósin* (filho do índio), em 31b, e *gĩr jóg* (pai do menino), em 32b. Nos dois exemplos, a oração relativa ocorre na posição de sujeito da oração principal preenchendo a lacuna deixada por esse argumento nessa oração. A estratégia de relativização é a de não-redução e, na oração principal, o termo relativizado é eliminado. Na oração relativa do exemplo 31b, o SN genitivo ocorre na posição de objeto direto, sendo a entonação e o contexto que permitem saber que o nome relativizado desse sintagma é *kanhgág*. Na oração relativa do exemplo 32b, o SN genitivo ocorre na posição de sujeito e, assim como em 31b, são a entonação e o contexto que permitem distinguir o nome relativizado (*gĩr*). Quanto à marcação de caso do sujeito, as orações se comportam como nos exemplos tratados anteriormente, ou seja, o sujeito da oração principal, que corresponde à oração relativa, recebe a marca de nominativo vỹ. O sujeito da oração relativa recebe marcação conforme o sistema ergativo-absolutivo, ou seja, o argumento A, em 31b, recebe o marcador de ergativo – *tỹ* - e o argumento S, em 32b, recebe a marcação zero que corresponde ao caso absoluto.

6.2.2 Posições Relativizáveis Quando o SN é A da Oração Principal

Como nos dados apresentados na seção 6.2.1, quando o SN relativizado é o argumento A da oração principal, a oração relativa ocorre na posição de sujeito. Na oração relativa, o argumento relativizado pode ter função de S ou A.

a) SN é S na relativa

33. a. **gĩr** vỹ vyj va tĩg
 menino MS arco carregar coisa comprida andar
 “O menino levou o arco.”

b. [[**Gĩr** tĩ mũ] vỹ vyj va tĩg]
 menino ir ASP MS arco carregar coisa comprida andar
 “O menino que saiu levou o arco.”

34. a. **Ũn** vỹ ti nĩjuja fynh
 alguém MS PP3P dedo cortar
 “Alguém cortou seu dedo.”

b. [[**Ũn** pévé mũ] **ẽn** vỹ ti nĩjuja fynh]
 alguém escorregar ASP P.DEM. MS PP3P dedo cortar
 “Aquele que caiu cortou o dedo.”
 (lit.: “Aquele que caiu cortou seu dedo.”)

O SN relativizado em 33b e 34b tem a função de A na oração principal e de S na relativa. A oração relativa preenche a lacuna deixada pelo sujeito na oração principal. A estratégia de relativização é a de não-redução, de maneira que o SN relativizado ocorre totalmente expresso na oração relativa e, na oração principal, é eliminado (ex. 33b) ou retomado por meio do pronome demonstrativo *ẽn* (ex. 34b).

O sujeito da oração principal, que corresponde à oração relativa, recebe a marca de nominativo vỹ enquanto o da relativa recebe a marcação zero referente ao caso absoluto, por se tratar de um argumento S.

b) SN é A na relativa

Da mesma maneira que nos exemplos apresentados em (b) da seção 6.2.1, quando o SN tem função de A na oração principal, ocupa a posição de sujeito desta oração preenchendo a lacuna deixada por esse argumento. Na oração relativa, o SN também ocorre na posição de sujeito.

35. a. **p̃yñ** vỹ p̃ngre t̃anh

cobra MS galinha matar

“A cobra matou a galinha.”

b. [[**p̃yñ** tỹ m̃g pr̃g mũ] vỹ p̃ngre t̃anh]

cobra MS onça morder ASP MS galinha matar

“A cobra que mordeu a onça matou a galinha.”

36. a. **g̃r** vỹ gol han

menino MS gol fazer

“O menino fez o gol.”

b. [[**g̃r** tỹ mora nig mũ] vỹ gol han]

menino MS bola dar pontapé ASP MS gol fazer

“O menino que chutou a bola fez o gol.”

37. a. **Ũn tỹntá** fi vỹ kukrũ kupé

mulher FEM MS panela lavar

“A mulher lavou a panela.”

b. [[**Ũn tỹntá** tỹ mandioca ñnh mũ] fi vỹ kukrũ kupé]

mulher MS mandioca cozinhar ASP FEM MS panela lavar

“A mulher que cozinhou a mandioca lavou a panela.”

38. a. **Ũn** fi vỹ kukrũ kupé

alguém FEM MS panela lavar

“Alguém lavou a panela.”

- b. [[*Ũn tỹ mandioca nẽnh mũ*] *ẽn* fi vỹ kukrũ kupé]
 alguém MS mandioca cozinhar ASP P.DEM. FEM MS panela lavar
 “Aquele que cozinhou a mandioca lavou a panela.”

Os exemplos 35b, 36b, 37b e 38b se constituem de orações relativas internas, cuja estratégia de relativização empregada é a de não-redução, sendo o SN relativizado totalmente expresso na oração relativa e eliminado da oração principal (35b, 36b e 37b) ou retomado por meio do pronome demonstrativo *ẽn* (38b). O exemplo 35b, considerado isoladamente, pode causar certa dificuldade em identificar se o SN relativizado é o sujeito ou o objeto direto da oração relativa. Como discorri na seção 6.2.1, são a entonação e o contexto de enunciação que permitem distinguir que, nessa oração, o SN relativizado é o sujeito.

Com relação à marcação de caso, o sujeito da oração principal, que é preenchido pela oração relativa, recebe a marca de nominativo *vỹ* enquanto o sujeito da oração relativa recebe a marca de ergativo *tỹ*.

6.2.3 Posições relativizáveis quando o SN é OD da oração principal

Quando o SN relativizado tem função de objeto direto na oração principal, a oração relativa ocupa a lacuna deixada por este argumento, ou seja, a oração relativa ocupa na oração principal a posição de objeto direto, independente da função que o núcleo relativizado exerça na relativa. É possível relativizar as seguintes posições referentes à H.A.: sujeito, objeto direto e objeto indireto.

a) SN é S na relativa

39. a. Pedro vỹ *ũn gré* vé
 n. próprio MS homem ver
 “Pedro viu o homem.”

- b. [Pedro vỹ [*ũn gré rĩr mũ*] vé]
 n. próprio MS homem acordado ASP ver
 “Pedro viu o homem que acordou.”

40. a. Pedro vỹ *kanhgág* vé
n. próprio MS índio ver
“Pedro viu o índio.”
- b. [Pedro vỹ [*kanhgág ter*] vé]
n. próprio MS índio morrer ver
“Pedro viu o índio que morreu.”
41. a. Pedro vỹ *ũn* vé
n. próprio MS alguém ver
“Pedro viu alguém.”
- b. [Pedro vỹ [*ũn kutě mũ*] vé]
n. próprio MS alguém cair ASP ver
“Pedro viu o homem que caiu.”
42. a. Pedro vỹ *ũn* vé
n. próprio MS alguém ver
“Pedro viu alguém.”
- b. [Pedro vỹ [*ũn rĩr mũ*] *ẽn* vé]
n. próprio MS alguém acordado ASP P.DEM. ver
“Pedro viu aquele que acordou.”
43. a. Pedro vỹ *vyj* va
n. próprio MS arco carregar coisa comprida
“Pedro pegou o arco.”
- b. [Pedro vỹ [*vyj mráj mũ*] *ẽn* va]
n. próprio MS arco quebrado ASP P.DEM. carr.coisa comp.
“Pedro pegou o arco que quebrou.”

Nos exemplos 39b, 40b, 41b, 42b e 43b, o SN relativizado tem função de objeto direto na oração principal e de S na relativa. A oração relativa ocupa a posição de objeto direto preenchendo a lacuna deixada por esse argumento na oração principal. Como

nos exemplos apresentados na seção 6.2.1 e 6.2.2, não há emprego de relativizador, ou seja, o SN relativizado não recebe nenhuma marca gramatical. A estratégia de relativização é a de não-redução, pois o SN relativizado aparece completamente expresso na oração relativa e é eliminado da oração principal (39b, 40b, 41b) ou retomado por meio do pronome demonstrativo *ẽn* (42b e 43b).

Quanto à marcação de caso, o sujeito da oração principal recebe a marca de nominativo *vỹ* e o sujeito da oração relativa, que corresponde à função S, não é marcado, por corresponder ao caso absolutivo o qual não recebe marcação.

b) SN é A na relativa

44. a. José *vỹ* ***gĩr*** *vé*
 n. próprio MS menino ver
 “José viu o menino.”

b. [José *vỹ* [***gĩr*** *tỹ* *vɣj* *va* *tĩg*] *vé*]
 n. próprio MS menino MS arco carr.coisa comp. andar ver
 “José viu o menino que levou o arco.”

45. a. Pedro *vỹ* ***ũn tỹtá*** *fi* *vé*
 n. próprio MS mulher FEM ver
 “Pedro viu a mulher.”

b. [Pedro *vỹ* [***ũn tỹtá*** *tỹ* *pirã* *kugjin mũ*] *fi* *vé*]
 n. próprio MS mulher MS peixe assar ASP FEM ver
 “Pedro viu a mulher que fritou o peixe.”

46. a. Pedro *vỹ* ***mĩg*** *tãnh*
 n. próprio MS onça matar
 “Pedro matou a onça.”

b. [Pedro *vỹ* [***mĩg*** *tỹ* *gĩr* *prãg mũ*] *tãnh*]
 n. próprio MS onça MS menino morder ASP matar
 “Pedro matou a onça que mordeu o menino.”

47. a. kasor vỹ pỹn pra
cachorro MS cobra morder
“O cachorro mordeu a cobra.”

b. [kasor vỹ [pỹn tỹ gĩr prãg mũ] pra gé
cachorro MS cobra MS menino morder ASP morder também
“O cachorro mordeu a cobra que picou o menino.”

Nos exemplos 44b, 45b, 46b e 47b, o SN relativizado tem função de objeto direto na oração principal e de A na oração relativa. Como nos exemplos apresentados no início desta seção, a oração relativa ocupa a posição de objeto direto da oração principal, preenchendo a lacuna deixada por esse argumento. A estratégia de relativização também é a de não-redução, de forma que o SN relativizado ocorre totalmente exposto na oração relativa e é eliminado da oração principal. Como não há relativizador na oração relativa que identifique o SN relativizado, são o contexto e a entonação que permitem distinguir que o SN relativizado é o sujeito e não o objeto, de forma que a modificação exercida pela oração relativa atende aos propósitos comunicativos.

Na oração relativa, o sujeito recebe o marcador de ergativo *tỹ* e na oração principal recebe o marcador de nominativo *vỹ*.

c) SN é OD na relativa

48. a. Pedro vỹ bolo kó
n. próprio MS bolo comer
“Pedro comeu o bolo.”

b. [Pedro vỹ [Maria fi tỹ bolo há] kó]
n. próprio MS n. próprio FEM MS bolo feito comer
“Pedro comeu o bolo que Maria fez.”

49. a. Maria fi vỹ mandioca rynran
n. próprio FEM MS mandioca descascar
“Maria ralou a mandioca.”

- b. [Maria fi vỹ [Pedro tỹ *mandioca* *kufěg* mũ] rynran]
 n. próprio FEM MS n. próprio MS mandioca descascar ASP ralar
 “Maria ralou a mandioca que Pedro descascou.”

50. a. Pedro vỹ **pěngre** fi vé
 n. próprio MS galinha FEM ver
 “Pedro viu a galinha.”

- b. [Pedro vỹ [ũn tỹtá tỹ **pěngre** *pěju* mũ] [fi vé]
 n. próprio MS mulher MS galinha roubar/esconder ASP FEM ver
 “Pedro viu a galinha que a mulher pegou.”

Nos exemplos 48b, 49b e 50b, o SN relativizado tem função de objeto direto tanto na oração principal quanto na relativa. A oração relativa ocorre na posição de objeto direto, preenchendo a lacuna deixada por esse argumento na oração principal. Na oração relativa, o SN relativizado ocupa sua posição canônica, ou seja, a de objeto direto. A estratégia de relativização é a de não-redução, de maneira que o SN relativizado é completamente expresso na oração relativa e eliminado da oração principal. Da mesma forma que nos exemplos anteriores, não há emprego de nenhum relativizador para marcar o SN relativizado.

Como o SN relativizado ocupa sua posição canônica na oração relativa e não é seguido por nenhum relativizador, o exemplo 50b, se considerado fora do contexto, poderia causar dúvida em identificar se o SN relativizado é o sujeito ou o objeto direto. Como já abordei em exemplos anteriores, o contexto de enunciação do exemplo e a entonação mais acentuada do SN objeto permitem identificá-lo como o SN relativizado.

Quanto à marcação de caso, o sujeito da oração principal recebe a marca de nominativo vỹ enquanto o sujeito da relativa, que é uma oração subordinada, recebe o marcador de ergativo tỹ, tendo em vista que, nos três exemplos, essa posição é ocupada por um argumento A.

Pude constatar que as orações relativas que ocupam a posição de objeto direto analisadas nesta seção apresentam a mesma estrutura das orações completivas apresentadas no capítulo 5 cujos predicados encaixadores são de enunciação, de atitude proposicional, de conhecimento, de percepção física, de manipulação formados por orações causativas e de temor. Ou seja, tanto nesses exemplos de completivas, como nas orações

relativas citadas, a oração subordinada ocupa a posição de objeto direto. Nas orações completivas, não há emprego de complementizador, assim como nas relativas não ocorre relativizador. Pude notar, portanto, que a língua kaingang não marca essas orações gramaticalmente, sendo que a subordinação dessas orações à oração principal se dá em termos semânticos. Logo, só é possível diferenciar uma oração relativa que ocupa a posição de objeto de uma oração subordinada completiva que também ocorre nessa posição por meio do contexto de enunciação, já que a estrutura de ambas é a mesma.

d) SN é OI na relativa

51. a. Pedro vỹ **gĩr** vé
n. próprio MS menino ver
“Pedro viu o menino.”

b. [Pedro vỹ [*Maria fi tỹ **gĩr** mỹ farinha nĩm*] vé]
n. próprio MS n. próprio FEM MS menino POSP farinha dar ver
“Pedro viu o menino para quem Maria deu farinha.”

52. a. Manoel vỹ **gĩr** ki kanhró nĩ
n. próprio MS menino saber ASP
“Manoel conhece o menino.”

b. [Manoel vỹ [*Pedro tỹ **gĩr** mỹ livro tugtó mũ*] ki kanhró nĩ]
n. próprio MS n. próprio MS menino POSP livro ler ASP saber ASP
“Manoel conhece o menino para quem Pedro leu o livro.”

53. a. Ludovico vỹ **kanhgág** vé
n. próprio MS kaingang ver
“Ludoviko viu o índio.”

b. [Ludovico vỹ [*Luciana fi tỹ **kanhgág** mỹ livro nĩm*] vé]
n. próprio MS n. próprio FEM MS kaingang POSP livro dar ver
“Ludoviko viu o índio para quem Luciana deu o livro.”

Quando o SN relativizado tem função de objeto direto na principal, a oração relativa ocorre na posição desse argumento. Assim como nos exemplos 28b e 29b, quando o SN tem função de objeto indireto na oração relativa, ele ocorre na sua posição canônica e, já que não há emprego de relativizador para marcá-lo, são o contexto de enunciação e a entonação que possibilitam distingui-lo como SN relativizado.

Da mesma maneira que nos exemplos anteriores, a estratégia de relativização é a de não-redução, pois o SN relativizado ocorre totalmente expresso na oração relativa e é eliminado da oração principal. A marcação de caso atribuída ao sujeito também acontece como nos demais exemplos, ou seja, o sujeito da oração principal recebe a marca de nominativo *vỹ* enquanto o da relativa recebe o marcador de ergativo *tỹ*.

6.2.4 Posições Relativizadas Quando o SN é OI da Oração Principal

Quando o SN relativizado tem função de OI na oração principal, a oração relativa preenche a lacuna deixada por esse argumento, ocorrendo, portanto, antes da posposição que o segue. Na oração relativa, o SN relativizado pode ter função de S e de A.

a) SN é S na relativa

54. a. Jandira fĩ vỹ **gĩr** mỹ vějẽn nĩm
 n. próprio FEM MS menino POSP comida dar(coisa não comprida)
 “Jandira deu comida para o menino.”

b. [Jandira fĩ vỹ [**gĩr** *fỹ* *mũ*] mỹ vějẽn nĩm]
 n. próprio FEM MS menino chorar ASP POSP comida dar(coisa não comprida)
 “Jandira deu comida para o menino que chorou.”

55. a. Jandira fĩ vỹ **ũn** mỹ vějẽn nĩm
 n. próprio FEM MS alguém POSP comida dar
 “Jandira deu comida para alguém.”

b. [Jandira fĩ vỹ [**ũn** *fỹ*] **ẽn** mỹ vějẽn nĩm]
 n. próprio FEM MS alguém chorar P.DEM. POSP comida dar
 “Jandira deu comida para aquele chorou.”

Nos exemplos 54b e 55b, o SN relativizado tem função de objeto indireto na oração principal e de S na relativa. A oração relativa ocorre na posição de objeto indireto da oração principal preenchendo a lacuna deixada por esse argumento nessa oração. Na oração relativa, o SN relativizado ocorre na posição de sujeito. A estratégia de relativização empregada é a de não-redução, sendo que o sintagma nominal relativizado ocorre totalmente expresso na oração relativa e, na oração principal, é eliminado no exemplo 54b e retomado por meio do pronome demonstrativo *ẽn* em 55b.

Quanto à marcação de caso, o sujeito da oração principal recebe a marca de nominativo *vỹ* e o da relativa, por se tratar de um argumento S, não recebe marcação por exibir o caso absoluto.

b) SN é A na relativa

56. a. Pedro *vỹ gĩr* *mỹ* livro *tugtó*
 n. próprio MS menino POSP livro contar/dizer
 “Pedro leu o livro para o menino.”

b. [Pedro *vỹ [gĩr tỹ jãn mĩ]* *mỹ* livro *tugtó*]
 n. próprio MS menino MS cantar ASP POSP livro contar/dizer
 “Pedro leu o livro para o menino que cantou o hino.”

No exemplo 56b, o SN relativizado tem função de objeto indireto na oração principal e de A na relativa. A oração relativa preenche a lacuna deixada pelo SN relativizado na oração principal, ocorrendo, portanto, antes da posposição que acompanha esse constituinte. Na oração relativa, o SN relativizado ocorre na posição de sujeito. Como nos demais exemplos tratados neste capítulo, a estratégia de relativização empregada é a de não-redução, que consiste na expressão completa do núcleo nominal na oração relativa e de sua eliminação na oração principal. O sujeito da oração principal recebe o marcador de nominativo *vỹ* enquanto o sujeito da relativa recebe o marcador ergativo *tỹ*.

6.3 ANÁLISE DAS ORAÇÕES RELATIVAS SEGUNDO JOLKESKY E SANTOS (2008)

Mencionei, no início deste capítulo, que a análise dos dados coletados dialogaria com o trabalho de Jolkesky e Santos (2008). Na seção 6.1, que versa sobre a posição das orações relativas em relação ao núcleo relativizado, apresentei alguns dados desses autores que indicam duas posições de orações relativas: (i) internas, as quais denominam circumnominais (ex.7); (ii) externas pós-nominais (exemplos 5 e 6). Estas últimas, segundo os autores, ocorrem quando o núcleo nominal é pronominalizado.

Com relação aos demais parâmetros, optei por apresentar, resumidamente, a análise dos autores numa seção separada, já que sua apresentação dos dados difere da organização feita por mim neste capítulo. Embora eles não citem os parâmetros que permitem distinguir as orações relativas nas línguas, é possível constata-los por meio dos exemplos apresentados.

Quanto ao segundo parâmetro - quais posições sintáticas podem ser relativizadas – os autores não mencionam a H.A., de Keenan e Comrie (1977), porém, seus exemplos permitem identificar algumas posições sintáticas relativizadas.

a) SN é S na oração principal e A na oração relativa

57. [Ũ tỹ vãn ga ko mũ] ag vỹ, pipir nỹtĩ]
alguém MS coró da taquara comer ASP P3P MS pouco existir

“Os que comeram coró da taquara são poucos.” (adaptado de JOLKESKY E SANTOS, 2008, p. 256)

b) SN é A na oração principal e OD na oração relativa

58. [Nẽnkanh tỹ kajěr kãgmĩg mũ] ěn vỹ, ka kanẽ ko mẽ nĩ]
n. próprio MS macaco pegar ASP P.DEM. MS fruta comer ADV ASP

“Aquele macaco que Nẽnkan pegou gosta de comer frutas.” (adaptado de JOLKESKY E SANTOS, 2008, p. 256)

c) SN é OD na oração principal e A na oração relativa

59. [Kar ěg pãi ag tóg, [ũ tỹ ag mỹ vãkynkyn ke]

feito P1P(PL) pai PL MS alguém MS P3P(PL) POSP tocar MO

ag kanëg tĩ]

P3P(PL) procurar ASP

“Então nossos pais procuravam aqueles que iriam tocar para eles.” (adaptado de JOLKESKY e SANTOS, 2008, p. 257)

Com relação ao terceiro parâmetro – o tipo de marcador relativo -, os autores também constataram que a língua kaingang não emprega pronome relativo. Quanto ao quarto parâmetro – modo de expressão do SN relativizado -, embora não empreguem a nomenclatura de Keenan (1985) para as estratégias de relativização, Jolkesky e Santos (2008) apontam que, quando as orações relativas são circumnominais, as quais correspondem às relativas de núcleo interno, o SN relativizado ou é omitido da oração principal ou se apresenta na forma de um pronome correferente. Essa estratégia corresponde, portanto, à estratégia de não-redução. Os dados 5, 7, 57, 58 e 59 ilustram essa estratégia. Outra estratégia apontada pelos autores é a lacuna (*gap*), na qual o SN relativizado é omitido da oração relativa, como mostra o exemplo 6.

Comparando os dados apresentados pelos autores com os dados coletados para esta tese, pude verificar o emprego do sistema ergativo-absolutivo nas orações relativas e do sistema nominativo-acusativo nas orações principais.

6.4 ANÁLISE E RESULTADOS

Com base nos dados apresentados neste capítulo, segue uma síntese de como as orações relativas do kaingang se comportam com relação aos quatro parâmetros que permitem distinguir as orações relativas nas línguas.

Com relação ao primeiro parâmetro, constatei que a língua kaingang emprega orações relativas internas, já que o núcleo nominal relativizado ocorre dentro dela. Jolkesky e Santos (2008) denominam essas orações como circumnominais e, além dessas, também apontam a existência de orações relativas externas pós-nominais. No que diz respeito à posição da oração relativa em relação à oração principal, todos os dados coletados para esta tese mostram que oração relativa sempre ocupa a posição correspondente à função que o SN relativizado exerce na principal, independente de sua função na oração relativa. Assim, se o SN relativizado tem na oração principal função de S ou A, a oração relativa ocupa a posição

de sujeito da oração principal; se o SN relativizado tem na oração principal a função de objeto direto, a oração relativa preenche essa posição na oração principal, da mesma forma acontece quando o SN relativizado tem função de objeto indireto ou de constituinte oblíquo na oração principal.

Quanto ao segundo parâmetro, organizei os dados de modo a contemplar quais posições sintáticas podem ser relativizadas partindo da função que o SN exerce na oração principal, já que a relativa é uma oração subordinada que preenche a lacuna deixada por esse sintagma na oração principal. Com relação à relativização do sujeito, considerei a função sintático-semântica desse argumento: (i) S – sujeito de verbo intransitivo e (ii) A – sujeito de verbo transitivo, tendo em vista que, nas orações relativas, a língua kaingang exibe o sistema ergativo-absolutivo tratando esses dois argumentos de maneira distinta. Quando o SN relativizado exerce a função de S na oração principal, é possível relativizar as seguintes posições referentes à H.A.: sujeito (S e A), objeto direto, objeto indireto, constituinte oblíquo e genitivo; quando o SN relativizado exerce a função de A na oração principal, pode ter na relativa a função de A ou S; quando o SN relativizado tem função de objeto direto na oração principal, pode ter na relativa função de sujeito (S ou A), objeto direto e objeto indireto e; quando o SN relativizado exerce a função de objeto indireto na oração principal, na oração relativa pode exercer a função de sujeito (S ou A). Os exemplos de Jolkesky e Santos (2008) apresentados neste capítulo mostram a relativização das posições de sujeito (S e A) e de objeto direto. Em todos os exemplos, pude observar que, na oração relativa, o SN relativizado ocupa sua posição canônica.

Com relação ao terceiro parâmetro – tipo de marcador relativo -, tanto os dados coletados para esta tese quanto os dados de Jolkesky e Santos (2008) mostram que a língua kaingang não emprega pronome relativo, nem qualquer relativizador que marque o SN relativizado dentro da oração relativa. Como o SN relativizado ocupa na oração relativa sua posição canônica e como não há emprego de um relativizador, pode haver certa dificuldade (se a frase for considerada fora do contexto) em distinguir o SN relativizado quando essa oração apresenta dois argumentos, como sujeito e objeto, por exemplo. Assim, é o contexto de enunciação aliado a uma entonação mais acentuada do SN relativizado que permite distinguir qual é o SN relativizado, de maneira que a oração relativa cumpre seu papel de modificadora, atendendo aos propósitos comunicativos.

Quanto ao último parâmetro, que diz respeito ao modo de expressão do SN relativizado, ou seja, às estratégias de recuperação de caso, pude constatar que a língua kaingang emprega a estratégia de não-redução. Essa estratégia diz respeito à expressão

completa do núcleo nominal na oração relativa. Segundo Givón (1979), na oração principal, o núcleo nominal é eliminado ou pronominalizado, de maneira que a oração relativa preenche a lacuna deixada por ele. Os dados coletados com meu informante mostram que, quando pronominalizado, há o emprego do pronome demonstrativo *ẽn* (aquele), porém os dados de Jolkesky e Santos (2008) além desse pronome, também mostram o emprego do pronome *ag* (eles). Além da estratégia de não-redução, esses autores também verificaram a estratégia de lacuna (*gap*) a qual diz respeito à eliminação do SN relativizado na oração relativa (ex. 6).

Com relação à marcação de caso atribuída ao sujeito, a língua emprega o sistema nominativo-acusativo na oração principal. Nesse sistema, os argumentos S e A recebem o marcador de nominativo *vỹ*. Na oração relativa, que é uma oração subordinada, o argumento S não é marcado por se tratar de caso absolutivo e o argumento A recebe o marcador de ergativo *tỹ*.

Enfim, embora não haja uma marca morfológica específica para a oração relativa, a subordinação dessa oração à oração principal se dá em termos semânticos. Logo, o contexto de enunciação mais a entonação dão conta de atender a função de modificação que a oração relativa exerce, de forma que a estrutura empregada pela língua atende aos propósitos comunicativos.

7 ORAÇÕES ADVERBIAIS

Este capítulo abordará as orações adverbiais da língua kaingang com base nos pressupostos teóricos de Thompson, Longacre e Hwang (2007) apresentados na seção 3.2.2.

De acordo com a escala de integração gramatical das orações complexas proposta por Payne (1997), as orações adverbiais ocupam a terceira posição. Como justifiquei no capítulo 6, optei por apresentar as orações relativas antes das adverbiais devido ao fato de sua estrutura ser semelhante a das completivas. Portanto, conforme a estrutura das orações coletadas para esta tese, considereei conveniente tratar das orações adverbiais depois das orações relativas.

Como foi apresentado no capítulo 3, as orações adverbiais funcionam como advérbios, de forma que podem modificar um sintagma verbal ou uma oração inteira. Sua classificação é feita de acordo com os papéis semânticos que desempenham. Thompson, Longacre e Hwang (2007) destacam que, devido ao fato dessas orações não funcionarem como uma oração dentro da outra (completivas), nem como uma oração que modifica um sintagma nominal (relativas), mas sim como orações que modificam um verbo ou uma proposição inteira, são consideradas “menos” subordinadas do que as completivas e relativas.

Os autores identificam três maneiras pelas quais as orações adverbiais se manifestam nas línguas: (i) uso de morfemas subordinadores; (ii) uso de formas verbais especiais e; (iii) ordem de palavras. Além dessas formas, os autores destacam que nem todas as línguas expressam as noções dadas por advérbios por meio de orações subordinadas, sendo, às vezes, usada a justaposição ou a coordenação e que, em algumas línguas, um mesmo morfema pode ser usado tanto para a coordenação como para a subordinação.

Pude constatar que a língua kaingang emprega conjunções e advérbios nas orações subordinadas adverbiais. Ao analisar os dados coletados, verifiquei que a estrutura das orações adverbiais e das coordenadas é semelhante, sendo que uma mesma conjunção pode ocorrer nos dois tipos de orações. Um dos critérios que utilizei para distinguir as orações coordenadas das adverbiais foi observar qual marcação de caso é atribuída aos sujeitos das orações, tendo em vista que as orações subordinadas empregam o sistema ergativo-absolutivo e as orações principais o sistema nominativo-acusativo. Assim, como as orações coordenadas comportam-se como orações independentes, não ocorre o sistema-ergativo absoluto enquanto nas adverbiais é possível constatar a manifestação desse sistema.

7.1 TIPOS DE ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Como apresentado na seção 3.2.2.1, Thompson, Longacre e Hwang (2007) dividem as orações adverbiais em dois tipos: (i) as que podem ser substituídas por uma única palavra (tempo, lugar e modo) e; (ii) as que não podem ser substituídas por uma única palavra (finalidade, causa, circunstância, condição, concessão, substitutiva, aditiva e absoluta).

Os dados coletados permitem distinguir cinco tipos de circunstâncias expressos por meio de orações adverbiais: tempo, lugar, finalidade, causa e condição. Às vezes, uma mesma conjunção pode ser usada para mais de um tipo de circunstância.

7.1.1 Orações Adverbiais Temporais

Nas orações complexas que indicam circunstâncias de tempo, pode constatar que a língua emprega conjunções ou unidades lexicais.

Uma conjunção muito recorrente nas orações coletadas e em textos da língua kaingang é *kỹ*. Em textos, por exemplo, a maioria das orações inicia-se com *kỹ*. Segundo Wiesemann (2007, p. 143), “*kỹ* é usado para exprimir tantas relações diferentes que só o contexto pode indicar o sentido.” O quadro 15 mostra como Wiesemann (2002), Almeida (2008) e Gonçalves (2011) classificam *kỹ*.

Quadro 15 - Classificação de *kỹ*

Autor	Classificação	Significado
Wiesemann (2002)	conjunção	então, por causa de, por isso, para esse fim
Almeida (2008)	sequenciador de evento	porque, como, quando, assim
Gonçalves (2011)	marcador discursivo conjunção	então então, quando

Segundo Gonçalves (2011), *kỹ*, como marcador discursivo, é usado para conexão e início de enunciados e tem ‘função conversacional’⁶⁷ de indicar o início e o final de uma asserção. Como aponta o quadro 15, a autora também se refere a *kỹ* como conjunção. Essa conjunção, devido à variedade de contextos nos quais pode ocorrer, pode funcionar

⁶⁷ A autora cita Marcuschi (1971) ao usar o termo ‘função conversacional’.

como sequenciador de evento e como marcador discursivo. Além dessas duas funções, ao analisar os dados coletados para esta tese, pude constatar o emprego dessa conjunção como disjunção, para exprimir consequência, tempo e causa. Estas duas últimas funções ocorrem em orações subordinadas, enquanto as outras em orações coordenadas.

Para indicar tempo, *kỹ* significa “quando” e ocorre no fim da oração subordinada.

1. [*gĩr tỹ mĩg vé kỹ*]⁶⁸ [ti vėnhvã]

menino MS onça ver CONJ P3P correr

“Quando o menino viu a onça, ele correu.”

2. [*caçador tỹ mĩg pėnũ kỹ*] [ti ter]

caçador MS onça atirar CONJ P3P morrer

“Assim que o caçador atirou na onça, ela morreu.”

(lit.: “Quando o caçador atirou na onça, ela morreu.”)

3. [*Ã tỹ carro freio kri sãn kỹ*] [ti kuměr ha tĩg mũ]

P2P MS carro freio POSP pisar CONJ P3P devagar andar ASP

“Quando você pisa no freio do carro, ele fica mais lento.”

4. [*Ludoviko jun kỹ*] [Pedro vỹ ti mré vĩ ke mũ]

n. próprio chegar CONJ n. próprio MS P3P POSP falar MO ASP

“Quando o Ludoviko chegar, o Pedro falará com ele.”

5. [*Ludoviko jun kỹ*] [Pedro vỹ ti mré vĩ ke mũ hėn ri ke mũn]

n. próprio chegar CONJ n. próprio MS P3P POSP falar MO ASP talvez

“Se o Ludoviko chegar, o Pedro falará com ele.”

(lit.: “Quando o Ludoviko chegar, talvez o Pedro fale com ele.”)

6. [*Ta kutě nỹ kỹ*] [re tá kur vỹ mrin mrér nỹ tĩ]

chuva cair ASP CONJ grama coberto roupa MS ? molhado deitar ASP

“Quando chove, a roupa que cobre a grama molha.”

⁶⁸ Nos exemplos analisados neste capítulo, a conjunção aparece em negrito e a oração subordinada em itálico. A oração principal e a subordinadas estão separadas por colchetes.

7. [Ta kutẽ mág tĩ kỹ] [goj nỹ var mũ]

chuva cair ADV ASP CONJ rio MS encher ASP

“Se chover bastante, o rio vai encher.”

(lit.: “Quando chove muito, o rio enche.”)

Nos exemplos de 1 a 7, a oração subordinada que exprime circunstância de tempo empregando a conjunção *kỹ* (quando) ocorre antes da oração principal. Na oração subordinada, o sujeito exibe a marcação de caso ergativo *tỹ* quando apresenta função sintático-semântica A (exemplos de 1 a 3) e quando apresenta função sintático-semântica S (exemplos de 4 a 7) não é marcado devido ao fato de a marcação de caso absoluto ser zero. Na oração principal, se o sujeito for correferencial com o sujeito (exemplo 1) ou com o objeto (exemplos 2 e 3) da oração subordinada, é retomado por meio de um pronome pessoal e não recebe marcação de caso. O fato de não ser marcado poderia ser interpretado como caso absoluto, já que, nos três exemplos citados, o sujeito é de verbo intransitivo. No entanto, ao analisar todos os dados coletados que apresentam como sujeito da principal um pronome pessoal⁶⁹, pude verificar que, independente de ter função A ou S, não é marcado. No capítulo 4, discorri que, nas orações simples, o sujeito não recebe marcação quando é pronominal e ocupa a posição (O)VS, na ordem S(O)V pode receber marcação. Os dados de orações complexas, no entanto, mostram que ele sempre ocupa a posição S(O)V e não recebe marcação. Nos exemplos 4, 5 e 6 o sujeito da oração principal recebe o marcador de nominativo *vỹ* e, em 7, exibe o marcador *nỹ* que também marca caso nominativo. O futuro, nos exemplos 4 e 5, é marcado pela combinação de *ke* e *mũ*. O advérbio pode ocorrer antes do verbo (ex. 3 – *kuměr ha* – “devagar”) ou no fim da oração (ex. 5 – *hẽn ri ke mũn* – “talvez”). Contrastando os exemplos 4 e 5, pude perceber que o emprego do advérbio, em 5, denota uma possibilidade de que o evento aconteça.

Outra conjunção que ocorre nas orações adverbiais para indicar tempo é *mũra*. De acordo com o dicionário da língua (Wiesemann, 2002), seu significado é “senão”, “mesmo assim”. Em trabalho posterior (2007), a autora diz que essa conjunção é usada para exprimir condição. Nesses casos, seu significado é “no caso”. Nos dados coletados, pude constatar que, além de indicar condição, essa conjunção também indica tempo.

⁶⁹ Entre eles, dados que dizem respeito a orações coordenadas.

8. [*Gislaine fi jun mûra*] [Pedro vỹ tĩg ja ti sir]
 n. próprio FEM chegar CONJ n. próprio MS andar MO P3P OP
 “Quando a Gislaine chegou, o Pedro já tinha ido embora.”
9. [*Gislaine fi jun mûra*] [hã Luciana fi tĩg]
 n. próprio FEM chegar CONJ OP n. próprio FEM andar
 “Quando a Gislaine chegou, a Luciana saiu.”
10. [*gĩr mur mûra*] [ti nỹ fi ter kura ěn hã kã]
 menino nascido CONJ PP3P mãe FEM morrer dia P.DEM. OP POSP
 “No dia em que o menino nasceu, sua mãe morreu.”
 (lit.: “Quando o menino nasceu, sua mãe morreu naquele dia.”)

Nos exemplos 8, 9 e 10, a conjunção *mûra* indica tempo. Assim como nos exemplos com *kỹ*, a conjunção ocorre no fim da oração adverbial e esta oração ocorre antes da oração principal. Nos três exemplos, o sujeito da oração subordinada exibe marcação zero por se tratar de caso absolutivo. Na oração principal, o sujeito recebe a marca de nominativo *vỹ*, exceto nos casos em que apresenta o traço [+ feminino] (exemplos 9 e 10).

Há, na oração principal, o emprego de marcadores de opinião: *hã*, em 9 e 10, e *sir*, em 8. Como visto no capítulo 4, os marcadores de opinião são usados para exprimir a atitude avaliativa do falante com a informação transferida. Tanto o emprego de *hã* (assim) quanto de *sir* (então, daí, assim) servem para enfatizar o evento ocorrido.

Além das conjunções *kỹ* e *mûra*, dois advérbios que expressam tempo ocorrem nos dados coletados: *kar kỹ* (depois) e *jo* (antes). Assim como *kỹ*, *kar kỹ* ocorre em vários contextos. Almeida (2008) o define como sequenciador de eventos. Nos dados coletados, pude constatar que sua ocorrência é bem produtiva na coordenação como apresentarei no próximo capítulo.

11. [*Gĩr vỹ [ti tỹ bolo ko kar kỹ] nũr*]
 menino MS P3P MS bolo comer ADV dormir
 “Depois que o menino comeu o bolo, ele foi dormir.”
 (lit.: “O menino dormiu depois que comeu o bolo.”)

12. [gĩr vỹ [ti nĩr ke jo] vějĕn kó]
 menino MS P3P dormir MO ADV alimento comer
 “Antes de dormir, o menino comeu a comida.”
 (lit.: “O menino comeu a comida antes de dormir.”)

13. [Ludoviko jun ke jo] [Pedro vỹ tĩg ja ti sir]
 n. próprio chegar MO ADV n. próprio MS andar MO P3P OP
 “Antes de o Ludoviko chegar, o Pedro já tinha ido embora.”

Os exemplos 11, 12 e 13 mostram que a oração subordinada pode ocorrer antes da oração principal ou ser intercalada. Os advérbios, assim como as conjunções apresentadas nos dados de 1 a 10, ocorrem no fim da oração subordinada. A oração principal do exemplo 13 é igual a do exemplo 8. Como visto na seção 3.2.2.1.1, Thompson, Longacre e Hwang (2007) afirmam que as orações que indicam anterioridade apresentam um evento que ainda não aconteceu em relação ao evento da oração principal. As línguas podem lidar com isso de diversas formas, no caso do kaingang, como mostram os exemplos 12 e 13, ocorre o emprego do marcador *ke* indicando modo *irrealis*.

Na oração subordinada, o sujeito exibe a marca de ergativo *tỹ* no exemplo 11 e a marcação zero de caso absolutivo nos exemplos 12 e 13. Na oração principal dos três exemplos, recebe a marca de nominativo *vỹ*.

7.1.2 Orações Adverbiais Locativas

Nos dados coletados para verificar as orações adverbiais locativas, não ocorre conjunções e a oração subordinada vem antes da oração principal. O emprego do advérbio *tá* (lá) indica a circunstância de lugar. Nos dados 14 e 17, esse advérbio ocorre tanto na oração subordinada quanto na principal. Nos dados 15 e 16, o advérbio ocorre apenas na oração principal. Nesses dois dados, o advérbio segue o pronome demonstrativo *ĕn*, de forma que essa combinação (*ĕn + tá*) indica “lá naquele lugar”.

Quanto à marcação do sujeito, na oração subordinada o sujeito exibe a marca de ergativo *tỹ* nos exemplos 14 e 17 e a marcação zero de caso absolutivo nos exemplos 15 e 16. Na oração principal o sujeito recebe a marca de nominativo *vỹ* nos exemplos 14 e 15, não recebe marcação no exemplo 16, provavelmente, por apresentar o traço semântico [+ feminino] e, no exemplo 17, exibe a marca de nominativo *nỹ*.

14. [*Pedro tỹ goj tá vim ke mũ*] [*tá gĩr vỹ vẽn kypé*]
 Pedro MS rio ADV pescar ASP ADV menino MS tomar banho
 “Pedro pescou no rio onde o menino tomou banho.”
 (lit. “Pedro pescou lá naquele lugar onde o menino tomou banho.”)
15. [*gĩr pévé jã*] [*ẽn tá Pedro vỹ mĩg vé*]
 menino cair ? PR.DEM. ADV n. próprio MS onça ver
 “Pedro viu a onça no lugar onde o menino caiu.”
 (lit.: “O menino caiu lá naquele lugar onde o Pedro viu a onça.”)
16. [*gĩr tẽ nỹ jã*] [*ẽn tá Maria fi nĩ*]
 menino ? deitar-se ? P.DEM. ADV n. próprio FEM sentar
 “Maria sentou na rede onde o menino dormiu.”
 (lit.: “Onde o menino deitou, naquele lugar Maria sentou.”)
17. [*Pedro tỹ ponto tá jun mũ ki*] [*ônibus nỹ tá jun*]
 n. próprio MS ponto ADV chegar ASP POSP ônibus MS ADV chegar
 “Logo que o Pedro chegou no ponto, o ônibus passou.”
 (lit.: “Pedro chegou no ponto onde o ônibus passou.”)

7.1.3 Orações Adverbiais Finais

Indicam a finalidade para a realização de um determinado evento. Para expressar finalidade, a língua kaingang emprega a conjunção *jé* (para).

18. [*Maria fi gãr kygfa*] [*fi tỹ bolo han jé*]
 n. próprio FEM milho desc. milho P3P MS bolo fazer CONJ
 “Maria colheu milho para fazer bolo.”
19. [*Pedro vỹ rãgró kajãm*] [*Otilia fi tỹ nén jé*]
 n. próprio MS feijão comprar n. próprio FEM MS cozinhar CONJ
 “Pedro comprou feijão para Otília fazer.”
20. [*Pedro vỹ vim ke*] [*Otilia fi tỹ vějẽn han jé*]
 n. próprio MS pescar n. próprio FEM MS alimento fazer CONJ

“Pedro pescou o peixe para Otília fazer comida.”

Como mostram os exemplos, a oração subordinada que expressa finalidade ocorre após a oração principal. Assim como nas orações adverbiais temporais, a conjunção ocorre no fim da oração subordinada. Nos três exemplos, o sujeito da oração subordinada é de verbo transitivo (embora o exemplo 19 apresente elipse do objeto – *rãgró*), por isso exibe a marca de ergativo *tÿ*. O sujeito na oração principal, exceto quando apresenta o traço [+feminino] (ex. 18), recebe a marca de nominativo *vÿ*.

7.1.4 Orações Adverbiais Causais

As orações adverbiais causais expressam o motivo que justifica o fato expresso na oração principal. Como visto na seção 7.1.1 deste capítulo, a conjunção *kÿ* pode exprimir diversas relações, entre elas a relação de causa. Nesse contexto, seu significado é “porque”.

21. [Gĩr vÿ fÿ] [mĩg tÿ ti prã kÿ]
 menino MS chorar onça MS P3P morder CONJ
 “O menino chorou porque a onça o mordeu.”

22. [Gĩr vÿ fÿ] [ti pẽn mráj kÿ]
 menino MS chorar PP3P pé quebrado CONJ
 “O menino chorou porque quebrou o pé.”
 (lit.: “O menino chorou porque seu pé quebrou.”)

23. [gĩr vÿ fÿ] [ti pév kÿ]
 menino MS chorar P3P cair CONJ
 “O menino chorou porque caiu.”

24. [goj nÿ var] [ta kutẽ mág ti kÿ]
 rio MS encher chuva cair ADV P3P CONJ
 “O rio encheu porque choveu muito.”

Assim como as orações adverbiais finais, as orações causais ocorrem depois da oração principal. A conjunção *kɿ* ocorre no fim da oração. Na oração principal, o sujeito recebe marca de nominativo *vɿ*, nos exemplos 21, 22 e 23, e *nɿ*, no exemplo 24. Na oração subordinada, exibe o marcador de ergativo *tɿ*, em 21, e marcação zero referente ao caso absolutivo nos exemplos 22, 23 e 24.

7.1.5 Orações Adverbiais Condicionais

Conforme exposto na seção 3.2.2.1.2, Thompson, Longacre e Hwang (2007) postulam que as orações condicionais podem se referir a eventos reais ou irrealis. As condicionais reais referem-se ao presente real, a situações habituais ou ao passado. As condicionais irrealis dizem respeito a situações que poderiam ter acontecido, as quais os autores chamam de irrealidade imaginativa, ou a situações que podem ser previstas, as quais chamam de irrealidade preditiva. Os autores distinguem dois tipos de condicionais imaginativas: hipotéticas e contrafactuais. Estas dizem respeito a condições que podem acontecer e aquelas a condições que não podem acontecer.

Os exemplos coletados da língua kaingang mostram a ocorrência de condicionais imaginativas hipotéticas e contrafactuais. Duas conjunções são usadas: *mũra* e *ra*.

Na seção 7.1.1 deste capítulo, ao discorrer sobre o uso da conjunção *mũra*, mencionei que Wiesemann (2007) se refere ao seu emprego como condicional. Pude constatar pelos dados coletados que, além de indicar condição, essa conjunção também expressa tempo, como foi ilustrado na seção mencionada.

Os dois exemplos (25 e 26) dados por Wiesemann (2007) referem-se ao seu uso como condicional hipotética e contrafactual:

25. [fi kãtig mũ ra⁷⁰,] [sóg tĩg mũ]
ela chegar (no caso) eu ir cont.

“Se ela chegar (aqui) eu vou embora.” (WIESEMANN, 2007, p. 138)⁷¹

⁷⁰ Wiesemann (2002, 2007) apresenta *mũ ra* (com grafia separada), no entanto, meu informante escreve junto (*mũra*). Ao tratar dessa conjunção, emprego a grafia utilizada por meu informante.

⁷¹ As glosas e a tradução livre deste exemplo e o exemplo seguinte estão como na obra original, apenas acrescentei colchetes para dividir as orações.

26. [fĩ kãtig mũ ra,] [sóg tĩg mũ vễ]
 ela chegar (no caso) eu ir cont. irreal

“Se ela chegasse eu iria (mas não chegou)” (WIESEMANN, 2007, p. 139)

Nas glosas, Wieseemann (2007) traduz *mũra* como “no caso” e, na tradução dos exemplos, como “se”. O exemplo 25, segundo a autora, refere-se a uma condição hipotética, enquanto o exemplo 26 a uma condição contrafactual. O emprego do marcador de modo *vễ* atribui o sentido de contrafactual, de forma que a autora acrescenta na tradução do exemplo 26 a informação “(mas não chegou)”. Como visto na seção 4.4, Gonçalves (2011) também discorre sobre a possibilidade desse marcador apresentar uso contrafactual. Ao analisar os dados coletados, constatei o emprego da conjunção *mũra* apenas como condição hipotética:

27. [Ta kutễ *mũra*] [Pedro nỹ Londrina mĩ kã tĩg ke mũ]
 chuva cair CONJ n. próprio MS Londrina POSP POSP andar MO ASP

“Mesmo que chover, o Pedro virá.”

(lit.: “Se chover, o Pedro virá.”)

28. [Êpry tỹ mrér sa *mũra*] [Pedro nỹ moto kri kãtĩg mũ]
 caminho EXIST molhado ASP CONJ n. próprio MS moto POSP vir ASP

“Mesmo que a estrada esteja molhada, o Pedro virá de moto.”

(lit.: “Se a estrada estiver molhada, o Pedro virá de moto.”)

Não há o emprego do marcador *vễ*, de modo que os exemplos dizem respeito a situações hipotéticas. A oração subordinada condicional ocorre antes da oração principal sendo finalizada pela conjunção *mũra*. A marcação de futuro na oração principal do exemplo 27 é feita pelo emprego de *ke*, no entanto, no exemplo 28, esse marcador não ocorre. Nesse caso, acredito que o emprego do verbo *kãtĩg* (vir) já sugere futuro. Em ambos os exemplos, o sujeito da oração principal recebe a marca de nominativo *nỹ*. Na oração subordinada, o sujeito exibe a marcação ergativa *tỹ*, no exemplo 28, e a marcação zero referente ao caso absolutivo no exemplo 27.

Além da conjunção *mũra*, a conjunção *ra* também é usada para expressar condição. Na seção 4.4, comentei que essa conjunção exerce várias funções. De acordo com Gonçalves (2011, p. 148): “Na língua kaingang encontra-se *ra* que pode ser glosado em

Português como ‘se’, que tem função gramatical de conjunção, e semanticamente expressa função modal em construções que apontam situações hipotéticas ou possíveis.” Os exemplos 29 e 30 correspondem a esse uso.

29. [caçador tỹ mĩg tãnh ra] [ti pijé gĩr pranh mũ vễ]
 caçador MS onça matar CONJ P3P MS menino morder ASP MO
 “Se o caçador tivesse matado a onça, ela não morderia o menino.”

30. [Ta kutẽ nỹ ra] [Pedro vỹ Londrina mĩ kãtĩg]
 chuva cair ASP CONJ n. próprio MS n. próprio POSP chegar/vir
 “Mesmo estando chovendo, o Pedro veio (virá) para Londrina.”
 (lit.: “Se chover, o Pedro virá para Londrina.”)

O emprego do marcador de modo *vễ* atribui sentido contrafactual ao exemplo 29. Nesse exemplo, a oração subordinada ocorre antes da oração principal, sendo finalizada pela conjunção *ra* (se). O sujeito da oração subordinada exibe a marcação ergativa (*tỹ*) enquanto o sujeito da principal exibe o marcador de nominativo *pijé*, que indica que o sujeito não fez a ação. O exemplo 30 diz respeito a uma condição hipotética e assim como no exemplo 29, a oração subordinada ocorre antes da oração principal. Nesse dado, o sujeito da oração principal não é marcado por se tratar de caso absoluto enquanto o sujeito da oração principal exibe a marca de nominativo *vỹ*.

7.2 ANÁLISE E RESULTADOS

Os exemplos apresentados neste capítulo permitem constatar que a língua kaingang emprega conjunções e advérbios na formação das orações adverbiais. Nos exemplos coletados, verifiquei cinco tipos de circunstâncias expressas por meio das orações adverbiais: tempo, lugar, finalidade, causa e condição.

As orações que exprimem circunstâncias de tempo podem apresentar conjunções ou advérbios. Duas conjunções foram encontradas nos dados: *kỹ* e *mũra*. Discorri, na seção 7.1.1 deste capítulo, que *kỹ* pode exprimir diversas relações, entre elas, pode funcionar como conjunção que indica tempo. Também expus, na referida seção, que a conjunção *mũra* ocorre em contextos que indicam circunstâncias de tempo, além de indicar condição. As orações subordinadas que fazem uso dessas conjunções indicando circunstâncias

de tempo ocorrem antes da oração principal. A posição ocupada por ambas as conjunções na oração subordinada é no fim da oração.

Além das conjunções *kỹ* e *mũra*, ocorrem dois advérbios para exprimir circunstâncias de tempo: *kar kỹ* (depois) e *jo* (antes). Como se verá no próximo capítulo, *kar kỹ* é uma unidade lexical muito produtiva na coordenação. O exemplo apresentado neste capítulo com o emprego de *kar kỹ* mostra sua ocorrência no fim da oração subordinada, sendo esta oração intercalada na oração principal. Assim como *kar kỹ*, *jo* também ocorre no fim da oração subordinada, sendo que esta oração pode ser intercalada na oração principal ou ocorrer antes da mesma.

Nas orações locativas não ocorrem conjunções, de forma que é o advérbio *tá* (lá) que expressa circunstância de lugar. Esse advérbio pode ocorrer tanto na oração subordinada como na oração principal. Quando ocorre somente na oração principal, segue o pronome demonstrativo *ẽn*, de maneira que essa combinação (*ẽn + tá*) significa “lá naquele lugar”.

Para indicar finalidade, a língua kaingang faz uso da conjunção *jé* (para) a qual ocorre no fim da oração subordinada. Como mostram os dados coletados, a oração adverbial que indica finalidade ocorre após a oração principal.

As orações adverbiais que exprimem causa também fazem uso da conjunção *kỹ*, assim como as que expressam tempo. No entanto, essas orações ocorrem após a oração principal e a conjunção *kỹ*, que nesse contexto significa “porque”, finaliza o período.

Com relação às orações condicionais, os exemplos coletados mostram a ocorrência de condicionais hipotéticas e contrafactuais. Nessas orações, ocorrem as conjunções *mũra* e *ra*. De acordo com os exemplos de Wiesemann (2007), *mũra* é usada para se referir tanto a condições hipotéticas quanto a contrafactuais, no entanto, nos dados que coletei, pude observar seu emprego somente em condições hipotéticas. Os dados com *ra* mostram seu uso em condições hipotéticas e contrafactuais. O emprego do marcador de modo *vẽ* atribui sentido contrafactual no exemplo de Wiesemann (2007) com *mũra* e em um dos dados com *ra*.

No que diz respeito à marcação de caso atribuída ao sujeito, pude constatar que, assim como as orações completivas encaixadas e como as orações relativas, as orações subordinadas adverbiais exibem a marcação ergativa (*tỹ*) para os sujeitos cuja função sintático-semântica é A e marcação absoluta, que é zero, para os sujeitos cuja função é S, ou seja, as orações subordinadas exibem o sistema ergativo-absolutivo. Na oração principal, ocorre o sistema nominativo-acusativo que trata S e A da mesma forma. Assim, exceto nas

orações cuja posição de sujeito é preenchida por um pronome pessoal correferente com algum argumento da oração subordinada ou apresenta o traço [+ feminino], o sujeito exibe uma das seguintes marcas de nominativo: *vỹ*, *nỹ*, *tóg*⁷² e *pijé*.

⁷² Nos exemplos 25 e 26, de Wiesemann (2007), *sóg* corresponde à contração de *inh + tóg*.

8 COORDENAÇÃO

O presente capítulo propõe-se a apresentar como funciona a coordenação de sintagmas e de orações na língua kaingang, segundo o referencial teórico apresentado na seção 3.2.4. De acordo com a escala de integração gramatical proposta por Payne (1997), as orações coordenadas ocupam o último lugar. Para a análise, apoiar-me-ei em Haspelmath (2007) o qual define a coordenação como a uma construção sintática que combina unidades do mesmo tipo em uma unidade maior. Essas unidades, segundo o autor, podem ser palavras, sintagmas, orações subordinadas ou orações completas.

A língua kaingang, como mostram exemplos 1, 2, 3 e 4, permite a coordenação dos seguintes tipos de unidades:

a) palavras/sintagmas

1. Pedro mré Ludoviko vỹ ãmĩ kó
 n. próprio COORD n. próprio MS bolo comer
 “O Pedro e o Ludoviko comeram bolo.”

2. professor ag mré alunos ag Londrina ra mũ jêg
 professor PL COORD alunos PL n. próprio POSP andar ASP
 “Os professores e os alunos foram para Londrina.”

b) orações subordinadas

3. [Pedro vỹ [mĩg tỹ gĩr pra] vé] [kỹ êkréh tĩ vỹ ti tãnh]
 n. próprio MS onça MS menino morder ver COORD caçador MS P3P matar
 “Pedro viu que a onça mordeu o menino e que o caçador matou a onça.”

c) orações completas

4. [Pedro vỹ jyryryn kajãm,] [jãvo Ludoviko vỹ moto kajãm]
 n. próprio MS roda comprar COORD n. próprio MS moto comprar
 “Pedro comprou um carro e Ludoviko comprou uma moto.”
 (lit.: “Pedro comprou um carro, mas Ludoviko comprou uma moto.”)

A língua kaingang permite a coordenação de palavras, sintagmas e orações: os exemplos 1 e 2 constituem-se de orações simples com dois nomes coordenados no SN; o exemplo 3 apresenta um período composto constituído por uma oração principal com o encaixe de uma oração subordinada completiva que são seguidas por uma oração coordenada; o exemplo 4 apresenta um período composto por duas orações coordenadas.

Conforme apresentado na seção 3.2.4, Haspelmath (2007) emprega o termo coordenador para se referir à partícula ou ao afixo que serve para unir unidades em uma construção coordenada. Os tipos semânticos de coordenação são, portanto, definidos conforme o coordenador empregado. De acordo com os dados coletados, constatei que a língua kaingang emprega as seguintes categorias gramaticais na coordenação: (i) conjunções: *jãvo* (mas), *kỹ* (então, por causa de), *hã kỹ* (assim, por isso) e *hã ra* (mas); (ii) advérbio: *kar kỹ* (depois) e; (iii) indicador de opinião: *vó* (será que não é?). Tendo em vista que essas categorias são usadas para unir termos ou orações nos dados apresentados neste capítulo, tratá-las-ei como coordenadores, com base no referencial teórico de Haspelmath (2007).

8.1 TIPOS E POSIÇÕES DE UNIDADES COORDENADAS

Como visto no capítulo teórico, Haspelmath (2007) chama de unidades coordenadas as unidades que compõem a coordenação. As unidades podem ser coordenadas sem uso de coordenador – assindéticas – ou com uso de coordenador – sindéticas. Estas são divididas em monossindéticas (com o emprego de um coordenador) e bissindéticas (com o emprego de dois coordenadores). Há diversas posições nas quais o coordenador pode ocorrer (cf. esquema apresentado na p. 89), conforme a coordenação seja monossindética ou bissindética.

Na maioria dos dados coletados, ocorre a coordenação sindética, mas alguns exemplos apresentam a coordenação assindética como mostram os dados 5 e 6:

5. [Manoel vỹ ti ãn ki tũ nĩ] [ti jãnkã vỹ nife jê]
 n. próprio MS PP3P casa POSP MO ASP PP3P porta MS fechado ASP
 “Manuel não está em casa, porque a porta está fechada.”
 (lit.: “Manuel não está em casa, sua porta está fechada.”)

6. [Kumêr hã⁷³ vĩ,] [gĩr ag vỹ nũgnũr nỹtĩ]
 CIRC falar menino PL MS dormir ASP
 “Fale baixo, pois as crianças estão dormindo.”
 (lit.: “Fale baixo, as crianças estão dormindo.”)

Com relação ao emprego de coordenadores, a língua emprega apenas a coordenação monossindética. Na coordenação de unidades dentro de um sintagma, o coordenador ocorre na posição **A-co B**. O dado 1 repetido a seguir exemplifica essa posição.

1. Pedro mré Ludoviko vỹ ěmĩ kó
 n. próprio COORD n. próprio MS bolo comer
 “O Pedro e o Ludoviko comeram bolo.”

Quando a coordenação é de orações, o coordenador ocorre em duas posições: (i) **A co-B** e (ii) **A B-co**. O exemplo 4, repetido a seguir, ilustra a primeira posição:

4. [Pedro vỹ jyryryn kajãm,] [jãvo Ludoviko vỹ moto kajãm]
 n. próprio MS roda comprar COORD n. próprio MS moto comprar
 “Pedro comprou um carro e Ludoviko comprou uma moto.”
 (lit.: “Pedro comprou um carro, mas Ludoviko comprou uma moto.”)

O exemplo 7 ilustra a segunda posição que o coordenador pode ocupar:

7. [Gĩr mỹ gãr kó,] [goj kron vó?]
 menino MS milho comer água beber COORD
 “O menino comeu milho ou bebeu água?”
 (lit.: “O menino comeu milho ou será que bebeu água?”)

Ainda com relação à coordenação monossindética, Haspelmath (2007) enfatiza que este tipo de coordenação pode ocorrer com múltiplas unidades coordenadas, podendo exibir um padrão completo ou com omissão do coordenador. O padrão completo, como foi apresentado no capítulo teórico, consiste na omissão do coordenador em apenas um

⁷³ Segundo Wiesemann (2002, p. 55), *kymêr hã* é um indicador de circunstância que significa devagar, lento.

elemento coordenado, sendo possíveis as seguintes posições: **A co-B co-C**, **A-co B-co...N**, **A B-co C-co**. O segundo padrão apresenta coordenador em apenas um elemento coordenado de maneira que **A e B e C** pode reduzir-se a **A, B e C**.

Ao coordenar mais de duas unidades dentro de um sintagma, a língua kaingang apresenta o primeiro padrão exibindo a posição **A-co B-co...N** como demonstram os seguintes exemplos:

a) no sintagma nominal

9. Pedro **mré** Manoel, **kar kÿ** Ludovico ag vim kenh mũ jÿg
 n. próprio COORD n. próprio COORD n. próprio PL pescar ASP ASP
 “Pedro, Manuel e Ludoviko foram pescar no rio.”

b) no sintagma verbal

10. Pedro vÿ Ludovico **mré** Gislaine **kar kÿ** Luciana fag ki kanhró nÿ
 n. próprio MS n. próprio COORD n. próprio COORD n. próprio PL saber ASP
 “Pedro conhece Ludoviko, Luciana e Gislaine.”

Os exemplos 9 e 10 mostram que, quando coordena mais de duas unidades, seja no sintagma nominal ou no verbal, a língua não repete o mesmo coordenador. Para ligar a primeira unidade à segunda, a língua emprega o coordenador *mré* e, para ligar a segunda com a terceira, há o uso do coordenador *kar kÿ*.

Ao coordenar mais de duas orações, a língua apresenta o segundo padrão, exibindo a seguinte posição: **A, B, C, co-D**.

11. [Maria fÿ gâr fãg], [kur kygfã gé], [vÿjen han gé],
 n. próprio FEM milho amargar(?) roupa lavar roupa ADV alimento fazer ADV

[**kar kÿ** ãn ky kũ gé]
 COORD casa limpar ADV

“Maria colheu milho, lavou a roupa, fez comida, limpou a casa.”

(lit.: “Maria colheu milho, lavou a roupa também, fez a comida também e depois também limpou a casa.”)

O exemplo 11 apresenta quatro orações coordenadas, sendo que o coordenador ocorre somente na última oração. O emprego do advérbio *gé* (também) no final das três últimas orações sugere uma ideia de adição, embora não seja um coordenador.

Como eu disse anteriormente, quando há o uso de coordenadores, a língua emprega somente a coordenação monossindética. Pude constatar por meio dos exemplos 12 e 13 a seguir que não ocorre, em kaingang, a coordenação enfática, já que este tipo de coordenação caracteriza-se pelo emprego de dois coordenadores.

12. Apucarantina **mré** Rio das Cobras *vỹ* Paraná ka ki *nỹ* tĩ
 n. próprio COORD n. próprio MS n. próprio POSP POSP existir
 “Ambos o Apucarantina e o Rio das Cobras ficam no Paraná.”
 (lit.: “Apucarantina e Rio das Cobras ficam no Paraná.”)

13. Pedro *vỹ* Ludoviko **mré** Luciana *fag* *vég* tũ nĩ
 n. próprio MS n. próprio COORD n. próprio PL ver MO ASP
 “Pedro não encontrou nem o Ludoviko nem a Luciana.”
 (lit.: “Pedro não encontrou Ludoviko e Luciana.”)

Os exemplos 12 e 13 mostram o emprego de apenas um coordenador, de modo que a língua não apresenta a coordenação enfática, conforme a definição de Haspelmath (2007).

8.2 SUBTIPOS SEMÂNTICOS DE COORDENAÇÃO

Haspelmath (2007) aponta três principais tipos semânticos de coordenação: conjunção, disjunção e coordenação adversativa, porém ressalta que as línguas podem distinguir mais tipos. O autor não trata de outros tipos, pois nem sempre os conectores empregados neles são casos claros de coordenadores. Além dos três tipos de coordenação (conjuntiva, disjuntiva e adversativa) tratados por Haspelmath (2007), os dados coletados permitiram identificar também a coordenação conclusiva.

8.2.1 Coordenação Conjuntiva

Conforme Haspelmath (2007), conjunção diz respeito à união de palavras, sintagmas e orações e o coordenador é a palavra, partícula ou afixo que une essas unidades. Na seção 3.2.4.4.1, apresentei cinco tipos de conjunção elencados pelo autor: natural, acidental, representativa, aumentativa e comitativa. Desses cinco tipos, os dados do kaingang mostram que a língua apresenta a conjunção comitativa. A conjunção comitativa, segundo o autor, se refere ao emprego do marcador de companhia como coordenador conjuntivo para ligar unidades dentro de um sintagma. Esse tipo de conjunção ocorre na língua kaingang com o emprego da posposição *mré* (com) a qual tratarei neste capítulo como coordenador. Os dados⁷⁴ 1, 2, 12, 14, 15 e 16 apresentam esse coordenador:

a) no sintagma nominal sujeito:

1. [Pedro **mré** Ludoviko vỹ] ãmĩ kó
n. próprio COORD n. próprio MS bolo comer
“O Pedro e o Ludoviko comeram bolo.”

2. [professor ag **mré** alunos ag] Londrina ra mũ jěg⁷⁵
professor PL COORD alunos PL n. próprio POSP andar ASP
“Os professores e os alunos foram para Londrina.”

12. [Apucarantina **mré** Rio das Cobras vỹ] Paraná ka ki nỹ tĩ
n. próprio COORD n. próprio MS n. próprio POSP POSP existir
“Ambos o Apucarantina e o Rio das Cobras ficam no Paraná.”
(lit.: “Apucarantina e Rio das Cobras ficam no Paraná.”)

14. [João **mré** José vỹ] jyryryn kajãm
n. próprio COORD n. próprio MS roda comprar
“João e José compraram um carro.”

⁷⁴ Alguns dados já apresentados neste capítulo serão repetidos nesta seção, mantendo sua numeração.

⁷⁵ Conforme apresentado no capítulo 4, Gonçalves (2011) diz que alguns marcadores podem exibir a marca de passado -g.

15. [João **mré** José ag vỹ] junjun
 n. próprio COORD n. próprio PL MS chegar (PL)
 “João e José chegaram.”

16. [Pedro **mré** Manoel ag] Apucaraninha tá ãmã nỹ tĩ
 n. próprio COORD n. próprio PL n. próprio POSP moradia existir
 “Pedro e Manoel moram no Apucaraninha.”

Como demonstram os exemplos 1, 2, 12, 14, 15 e 16, o coordenador *mré* é usado na língua kaingang para unir nomes dentro do sintagma nominal sujeito, ocupando a posição **A-co B**: “Pedro-*mré* Ludoviko”, “Professor-*mré* alunos”, “Apucaraninha-*mré* Rio das Cobras”, “João-*mré* José” e “Pedro-*mré* Manoel”. O emprego de *ag* nos exemplos 2, 14, 15 e 16 indica a marcação de plural do sintagma nominal sujeito.

b) no sintagma verbal:

17. Pedro vỹ [João **mré** Manoel vé]
 n. próprio MS n. próprio COORD n. próprio ver
 “Pedro viu João e Manoel.”

18. Pedro vỹ [aronh **mré** mandioca kó]
 n. próprio MS arroz COORD mandioca comer
 “Pedro comeu arroz e mandioca.”

19. Pedro vỹ [Manoel **mré** Jandira fag mỹ presente mã]
 n. próprio MS n. próprio COORD n. próprio PL POSP presente carregar
 “Pedro deu um presente para Manuel e Jandira.”

20. Ludoviko vỹ [Luciana fi **mré** Gislaine fag mỹ livro vin]
 n. próprio MS n. próprio FEM COORD n. próprio PL POSP livro dar(de presente)
 “Ludoviko deu um livro para Luciana e para Gislaine.”

21. Pedro vỹ [Ludoviko **mré** Luciana fag vég tũ nĩ]
 n. próprio MS n. próprio COORD n. próprio PL ver MO ASP

“Pedro não encontrou nem o Ludoviko nem a Luciana.”

(lit.: “Pedro não viu o Ludoviko e a Luciana.”)

Os exemplos 17, 18, 19, 20 e 21 demonstram que o coordenador *mré* também é utilizado para unir nomes dentro do sintagma verbal, ocupando a posição **A-co B**: “João-*mré* Manoel”, “aronh-*mré* mandioca”, “Manoel-*mré* Jandira”, “Luciana-*mré* Gislane”, “Ludoviko-*mré* Luciana”. Nos exemplos 19, 20 e 21, o plural é expresso pela contração da marca de feminino – *fi* – mais a marca de plural – *ag* -: *fag*. No exemplo 21, a flexão verbal (*vé* – *vég*) é motivada pelo emprego dos marcadores *tũ nĩ* que juntos indicam negação, conforme constatação de Almeida (2008).

Como foi abordado na seção 8.1 deste capítulo, quando a conjunção envolve mais de duas unidades tanto no sintagma nominal quanto no sintagma verbal, a língua não repete o mesmo coordenador, empregando *mré* para ligar a primeira unidade à segunda e *kar kÿ* para ligar a segunda à terceira (cf. exemplos 9 e 10).

Na conjunção de orações, a língua faz uso dos coordenadores *kar kÿ* (depois) e *kÿ* (então). Na seção 7.1.1 do capítulo anterior, classifiquei *kar kÿ* como advérbio e mencionei que Almeida (2008) classifica como sequenciador de evento. Na análise dos exemplos deste capítulo, tratarei esse advérbio como coordenador com base em Haspelmath (2007). Assim, *kar kÿ* é um coordenador usado para unir orações, indicando eventos dispostos em sequência, como mostram os exemplos que seguem.

11. [Maria fi gãr fãg], [kur kygfã gé], [vêjen han gé],
n. próprio FEM milho amargar(?) roupa lavar roupa ADV alimento fazer ADV

[**kar kÿ** ãn ky kũ gé]

COORD casa limpar ADV

“Maria colheu milho, lavou a roupa, fez comida, limpou a casa.”

(lit.: “Maria colheu milho, lavou a roupa também, fez comida também e depois também limpou a casa.”)

22. [Gĩr vÿ mro,] [**kar kÿ** vim ke] [**kar kÿ** êkréh]
menino MS banhar-se COORD pescar COORD caçar

“O menino nadou, pescou e caçou.”

(lit.: “O menino nadou, depois pescou e depois caçou.”)

23. [Pedro vỹ Manoel vэг tũ nĩ] [**kar kỹ** João ti]
 n. próprio MS n. próprio ver MO ASP COORD n. próprio P3P
 “Pedro não viu Manoel nem João.”

(lit.: “Pedro não viu Manoel e depois não viu João.”)

24. [Gĩr vỹ ěmĩ ko tũ nĩ,] [**kar kỹ** ti goj kron tũ nĩ]
 menino MS bolo comer MO ASP COORD P3P água beber MO ASP
 “O menino não comeu bolo nem bebeu água.”

(lit.: “O menino não comeu bolo e depois não bebeu água.”)

25. [Maria fi kur kugfã] [**kar kỹ** vějěn han gé]
 n. próprio FEM roupa lavar roupa COORD alimento fazer ADV
 “Maria lavou a roupa e fez comida.”

(lit.: “Maria lavou a roupa e depois fez comida também.”)

26. [gĩr vỹ vĕnhvó] [**kar kỹ** mro gé]
 menino MS correr COORD tomar banho ADV
 “O menino correu e nadou.”

(lit.: “O menino correu e depois nadou também.”)

27. [Ěkréh tĩ vỹ mĩg tãnh] [**kar kỹ** pỹn tãnh gé]
 caçador MS onça matar COORD cobra matar ADV
 “O caçador matou a onça e matou a cobra.”

(lit.: “O caçador matou a onça e depois matou a cobra também.”)

28. [Pedro vỹ carro kajã] [**kar kỹ** ti kósin vỹ carro kajã gé]
 n. próprio MS carro comprar COORD PP3P filho MS carro comprar ADV
 “Pedro comprou um carro e seu filho comprou um carro.”

(lit.: “Pedro comprou um carro e depois seu filho comprou um carro também.”)

Como mostram os exemplos 11, 22, 23, 24, 25, 26, 27 e 28, as posições que o coordenador *kar kỹ* ocupa são **A B C co-D** (exemplo 11), **A co-B co-C** (exemplo 22) e **A**

co-B (exemplos 23, 24, 25, 26, 27 e 28). Esse coordenador ocorre, predominantemente, a partir da segunda oração. Contudo, o dado 11 mostra a ocorrência do coordenador apenas na última oração. Como comentei na seção 8.1, embora o coordenador ocorra somente na última oração, o emprego do advérbio *gé* (também), a partir da segunda oração coordenada, sugere uma ideia de adição. Esse advérbio também ocorre nos dados 25, 26, 27 e 28, sendo possível observar seu emprego mesmo que a oração seja iniciada por um coordenador.

Os exemplos 11, 22, 23, 24, 25, 26 e 27 apresentam o mesmo sujeito para cada oração que compõe o período. Exceto nos exemplos 11 e 25 (nos quais o sujeito apresenta o traço semântico [+ feminino]), o sujeito exibe a marca de nominativo *vỹ*. As orações coordenadas exibem o sistema nominativo-acusativo por se tratarem de orações independentes, comportando-se como as orações simples da língua.

Nos exemplos 11, 22, 23 e 26, ocorre a elipse tanto do sujeito como do seu marcador *e*, no exemplo 24, o sujeito é retomado na segunda oração por meio de um pronome pessoal de terceira pessoa – *ti*. No exemplo 23, além da elipse do sujeito, há também a elipse do verbo na segunda oração, já que é o mesmo para as duas orações. Porém, embora o exemplo 27 também apresente o mesmo verbo para as duas orações, não há ocorrência de elipse. Além dos exemplos citados, a elipse também ocorrerá em outros exemplos de coordenação que serão descritos no decorrer deste capítulo. Sua motivação, segundo Haspelmath (2007) (cf. seção 3.2.4.5) deve-se à economia, de modo que um material idêntico não precisa ser repetido⁷⁶.

Em 23 e 24 não é o coordenador que denota a negação da ação como, por exemplo, a conjunção “nem” do português. A língua exprime a negação pelo emprego dos marcadores *tũ* e *nĩ* de forma que a oração pode ser interpretada como um *irrealis* negativo. A variação do verbo de *vé* para *vég* é, assim como no exemplo 21, motivada pela influência de *tũ nĩ*.

Além do coordenador *kar kỹ*, a conjunção *kỹ* também é usada na conjunção de orações. No capítulo de análise das orações adverbiais, mencionei que esta conjunção é usada em vários contextos da língua, conforme aponta Wiesemann (2007). Na coordenação, essa conjunção apresenta valor tanto conjuntivo quanto disjuntivo. Em ambos os casos, será tratada como coordenador. Seu uso na conjunção de orações denota eventos dispostos em sequência, assim como *kar kỹ*.

⁷⁶ Isto corresponde ao conceito de redução de coordenação (*coordination reduction*), apresentado na seção 3.2.4.5, do capítulo 3.

29. [Maria fi gãr kugfã] [kỹ fi ãmĩ han]
 n. próprio FEM milho descascar milho COORD P3P bolo fazer
 “Maria colheu milho e fez o bolo.”
 (lit.: “Maria colheu milho e então fez o bolo.”)
30. [Gĩr vỹ vim ke] [kỹ pirã kó]
 menino MS pescar COORD peixe comer
 “O menino pescou e comeu o peixe.”
 (lit.: “O menino pescou e então comeu o peixe.”)
31. [Gĩr vỹ vim ke] [kỹ João vỹ pirã kó]
 menino MS pescar COORD n. próprio MS peixe comer
 “O menino pescou e João comeu o peixe.”
 (lit.: “O menino pescou e então João comeu o peixe.”)

Nos exemplos 29, 30 e 31, *kỹ* coordena eventos dispostos em sequência, ocorrendo na posição **A co-B**. Em 29, o sujeito da primeira e da segunda oração é o mesmo, sendo retomado na segunda oração por meio de um pronome pessoal – *fi* -. Em ambas as orações, o sujeito não exhibe marca, provavelmente, por apresentar o traço [+ feminino]. Em 30, o sujeito das duas orações também é correferencial, no entanto ocorre sua elipse na segunda oração. Em 31, o sujeito de cada oração é diferente e ambos exibem a marca de nominativo *vỹ*.

8.2.2 Coordenação Disjuntiva

De acordo com o referencial teórico apresentado na seção 3.2.4.4.2, Haspelmath (2007) distingue os seguintes tipos de disjunção: (i) disjunção interrogativa, (ii) disjunção padrão, (iii) exclusiva, (iv) inclusiva, (v) metalinguística e (vi) alternância temporal. A respeito dos tipos (i) e (ii), o autor esclarece que não devem ser reduzidos simplesmente à ocorrência de frases declarativas e interrogativas, de forma que a disjunção interrogativa ocorre em perguntas nas quais o destinatário deve escolher uma alternativa como resposta enquanto a padrão é empregada em perguntas cujas respostas sejam “sim” ou “não”. Os tipos (iii) e (iv) são definidos em termos de valores de verdade: quando apenas uma proposição é verdadeira, a disjunção é exclusiva enquanto, se ambas as proposições forem verdadeiras, a

disjunção é inclusiva. O tipo (v) é usado para se referir a dois nomes do mesmo tipo. O tipo (vi) corresponde ao emprego de uma conjunção para indicar alternância temporal de eventos que ocorrem alternadamente em momentos diferentes.

Os dados coletados mostram que a língua kaingang emprega somente a disjunção exclusiva na qual a afirmação de uma proposição requer a negação de outra. Duas estruturas diferentes são usadas para indicar sentido exclusivo. A primeira estrutura constitui-se pelo emprego de uma oração no modo *irrealis* negativo seguida por uma oração com o coordenador *kỹ* (então) que ocupa a posição **A co-B**.

32. [Reunião vỹ Funai tá, ke tũ nĩ] [kỹ prefeitura tá kutênh mũ]
 reunião MS Funai ADV MO MO ASP COORD prefeitura ADV cair(?) ASP
 “A reunião será ou na Funai ou na prefeitura.”
 (lit.: “A reunião não será na Funai, então será na prefeitura.”)

33. [Ludovico vỹ carro ke tũ nĩg] [kỹ moto mãn ke mũ]
 n. próprio MS carro MO MO ASP COORD moto carregar coisas longas MO ASP
 “Ludoviko comprará um carro ou uma moto.”
 (lit.: “Ludoviko não comprará um carro, então comprará uma moto.”)

34. [Maria fi vỹ vãg fanh ke mũ ke tũ nĩg]
 n. próprio FEM MS ? lavar roupa MO ASP MO MO ASP

 [kỹ vějên han ke mũ]
 COORD alimento fazer MO ASP
 “Maria lavará a roupa ou fará a comida.”
 (lit.: “Maria não lavará a roupa, então fará a comida.”)

35. [Pedro vỹ igreja ra tĩg mũ, ke tũ nĩg] [kỹ escola ra]
 n. próprio MS igreja POSP andar ASP MO MO ASP COORD escola POSP
 “Pedro vai à igreja ou à escola.”
 (lit.: “Pedro não vai à igreja, então irá à escola.”)

Nos exemplos de 32 a 35, o sujeito ocorre somente na primeira oração, havendo elipse na segunda, já que as duas orações que constituem cada exemplo apresentam o

mesmo sujeito. Nesses exemplos, recebe a marca de nominativo *vŷ*. A primeira oração de cada exemplo indica a negação de uma proposição. Essa negação é feita pelo emprego concomitante dos marcadores *tũ* e *nĩ(g)* mais o marcador *ke* que indica o modo *irrealis*. Assim, a primeira oração de cada exemplo encontra-se no modo *irrealis* negativo. A segunda oração também se encontra no modo *irrealis*, embora os exemplos 32 e 35 apresentem a elipse do marcador *ke*. O exemplo 35, além da elipse do marcador de modo – *ke* –, também apresenta a elipse do verbo andar – *tĩg* -. No exemplo 33, o verbo ocorre somente na segunda oração. O emprego do verbo *mãñ* (carregar coisas longas) e não do verbo “comprar”, nesse dado, é, segundo o informante, porque o verbo “comprar” só é usado quando a ação já aconteceu.

Outra forma de disjunção exclusiva é feita pelo emprego de *vó* que, como já mencionei no início deste capítulo, Wiesemann (2002) classifica como um indicador de opinião que significa “será que não é?”. Tratarei este indicador de opinião como um coordenador, já que tem a função de coordenar sintagmas e orações. Esse coordenador ocorre em orações interrogativas na posição **A B-co** e seu emprego deve-se ao fato de as proposições apresentarem sentido exclusivo, ou seja, a afirmação de uma proposição requer a negação da outra, conforme afirma Haspelmath (2007). Como todos os exemplos apresentam orações interrogativas, o sujeito da primeira oração, em cada exemplo, é seguido pelo marcador *mŷ* que é usado para marcar sujeito em perguntas.

Os exemplos de 36 a 41 apresentam o mesmo sujeito e o mesmo verbo para as duas orações que constituem o período:

36. [Ã mŷ gãr génh,] [ka nin vó?]
 P2P MS milho temperar mandioca COORD
 “Você quer milho ou mandioca?”
 (lit.: “Você quer milho ou será que quer mandioca?”)

37. [Gĩr mŷ gãr kó,] [ka nin vó?]
 menino MS milho comer mandioca COORD
 “O menino comeu o milho ou a mandioca?”
 (lit.: “O menino comeu milho ou será que comeu a mandioca?”)

38. [Ã mŷ kafe kron mũ,] [goj vó?]
 P2P MS café beber ASP água COORD

“Você quer água ou café?”

(lit.: “Você quer água ou será que quer café?”)

39. [Ludoviko mỹ carro mãn ke mũ] [vỹ moto mỹ vó?]

n. próprio MS carro carregar MO ASP MS moto ? COORD

“Ludoviko comprará um carro ou uma moto?”

(lit.: “Ludoviko comprará um carro ou será que vai comprar uma moto?”)

40. [Pedro mỹ igreja ra tĩg mũ] [vỹ escola ra vó?]

n. próprio MS igreja POSP andar ASP MS escola POSP COORD

“Pedro vai à igreja ou à escola?”

(lit.: “Pedro vai à igreja ou será que vai à escola?”)

41. [gĩr mỹ farinh konh] [vỹ, pirã konh mũ vó?]

menino MS farinha comer MS peixe comer ASP COORD

“O menino comerá farinha ou comerá o peixe?”

(lit.: “O menino comerá farinha ou será que comerá peixe?”)

Nos exemplos de 36 a 41, os sujeitos ocorrem somente na primeira oração e são marcados por *mỹ* que indica pergunta. Como os sujeitos e os verbos são os mesmos para as duas orações que constituem cada período, há elipse desses termos na segunda oração de cada período, exceto no exemplo 40 no qual o verbo é repetido na segunda oração. Em 36, não foi usado o verbo “querer”, mas o verbo “temperar”. Embora ocorra elipse do sujeito na segunda oração, a elipse do marcador pode ocorrer ou não. Os exemplos 36, 37 e 38 apresentam a elipse tanto do sujeito quanto do marcador; no entanto, os exemplos 39, 40 e 41 apresentam o marcador *vỹ*. O coordenador *vó* ocorre no fim da segunda oração em todos os exemplos, indicando a atitude de dúvida do falante com relação à informação transferida.

O exemplo 7 (repetido aqui) e o exemplo 42 também apresentam apenas um sujeito em cada período, mas verbos distintos:

7. [Gĩr mỹ gãr kó,] [goj kron vó?]

menino MS milho comer água beber COORD

“O menino comeu o milho ou bebeu água?”

(lit.: “O menino comeu milho ou será que bebeu água?”)

42. [Maria fĩ mĩ ãmĩ han mũ,] [fĩ mĩ vãg fanh mũ vó?]
 n. próprio FEM MS bolo fazer ASP P3P MS lavar roupa ASP COORD
 “Maria faz o bolo ou lava a roupa?”
 (lit.: “Maria faz o bolo ou será que lava a roupa?”)

Os exemplos 7 e 42 apresentam o mesmo sujeito para cada oração que compõe o período. Na primeira oração recebem o marcador de sujeito usado em perguntas – *mĩ* -. Em 7, há elipse tanto do sujeito quanto do marcador na segunda oração. Em 42, o sujeito é retomado por meio do pronome de terceira pessoa na segunda oração e o marcador é repetido.

Os exemplos 43 e 44 são constituídos por sujeitos diferentes e por um único verbo.

43. [João mĩ vim ke tĩg mũ,] [Pedro mĩ vó ?]
 n. próprio MS pescar andar ASP n. próprio MS COORD
 “O João vai pescar ou o Pedro vai pescar?”
 (lit.: “O João vai pescar ou será o Pedro que vai pescar?”)

44. [Maria fĩ mĩ ãmĩ han mũ,] [Jandira fĩ mĩ han mũ vó?]
 n. próprio FEM MS bolo fazer ASP n. próprio FEM MS fazer ASP COORD
 “Maria faz o bolo ou Jandira faz o bolo.”
 (lit.: “Maria faz o bolo ou será que Jandira faz o bolo?”)

Em 43, os dois sujeitos iniciam as orações e são marcados por *mĩ*. Na segunda oração, ocorre a elipse do verbo por ser o mesmo da primeira oração. O coordenador *vó* aparece na posição final do período. No exemplo 44, cada oração apresenta um sujeito marcado por *mĩ* e, embora o verbo seja o mesmo para cada oração, não há elipse na segunda oração, assim como no exemplo 43. Apesar de o verbo estar presente na segunda oração, ocorre a elipse do objeto *ãmĩ*. O coordenador *vó* também aparece no final do período, assim como nos exemplos anteriores.

Enfim, com relação à disjunção, as duas estruturas utilizadas na língua kaingang mostram, de alguma forma, a negação. Isso se justifica devido ao fato de a língua empregar somente a disjunção exclusiva na qual a afirmação de uma proposição requer a negação da outra. Ao usar o coordenador *kĩ*, a primeira oração que constitui o período

exprime a negação; nas estruturas que empregam o coordenador *vó*, é o próprio coordenador que denota a negação.

8.2.3 Coordenação Adversativa

Conforme apresentado na seção 3.2.4.4.3, Haspelmath (2007) diz ser comum que as línguas tenham um coordenador adversativo como *but* do inglês. Algumas línguas expressam a adversidade com o emprego de uma oração concessiva e outras, mesmo tendo um coordenador adversativo, também fazem uso de uma oração concessiva de mesmo sentido. O autor também aborda o fato de algumas línguas empregarem um coordenador opositivo para duas unidades que não são contrastivas. Segundo o autor, é como se esse coordenador tivesse o sentido de conjunção.

De acordo com os dados coletados, pude constatar o emprego de duas conjunções funcionando como coordenadores para expressar adversidade em kaingang: *hã ra* (mas, então) e *jãvo* (mas, em oposição a). Ambos coordenadores ocorrem na posição **A co-B**.

Os dados que apresentam o coordenador *hã ra* ocorrem em orações cujas frases solicitadas em português expressam adversidade. Já os dados que apresentam o coordenador *jãvo* ocorrem em orações cujas frases solicitadas em português têm sentido de conjunção. Apresentarei, primeiramente, os dados com o coordenador *hã ra* e, em seguida, com o coordenador *jãvo*.

a) *hã ra*

Os exemplos 45 a 50 apresentam um único sujeito para as orações de cada período:

45. [Pedro vỹ Manoel vé,] [**hã ra** tóg João vég tũ nĩ]
 n. próprio MS n. próprio ver COORD MS n. próprio ver MO ASP
 “Pedro viu Manoel, mas não viu João.”

46. [Gĩr vỹ pévé,] [**hã ra** tóg fỹ tũ nĩ]
 menino MS cair COORD MS chorar MO ASP
 “O menino caiu, mas não chorou.”

47. [Mĩg vỹ sĩ vễvễ] [hã ra ti tar ti]
 onça MS pequeno ASP COORD P3P forte P3P
 “A onça é pequena, mas é forte.”
48. [Êkréh tĩ vỹ tar nĩ vễ,] [hã ra ti mĩg tãnh tũ nĩ]
 caçador MS forte ASP ASP COORD P3P onça matar MO ASP
 “O caçador era forte, mas não conseguiu matar a onça.”
49. [Ludoviko vỹ moto mãng tũ nĩ,] [hã ra ti carro hã mã]
 n. próprio MS moto carregar MO ASP COORD P3P carro OP carregar
 “Ludoviko não comprou uma moto, mas sim um carro.”
50. [Êkréh tĩ vỹ mĩg tãnh] [hã ra ti pỹn tãnh tũ nĩ]
 caçador MS onça matar COORD P3P cobra matar MO ASP
 “O caçador matou a onça, mas não matou a cobra.”

Nos exemplos de 45 a 50, o sujeito aparece completamente exposto na primeira oração, sendo seguido pela marca de nominativo *vỹ*. Com relação à ocorrência do sujeito na segunda oração, há duas estruturas distintas. A primeira emprega o marcador de sujeito *tóg* que, segundo Wiesemann (2002, p. 87), indica sujeito agente. A respeito desse marcador, Silva (2011, p. 97) esclarece que “serve para indicar sujeito, que pode ser tanto um sujeito impessoal como se referir a um sujeito mencionado anteriormente.” Esse marcador ocorre nos exemplos 45 e 46 e, no contexto desses dados, indica o sujeito já mencionado: Pedro, em 45, e *gĩr*, em 46. Os exemplos 47, 48, 49 e 50 correspondem à segunda estrutura, na qual o sujeito é retomado pelo pronome de terceira pessoa *ti* (ele), porém não é seguido por nenhum marcador. Como visto em outros dados analisados nesta tese, quando o sujeito é correferencial e é retomado por um pronome pessoal não exibe marcação de caso.

Quanto ao emprego dos verbos, seguem algumas constatações: (i) os exemplos 45 e 50 apresentam o mesmo verbo para cada oração que compõe o período. Em 45, o verbo sofre flexão (*vé* – *vég*) na segunda oração devido ao fato de ser seguido por *tũ nĩ*, denotando, assim, um evento no modo *irrealis* negativo; (ii) o exemplo 47 constitui-se de duas orações descritivas, nas quais os adjetivos *sĩ* (pequeno) e *tar* (forte), devido à posição que ocupam, funcionam como verbos descritivos; (iii) assim como no exemplo 47, o adjetivo *tar* na primeira oração do exemplo 48 funciona como verbo descritivo; (iv) o verbo “carregar”

na primeira oração do exemplo 49 sofre flexão em –g, devido ao fato de ser seguido pelos marcadores *tũ nĩ*, denotando um evento no modo *irrealis* negativo.

Os exemplos 51 e 52 apresentam sujeitos e verbos distintos para cada oração que compõe o período.

51. [Mĩg vỹ gĩr prã,] [hã ra tóg fỹ tũ nĩ]
 onça MS menino morder COORD MS chorar MO ASP
 “A onça mordeu o menino, mas ele não chorou.”

52. [Ëkrénh tĩ vỹ mĩg pênũ,] [hã ra tóg ter tũ nĩ]
 caçador MS onça atirar COORD MS morrer MO ASP
 “O caçador atirou na onça, mas ela não morreu.”

No exemplo 51, há um sujeito para cada oração: o sujeito da primeira – *mĩg* – recebe a marca de nominativo *vỹ*; o objeto da primeira oração – *gĩr* - é o sujeito da segunda, mas não aparece explicitamente nesta oração, há apenas o marcador *tóg*. Como *tóg*, segundo Silva (2011), refere-se a um sujeito já mencionado, tanto *mĩg* quanto *gĩr* poderiam ser considerados sujeito da segunda oração, no entanto, a semântica do verbo dessa oração permite inferir que o sujeito é *gĩr*. O exemplo 52 apresenta a mesma dificuldade em definir o sujeito da segunda oração devido à ocorrência da elipse, porém, novamente é a semântica do verbo que permite inferir que o sujeito da segunda oração é *mĩg* (onça) e não *ëkrénh tĩ* (caçador).

b) *jãvo*

Como comentei no início dessa seção, o coordenador *jãvo* (mas, em oposição à) ocorre em orações cujas frases solicitadas em português têm sentido de conjunção. Segundo Haspelmath (2007), há línguas que empregam um coordenador adversativo para unidades que não são contrastivas, de maneira que esse coordenador apresenta sentido de conjunção. De acordo com os dados coletados da língua kaingang, pude perceber que o coordenador *jãvo* expressa esse emprego apontado pelo autor.

O exemplo 4 (repetido aqui) e os exemplos 53 a 57 apresentam o coordenador *jãvo* ligando unidades não contrastivas.

4. [Pedro vỹ jyryryn kajãm,] [**jãvo** Ludoviko vỹ moto kajãm]
 n. próprio MS roda comprar COORD n. próprio MS moto comprar
 “Pedro comprou um carro e Ludoviko comprou uma moto.”
 (lit.: “Pedro comprou um carro, mas Ludoviko comprou uma moto.”)
53. [Manoel vỹ tỹ professor nĩ] [**jãvo** gĩr vỹ tỹ aluno jẽ]
 n. próprio MS EXIST professor ASP COORD menino MS EXIST aluno ASP
 “O Manoel é professor e o menino aluno.”
 (lit.: “O Manoel é professor, mas o menino é aluno.”)
54. [Maria fi kur kygfã] [**jãvo** Jandira fi vễjễn han]
 n. próprio FEM roupa lavar roupa COORD n. próprio FEM comida fazer
 “Maria lavou a roupa e Jandira fez a comida.”
 (lit.: “Maria lavou a roupa, mas Jandira fez a comida.”)
55. [Maria fi vỹ vễjễn han] [**jãvo** Jandira bolo han]
 n. próprio FEM MS alimento fazer COORD n. próprio bolo fazer
 “Maria fez a comida e Jandira fez o bolo.”
 (lit.: “Maria fez a comida, mas Jandira fez o bolo.”)
56. [Ludoviko vỹ cafẽ kron] [**jãvo** Luciana fi vỹ kron tũ nĩ]
 n. próprio MS café beber COORD n. próprio FEM MS beber MO ASP
 “Ludoviko tomou café e Luciana não tomou.”
 (lit.: “Ludoviko tomou café, mas Luciana não tomou.”)
57. [Gĩr vỹ farĩnh kó,] [**jãvo** ti pirã ko tũ nĩ]
 menino MS farinha comer COORD P3P peixe comer MO ASP
 “O menino comeu farinha e não comeu peixe.”
 (lit.: “O menino comeu farinha, mas não comeu peixe.”)

Exceto no exemplo 57, os exemplos 4, 53, 54, 55 e 56 apresentam sujeitos diferentes para cada oração que compõe o período, portanto aparecem explicitamente em cada uma delas. No dado 57, o sujeito é retomado por meio do pronome de terceira pessoa *ti* (ele) e não recebe marcação. Exceto nos exemplos 54 e 55, o sujeito é marcado por *vỹ* em cada oração que constitui o período. Como eu já comentei em outros dados apresentados nesta tese,

nem sempre o sujeito recebe marcador quando possui o traço semântico [+ feminino]. Isso pode ser observado nos exemplos 54 e 55: em 54, o sujeito de cada oração possui o traço [+ feminino] e não é marcado em ambas as orações; em 55, o sujeito de cada oração também possui o traço [+ feminino], porém é marcado somente na primeira.

Uma observação deve ser feita com relação ao exemplo 53: como a língua kaingang não possui cópula, o sentido do verbo “ser” é dado pelo indicador de existência *t̃y* no sintagma verbal de cada oração que constitui o período.

8.2.4 Coordenação Conclusiva

Para expressar conclusão, a língua kaingang emprega a conjunção *hã k̃y* que, segundo Wiesemann (2002, p. 24), significa “assim, por isso”. Com base em Haspelmath (2007), tratarei essa conjunção como coordenador. Este coordenador ocorre na posição **A co-B**, como mostram os exemplos 58, 59 e 60:

58. [Ta ṽy kutê mág] [hã k̃y Pedro tóg kãtĩ tũ nĩ]
 chuva MS cair grande COORD n. próprio MS vir MO ASP
 “Choveu muito, por isso o Pedro não veio.”

59. [Gĩr pẽn ṽy kórég] [hã k̃y tóg escola ra tĩ tũ nĩ]
 menino pé MS feio COORD MS escola POSP ASP MO ASP
 “O menino machucou o pé, por isso não vai à escola.”

60. [Gĩr ṽy kaga] [hã k̃y tóg escola ra ti tũ nĩ]
 menino MS doente COORD MS escola POSP P3P MO ASP
 “O menino está doente, por isso não vai à escola.”

Nos exemplos 58, 59 e 60, o sujeito da primeira oração é marcado por *ṽy* enquanto o da segunda oração é marcado por *tóg*. Nos exemplos 59 e 60 a elipse do sujeito na segunda oração justifica-se pelo fato de ser correferente com o da primeira oração.

8.3 ANÁLISE E RESULTADOS

Os dados apresentados neste capítulo possibilitam chegar às seguintes constatações sobre a coordenação na língua kaingang:

A língua permite a coordenação de palavras, sintagmas e orações por meio de conjunções, advérbios e indicadores de opinião que funcionam como coordenadores, segundo Haspelmath (2007).

Embora a maioria dos dados demonstre o emprego da coordenação sindética, a língua também faz uso da coordenação assindética como mostram os exemplos 5 e 6. Quando emprega coordenadores, ocorre somente a coordenação monossindética. Na coordenação de unidades dentro de um sintagma, seja no sintagma nominal ou no verbal, o coordenador ocorre na posição **A-co B**. Na coordenação de orações, o coordenador pode ocorrer em duas posições: **A co-B** e **A B-co**. Quando a coordenação monossindética envolve múltiplas unidades coordenadas, dois padrões de ocorrência do coordenador são observados: (i) ao coordenar mais de duas unidades dentro do sintagma, a língua exibe o padrão completo que, segundo Haspelmath (2007), diz respeito à omissão do coordenador em apenas uma das unidades, exibindo, portanto, a posição **A-co B-co...N**. No entanto, pude observar que a língua não repete o mesmo coordenador nesse padrão; (ii) ao coordenar mais de duas orações, a língua exibe o segundo padrão elencado por Haspelmath (2007), o qual refere-se ao emprego do coordenador em apenas um elemento coordenado. Em kaingang, esse padrão exibe a posição **A, B, C, co-D**. Como não há emprego de coordenação bissindética na língua, não ocorre a coordenação enfática.

Quatro tipos de coordenação foram constatados na língua: conjuntiva, disjuntiva, adversativa e conclusiva.

Quanto à coordenação conjuntiva, dos cinco tipos apresentados por Haspelmath (2007), constatei que a língua emprega a conjunção comitativa usando o coordenador *mré* (com) para unir nomes tanto no sintagma nominal sujeito como no sintagma verbal ocupando a posição **A-co B**. Quando a conjunção envolve mais de duas unidades coordenadas, a língua não repete o mesmo coordenador, empregando *mré* para unir a primeira unidade à segunda e *kar kÿ* para unir a segunda à terceira. Na conjunção de orações, a língua emprega *kar kÿ* e *kÿ* ambos coordenando eventos dispostos em sequência. O emprego de *kar kÿ* pode ocorrer nas seguintes posições: (i) **A B C co-D**, (ii) **A co-B co-C** e (iii) **A co-B**. Quando o coordenador ocorre na posição (i), a língua emprega o advérbio *gé* (também) a

partir da segunda oração para reforçar a ideia de adição. O coordenador *kỹ* ocorre na posição **A co-B**.

Como apontado na seção 8.2.2 deste capítulo, Haspelmath (2007) distingue seis tipos de disjunção: (i) interrogativa, (ii) padrão, (iii) exclusiva, (iv) inclusiva, (v) metalinguística e (vi) alternância temporal. Desses seis tipos, a língua emprega somente a disjunção exclusiva na qual a afirmação de uma proposição requer a negação de outra. Duas estruturas são usadas para expressar a disjunção: a primeira constitui-se pelo emprego de uma oração no modo *irrealis* negativo seguida por uma oração com o coordenador *kỹ* (então) na posição **A co-B**; a segunda estrutura constitui-se de uma frase interrogativa com o emprego do coordenador *vó* (será que não é) na posição **A B-co**. As duas estruturas fazem uso da negação, pois a afirmação de uma proposição requer a negação de outra. Nas estruturas que empregam *kỹ*, a negação é expressa na primeira oração que constitui o período; nas estruturas que empregam *vó*, é o próprio coordenador que expressa a negação.

Na coordenação adversativa, a língua emprega os coordenadores *hã ra* (mas) e *jãvo* (mas) que ocorrem na posição **A co-B**. O primeiro coordenador ocorre em orações cujas frases solicitadas em português expressam adversidade enquanto o segundo ocorre em orações cujas frases solicitadas em português têm sentido de conjunção.

Além da coordenação conjuntiva, disjuntiva e adversativa, também constatee o emprego da coordenação conclusiva na língua kaingang. Esse tipo se caracteriza pelo emprego do coordenador *hã kỹ* (assim, por isso) na posição **A co-B**.

Os dados apresentados neste capítulo mostram que pode ocorrer a elipse do sujeito e/ou do verbo na segunda oração que constitui o período, fato que Haspelmath (2007) denomina redução de coordenação (*coordination reduction*) que diz respeito à eliminação de elementos idênticos por motivos de economia.

Quanto à marcação de caso, a língua exibe o sistema nominativo-acusativo nas orações coordenadas, assim como ocorre nas sentenças simples da língua empregando os marcadores *vỹ*, *mỹ* e *tóg*. Quando o sujeito da segunda oração é correferencial com o da primeira e é ocupado por um pronome pessoal, não recebe marcação de caso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi descrever as orações complexas da língua kaingang com base nos pressupostos teóricos da Linguística Descritiva e Funcional. Esta descrição somada a outras pesquisas sobre a língua, sob orientação do professor Dr. Ludoviko dos Santos, tais como pronomes possessivos (TABOSA, 2002), orações causativas (TABOSA, 2006), aspecto e modo (ALMEIDA, 2008), sistema pronominal (ABREU, 2009), orações simples (ANDRADE, 2012) e descrição morfossintática do nome e do verbo (DOMINGUES, 2013) visa a contribuir na elaboração de uma gramática pedagógica da língua que possa subsidiar o ensino tanto dos professores da TI Apucarantina como de outras TIs onde habitam kaingang.

Antes de elaborar o conjunto de dados para a coleta, fiz uma pesquisa bibliográfica sobre as orações complexas buscando embasamento nos autores que tratam essas orações de acordo com os pressupostos da Linguística Descritiva e Funcional. Partindo da escala de integração gramatical das orações complexas proposta por Payne (1997), descrevi quatro tipos de construções que envolvem mais de um verbo: (i) orações completivas; (ii) orações relativas; (iii) orações adverbiais e; (iv) orações coordenadas. Além de Payne (1997), apoiei-me também em Givón (2001), Noonan (1985, 2007) e Santana (2010) para tratar das orações completivas; em Andrews (2007), Keenan (1985), Keenan e Comrie (1997) e Givón (1979, 2001) para abordar as relativas; em Thompson, Longacre e Hwang (2007) para descrever as orações adverbiais e; em Haspelmath (2007) para tratar as coordenadas.

Ao realizar a descrição e análise dos dados coletados para o estudo das orações completivas, relativas e adverbiais, constatei que a língua diferencia a marcação de caso dos argumentos A, S e O nas orações principais e subordinadas. A oração principal exhibe o sistema nominativo-acusativo, exibindo a mesma marcação para os argumentos S e A e marcação zero para o argumento O. A oração subordinada apresenta o sistema ergativo-absolutivo, exibindo a marcação ergativa para o argumento A e marcação absoluta, que é zero, para os argumentos S e O. No entanto, nas orações cujo sujeito apresenta o traço [+feminino] e nas orações adverbiais cuja posição de sujeito é preenchida por um pronome pessoal correferente com algum argumento da oração subordinada, não ocorre marcação de sujeito. As orações coordenadas, assim como as orações simples da língua, exhibe o sistema nominativo-acusativo, porém, quando o sujeito da segunda oração é correferencial com o da primeira e é ocupado por um pronome pessoal, não recebe marcação.

Como mencionei no início do capítulo 6, constateei semelhanças na estrutura das orações completivas e relativas. Em ambas as construções (exceto nas completivas que se constituem de um único predicado complexo), a oração subordinada ocorre como uma oração encaixada na posição de um argumento da oração principal: objeto - nas completivas - e sujeito, objeto, oblíquo e genitivo - nas relativas. Também pude constatar que ambas as construções não apresentam uma marca morfológica na oração subordinada: não ocorre complementizador na oração completiva, nem pronome relativo ou qualquer relativizador que marque o SN relativizado dentro da oração relativa. Assim, na língua kaingang, a subordinação das orações completivas e relativas à oração principal se dá em termos semânticos. Dessa forma, só é possível diferenciar uma oração relativa que ocupa a posição de objeto de uma oração subordinada completiva que também ocorre nessa posição por meio do contexto de enunciação, já que a estrutura de ambas é a mesma.

As orações subordinadas adverbiais, ocorrem ora antes da oração principal (temporais, locativas e condicionais) ora após (finais e causais). Diferente das orações completivas e relativas que não exibem nenhuma marca morfológica na oração subordinada, nas orações adverbiais, há o emprego de conjunções ou advérbios. Assim, as orações adverbiais temporais fazem uso tanto de conjunções quanto de advérbios, as orações locativas empregam advérbios e as orações finais, causais e condicionais apresentam conjunções.

Com relação à coordenação, pude constatar que a língua kaingang permite a coordenação de sintagmas e orações por meio de conjunções, advérbios e indicadores de opinião que funcionam como coordenadores, segundo Haspelmath (2007). Os dados coletados mostram quatro tipos de coordenação: conjuntiva, disjuntiva, adversativa e conclusiva. Também pude perceber que pode ocorrer a elipse do sujeito e/ou do verbo na segunda oração que constitui o período, fato denominado por Haspelmath (2007) de redução de coordenação (*coordination reduction*) a qual diz respeito à eliminação de elementos idênticos por motivos de economia.

Enfim, como em cada capítulo de análise fiz um resumo detalhado de cada tipo de oração abordado, apresentei aqui uma síntese geral das orações subordinadas (completivas, relativas e adverbiais) e das orações coordenadas, destacando a marcação de caso dos argumentos A, S e O bem como a estrutura dessas orações.

Espero que a descrição das orações complexas realizada neste trabalho contribua na descrição da língua kaingang e sirva como fonte para trabalhos comparativos das línguas Jê. Como citei na metodologia, devido ao fato de não haver um trabalho especificamente voltado à descrição e análise das orações complexas do kaingang, trabalhei

nesta tese com sentenças isoladas. Almejo que esta descrição possa contribuir para que estudos futuros possam abordar as orações complexas em textos e em contextos discursivos maiores.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Emília R. Rodrigues. **Descrição do sistema pronominal na estrutura frasal em kaingang**. 2009. 117 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.
- ALMEIDA, Leriana de. **A marcação de (tempo), modo e aspecto na língua kaingang: uma proposta de análise**. 2008. 123 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.
- ANDRADE, Tiago S. Monteiro de. **As orações verbais simples em kaingang: uma proposta de análise**. 2012. 132 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.
- ANDREWS, Avery D. Relative Clauses. In: SHOPEN, Timothy (Ed.). **Language Typology and Syntactic Description**. New York: Cambridge University Press, 2007, p. 206 – 236. V. II (Complex Constructions)
- BACCILI, Valéria C. L. **Reflexões sobre a influência da língua materna Kaingang no aprendizado do português como segunda língua**. 2008. 79 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.
- BALDUS, Herbert. Vocabulário zoológico Kaingang. **Arquivos do Museu Paranense**. Curitiba, 1947, vol. 6:149-160.
- _____. Sprachproben des Kaingang von Palmas. **Anthropos**. Viena, 1935. Vol. XXX,
- BOLINGER, Dwight. The Inherent Iconism of Intonation. In: HAIMAN, John (Ed.). **Syntax**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1985. P. 97-108.
- BOMFOCO, M.A. **Ergatividade em Kaingáng**: um estudo descritivo funcional. Porto Alegre, 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.
- BRAGGIO, S. L. B. **The solcilinguistics of literacy: a case study of the Kaingang**. Tese (PhD) – University of New Mexico – EUA, Albuquerque, 2008.
- CAVALCANTE, Marita P. **Fonologia e morfologia da língua Kaingáng**: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná. 1987. 152 fls. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Campinas, Campinas. 1987.
- COMRIE, Bernard. Causative verbs and valency change. In: SHOPEN, Timothy. **Language typology and syntactic description: Grammatical categories and the lexicon**. New York: Cambridge University Press, 1985. P. 309-348.
- _____. **Aspecto**. Cambridge: CUP, 1976.
- CRISTOFARO, S. **Subordination**. Oxford: University Press, 2003.

D'ANGELIS. O primeiro século de registro da língua Kaingáng (1842-1950): valor e uso da documentação etnográfica. **3º Encontro Macro Jê**. Brasília, LALI-UnB, dez/2003. Disponível em: <[http:// www.portalkaingang.org](http://www.portalkaingang.org)>

_____. Gênero em Kaingang? In: SANTOS, Ludoviko dos; PONTES, Ismael (Org.). **Línguas Jê: Estudos Vários**. Londrina: Eduel, 2002, p. 215-242.

_____. **Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Jê e teoria fonológica**. 1998. 2 vols. Tese (Doutorado em Linguística), 2 vols – Universidade de Campinas, Campinas, 1998.

DICK, S. C. **The theory of functional grammar** Par II: Complex and derived constructions. Berlim, New York: Mouton de Gruyter, 1997b.

DIXON, R. M. W. Complement clauses and complementation strategies in typological perspective. In: DIXON, R. M. W; AIKHENVALD. A. Y. (Ed.). **Complementation**. Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 1-48.

_____. **Ergativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FERNANDES, Ricardo Cid. Uma contribuição da antropologia política para a análise do faccionalismo kaingang. In: TOMMASINO, Kimiye; MOTA, Lúcio; NOELI, Francisco S. **Novas Contribuições aos Estudos Interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: EDUEL, 2004.

FLORIANA, Frei M. B. de Val. **Dicionários Kainjgang - Portuguez e Portuguez – Kainjgang**. Curitiba: Museu Paranaense, 1920.

_____. Ensaio de grammatica kainjang. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, 1918. 10: 531 – 563.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: An Introduction**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001. Vol. I.

_____. **Syntax: An Introduction**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001. Vol. II.

_____. **English Grammar – a function – based introduction**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1993. v. I

_____. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 1990.

_____. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.

FUNDAÇÃO NACIONAL DA SAÚDE – FUNASA. Disponível em: <<http://www.funasa.gov.br>>. Acesso em 12 fev. 2013.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO – FUNAI. Disponível em:
<<http://www.funai.gov.br>>. Acesso em 14 fev. 2013.

GONÇALVES, Solange A. **Tempo, Aspecto e Modo em Contextos Discursivos no Kaingang Sul (Jê)**. 219 fls. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2011.

_____. **Aspecto no Kaingáng**. 314 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística, área de Línguas Indígenas). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2007.

GRUPO MÏG (UEL/FUNAI). **Relatório de Pesquisa Realizada Junto às Escolas das Áreas Indígenas do Norte do Paraná**. Londrina, 1996.

GUÉRIOS, Rosário F. Mansur. O Xokrén é idioma Caingangue. **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba, 1945, vol. 4:321-331.

_____. Estudos sobre a lingual Caingangue: notas histórico-comparativas: dialeto de Palmas e dialeto de Tibagi, Paraná. **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba, 1947, vol. 6:99-106.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional Grammar**. 3 ed. London: Hodder Arnold, 2004.

HASPELMATH, Martins. Coordination. In: SHOPEN, Timoty. **Language Typology and Syntactic Description**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 1-51. v. 2 (Complex Constructions)

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/indigenas/index.htm>>. Acesso em 20 fev. 2013.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL – ISA. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org>>. Acesso em: 22 fev. 2013.

JOLKESKY, Marcelo P. De V. **Reconstrução fonológica e lexical do Proto-Jê meridional**. 2010. 332 fls. Dissertação (Mestrado, área de Línguas Indígenas) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2010.

JOLKESKY, Marcelo P. De V.; SANTOS, Ludoviko dos. Construções relativas restritivas em Kaingáng. In: TELLES, S.; PAULA, A. S. de (orgs). **Topicalizando Macro – Jê**. Recife: Nectar, 2008. p. 247-260.

KELLER, Franz. Noções sobre os indígenas da Província do Paraná – 1867. **Revista do Museu do Índio – Antropologia**. Rio de Janeiro, 1974, n. 1:9-29.

_____. Manuscrito. **Arquivo Nacional**. Cod. 807, v. 20, doc. 11, fls, 185-212.

KEENAN, Edward L. Relative Clauses. In: **Language Typology and Syntactic Description**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 141-170. V. 2 (Complex Constructions).

KEENAN, Edward L.; COMRIE, Bernard. Noun Phrase Aecessibility and Universal Grammar. In: **Linguistic Inquiry**. 1977, p.63-100. V. 8.

LANGAKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**. Stanford: Stanford University Press, 1991. v. II.

LIMA e SILVA, Moana. **Português Indígena kaingang**: uma questão de concordância. 2011. 156 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudo da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas. 2011.

LONGACRE, Robert E. Sentence as combinations of clauses. In: SHOPEN, Thimoty (Ed.). **Language Typology and Syntactic Description**. New York: Cambridge University Press, 2007, p. 372 – 420. V. II (Complex Constructions)

MOTA, Lúcio T. A denominação kaingang na literature antropológica, histórica e linguística. In: In: TOMMASINO, Kimiye; MOTA, Lúcio; NOELI, Francisco S. **Novas Contribuições aos Estudos Interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: EDUEL, 2004. p. 1 – 15.

_____. **As Guerras dos Índios Kaingang**: a história épica dos índios kaingang no Paraná (1769 – 17924). Maringá: Eduem, 1994.

NASCIMENTO, S.H.L. **Aspectos morfológicos e sintáticos e marcação de caso da língua Kaingang**. 1995. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis. 1995.

NASCIMENTO, Márcia. **Tempo, Modo, Aspecto e Evidencialidade em Kaingang**. 2013. 101 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2013.

NAVARRO, Michel P. A. **Restrição de domínio, distributividade e a expressão *kar* em um dialeto da língua Kaingang**. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo. 2012.

NOONAN, Michel. Complementation. In: SHOPEN, Thimoty (Ed.). **Language Typology and Syntactic Description**. New York: Cambridge University Press, 2007, p. 52-150. V II (Complex Constructions).

_____. Complementation. In: SHOPEN, Thimoty (Ed.). **Language Typology and Syntactic Description**. New York: Cambridge University Press, 1985, p. 42-140. V II (Complex Constructions).

OLIVEIRA, Gabriela Maria de. **Acessibilidade semântica nas construções relativas em línguas indígenas brasileiras**: um estudo tipológico-funcional. 2011. 220 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rip Preto. 2011.

PAYNE, Thomas E. **Describing morphosyntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

RODRIGUES, Aryon D. **Línguas brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1994.

SANTANA, Liliana. **Relações de complementação no português brasileiro**: uma perspectiva discursivo – funcional. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SANTOS, Ludoviko dos. **Descrição de Aspectos Morfossintáticos da Língua Suyá Família Jê**. 1997. Tese. Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. A Descrição de Línguas Indígenas. In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ – CELLIP, 7, 1994, Paranavaí. **Anais...** Paranavaí, 1994, p. 555-558.

SANTOS, Ludoviko dos; ALENCAR, Tiscianne C. de. História e construção do sistema ortográfico da língua kaingang. In: FAUSTINO, Célia F.; NOVAK, Maria Simone J. (Orgs.). **Alfabetização, cultura e educação de jovens e adultos**: uma experiência entre índios kaingang no Paraná. Maringá: Eduem, 2011.

SANTOS, Ludoviko dos; PONTES, Ismael. **Abordagem do Nível Morfossintático da Língua Kaingang sob o Ponto de Vista do Funcionalismo Givoniano**. Projeto de Pesquisa: Universidade Estadual de Londrina. CPG – 37122/97.

SILVA, Célia R. **História crítica da construção da escrita do Kaingang**. 1996. 109 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, 1996.

SILVA, Maria S. R. da. **A língua Kaingáng da aldeia paulista Icatu**: uma descrição funcional. 2011. 261 fls. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista – UNESP, São José do Rio Preto. 2011.

SILVA, Camilo L. da. Diário da viagem feita pelos sertões de Guarapuava ao rio Paranapanema por Camilo Lellis da Silva, P. d'Armada Imperial e nacional, em 23 de maio de 1849. **RIHGB**, Rio de Janeiro, v. 28, p. 17, 1865.

TABOSA, Luciana P. **Descrição Preliminar dos Pronomes Possessivos da Língua Kaingang**. 2002. 47 fls. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina - UEL, Londrina. 2002.

_____. **Construções Causativas da Língua Kaingang**. 2006. 103 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina - UEL, Londrina. 2006.

TEIXEIRA, J. B. **Contribuição para a fonologia do dialeto Kaingáng de Nonai (RS)**. 1988. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas. 1988.

TOMMASINO, Kimiye. Homem e natureza na ecologia dos Kaingang da bacia do Tibagi. In: TOMMASINO, Kimiye; MOTA, Lúcio; NOELI, Francisco S. **Novas Contribuições aos Estudos Interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: EDUEL, 2004. p. 145 – 197.

_____. Os povos indígenas no Paraná: 500 anos de encobrimento. In: VILLALOBOS, Jorge Guerra (org). **Geografia social e agricultura no Paraná**. Maringá: EDUEM, 2001.

THOMPSON, Sandra A.; LONGACRE, Robert E.; HWANG, Shin J. J. Adverbial clauses. In: In: SHOPEN, Thimoty (Ed.). **Language Typology and Syntactic Description**. New York: Cambridge University Press, 2007, p. 237 – 300. V. II (Complex Constructions)

VEIGA, Juracilda. **O Avanço Luso-brasileiro sobre as Terras Kaingang no Paraná**. 1994. Disponível em < http://www.portalkaingang.org/index_historia_2.htm#> Acesso em 15 junho 2013.

WIESEMANN, Ursula. **Estudo da Gramática a Partir da Análise do Discurso**. 2007. Disponível em: <www.sil.org/americas/brasil/PUBLICNS/LING/EGPAD.pdf>. Acesso em 15 maio 2013.

_____. **Kaingáng-Português Dicionário Bilingue**. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança, 2002.

_____. **Dicionário Kaingáng-Português/ Português-Kaingáng**. Rio de Janeiro: Instituto Linguístico de Verão, 1971.

_____. **Introdução na língua Kaingáng**. Rio de Janeiro: Summer Institute of Linguistics (SIL). Arquivo do Setor Linguístico do Museu Nacional. Rio de Janeiro, 1967.

ZWICKY, Arnold M. Clitics and Particles. **Language**, v. 61, n. 2, p. 283-305, jun. 1985. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/~zwicky/clitesparticles.pdf>>. Acesso em 20 fev. 2014.